SELECTA

CATHOLICA,

Jornal Religioso.

O.R.
2005
S 464
T.2
BOO16996

TOMO 2.°—1847.

MARIANNA,
TYPOGRAPHIA EPISCOPAL:
Rua da Olaria N.° 54.

1847.

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA
NUMERO 95
DATA 6-4-53

SELECTA
CATHOLICA,
Jornal Religioso.

TOMO 2.º 1.º DE JANEIRO DE 1847. N.º 13.

EXCELLENCIA DO MYSTERIO DA ENCARNAÇÃO.

Depois de ter levado o Evangelho ao seio de huma das cidades mais florentes e voluptuosas da Grecia, a Corintho, e formado ahi huma Igreja christã, o apostolo S. Paulo dirige a esses novos Fieis duas Epistolas, que temos ainda, onde elle os procura confirmar na Fé, que tinhão recebido. Na primeira elle se applica antes de tudo a explicar-lhes os mysterios de Jesus Christo, de hum Deos feito homem, na sua humanidade vivendo, soffrendo, e morrendo como nós, e por amor de nós: e a este respeito lhes diz palavras, que forão ao principio hum escandalo para o Judeo, e huma loucura para o gentio; que são ainda tão repugnantes para o incredulo; tão duras para a multidão dos christaos fracos dos nossos dias, e com que se offenderá talvez a orgulhosa delicadeza de algum dos meos ouvintes. (1) S. Paulo não temia dizer, que a sabedoria dos philosophos do seo tempo não era mais que loucura, e a sua sciencia mais que vaidade; que elle contava por cousa nenhuma os discursos estudados da

(1) Frayssinous, Bispo de Hermopolis, de quem transcrevemos este artigo, falla em Paris a hum auditorio composto pela maior parte de mancebos pertencentes as classes esclarecidas da sociedade.

eloquencia humana ; que toda sua sciencia era Jesus Christo ; e que fazia gloria de não conhecer , se não a Jesus , e mesmo a Jesus crucificado : *Non judicavi me scire aliquid inter vos , nisi Jesum Christum , et hunc crucifixum.* Que linguagem , Senhores ! Quanto devia parecer extravagante, com especialidade ao seculo , em que vivia o Apostolo , seculo de engenho , de sciencia , e de sensualidade ! Então cada povo tinha seos heroes , cujas façanhas cantava ; seos oradores, cuja eloquencia gabava , seos sabios , cujos altares incensava. E eis que hum homem desconhecido , sem credito , sem poder , sahido de huma nação privada; hum Judeo , hum barbaro , vem annunciar á terra , á mesma Grecia , tão sabia e tão polida , que , o que faz o objecto da sua admiração e de seo culto , he cheio de loucura e falsidade , que a solida gloria , e a primeira de todas as sciencias he conhecer huma personagem nova , que morreo sobre huma cruz , Jesus crucificado , *Jesum Christum , et hunc crucifixum* ! Assim a previdencia dos politicos , a sabedoria dos sabios , as escolas chamadas afamadas de Roma e de Athenas , os jogos celebres da Grecia , as festas de Corintho , a magnificencia dos seos edificios , e seo commercio florecente , e as vantagens da sua posiçao, tudo esquece o Apostolo ; com o seo coração cheio do unico objecto , que ama , e que adora , só a Elle prega a todas as nações; e esse objecto unico dos seos pensamentos , e do seo amor , he Jesus Christo. Ainda se o Apostolo dos gentios se contentasse de chamar os povos a contemplarem em Jesus a santidade da sua vida , a pureza de suas virtudes , a excellencia de sua doutrina , o seo amor para com os desgraçados , o esplendor das maravilhas , que se mul-

tiplicão debaixo dos seos passos , e os triumphos de seos discursos sobre os corações mais rebeldes ; mas não , o Apostolo não teme fixar as vistas do universo sobre os soffrimentos e a morte de seo Divino Mestre. Instrumentos de dôr , hum apparato sanguinolento , hum corpo todo coberto de chagas , e huma cruz, eis o que Paulo ostenta com prazer aos olhos das nações ; Jesus crucificado, eis a sciencia , que elle pertende ensinar aos homens soberbos e sensuaes, *Jesum, et hunc crucifixum.* Conceber o designio de fazer adorar por toda a terra , como hum Deos , huma personagem morta sobre huma cruz , como hum malfeitor , e ser bem succedido nesse projecto , a ponto de conquistar para esse crucificado o mundo inteiro , que pensamento ! Que successo ! Como todas as ideas humanas se achão nesta parte confundidas ! Como isso só , bem profundado , manifesta no Christianismo hum não sei que , que o homem não inventou , e não sei que força toda divina , testimunho brilhante da sua verdade !

Já, senhores, exposemos, em outros discursos, algumas das provas da divindade da Religião de Jesus Christo ; já estabelecemos que nelle se devia venerar, não digo sómente hum homem amigo de Deos , mas hum Homem Deos. He sobre este mysterio , que se funda todo o Christianismo ; e he deste mysterio considerado tal como o ensina a Igreja christa com seos effeitos e suas dependencias, que eu me proponho entreter-vos neste dia. Desejaria fazer-vos conhecer toda a formosura, e toda a excellencia de huma Religião, que se firma sobre hum tal fundamento. Collocados no seio de huma cidade , que he o centro das sciencias , das letras e das artes , esqueçamos por hum momento ,

como antigamente o Apostolo no meio de Corintho, esqueçamos os seos palacios magnificos, os seos jardins deliciosos, as suas academias sabias, a sua população immensa, e as obras primorosas, de que ella se acha embellezada: pois são cousas do tempo e do homem. Elevemos mais os nossos pensamentos; procuremos formar justas e nobres ideas da Religião, que professamos; e descobrir alguma cousa dos thesouros de luz e sabedoria que o Apostolo via em Jesus Christo. Mostremos, que, longe de se envergonhar das humilhações e da morte do Divino Fundador da sua Religião, o christão deve gloriar-se disso; e que o Christianismo recebe hum esplendor, e huma grandeza prodigiosa dessas mesmas sombras que a primeira vista o parecião obscurecer, e degradar. O nosso designio pois he apresentar-vos no seo verdadeiro ponto de vista o mysterio da Encarnação, quero dizer, a doutrina de hum Deos feito homem por amor de nós, e vingá-lo dos ataques dos seos inimigos. Imos procurar em primeiro lugar mostrar-vos, o que esse mysterio encerra de grande e magnifico; em segundo lugar fazer ver, quanto são mal fundados os argumentos da incredulidade contra elle. Tal he o plano deste discurso sobre a excellencia do mysterio da Encarnação.

He huma verdade, que se faz igualmente conhecer a todos, inspirada pela recta razão, e sobre tudo admiravelmente desenvolvida no Christianismo, que Deos não podia crear cousa alguma, se não para sua gloria, e que Elle he o fim unico de todas as cousas, pela mesma razão, que dellas he o unico principio. Sem duvida, quando nos conselhos da sua sabedoria se propunha communicar o sêr, do qual Elle he a

fonte e plenitude, não podia ter outro designio, senão gravar nas suas creaturas a imagem das suas perfeições, manifestar-se, e ser conhecido, adorado, e glorificado. Está escripto d'Elle: *Eu sou o principio e o fim* (1): e o Sabio disse ha tres mil annos, que « o Senhor creou para si tudo o que fez » *omnia propter semetipsum operatus est Dominus* (2): não que Elle não encontre em Si mesmo a sua felicidade, e que tenha precisão para ser feliz da amizade e das homenagens das suas creaturas; mas Elle se deve a Si mesmo o não se despojar do soberano imperio, que tem sobre ellas, e o exigir-lhes hum tributo de dependencia e amor. Entre os sêres creados aquelle, que se busca unica e exclusivamente a si proprio, e que se constitue o termo do seo amor, nao he só hum egoista aos olhos da razao; he aos olhos da Religião hum usurpador sacrilego dos direitos da Divindade. Por isso se diz nos Livros Sagrados, que Deos he hum *Deos zeloso, que não cede sua gloria a outro algum* (3); por isso nessa oração tao simples e tao sublime, que Jesus Christo ensinou aos seos Discipulos, o primeiro voto, que formamos, he, que o santo nome de Deos seja venerado; que seo imperio seja por toda a parte reconhecido; e que a sua vontade suprema seja feita assim na terra como nos ceos. Mas, para alcançar esse fim unico da creação, o de procurar a sua gloria, que devia fazer o Creador? Que plano deveria seguir na formação do mundo, seja intelligente, seja material? Certamente não nos pertence traçar os caminhos, que Elle devia

(1) Apoc. 21, 8.
(2) Prov. xvi, 4.
(3) Deuter. vi., 15.

seguir; e, se a revelação nao viesse levantar para nós huma parte do veo, que nos occulta a profundidade dos segredos divinos, as nossas ideas serião mui vagas, e muito incertas. Por tanto eu considero as cousas taes, como as ensina o Christianismo. Se por hum lado sei, que Deos devia procurar a sua gloria na creação do universo, pelo outro conheço, que por meio da Encarnação, esse designio se executou do modo mais maravilhoso, e mais digno da infinita magestade; por que motivo? Por que então as homenagens das creaturas tomão hum caracter de grandeza inteiramente divina; o mundo inteiro adorando a Deos por meio do homem, o homem adorando por meio de Jesus Christo, e sendo Jesus Christo Deos e homem ao mesmo tempo, o resultado he ser Deos conhecido, e glorificado como Deos. Eis-aqui, senhores, hum encadeamento de verdades e raciocinios, que pede toda a vossa attenção.

Sabemos pelos livros sagrados, que Deos, saindo do seo repouso eterno, dá o ser ao que o não tinha, e tira do nada este universo com todas as suas maravilhas. Já as estrellas scintillao como diamantes na abobada celeste, o sol enche os espaços da sua luz, a lua, rainha dos astros, preside á noite, os mares sao encerrados nas prisões do abysmo, a terra fecunda se veste de flores e fructos, e huma multidao de sêres diversos povoão as aguas, a terra, e os ares; tudo obedece ás leis do Soberano Creador, e não ha cousa alguma, que se não ajuste maravilhosamente aos seos designos. Por isso o escriptor sagrado no-lo representa comprazendo-se no mundo visivel, que acaba de produzir, vendo que cada cousa está no seo lugar, e que cada traço desse immenso quadro tem

sua graça e sua formosura, e que no seo todo dava servir ás vistas da sua sabedoria por toda a série dos tempos: *Vidit Deus quod esset bonum.* (1)

Mas em fim que importa esse universo material, e que gloria resulta delle a Deos, se não existem sêres intelligentes, que o possão conhecer, e adorar? As creaturas insensiveis, o sol, a lua, a terra e os mares, não se conhecem a si mesmas, e não conhecem a Deos, ellas não tem o sentimento da sua propria existencia, nem da existencia do seo Author; são incapazes de referir a Deos por meio do reconhecimento, o que ellas tem recebido da sua mão omnipotente. Sem duvida Deos não he como os artifices duvidosos do seo talento, que gostão de o experimentar nas producções da sua industria; Elle nao tinha necessidade de fazer a experiencia do seo poder na formação deste mundo; e crea-lo sem outro fim ulterior teria sido huma cousa indigna d'Elle. Não receamos dizer, que a creação da natureza material, sem a da natureza intelligente, não offerecia cousa alguma, que fosse digna da Suprema Magestade. Se a materia existisse só, tudo estaria morto na natureza, e este mundo physico seria huma immensa solidão; seria hum palacio sem dono, hum imperio sem rei, hum templo sem pontifice. Que faz pois o Creador? Depois que formou o universo material com todas as suas bellezas e maravilhas, a Escriptura no-lo representa meditando comsigo mesmo alguma cousa melhor que tudo, o que até ahi fez: *Façamos*, diz Elle, *o homem á nossa imagem.* Com esse designio a sua mao poderosa afeiçoa hum pouco de barro, e o anima com hum sôpro da sua divin-

(1) Genes. 1. 25.

dade ; e eis-ahi o homem , que está unido a Deos pelo espirito , e a terra pelo seo corpo ; que tem na sua alma signaes das perfeições divinas , que se verão resplandecer até no seo rosto ; que se acha como o seo Author , capaz de intelligencia e amor ; e, que hum ente livre , tributará por isso mesmo á Divindade homenagens gloriosas para Ella , e meritorias para si. He o mesmo Deos, que , communicando-lhe alguma cousa da sua realeza suprema , o constitue rei da terra , e lhe sujeita todos os sêres , que crescem , vivem , e respirão sobre a sua superficie. Desde esse momento a creação começa a têr hum fim digno do Soberano Author de todas as cousas. As creaturas insensiveis existem para o homem, e o homem existe para Deos. Os sêres materiaes não conhecem a Deos ; mas elles o fazem conhecer , o manifestão, e tornão as suas perfeições em certo modo visiveis ; o seo esplendor , a sua belleza , e a sua harmonia, excitão o homem a louvar, e a glorificar o seo Author. O sol e os astros espalhados no firmamento não serão como outros tantos espelhos , onde vem reflectir de todas as partes aos nossos olhos os raios da Divindade ? Se o Propheta convida todas as creaturas inanimadas , a terra e os mares , os ventos e as tempestades , a bemdizerem para sempre o Creador , não he somente hum piedoso enthusiasmo da sua parte ; he tambem hum modo de conhecer , que pela grandeza e harmonia dos seos movimentos , e pelo espectaculo maravilhoso , que apresentão , ellas nos convidão a pagar em seo nome ao nosso commum Senhor o tributo das suas homenagens , assim como das nossas juntamente. Podemos mesmo acrescentar, que o homem não he a este respeito hum simples

espectador , ou só huma testimunha cheia de admiração ; mas que na creação tudo se refere a elle. Não sabemos , he verdade , o que se passa nos outros mundos , nem se Deos ahi tem collocado sêres capazes de o conhecêrem ; mas sabemos , que o homem goza de todas as producções da mão divina. Na verdade o ar , a luz , os astros , tudo serve para os seos usos , para as suas necessidades , e para os seos prazeres ; e, sem pertender que este mundo fosse feito exclusivamente para o homem só , sempre he incontestavel , que elle pode considerar-se , como hum ponto central n'huma esphéra immensa. Pelo que estamos authorisados a dizer , que as creaturas materiaes bemdizem, e adorão o seo Creador , não por si mesmas , mas pela mediação do homem , que as conhece , que por ellas se eleva até ao seo Author , e que pontifice da natureza inteira , della offerece a homenagem á Divindade.

(*Continúa.*) pagin

MEDITAÇÃO PARA O PRIMEIRO DIA DO ANNO.

Representar-me-hei este primeiro dia do anno como se fosse o primeiro dia da minha vida , ousando esperar da bondade de meo Deos tantos beneficios para o anno que começa, quantos tenho obtido no curso da minha carreira. Quantas graças posso esperar de meo Pai celeste que desde o primeiro instante da minha existencia, e antes mesmo que eu nascesse pensou em mim com tanta ternura e bondade!

No momento que appareci no mundo , Deos fez-me achar em meos pais, amigos que me tem assistido , nutrido , e cujo amor desinteressado suppria a

fraqueza e impotencia em que nasci. Sem seo soccorro, sem sua generosa dedicação a meo bem-estar teria eu conservado a saude e outros bens que gozo? Entao era eu incapaz de reflexão, hoje posso reflectir sobre o meo destino, quero entregar-me ao sentimento da minha felicidade e às doces esperanças do futuro. Eu entro com o dia presente em huma nova carreira da minha vida; a minha sorte vai ser como regrada de novo. O Senhor que me deo o ser, abraça com hum só pensamento cada semana, cada dia, e cada instante deste anno que começa: tudo he regulado segundo seos decretos cheios de sabedoria e bondade. Qualquer cousa que me aconteça, não enfraquecerá jamais a persuasão que o Eterno he meo Deos e meo Pai. Se achar-me exposto à necessidade e á miseria, recordar-me-hei dos dias da minha infancia, deste estado ainda mais critico no qual com tudo o Senhor, apiedou-se de mim. Se experimentar a infidelidade d'algum amigo, isto não me deverá inquietar. Deos virá suscitar-me outros, cuja ternura me fará sentir a alegria e a felicidade. Se minha vida fôr o alvo das perseguições e perigos, que estão alem de toda a minha previdencia, me descançarei no Senhor que protegeo a minha infancia quando estava exposta a mil desgraças.

Se na ordem natural encontro tantos motivos para descançar as minhas inquietações no seio de huma paz celeste, que motivos de confiança na ordem da graça! Não he esta a epoca da regeneração do homem, da salvação, do mysterio da Encarnação, a fonte de todas as graças que podemos obter dos ceos, e de todos os thesouros que podemos esperar? Na verdade, he em virtude deste mysterio ou dos meios de

salvação que nelle deparamos, que podemos ser livres do peccado, triumphar das paixões, vencer os nossos inimigos. A este mysterio devemos todos os dons celestes e esta qualidade infinitamente gloriosa de filhos de Deos. Sermos libertados da escravidão, das miserias, em que geniamos quando nos arrastavamos na massa da corrupção, e nos extraviavamos pelos caminhos da perdição; sermos lavados e purificados de toda a mancha, ornados das graças, enriquecidos das virtudes, em fim sermos filhos adoptivos de Deos, e herdeiros de seo reino; que dons, que beneficios! Não ha hum só destes beneficios, ou antes a menor das circunstancias que elles encerrão, que bem meditado diante de Deos, não seja capaz de transportar-nos. Quem jamais soube apprecciar as riquezas do mysterio da nossa redempção, ou contemplar os caminhos inefaveis que o Senhor escolheo para opera-la, sem ficar como opresso pelo peso de sua gloria e magnificencia? Mas como não inflammar-se no desejo de merecer huma parte dos grandes bens que Jesus Christo veio preparar-nos com seo sangue?

As fontes das graças estão abertas em todo o tempo e correm para nós; mas estes dias consagrados á memoria dos augustos mysterios da Religião, mais particularmente são dias de benção e de salvação. A Igreja reunindo os suffragios, os suspiros e os votos de seos ministros dispersos em toda a terra, parece não fazendo mais que hum só espirito pela communhão da mesma fé, da mesma esperança e da mesma caridade, apresenta ao Senhor, com plena confiança, as homenagens do mundo inteiro á bem dos que o adorão em verdade, e o servem com fervor.

He então que o Senhor attenta mais favoravel ás nossas petições e faz nas nossas almas pullularem fructos de vida, derramando o orvalho de graças sobre graças.

Mas em vão nos lisongeariamos com os thesouros que com Jesus descerão dos ceos á terra, se não apparecemos diante delle com corações santamente preparados para recebê-los. Jesus nasceo para nós em Bethlem, devemos no-lo representar como nascendo ainda invisivelmente para nós e em nós pela communicação maravilhosa dos fructos de sua Encarnação; esta communicação he segundo as disposições que elle encontra em nossas almas. Que motivos para lhe prepararmos corações puros, e de nada despresarmos para agradar-lhe! O' immensidade das misericordias do Senhor! O' virtude admiravel da graça da nossa redempção, desta graça que cura as chagas mais malignas e mais profundas como as mais inveteradas; que annulla a sentença terrivel da reprovação eterna, e arranca-nos da morte para pôr-nos nas maos de Jesus Christo e de seos anjos! Desta graça que eleva-nos á qualidade de filhos de Deos, irmãos, coherdeiros de Jesus Christo! Que podemos mais ambicionar? A minha vida, Senhor, vos será consagrada de hoje em diante; celebrarei com duplicada alegria o vosso augusto mysterio, a festa de minha regeneração. Eu ajudado da vossa graça serei animoso, e paciente nas afflicções; zeloso, conscienciosо no cumprimento de meos deveres; sincero nos negocios, fiel nas minhas promessas, sempre amigo da conciliação; sempre prompto a sacrificar meos interesses proprios ao bem publico, indulgente para com os outros, severo para comigo mesmo, amigo e protector da innocencia, circunspecto e caritativo em julgar; firme contra os assaltos da sensualidade, em tudo imitando a vós, Jesus, zeloso propagador da caridade e da paz.

A CARIDADE, E A PHILANTROPIA.

Nada exprime exactamente o amor do proximo, se não a palavra caridade, que no sentido proprio significa graça e jubilo; e que a Igreja tem constantemente empregado, e como consagrado, para designar o amor dos homens por causa de Deos.

A Religião, diz o author do Genio do Christianismo, querendo reformar o coração humano, e converter em virtudes nossas affeições, inventou huma nova paixão; e não se servio para a designar da palavra piedade, que pareceria visinha do orgulho; amor, que pareceria pouco severa; amizade, que se perde no tumulo; mas da palavra caridade, que as encerra todas, e tem ao mesmo tempo alguma cousa de celeste. Para se dar á maior das virtudes, diz o celebre Bispo de Troyes, toda a doçura, toda a amenidade, toda a delicadeza que lhe he natural, foi-se buscar o engenhoso nome das graças, foi-se pedir termo á mais amavel e á mais risonha de todas as fieções da Grecia.

E este termo une ao encanto da sua origem huma perfeita correspondencia ao seo objecto. A caridade he graça da parte do rico, do poderoso, que a faz ao pobre, ao desvalido, em nome de Deos: graça da parte do pobre, do desvalido, que a obtem de Deos em favor do rico, do poderoso. He alegria para

quem a faz, e para quem a recebe: he hum verdadeiro jubilo na terra, para cuja felicidade concorre, e no ceo, que he a sua recompensa.

Os inimigos do Christianismo substituirão-lhe a palavra humanidade: e o Protestantismo britanico substituio-lhe a palavra philantropia; mas que foi isto senão despojar a mais bella das virtudes de seos atavios divinos?

Philantropia, synonimo de humanidade, como se prova pela versão latina da Epistola de S. Paulo, não era huma nova entidade, nem hum termo novo; porem a adopção que della exclusivamente se fez, a preferencia ostentosa que se lhe deo, foi hum desses delirios, com que a reforma marchou em sua carreira devastadora, e com que ainda hoje marcha na sua o espirito vertiginoso dos pretendidos philosophos do tempo. Elles evitão cuidadosamente hum a expressão, de que se servirão seos pais; pronuncia r hum vocabulo, que bebérão nos labios maternos: e pronuncião em ar de importancia outro, que nunca lhes ouvirão, cuja significação he muito mais rasteira, muito mais mesquinha. Envergonhão-se de dizer o homem caritativo que sôa tambem, e dizem o homem philantropo!

A philantropia e a caridade formão na moral dous polos oppostos. A primeira tem os seos motivos na terra, a segunda no Ceo. A philantropia para chegar a altura da caridade, precisa de empregnar-se do sentimento religioso que lhe falta, de confundir-se, de transformar-se nelle; a caridade, para apropriar-se tudo o que a philantropia tem de bom, não precisa de sahir da sua esphêra, nem de perder cousa alguma do seo caracter celeste. A philantropia, que

hum espirito judicioso chama a falsa moeda da caridade, se quer o bem he por considerações terrestres, sem enthusiasmo, sem paixão, sem verdadeiro sacrificio: a caridade inflamma-se, vive da abnegação, e dos sacrificios; e o sentido que ella contem he de huma immensa sublimidade, he o amor da creatura como obra e como imagem do Creador, he huma especie de culto, huma especie de adoração. Depois da palavra Deos, diz hum philosopho, a palavra caridade deve occupar o primeiro lugar em todas as linguas humanas.

Caridade he hum termo, assim como huma virtude, que não pode ter equivalente. Quem troca este termo por outro, esta por outra virtude, dá nisso huma prova de rematada ignorancia, ou decidida impiedade. A philantropia, a humanidade, a compaixão, a beneficencia não são se não elementos humanos da caridade, virtudes incompletas se della se separão, menos se são hum resultado dos calculos do interesse, das combinações da vaidade, e se se materialisão com a falsa philosophia moderna.

Deos he o fundamento de toda a ordem moral, como o he de toda a harmonia physica. Sem elle tudo he languido ou morto nas almas, como tudo he mudo no espectaculo do universo. Sem este primeiro annel, toda a cadea das relações que devem unir-nos se dissolve, todos os sentimentos se concentrão, todos os coraçoes cahem no egoismo.

Pergunte-se aos enthusiastas da humanidade philosophica, aos que crem, ou affectão crer na possibilidade de todas as virtudes independentemente da religião, que actos de heroismo moral tem essa decantada humanidade produzido. Consultem-se os an-

nacs dos povos, dominadores tratarão de os unir com os laços da fraternidade, depois de quebrarem os da religião; veja-se quão baldados forão seos esforços, como a moral se relaxou ou se perdeo, como os edios, como as vinganças, como as traições, como os crimes se multiplicárão. No lugar de Deos pôz-se a natureza, e a natureza era corrompida: a hum systema organisado pela sabedoria infinita preferirão-se systemas organisados pelas paixões; e estes systemas, como os furacões terriveis, como a peste, e como os terramotos, não deixarão a pós de si senão ruinas.

A moral he huma planta, cujas flores e fructo perfumão a terra, e cuja raiz está no ceo. A que tem a raiz na terra não he verdadeira moral. Se brota alguma flor, he destituida de aroma: se produz algum fructo, he degenerado, he talvez venenoso. E com tudo he esta a que os obstinados innovadores antepoem áquella: elles a ornão com o pomposo titulo de universal, quando realmente ella, á força de ser a moral de todos, não he a moral de ninguem: he com ella que se jactão de converter os tigres em homens, quando a experiencia mostra que não fazem se não converter os homens em tigres.

A verdadeira moral, a moral por excellencia, a moral capaz de regenerar o mundo, não foi a de Epitecto, de Aristoteles, de Marco Aurelio, de Seneca, do Barão de Holbak, e de tantos outros; mas a moral Evangelica. E qual he a sua base, a philantropia, a humanidade, huma beneficencia toda terrestre? Não, porem a caridade. A que se reduz ella? aos apparatosos discursos, de que antigos e modernos sophistas encherão longos e fastidiosos tractados? De nenhuma sorte; porem a huma virtude mais amavel que

as graças, mais alegre que os risos da innocencia mais rica que todos os thesouros do universo.

Esta virtude he filha de Jesus Christo. Elle a collocou como huma fonte de abundancia nos desertos da vida. A Providencia havia dotado a nossa natureza de sentimentos de fraternidade. Os homens sentião-se propensos huns para os outros. A necessidade de se aproximarem, de se entenderem, de se soccorrerem mutuamente existia; e elles não desconhecião esta necessidade: mas nem por isso deixavão de viver em grande parte como inimigos, e de se dilacerarem como feras. O coração humano, que ainda agora he hum enigma, então o era muito mais: inclinado a amar, aborrecia: dotado do instincto da fraternidade, era egoista: naturalmente disposto para a harmonia e a paz, parecia ser o seo elemento a discordia e a guerra.

Os Athenienses havião edificado hum templo á piedade, onde querião que os degradados, e até os criminosos achassem hum asylo. A piedade era representada debaixo das feições de huma bella mulher, com huma grinalda de oliveira á roda da cabeça, o braço esquerdo estendido, hum ramo de cedro na mão direita, e a seos pés a ave que os Egypcios veneravão como a mais compassiva. Homero tinha dito: Não me he permittido despresar o estrangeiro e o indigente: he Jupiter quem m'os envia. Honrai, dizia Phocylides, igualmente o cidadão e estrangeiro; por que nos somos todos viajantes sobre a terra. Chilon ensinava que não só se devia ser benefico, mas que era necessario esquecer o bem que se fazia, e lembrar-se sempre do que se recebia. Outros alardeavão outras maximas similhantes: e Cicero chegou a

ornar hum dos seos escriptos com a palavra caridade: *Charitas generis humani.* Com tudo o paganismo não conhecia esta virtude. Os actos de beneficencia, que aconselhava, ou que praticava, fosse qual fosse a denominação que se lhes désse, careciao dos motivos que a caracterisão; e aquellas bellas maximas erão antes conselhos para os sabios, que preceitos para o povo.

Os Hebreos tinhão nos Livros santos lugares notaveis a esse respeito. Moysés, entre outras cousas, lhes disse que não endurecessem os coraçoes, que não fexassem suas maos, mas as abrissem para os pobres. David chamou bemaventurados os que se applicão a distinguir os indigentes para os soccorrerem. Salomão no livro da Sabedoria exigio não só os soccorros, porem a affabilidade e a doçura do tratamento: e no Levitico se encontrava o preceito de amarem aos outros como a si mesmos.

Entretanto a maior das virtudes não era bem comprehendida por aquelle povo escolhido. Os Judeos pensavão que não só não tinhão obrigação de amar os estrangeiros, e os inimigos, mas os devião aborrecer. A palavra *proximo*, que para nós he tão clara, para elles o não era. Aliás o doutor da lei, e que nella era tão perito, não perguntaria a Jesus Christo o que devia entender por proximo.

Na verdade antes de Jesus Christo ninguem tinha ensinado que por proximo se significava até o estrangeiro, e o mais cruel inimigo: ninguem tinha dito que o amor do proximo faz parte do culto, que devemos a Deos: ninguem tinha lembrado o exemplo do Pai celeste, fazendo luzir sobre todos indistinctamente o seo sol: ninguem tinha ordenado que

aquelle que entrasse no Templo, com odio no coração, suspendesse a sua homenagem, e depondo a offerenda sobre o altar, se fosse reconciliar com seo irmão: ninguem tinha apresentado a beneficencia de huma parte, e a insensibilidade da outra, como a medida das recompensas, e das penas da outra vida.

Jesus Christo foi quem explicou o que precisava explicar-se, quem estabeleceo o que precisava de estabelecer-se, quem determinou, quem persuadio o que carecia de ser determinado e persuadido; quem deo novo sêr, nova vida a huma lei, que era tão mal observada, como mal comprehendida; quem assentou a beneficencia em motivos sobrenaturaes; quem associou Deos a todos os sentimentos humanos para os tornar mais nobres e mais puros: quem creou huma virtude que sacrifica tudo: quem sem cessar nos attrahe para nossos irmãos pelo amor de Deo, e para Deos pelo amor de nossos irmãos: quem não fazendo destes dous amores se não hum e mesmo sentimento, deo a nossas affeições generosas o maior grão de actividade, de que o coração humano he susceptivel.

RESUMO HISTORICO DOS ACONTECIMENTOS MAIS NOTAVEIS DO SEXTO SECULO DA IGREJA.

O Imperio Romano era a preza de huma multidão de povos barbaros, Godos, Herulos, Suevos, Vandalos, Francos, Anglo-Saxões: a Igreja resentia os males que causarão ao Estado. O que a consolava no meio destas calamidades era vêr algumas dessas nações ferozes e victoriosas, submetterem-se ao jugo da fé. No fim do seculo precedente, em 496, Clavis, rei dos

Francezes, tinha-se convertido a fé. Eis qual foi a occasião deste feliz acontecimento. Era ainda pagão quando esposou Clotilde, princeza christã de grande piedade. Esta virtuosa rainha lhe fallava muitas vezes de Jesus Christo: o rei a ouvia de boa vontade, sem render-se. Entretanto os Allemães passárão o Rhin, se encaminhárão para a Gallia a conquista-la. Clovis marchou contra elles, atacou-os nas planicies de Tolbiac. Os Allemaes sustentárão valerosamente o choque, logo os Francezes começarão a retirarem-se e dispersarem-se. Nesta extremidade, Clovis lembrou-se dos conselhos de sua esposa; exclamou: « Deos que Clotilde adora, soccorrei-me: se me derdes a victoria, não terei outro Deos que Vós. » A victoria passou-se aos Francezes; os Allemaes fugirão, e forão destroçados.

O rei recebeo o baptismo, e com elle mais de tres mil homens do seo exercito, pela maior parte officiaes. Depois que abraçou a fé sempre a protegeo, exemplo que seos successores imitárão, e que lhes mereceo o titulo de reis christianissimos.

Muitos Santos illustrárão este seculo; alem de S. Remigio que foi o apostolo dos Francezes, e Santa Genoveva, patrona de Paris, se distinguio S. Bento, nascido em Italia.

Deos que o destinava para ser o pai da vida monastica no Occidente, inspirou-lhe o desejo de retirar-se ainda moço para huma caverna que lhe servio de morada. Depois de tres annos de solidão, foi descoberto; discipulos adherirão-lhe em tão grande numero que foi necessario edificar até doze mosteiros. O principal d'estes estabelecimentos foi o mosteiro do Monte-Cassino, que tornou-se como o centro da Ordem de S. Bento. Este Santo abbade deixou aos seos discipulos huma regra admiravel, que quasi todos os cenobitas tem seguido.

No meio do seculo sexto novas perturbações exigirão a convocação de hum concilio. Depois da morte do imperador Marciano, o partido dos eutychianos levantou-se no Egypto, e seos sectarios ahi commetterão horriveis violencias. Elles procurárão enfraquecer a autoridade do concilio de Chalcedonia que os tinha condemnado, e eis o meio de que lançárao mão para bem succeder. No tempo de Nestorio haviao apparecido tres obras favoraveis a este heresiarcha. Estas tres obras que se chamão os *tres Capitulos*, erao reprehensiveis; mas dous de seos authores parecião tê-los retractado, anathematisando Nestorio no concilio de Chalcedonia. Os eutychianos que procuravao desacreditar este concilio, quizerao tirar partido contra elle do silencio a respeito dos *tres Capitulos*, e de que elle tinha tido seos authores como orthodoxos: instárão com todo calor pela condemnação dos tres Capitulos. Os catholicos ainda que nao approvassem a doutrina desses escriptos, temiao que condemnando-os parecessem offender o concilio de Chalcedonia, e que esta condemnaçao fosse motivo de triumpho para os eutychianos.

Em fim resolveo-se a convocação do segundo concilio de Constantinopla, que foi o quinto dos concilios ecumenicos. Nelle examinárão-se os *tres Capitulos* e forao condemnados, mas sem prejuizo do concilio de Chalcedonia.

Comtudo, muitos bispos, imaginando falsamente que o concilio de Constantinopla era opposto na condemnaçao dos tres escriptos á o de Chalcedonia, separárao-se da communhão do Papa e dos Orientaes que ti-

nhaõ recebido este 5.° concilio. A doçura e as exhortaçoes dos papas reunirão por fim estes schismaticos para condemnar os tres Capitulos, quando de novo foraõ proscriptos no sexto concilio.

Assim os eutychianos não tirarão alguma vantagem da sua empresa. Vê-se alem disto no concilio de Constantinopla hum exemplo notavel do poder que a Igreja tem de condemnar escriptos, de pronunciar sobre o sentido dos livros e exigir que os fieis submettão-se a seo juizo.

O Igreja neste seculo fez conquistas importantes sobre a heresia e sobre a infidelidade. Os Visigodos na Hespanha, os Lombardos na Italia, os Borguinhoes nas Gallias, abandonáraõ o arianismo para reconhecer a divindade de Jesus Christo. Já vimos em hum dos nossos primeiros numeros como o Evangelho foi pregado aos idolatras da Inglaterra no seculo sexto e como esta ilha, antes de Henrique 8.°, a terra dos Santos, foi conquistada para Jesus Christo.

ESBOÇO DO ESTADO RELIGIOSO NO ORIENTE.

Ha alguns annos a esta parte, observa-se hum movimento religioso que se imprime no Oriente. O berço do Christianismo attrahe as attençoes dos fieis; a Syria he ainda huma terra sagrada para elles; e seos desejos, anticipão a hora que a Providencia tem fixado para a regeneração d'Oriente.

O Oriente, he verdade, conta grande numero de christãos principalmente no Libano. Mas que são estes christaos? homens que mal conhecem a sua Religião! Habituados a viver entre os sectarios do is-

lamismo, religião toda exterior, se tem formado tambem hum christianismo exterior. Nao comprehendem que possa haver huma religião interior, na qual a alma se eleve á contemplação do seo Deos: a religião para elles está toda nos sentidos e nada no coração. Tal he a immensa maioria dos christãos no Oriente, tal he a primeira difficuldade contra a qual vão luctar os esforços dos missionarios enviados da Europa.

Mas entre as chagas que affligem o Christianismo n'Oriente, a mais profunda he a do clero. Fallamos aqui dos sacerdotes *indigenas*. Aquelles operarios infatigaveis que penetrados do amor do proximo vão expatriar-se no meio dos desertos abrazadores da Syria para trabalhar nesta vinha inculta do Pai de familias, esses homens evangelicos só merecem nossas veneraçoes! Alli o missionario he o homem de sacrificios, de fé, de caridade. No clero indigena pelo contrario, se tem introduzido enormes abusos.

Nas aldeas como nas cidades são os christãos que escolhem seos bispos e seos sacerdotes. O numero sendo indeterminado, elles escolhem quantos querem. Quando morre o cura d'hum lugar, os fieis se reunem e tomão por pastor quem lhes parece bem; hum tecelão, hum sapateiro, ou lavrador. O escolhido revestido deste novo cargo apresenta-se a hum bispo, que em *oito dias*, algumas vezes em menos tempo, lhe confere todas as ordens

D'aqui vem males funestos para a Religião. A intriga e a corrupção que intervem na escolha d'hum sacerdote, não são os menores males; a seducção, a fraude sao molas que jogão nesta escolha sem al-

gum escrupulo. Promessas prodigalisão-se ; dadivas se distribuem.

Outro mal que afflige a Religião no Oriente , he a ignorancia do clero. Hum lavrador que deixa a charrua para subir ao altar, não tem instrucção sufficiente; nem a isto attendem os christaos na escolha de seos curas ; lanção mão do mais popular ou d'aquelle que dá mais. Pensem-se os damnos que devem resultar á Religião , desta ignorancia.

Estas desordens são communs aos bispos como aos simples sacerdotes , e entre os primeiros outro mal existe que não toca aos segundos : a indisciplina.

No Oriente os bispos, por hum caracter nacional ou amor de independencia illimitada julgão-se despensados de obedecer quando se revestem d'hum titulo que lhes permitte mandar. Elles revoltão-se contra a autoridade dos patriarchas , e os mesmos patriarchas contra a dos legados apostolicos. Hum bispo não contente da sua diocese vai perante o pachá , e mediando huns cem-piastres [vinte cinco patacas] obtem a permissão de hir estabelecer-se aonde lhe apraz, e deixar sem chefe a diocese que teve a missão de administrar. Vai collocar sua nova sé n'huma cidade da jurisdicção d'outro bispo. Seguem-se discordias intestinas. Os legados da santa sè , fatigados de lutarem inutilmente contra a insubordinação , vão procurar em Roma instrucçoes do poder supremo.

Temos visto onde se acha o mal dos christãos do Oriente ; consideremos alguns dos meios de que se serve a Providencia para salvar estes paizes.

Segundo a crença dos musulmanos as mulheres nao tem alma ; são machinas , hum automato vivo , huma estupidez encarnada. Mahomet mesmo e contribui o

derramar essas ideas ; no seo Alcorão não se digna fallar desta metade do genero humano , nem em quanto as praticas religiosas , nem em quanto as recompensas da outra vida.

As filhas de S. Vicente de Paulo chegão no meio delles , abrem escolas , e ensinão os meninos. Os Turcos pasmão ; que maravilha para elles ver huma mulher ensinando aos outros ! O enfermo pede soccorro , a irmã dá-lh'o, e cura. O pobre soffre , ella corre ao seo leito de miseria e leva-lhe o pão : o desgraçado não escapa a sua caridade. O incendio devora Smyrna , corre ao meio das chammas para salvar o infortunado prestes a morrer : Dize-me , ó mulher ! se vens do ceo ? perguntava hum velho a huma irmã que lhe prestava seos soccorros. Não , respondeo a irmã da caridade ; viemos da França. Ah ! quanto os francezes são felizes ! replicou o velho. Logo depois fez-se christão.

As consequencias necessarias do respeito e veneração que os musulmanos rendem ás irmãs da caridade, são huma mudança de ideas sobre a natureza da mulher , e respeito pela religião, que produz taes sacrificios.

D'outra parte do Oriente , na Syria , os irmãos da doutrina christã abrem com successo os caminhos para a Religião. A' exemplo de suas irmãs de Smyrna e Constantinopla , procurão desbastar estas intelligencias brutas , deixando aos missionarios o cuidado de acabar a obra. Caberá pois aos filhos de S. Vicente de Paulo , aos irmãos da doutrina christã , e as irmãs da caridade o merecimento de regeneradores do Oriente que partilhão com os filhos de S. Francisco.

Estes reverendos padres Capuchinos soffrerão em 1843, na Georgia, huma perseguição suscitada por ordem do imperador moscovita, visão a espoliação de suas igrejas e dos bens que a dominação musulmana tinha respeitado por seculos, e forão banidos brutalmente entre as saudades e lagrimas da população catholica. Mas em lugar de huma missão catholica na terra russa, contão hoje tres no solo turco, e encontrão na tolerancia do Sultão, o remedio das barbaridades do despotismo schismatico.

Os religiosos de S. Francisco, com piedade fervorosa, inalteravel paciencia e bom cheiro das outras virtudes, tem conciliado a estima e respeito da população christã schismatica. Apenas era passado hum anno, grande numero de Armenios e Syrios testimunhavão desejo de reuniao. Com o tempo crescem estas felizes disposições; mas os bispos menos preocupados de seos interesses espirituaes pelo falso temor da perda temporal que resultaria para elles de huma mudança de religião, retardavão este movimento. As orações dos reverendos Padres tem vencido esta resistencia, ao menos, de dous prelados jacobitas que cedendo ás solicitações da graça, abraçarão a verdadeira fé. A ridicula intolerancia do archebispo Armenio schismatico oppoz-se a que dous de seos collegas abandonassem a causa do schisma; e levarão os dous bispos convertidos ao tribunal do pachá. O pachá, depois de ter ouvido as suas razões, deo esta resposta notavel na boca musulmana: «De que vos queixais, disse aos Armenios? Estes homens fazendo-se catholicos não deixão de ser vassallos do Sultão; eu nada tenho a julgar neste negocio.» Depois elle fez conduzir ao hospicio dos Padres os dous bispos, montados em cavallos ricamente ajaezados. Taes são os auspicios da proxima liberdade de consciencia no Oriente.

Carta do Exm.° Sr. Bonnand, Vigario Apostolico de Pondichery, aos Senhores Directores do Seminario das Missões extrangeiras. Pondichery 13 de Dezembro de 1843.

«Ainda mais hum triumpho para a nossa felicissima Congregação! Ainda mais hum triumpho para a Santa Igreja de Deos! Os apostolos da Corêa sellarão com o seo sangue a Fé, que annunciavão, e hum grande numero de neophitos os tem imitado neste brilhante testimunho dado ao Evangelho. Louvado seja por isto o Rei da Gloria!

Recebi antes d'hontem cartas de Mant-churia, que d'hum modo official, mas sem outra alguma particularidade, me annunciao a perseguição da Corêa em 1839, e o martyrio do Exm.° Sr. Imbert, e dos Srs. Chastan, e Mauban, nossos veneraveis collegas. Com o sei a santa solicitude, de que estais animados para com a nascente Igreja, que as vossas esmolas fundárão, e quanto vos interessais pelo seo futuro, julgo corresponder a vossa expectação, apressando-me em communicar-vos estas noticias tão capazes de excitar a admiração de todos, e reanimar a fé e caridade de nossos irmãos da Europa.

Os neophytos da *Corêa* que escapárão ao cutello do perseguidor, não tem abandonado a sua crença: o Exm.° Sr. Ferreol escreveo-me, dizendo que já por tres vezes tem mandado portadores solicitar novos missionarios. Tanto assim, que o prelado e o Sr. *Maistre* se dispunhão para hir em seo soccorro,

e só esperavão ambos hum momento favoravel, para apparecerem na arena ainda tinta, e fumegante com o sangue dos seos collegas. Os tres grandes sabres do primeiro ministro acharão pois ainda cabeças para cortar, até que se embotem, ou Deos os quebre!

Confesso-vos, Senhores, que se me affligi profundamente ao saber os medonhos estragos da perseguição, e se chorei com amargura sobre as miserias desse pobre povo privado dos seos pastores, o meo coração de bispo sentia-se tambem commovido por huma santa alegria; estremeceo d'ineffavel contentamento á vista dos triumphos annunciados nas cartas, que vos transmitto. Não fallarei nesses jovens heroes de doze annos, que combaterão com toda a intrepidez da idade viril; nessas admiraveis virgens, que o Ceo houve por bem proteger com prodigios, e cujo valor não cede em cousa alguma ao da nossa heroica, e para sempre venerada Blondina; nem tão pouco a nenhum desses animosos athletas escolhidos no meio do rebanho nascente. Tornarei á grandeza d'alma desse Pastor, desse Bispo digno dos antigos dias, que teve não só a generosidade de sacrificar-se por suas ovelhas, mas de ajuntar tambem ao seo holocausto o de dous Apostolos, que se tinha encarregado de conduzir ao combate. Cheio da mais profunda admiração, prostrar-me-hei, diante da sua oblação, e da desses dignos missionarios, que recebêrão tambem em hum só dia a palma do martirio, e juntamente com ella a triplice coroa da fé, obediencia, e caridade; oblação a que nunca cousa alguma excedeo em heroismo nos tempos antigos ou modernos, e só podia ser inspirada pelo exemplo de hum Deos, que se entregou á morte pela salvação do mundo, e ante a qual a

minha miseria se humilha e anniquila. Para que huma vida d'ingratidão e infidelidades me ha de ter afastado sem esperança d'hum semelhante triumpho? Por que hei de renunciar para sempre a gloria de ver esta mitra, cujo grande peso muito opprime as vezes a minha alma, inclinar-se por hum instante debaixo do sabre dos verdugos, para tornar logo a levantar-se brilhante de gloria nos esplendores da eternidade? O' triumpho que nao terei! ó morte, ó gloriosa coroa, que não me estais destinadas! quanto sois bellas e desejaveis! bellas de longe, e de perto! bellas sempre, e muito principalmente no eterno seio de Deos!!! Desculpai, Senhores, estas effusões do meo coração; e rogo-vos de aceitar os affectuosos sentimentos de respeito, etc.»

Extracto d'huma carta de M. de Lamarre, missionario Apostolico na Missão de Sutchué na China, com data de 28 de agosto de 1845 a hum de seos amigos:—

«Já tendes noticia dos grandes acontecimentos que tiverão lugar nestes dous ultimos annos. Por requerimento de nosso embaixador, o commissario imperial de Cantao apresentou ao imperador hum memorial no qual elle expunha que nenhum inconveniente havia em conceder-se aos christãos chinezes o livre exercicio da sua religião. O imperador em consequencia lavrou hum edicto pelo qual approvava a petição do seo enviado. Este decreto circulou por todo o imperio; o governador geral desta provincia o fez publicar; mas os christaos ainda tem sido expostos á muitas perturbaçoes. Com tudo devemos confessar que, depois que se conheceo a boa vontade do imperador

para com os christãos, o animo destes tem-se vigorado, e tudo nos promette o melhor futuro.

No estado actual dos espiritos se poderia alcançar tudo o que se quizesse delles. O governador chinez mostra-se opposto a religião só por huma rutina e para se conformar com hum velho costume. O imperador e os grandes mandarins, principalmente os Tártaros estimão a religião christã e se dispõem a serlhe favoraveis. Hoje como no tempo do imperador *Kang-hi* o partido chinez com o seo despreso e orgulhosa anthypatia contra o que vem do extrangeiro, tem sido o maior obstaculo aos progressos da Religião.

A superioridade dos europeos, de que elles tem huma triste experiencia, tem diminuido o seo orgulho nacional. Ha pouco tempo tivemos noticia d'outra petição dirigida ao imperador por hum enviado extraordinario chinez á Emoui, datada de dezembro de 1844 muito mais favoravel que a primeira. O enviado representa ao imperador que os europeos fizerão em outro tempo serviços, principalmente por sua sciencia astronomica, que não devem ser confundidos com os rebeldes d'Oriente, e pede ao imperador que na sua clemencia permitta-lhes por hum edicto erigir igrejas christãs em todo o imperio, para florecer a perfeição da *fidelidade ao imperador e a piedade filial*; são estes os proprios termos. O imperador tem tambem aprovado esta supplica; mas quer tomar o parecer dos tribunaes e dos governadores das provincias. Tememos que a má vontade destes occasione huma demora indefinida. Todas essas disposições nos fazem esperar melhor futuro. Mas o que não se deve esquecer he que quaesquer edictos que se

obtenhão serão illusorios, em quanto não fôr permittido aos missionarios europeos que a China não pode despensar, habitar ahi, pregar publicamente, e edificar igrejas.

O principe de Mæpin, tributario da china, em cujo dominio está o nosso collegio, nos continúa prestar a sua protecção, e boas graças, e deo-nos já provas repetidas de sua benevolencia. Permittio a todos seos vassallos que quizessem fazer-se christãos, seguir o brado da sua consciencia. Já hum numero delles tem-se aproveitado desta permissão. A mai deste principe prometteo fazer-se christã quando na China a profissão do christianismo fôr livre.»

O presidente Polk dos Estados-Unidos por petição do bispo de Nova York, acaba de enviar dous padres Jesuitas aos soldados que se achão nas fronteiras do Mexico; a maioria, sendo catholica, lamentavão-se de estarem privados dos soccorros religiosos. Nenhuma lei do congresso havendo tratado destas personagens que jámais se tinhão visto nos exercitos americanos, o presidente condecorou estes dous ecclesiasticos com a patente de capitães para determinar o seo posto e honra.

Os bispos do Canadá fizerão a seguinte Protestação ontra o voto da assemblea legislativa, por motivo dos bens dos Jesuitas, ao governador geral.

« Nós os arcebispos e bispos catholicos tomamos a liberdade de exprimir respeitosamente a V. Ex.ª a profunda afflicão que experimentamos sabendo a determinação tomada recentemente pela assemblea legislativa, acerca da proposição dos membros do vosso conselho executivo para a propriação dos bens dos Jesuitas, por

motivo dos quaes tivemos a honra de fazer, pouco tempo antes, á legislatura nossas justas representações.

Estamos intimamente convencidos que faltariamos á nossa consciencia como a hum dever para com o paiz, se não levantassemos a voz em huma occasião tão importante, e se parecessemos approvar com nosso silencio, huma medida que affecta d'huma maneira tão grave os interesses dos subditos de S. M. nesta provincia.

Supplicamos pois a V. Fx.ª de não sanccionar hum bill que alias tem encontrado na assemblea legislativa grande opposição.

Dignando-se V. Ex.ª ceder a nossa petição, nos fornecerá hum meio de poder levar nossas representaçoes ao throno de S. M.

Utilisamos-nos desta circumstancia para assegurar a V. Ex.ª o profundo respeito, etc.»

As ilhas Marquezas e de Sandwich. Em 1840, não havia hum catholico nas ilhas Marquezas e hoje ha 7:000, assistidos por tres sacerdotes. Em 1840, apenas havia huma capella catholica nas ilhas de Sandwich, pois estavão fechadas por ordem das autoridades seculares por intrega dos missionarios americanos protestantes; e hoje ha 90 igrejas catholicas, 110 escolas e 14 mil catholicos.

O homem edifica sua felicidade propria, fazendo a felicidade de seo semelhante.

MARIANNA : TYP. EPISC. 1847—Rua da Olaria n.º 54.

SELECTA

CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.º 15 DE JANEIRO DE 1847. N.º 14.

EXCELLENCIA DO MYSTERIO DA ENCARNAÇÃO.

(Continuado do n.º precedente.)

As homenagens das creaturas inanimadas por meio do homem, e do homem por meio de suas adoraçoes pessoaes, podião ser agradaveis á Divindade. Especialmente quando os nossos primeiros pais, ainda em toda a innocencia de sua natureza original, enriquecidos com os mais preciosos dons, o coração todo penetrado de reconhecimento e amor, se voltárão para o Deos, que lhes tinha dado a vida, e bens tão perfeitos, a expressão dos seos sentimentos não pôde deixar de agradar A'quelle, que lh'os inspirava. Mas em fim, o homem por mais virtuoso, e por mais santo que o suppomos, he sempre limitado: as suas homenagens provèm de huma natureza mui fraca, ficão a huma distancia illimitada da infinita grandeza. Quem encherá esse intervallo immenso? Como adquirirá o homem, o que lhe falta para offerecer a Deos hum tributo, que tenha alguma proporçao com a Sua Magestade? Conhece-se bem que as homenagens tributadas ao poder ou ao me-

recimento são tanto mais gloriosas, quanto a mesma pessoa, que as offerece, tem mais dignidade e grandeza. Assim hum poderoso monarcha, por mais honrado que seja das homenagens dos seos vassallos, se-lo-hia mais ainda das homenagens dos reis, que visse ao pé do seo throno. Mas em fim, como se approximará o homem da infinita Magestade do seo Deos? He nisto, Senhores, que vós ides sentir, quanta grandeza e profundidade ha na Encarnação do Verbo. Eu não pertendo, que ella fosse necessaria; que Deos devesse escolher a ordem de cousas, em que ella teve lugar; que só tivesse esse meio para crear o mais perfeito dos mundos; e que estivesse obrigado a crea-lo. Deixo essa doutrina de Leibniz ou de Malebranche pelo que ella he: talvez será mais facil tornar ridiculo o optimismo desses dous grandes philosophos, do que refutà-lo; mas he certamente permittido não ver nelle mais que hum delirio sublime, ainda que o tenhão sabido apoiar em razoes mui especiosas. Neste momento, livre de todo o espirito de systema, limito-me ao que ensina o Christianismo. Que acontecco? O eterno Filho de Deos se une a natureza humana; nessa natureza Elle se abate, e se humilha diante do Altissimo; no mesmo tempo forma para Si hum povo de adoradores, que associa, que enche, e penetra do seo espirito; torna-se o Chefe de hum corpo mysterioso, do qual nós especialmente, christãos, nós somos os membros: e desde então vede, como se manifesta com huma vasta magnificencia o plano da creação. Os seres materiaes adorão pela mediação do homem, o homem adora pela de Jesus Christo, e Jesus Christo Deos e Homem, adora por Si mesmo de hum modo

digno de Deos. Assim por meio da Encarnação do Verbo Divino, o Universo forma hum concerto magnifico de louvores infinitos como a infinita Magestade, que delles he o objecto.

Isto não he huma theologia nova, he huma consequencia do mysterio da Encarnação bem comprehendido; e julgo disso encontrar os elementos em S. Paulo, que tinha penetrado tanto as profundezas desse mysterio. Com effeito, na Igreja de Corintho, fundada por este Apostolo, tinhão-se suscitado algumas differenças: os Fieis parecião dividir-se entre aquelles, que os tinhão mais particularmente instruido; hum era por Céphas, outro por Apóllo. O Apostolo, para fazer cessar essas vãs disputas, lhes recorda, que os homens não são cousa alguma; que devem collocar-se acima de todas as consideraçoes humanas; considerar, que a sua gloria, e o seo unico desejo, devem ser o pertencer a Jesus Christo; que nelle tudo lhes pertence; e por esta occasião lhes diz estas palavras notaveis: « Sem duvida todas as cousas sao vossas, ou o mundo, ou a vida, ou a morte, ou as cousas futuras; tudo he vosso, e vós sois de Jesus Christo, e Jesus Christo he de Deos» *omnia vestra sunt; vos autem Christi, Christus autem Dei* (Cor. III. 22. 23.)

Demos algum desenvolvimento a esta idea do Apostolo tao digna das nossas reflexoes. A Religião nos ensina, que tendo-se tornado prevaricadores os nossos primeiros pais, Deos não os abandonou depois da sua queda; mas que ao mesmo tempo, que os castigou da sua desobediencia, lhes prometteo, assim como a sua posteridade, hum Reparador. Confiada ás primeiras familias do genero humano, essa promessa

se perpetuou em hum povo particular, o Hebreo especialmente foi o seo depositario. Esse Libertador devia ser Jesus Christo, Deos e Homem ao mesmo tempo, o qual pela sua morte expiaria os crimes da terra, e cujos merecimentos, abraçando todas as idades, santificarião todos os justos desde o principio até ao fim dos tempos. Tal he a fé christã a cerca das promessas, e dos effeitos da Encarnação: vêde a gloria que dahi resulta a Deos.

Se os sacrificios de Abêl, de Noé, de Abraham, e de Melchisedech; se as ceremonias mysteriosas da antiga Lei; e se a fé dos patriarchas, o zelo dos prophetas, e as virtudes de todos os justos, que apparecerão antes do Evangelho, não tivessem alguma ligação com o sacrificio futuro de Jesus Christo, somente haverião tido hum merecimento fraco e limitado; mas por meio de sua união com os merecimentos do Libertador esperado, adquirião hum valor immenso, e tinhão alguma proporção com a divina Magestade. Por isso, mesmo antes de Jesus Christo, as creaturas insensiveis louvavão a Deos por meio dos justos da terra, e os justos por meio de Jesus Christo, e Jesus Christo por Si mesmo de hum modo digno de Deos: *Omnia vestra sunt; vos autem Christi, Christus autem Dei:* Segundo a mesma idea, que gloria não devia resultar a Deos do zelo dos apostolos, dos combates dos confessores, do valor dos martyres, das orações das almas piedosas, da resignação dos Christãos desgraçados, das generosidades inexgotaveis da caridade, e de todas as virtudes edificantes e sublimes, que a Religião inspira, por quanto essa gloria, ainda que tributada por huma fraca creatura, se torna como infinita pela união do Fiel

com o Homem Deos! Tudo he para a alma fiel; a alma fiel he de Jesus Christo, e Jesus Christo he de Deos: *Omnia vestra sunt; vos autem Christi, Christus autem Dei.* Isto ainda nao he tudo: a Religião posto que debaixo de formas differentes, he tao antiga como o mundo, perpetúa-se com elle, para durar mesmo depois delle. He hum germen, que apparece no tempo dos Patriarchas, que cresce no da Lei moysaica, que se desenvolve debaixo da Lei do Evangelho, e recebe nos ceos a sua plena e perfeita madureza. Lá tudo se consumma; os escolhidos nao fazem mais que huma só cousa com Jesus Christo, e Jesus Christo não he mais que hum só com o Pai celeste: a gloria do chefe reflecte sobre todos os membros. He por Elle, que os Bemaventurados louvão, e exaltão para sempre as grandezas e a misericordia do Deos, que os corôa; e as suas adoraçoes, identificadas com as de Jesus Christo Deos e homem, são infinitas como o Deos, que he o seo objecto. Assim por hum effeito do mysterio da Encarnação Deos tem recebido desde o principio, e receberá alem dos tempos, homenagens infinitas, como Elle. A' vista disto, que religião mais digna de Deos, e que lhe seja mais gloriosa, que a fundada, como a nossa, sobre o mysterio do Homem Deos? Quando isso não fosse mais que hum systema, seria com tudo o mais sublime das concepçoes humanas; mas tudo isto está mui longe dos pensamentos do homem, para que elle o inventasse. Nao me admiro pois, que a culpa de nossos primeiros pais désse lugar a Encarnação do Verbo; e que, devendo essa Encarnação procurar para Deos huma tao grande gloria, a Igreja, ao mesmo tempo que deplora a queda original, se

console pelo espectaculo dos bens ineffaveis, que a Providencia soube disso tirar; e nao duvide exclamar: « O feliz culpa, que mereceo ter hum tal Reparador! » *O felix culpa quæ talem meruit habere redemptorem!*

Na verdade, Senhores, observando em conclusão a à primeira parte deste discurso, a doutrina, que acabo de expôr, devia ser-nos tanto mais cara, quanto he mais gloriosa e consoladora para nós. Aproximai-a á dos materialistas dos nossos dias, e decidi. Os athéos tem celebrado com emphase a dignidade da especie humana; querião, diziao elles, reintegrar a magestade do homem abatido debaixo do jugo da superstição; com tudo com os seos systemas nao podiao deixar de o corromper, e aviltar. Que nos ensinão elles sobre a origem, e sobre o destino do homem? Fazem-no nascer, não sei como; fazem-no chegar por meio de fantasticas metamorphoses de mineral a vegetal, de vegetal a animal, até ao ser humano; não vem nelle mais que hum pouco de lodo organisado; fazem-no morrer totalmente como hum insecto; e eis ahi o que se tem chamado por muito tempo, e o que se chama ainda algumas vezes *philosophia.* Para nos fazer virtuosos, o athéo começa por nos desembaraçar da crença na divindade; mas por isso mesmo nos entrega a todos os vicios quasi sem prohibição: para nos consolar dos males da vida, elle nos falla da inflexivel necessidade, que nos opprime. O orgulho por dignidade, a licença por liberdade, paixoes por virtudes, palavras atrozes, ou hum horrivel suicidio por allivio, eis-ahi todos os dons, que o athéo concede a humanidade; e se huma feliz inconsequencia

o não fazia melhor que os seos systemas, poder-se-hia dizer: Eis-ahi o homem do atheismo. Pelo contrario, feito à imagem de Deos seo Creador; animado de hum espirito immortal; classificado só á parte, e Rei da natureza pela sua intelligencia; confortado em seos males pela esperança; ennobrecido, aperfeiçoado, e como divinisado pela união do Verbo á natureza humana; feito participante dos merecimentos, e da santidade de Jesus Christo; e destinado a reinar com Elle na eternidade: eis-ahi o homem da Religião. Decidi agora de que lado está a grandeza, e de que lado a baixeza.

Basta, Senhores, de vos entreter com o que ha grande e magnifico no mysterio da Encarnação; resta-nos ver se os argumentos do incrédulo contra este mysterio tem fundamento.

Se escutardes os incredulos, elles vos representarão o mysterio da Encarnaçao, como hum composto extravagante de contradicção, de credulidade de injustiça, e de baixeza, indigno da bondade e da grandeza de Deos. Hum Deos, vos dirão elles, immortal, impassivel, e immenso, ser encerrado n'hum corpo mortal, nascer, soffrer, e morrer, que absurdo! Hum Deos, que condemna a morte, em lugar dos homens unicos culpados, a Jesus Christo, a mesma innocencia, que injustiça! Em fim hum Deos arrastado em humilhaçoes, e opprobrios, que cousa mais repugnante, e mais indigna da suprema Magestade! Tudo isso, Senhores, não vos espante: esses vãos argumentos quasi sómente se fundao em falsas noçoes, e vós os vereis desapparecer, se quizerdes por hum momento applicar-vos comnosco a formar justas ideas, primeiramente acerca da mesma substancia do mys-

terio, tal como a Religião o ensina, em segundo lugar da verdadeira grandeza, tal como no-la apresenta a recta razão; em terceiro lugar dos effeitos maravilhosos e divinos que tem resultado desses mesmos abatimentos, dos quaes o incredulo procura tirar vantagem contra Jesus Christo.

Primeiramente convém antes de tudo considerar o mysterio da Encarnação tal, como a Religião o propoe, e não tal, como o poderião figurar os prejuizos e a irreflexão. A Religião nos ensina, que, unindo-se a nossa natureza, o Verbo Divino não perdeo cousa alguma de sua grandeza, nem contrahio cousa alguma da nossa fraqueza; e que em Jesus Christo, Deos e Homem ao mesmo tempo, a Divindade ficou sempre impassivel, e immortal. Sem duvida seria absurdo o imaginar-se, que Ella se continha n'hum corpo humano, da mesma sorte que hum licor se contem n'hum vaso, ou do mesmo modo que nos achamos encerrados neste templo, mas ao mesmo tempo que Deos *enche tudo com a sua immensidade*, Elle pode tornar a sua presença mais sensivel em alguns lugares particulares; ao mesmo tempo que nos dá a todos o movimento e a vida, Elle póde unir-se á nossa natureza humana por hum modo mais intimo, governa-la, e dirigi-la por meio de huma acção, mais especial. Em Jesus Christo a natureza humana estava unida a natureza divina, assim como no homem o corpo está unido a alma. Esta comparação por mais imperfeita que seja, serve todavia para esclarecer o mysterio, e em todos os tempos os Doutores da Igreja Christã della tem feito uso. Com effeito, Senhores, o homem he espirito e corpo juntamente; em cada hum de nós o espirito

tem suas funcções, o corpo tambem tem as suas; mas he recebido na linguagem humana, que humas e outras são attribuidas á pessoa: por isso, segundo se contempla o homem pelo seo espirito, ou pelo seo corpo, pode-se, e se deve dizer do mesmo homem, que elle he bruto e intelligente, corruptivel e incorruptivel, mortal e immortal. A applicação he sensivel: he necessario saber distinguir em Jesus Christo, o que he propriamente de homem, do que he propriamente de Deos; nelle a natureza humana soffre, e a divina he impassivel; mas por hum effeito da união das duas naturezas deve-se dizer do mesmo Jesus Christo, que Elle he Deos e Homem, gerado na eternidade, e nascido no tempo, vivo sempre, e morrendo sobre a cruz. Os meninos christãos instruidos nos primeiros elementos da Religião sabem repetir, que Jesus Christo morreo como homem, e não como Deos. Em Jesus Christo o Verbo dirigia, e governava a humanidade; eis-ahi por que se lhe devem attribuir os soffrimentos, e a morte, cujo preço por isso mesmo se torna infinito.

Sem duvida, se Jesus Christo innocente fosse condenado pelos crimes dos culpados, e padecesse contra a sua vontade a pena, que não tinha merecido, seria huma injustiça. Mas supponde por hum lado, que Deos, justamente irritado contra as iniquidades dos homens exige huma reparação dos ultrages feitos á Sua Magestade; e supponde pelo outro, que o Verbo Divino por hum movimento de amor se dá por Mediador, se apresenta como victima voluntaria, e nessa idéa toma huma natureza semelhante á nossa, para padecer, e morrer: onde está então a injustiça? Admiremos antes o modo, como nos sacrificios de

Jesus Christo se concilia a justiça com a bondade. A justiça de Deos está plenamente satisfeita por huma reparação digna d'Elle, e a sua misericordia resplandece em Elle aceitar huma reparação, que podia recusar. Hum exemplo familiar pode diffundir huma grande luz sobre esta materia: supponho hum monarcha offendido por vassallos rebeldes; elle tem o direito de tomar delles huma vingança estrondosa, e de não admittir as satisfacções offerecidas pelos culpados. Ora bem. *Supponho* ao mesmo tempo, que o seo unico filho se offereça por mediador, que em nome dos vassallos criminosos se apresente diante de seo Pai, e que sua mediação seja aceita, onde estaria aqui a injustiça? Os direitos do throno ficarião vingados, e a clemencia do principe resplandeceria tambem; pelo contrario, sendo a gloria do pai a do filho, poder-se-hia dizer, que a honra, que resultaria ao pai da reparação do filho recairia sobre o mesmo filho. Na verdade, eu não pertendo fazer desapparecer todas as difficuldades, que cobrem o mysterio; por que então deixaria de o ser. Em nossa alma, no modo como se formão os seos pensamentos, e na sua união com o corpo, que pontos, igualmente mysteriosos, igualmente incomprehensiveis! Ao menos pelas idèas, que a Religião nos dà, do mysterio, somos forçados a convir, que elle não offerece esses absurdos repugnantes, que o incredulo não póde nelle ver sem o desnaturalizar.

Educação da Consciencia.

Tal he o titulo de hum discurso pronunciado a 26 de agosto ultimo pelo sabio e veneravel bispo de Langres na distribuição dos premios do seo pequeno Seminario. O interesse deste discurso não se refere sômente a hum pequeno auditorio; elle tem por horisonte o presente e o futuro do mundo, e merece a attenção da sociedade inteira. Vamos transcrevê-lo do *Univers*, seguros de que agradará ao leitor.

« He huma verdade, diz o illustre bispo, que entre os cuidados devidos a mocidade, a cultura do espirito deve occupar o segundo lugar, por que o talento he inferior a virtude, ou antes, segundo a expressão d'hum escriptor do seculo passado, o talento sem virtude he hum dom funesto, unicamente proprio para dar mais brilho aos nossos vicios.

A sciencia que deve ser cultivada antes de todas as outras, e mais que ellas, he a sciencia da virtude.

De mais, a sciencia por ventura não he esteril quando se limita á appreciação especulativa do que os rhetoricos chamão o bello dos costumes?

O mundo está cheio de homens que discorrem sabiamente sobre a moral; incensão e bemdizem nas palavras a virtude, e matão-na de sangue frio, e despedação-na cada dia por seos actos. Homens, muitas vezes mais illudidos do que culpaveis, que sinceramente julgão-se virtuosos, por que na occasião dada se enternecem pela virtude; que *se persuadem* ter bastante religião, por que respeitão tudo o que he religioso e que poderião ser sântos, se a santidade consistisse na abstracção da intelligencia.

Mas não he na intelligencia, não he no juizo, não

he ainda na sensibilidade do coração que se forma, que se nutre, e se conserva a verdadeira virtude, he sim na consciencia. As luzes da intelligencia, a rectidão do juizo, a bondade do coração são auxiliares preciosos da consciencia virtuosa, mas não são, com tudo, se não tributarios forçados desta faculdade soberana que hum poeta latino representou como assentada no throno da alma para dirigir seos actos, e designar seos deveres.

. . . . . hanc altam capitis fundarit in arce
Mandatricem operum prospecturamque labori.

D'aqui, Senhores, chegamos a esta conclusão rigorosa, que a primeira obrigação d'aquelles que estão encarregados da educação da mocidade, he fazer a educação da consciencia.

Educação da consciencia! A união destas duas palavras vos parece estranha, Senhores, entretanto eu penso fazer-vos ver que nada he mais natural, mais intimo e mais necessario que esta união.

Apesar da degradação da nossa natureza pela queda primitiva, o menino nascido no seio do Christianismo acha na sua consciencia huma rectidão, ou antes huma aptidão para o discernimento do bem e do mal, que o engana raras vezes quando não tem algum interesse em deixar-se enganar.

Isto faz que geralmente se pode ter por infallivel o juizo d'huma reunião de jovens christãos e puros sobre as qualidades ou defeitos de seos iguaes, sobre a justiça ou os erros de seos mestres, em fim sobre a appreciação moral de todos os factos, cuja vista ou narração se lhes offerece. Mas se estas almas tenras não estão defendidas da seducção, da mentira, e das allucinacões da natureza mà, bem depressa a

rectidão de seo sentimento se deprava, ao menos para o que diz respeito á propria conducta.

A concupiscencia, cujo germen está plantado no fundo de seos corações, levando-os mais ou menos a satisfações criminosas, elles procurão disfarçar a sua malicia para escapar a censura seguindo-as. Se a consciencia não está esclarecida, fortificada nos combates que lhe dão de continuo perversas inclinaçoes; se ella não se desenvolve ao menos nas mesmas proporções que as outras potencias da alma, e que as faculdades do corpo, esta luz interior fraca, como a mesma infancia se obscurece, a delicadeza do sentido moral se embota, a repugnancia espontanea para a acções prohibidas se enfraquece pela practica destas acções, a consciencia emfim succumbe debaixo do peso dos habitos, que violão suas leis. Ao lado desta consciencia recta, franca e sensivel forma-se como outra consciencia astuciosa, dissimulada, e perversa.

Taes meninos fazem o mal, pois occultão-se para faze-lo, mentem para melhor occultar-se, obstinão-se em mentir, animão-se emfim huns aos outros para melhor obstinarem-se.

Tal seria o estado da infancia, e principalmente tal seria o estado da mocidade no seio de toda a instituição, onde a educação da consciencia não occupasse na sollicitude dos chefes, e na ordem dos deveres o lugar supremo que lhe he devido.

Àquelles, pois que se persuadem ter cumprido todos os deveres para com a mocidade que lhes he confiada, quando fazem observar ponctualmente huma disciplina conveniente, não comprehendem os primeiros elementos de educação. A disciplina he indispensavel sem duvida, principalmente à educação pu-

blica, he indispensavel aos mestres de quem ella facilita a accao, como aos alumnos que ella habitúa a ordem, a obediencia, à pontualidade; mas ella he apenas o mechanismo que pára no estado de authômato quando as partes que a pôem em jogo não tem vida em si, e quando só obedecem forçosamente a hum motor inevitavel que as une, e as separa.

A vida da alma he a consciencia; nella se forma o alvedrio, e seos actos; della sahe o seo merecimento.

Quando a observancia de huma disciplina he unicamente o producto material do temor exterior, ella pode provar a força ou habilidade daquelles que a impõem; mas nada prova para aquelles que a observaõ. A impossibilidade de evitar huma posiçaõ escolhida pela vontade paternal, pode bastar para afastar temporariamente hum menino de desvarios grosseiros, e das revoltas que os pais mais indulgentes não poderião supportar; mas esta he só hum freio que elle morde com surda impaciencia. He huma cadéa que retem na apparencia do dever seos movimentos sensiveis, mas que não captivando as disposições interiores lhe permitte, no circulo dos actos inaccessiveis á disciplina, seguir suas mais perversas inclinaçoes. Se a occasião lhe falta para practicar o mal, elle se compensa pelo desejo habitual, e pela esperança reflectida de satisfazer-se mais tarde. Fará o preludio das desordens que premedita, naquellas que ja lhe fôrem possiveis; achará condiscipulos que partilharão seos pensamento s temerarios; desejos ardentes e inclinações criminosas; e assim o veneno ganhando sempre mais terreno, acontece muitas vezes, que huma mocidade inteira, numerosa e brilhante se ache em pouco tempo definhada e perdida para sempre.....

Percorrei, Senhores, o mundo industrial, vós achareis por elle estabelecimentos admiraveis, onde populações de todo o sexo e de toda a idade sao disciplinadas com a precisão das machinas, das quaes ellas são muitas vezes o accessorio. Entrai nessas officinas maravilhosas, examinai de perto esses vastos saloes, a prosperidade material das naçoes, e dizei se esta disciplina tão perfeita não vai de envolta ordinariamente com á mais profunda, à mais deploravel immoralidade.

A disciplina pois não he a moral: a disciplina pode existir com todo o luxo e todas suas exigencias minuciosas sem a moral. Ainda mais: a disciplina pode, quando se acha só, ser funesta á moral, porque parecendo substitui-la, allucinando por exteriores irreprehensiveis os espiritos superficiaes, isto he, o maior numero dos espiritos do dia, permitte ao mal interior reinar em paz e devorar sem resistencia os dons da natureza com os mais preciosos thesouros da educação maternal.

Huma casa verdadeiramente moral he aquella aonde se occupão em formar para a virtude as disposiçoes mais intimas d'alma, ainda mais do que em formar a conducta exterior; aonde se inquieta do que formosea, ou do que mancha o coração diante de Deos, mais do que o que honra ou compromette diante dos homens: he aquella aonde os educandos são habituados a temer o vicio qualquer que seja, mais pelo que elle tem de odioso em si mesmo do que pelos castigos disciplinaes em que incorrerião por seos actos; aonde em fim, a ordem exterior e material, em toda sua perfeição, he o producto, o reflexo da ordem interior que reina nas classes pela submissão, ao me-

nos habitual e geral, de todas as vontades, á lei do dever, isto he, á lei de Deos. Ora, como se forma huma tal casa se não he pela educação das consciencias?

Não queremos limitar a estas consideraçoes puramente espirituaes todos os motivos d'emulação, todos os estimulos do bem. O homem não he anjo: necessita para governar sua consciencia, captivar quanto he possivel as outras potencias da sua alma, assim como he necessario para chegar a alma passar pelos sentidos. Desta sorte as glorias innocentes annexas ao feliz successo, os lugares distinctos decretados ao merecimento, as recompensas diversas distribuidas em testimunho de satisfação, devem principalmente pelo seo contraste com as humilhaçoes infligidas á preguiça, e os castigos reservados a insubordinação coadjuvar as consideraçoes sérias e as exhortaçoes directas a virtude.

E a presença destas coroas e o resplendor desta solemnidade annual, provao bastante que não despresamos estes preciosos auxilios: mas queremos que estes estimulos exteriores contribuão sempre ao menos indirectamente para a educação da consciencia; e não temamos dizer que dirigidos em hum sentido contrario poderião tornar-se funestos. Nada he mais capaz de depravar o sentido moral, que castigos ou recompensas, censuras ou incitamentos applicados ou distribuidos contra as regras e proporçoes determinadas pelo valor real dos actos que são o seo objecto. Assim, hum mestre que se indignasse de huma palavra pouco respeitosa a sua pessoa, e que só tivesse fracas reprehensões para as blasfemias proferidas contra Deos; que castigasse desapiedadamente a mobilidade, muitas vezes involuntaria, da infancia irreflectida, e que fechasse os olhos sobre a depravação d'huma adolescencia prematura para o mal; que desenvolvesse huma energia sem piedade nas leves quebras da regularidade material, e que para o cumprimento dos deveres mais sagrados da religiao, nao tivesse na boca se nao reprehensões vagas, questoes frivolas, palavras desprovidas de convicçao: tal mestre destruiria toda a ordem das ideas que fazem as consciencias verdadeiramente rectas e verdadeiramente christãs. Desgraçadamente podemos dizer que a ternura das familias nao está sempre exempta destes desvios; muitas vezes ellas applaudem muito mais aos successos brilhantes que as virtudes sólidas; e depressa se consolao do que pode offender a innocencia ou a fé, quando encontrao o que alimenta a vaidade, e o que ri-se para as esperanças da fortuna.

Senhores, *não o dissimulemos*, são estes graves e funestos erros que, quando sao geralmente espalhados em hum povo, produzem mais tarde effeitos desastrosos, de que somos hoje mesmo testimunhas assustadas. He huma verdade conhecida, que se recolhe na idade madura o que semea-se na mocidade, o que o caracter das geraçoes viris he determinado pelo movimento impresso a estas mesmas geraçoes ainda adolescentes.

Ora, Senhores, onde estamos nós? onde está o mundo social? Nao praza a Deos que chamemos para este tranquillo Atheneo o estrepito do foro: mas nao ouvimos hum prolongado gemido e como hum brado de alarma a vista da incrivel immoralidade que tem ganhado todas as classes, e que tem-se tornado como

hum motor universal de quasi todas as grandes operaçoes do mundo?

Qual he pois a causa desta profunda enfermidade moral? Ouvi-a, Senhores: o grande negocio unico em todos os gráos de jerarchia social, e talvez, principalmente nos mais altos gráos, he o successo, o successo proprio, o successo egoista.

Ha, na verdade, successos honrosos tão puros em si mesmos como nos meios que conduzem a elles, e poderiamos citar incontestaveis exemplos: mas em geral, este successo seja legitimo ou não, seja o preço do verdadeiro merecimento ou viole os direitos sagrados, contribua ao bem da patria ou deva ser huma calamidade publica, não importa, tudo vai bem. Não se attendem os meios empregados, nem as promessas dadas, oh! nem os juramentos prestados. Não se tem sobre estes pontos da moral, nem cuidado, nem remorsos, nem inquietação. Tudo está em sahir-se bem.

pagina 75

(Concluiremos no seguinte n.°)

O MEDO DOS ESPECTROS.

As trevas da noite causão inquietação e terror a muitas pessoas, por que são atormentadas da ridicula aprehensão dos espectros. Este medo supersticioso era menos condemnavel no tempo dos nossos antepassados; pois que não se tinhão então ideas tão claras da natureza dos espiritos. Mas he para admirar-se que em hum seculo esclarecido, taes ideas e taes medos possao ter lugar. Isto faz ver quanto o

homem he engenhoso em forjar monstros e atormentar-se a si mesmo. Nao bastao os males reaes, elle cria penas imaginarias, e torna-se entao desgraçado, por que o julga ser. Quantos tormentos nao soffre o avarento pelo vao temor de ladroes, o misanthropo, pela desconfiança que lhe inspirao todos aquelles que o cercão; o descontente, pelas inquietaçoes a cerca do futuro? Aprendei aqui, meos amados leitores, a conhecer a natureza do coração humano, e a sentir a necessidade de velar sobre a vossa imaginaçao. Se ella nos illude durante a noite, offerecendo-nos aterradores fantasmas, muitas vezes reproduz suas illusoes de dia, pintando-nos o vicio com imagens encantadoras. Ah! felizes se fosssemos tão promptos para evitar todas as tentaçoes do mal, como a apparição de hum espectro; mas no primeiro caso o homem he audáz e temerario, e no outro medroso e pusillanime.

Mas d'onde vem este medo chimerico tao vivamente apoderar-se de certas pessoas, que em circumstancias muito aterradoras mostrão a seguridade mais decidida? O temor de hum duende unico nos faz sobresaltar, em quanto a certeza de ser algum dia levado ao outro mundo, nao faz alguma impressao á nossa alma. Alem disto sabemos que cada instante nos aproxima á presença do Espirito eterno e infinito, e nao experimentamos algum sentimento de temor! Se hum morto nos apparecesse, e nos declarasse que em pouco tempo iriamos fazer-lhe companhia, o mais intrepido homem ficaria gelado de terror; faria serias reflexoes á este acontecimento, e esperaria o termo com inquietaçao. Mas por que nao somos attentos a voz de Deos que nos clama: *Pe-*

para-te, ó Israel ao encontro de teo Deos? Quanto somos insensatos de ficar na seguridade, quando seria prudente temer!

Tu, minha alma, não te dês à vans temores nocturnos; mas teme o Supremo Ser, que quando apparecer encherá de terror o mais intrepido heroe, a ponto de pedir as montanhas que caião sobre elle e as colinas que o cubrão. Temei, sobre todas as cousas, de desagradar a teo Deos, tremei da sua colera. Então poderás bannir todo o medo, e clamar com David: *O Senhor he a força da minha vida, de quem temerei?*

(Do Francez.)

Noticias Religiosas.

— Roma, o centro da unidade Catholica trata actualmente da beatificação do veneravel Vicente Maria Strambi, bispo de Macerata e Tolentino; a sua causa foi ultimamente advogada por hum dos advogados consistoriaes, e continúa a ser examinada.

— França prepara os meios para o processo de beatificação que se instruio em Roma pelo veneravel Bento José Labre. O cardeal bispo de Arras tem convidado os padres de sua diocese para concorrerem com suas offertas ás despezas deste processo; mas a gloria de José Labre não pertence a huma unica diocese: ella interessa a toda a Igreja. Neste alto e religioso pensamento o bispo de Marselha publicou huma circular para o mesmo objecto, e afim de excitar o zelo e charidade do seo clero.

— O progresso do Catholicismo *nos* Estados-Unidos se

poderá julgar pelo numero das igrejas que se edificão cada anno alli. Ora, não se passa hum mez que não se comece ou não se consagre hum novo edificio religioso ao culto divino. Calculão-se em hum milhão e trezentas mil as pessoas que commungão nestes estados. Esta fecunda arvore da religião tinha sido plantada no districto de Mary-land: o primeiro sacerdote ahi consagrado ainda vive, e se dedica á santa causa. Com nobre orgulho vê o presente prospero estado da Igreja, e com prazer chama-se *o proto sacerdos.* Na verdade o coração catholico se regosija vendo que Deos tem abençoado os trabalhos dos missionarios na America. De hum extremo da União a outro, muitissimos fatigados de procurar a verdade no labyrinto dos erros dos protestantes estão se reunindo por fim ao rebanho d'hum só pastor, convencidos que na Igreja catholica só se pode achar a preciosa *margarita* que procurão, a verdadeira fé. Milhares delles estão neste momento imitando este nobre exemplo, e não ha huma cidade, huma villa ou huma aldeia, que não conte em seos limites pessoas convertidas á fé catholica, entretanto que as *defecções* são rarissimas. He digno de notar-se que se alguns tem abandonado a Religião catholica, jámais he por puros motivos. Elles achão seos principios e suas praticas muito custosas, e a sua separação do caminho da verdade he antes devida á paixões não refreadas do que á huma sincera mudança de fé religiosa: não sabem ou não querem saber que Deos tem dito, que ninguem he tentado sobre suas forças. Taes pessoas que abandonão a Religião catholica sedo ou tarde dão-se a excessos. Quanto são differentes destes, os convertidos ao Catholicismo! Sua obediencia a Igreja, seo

zelo pela gloria de Deos, pela propagação da sua santa fé e sua exemplar piedade, provao a sinceridade de sua conversão.

O vigoroso e prospero augmento da fé nos Estados Unidos apresenta saliente contraste, com a languida e moribunda condição do protestantismo, que não pode escapar ao mais indifferente observador.

(*Extr.*)

ASSOCIAÇÃO DE ORAÇÕES.

Os louvaveis esforços do irmão do conde Spencer pela conversão da Inglaterra merecem, que extrahiamos do Memorial Catholico para nossas paginas a seguinte noticia de suas missões.

Este ecclesiastico desde o dia em que Deos lhe fez a graça de o chamar ao numero dos filhos da santa Igreja, de quem elle se fez ministro, devotou-se inteiramente á causa da Religião. Percorreo a Inglaterra pregando a verdade que tinha abraçado; veio depois a França em 1833; reunio os fieis da capital e os convidou para que unidos em orações, arrancassem a Inglaterra do erro: que seria para a França huma gloriosa victoria o submetter sua orgulhosa rival á Religião catholica, sem usar d'outras armas que a oração. Este pensamento foi accolhido com ardor e felicidade.

Depois de ter visitado a França o padre Georges Spencer foi percorrer a Irlanda. Tinha hesitado por muito tempo de sollicitar a caridade dos irlandezes em favor da Inglaterra contra a qual este bom povo nutria profundos resentimentos. Mas logo o corajoso missionario teve occasião de se convencer, que os

odios da Irlanda não tinhão suffocado os sentimentos que a Religião ordena para com os mesmos inimigos. Elle foi recebido com enthusiasmo. As populações corriao em multidão para ouvir as palavras de paz que lhes trazia o Apostolo da Inglaterra. Formárão-se associações, e desde esta epoca a Irlanda não cessa de orar pela conversão da Inglaterra.

O padre Spencer deixou a Irlanda levando comsigo a satisfacção do bem que tinha feito, e no anno de 1844 levou seo zelo a Allemanha. Visitou muitas provincias desta parte da Europa, supplicando os catholicos de ajuntarem suas orações as dos numerosos fieis que já tinhão entrado na santa união, na gloriosa cruzada, que elle tinha organisado. A França, a Irlanda, a Allemanha catholica correspondem dignamente a este chamamento.

Não nos esquecemos da Belgica. O Apostolo da Gra-Bretanha apparece neste paiz em huma das reuniões que celebravão os Bispos belgas, e orou a estes prelados de propôr aos catholicos belgas o recommendar a Deos a obra da conversão da Inglaterra. Os bispos ouvirão as tocantes instancias deste digno sacerdote e concederão a huma oração que elle tinha composto huma indulgencia de 40 dias.

O infatigavel missionario, antes de voltar á sua patria foi postrar-se ao pé do altar consagrado a Maria na igreja de Nossa Sra. das Victorias em Paris, para agradecer tantos successos, e pedir-lhe de apresentar a seo Filho as orações da associação pela conversão da Inglaterra.

Entretanto que esta santa cruzada desenvolve o zelo da salvação e caridade, os homens do partido mais adiantado, na Igreja anglicana, aquelles que

são menos apartados de Roma, se regozijão de que tenhão irmãos que orem por elles, e se unem com toda a sua sua alma a suas piedosas orações. Os anglicanos que procurão catholisar sua igreja mantendo o que ella he, não querem ouvir o que os bispos francezes tem publicado, e ordenado, a celebração de Missas, novenas, e orações pela conversão de sua Igreja á unidade. Os Puseystas guardão silencio absoluto sobre hum acontecimento de que elles parecem temer o resultado.

As orações devem inflammar o ardor na proporção do successo com que são coroadas: a Inglaterra catholica pede as nossas orações. « Que catholico, exclama hum seo illustre prelado, poderá recusar-lhe suas orações, que filho da Igreja não se julgará feliz por soccorrer as almas mettidas na luta terrivel das incertezas? »; Ah! Oremos pois; e este acto de caridade da nossa parte animará suas esperanças; oremos por que nada resiste á oração. Nós temos a garantia nas palavras de Nosso Senhor mesmo, que prometteo nos o que lhe pedissemos.

Vida dos sete machabeos, e de sua mãi.

Martyres da antiga lei.

Os sete irmãos, chamados Machabeos, erão recommendaveis pelo seo inviolavel amor a lei de Moyses, e santidade em que viviao; disposições muito proprias para obterem a palma do martyrio n'huma perseguição tal, como a que aos Judeos fez em seo tempo Antiocho, rei de Syria, cognominado o Epiphanio.

Tinha voltado o povo Hebreo do seo captiveiro em Babylonia, no anno em que Cyro principiou a reinar, e segundo a licença, que deste rei alcançarão, constituirão-se *em corpo de republica*, para governar-se por suas proprias leis, e seguir livremente a observancia da sua religião. A estes favores, acrescentou outros mais extensos privilegios, o successor de Cyro, Artaxerxes-Longimanus, deixando-o todavia, em certo modo, sujeito á dominação da Persia, cujo destino seguirão os judeos, na conquista de Alexandre o Grande, já no governo dos Seleucides, reis da Syria.

Antiocho 3.º, e sexto rei desta raça, cognominado *o Grande*, pelas conquistas que fez na Asia menor, e por ter sujeitado ao seo dominio a Media, e a Persia, que pouco depois voltárao ao jugo dos Parthos, soffreo posteriormente as mais terriveis desgraças, sobre tudo na guerra que sustentou contra os Romanos, na qual perdeo todo o estado que possuia ao occidente do Monte-Taurus, vendo-se, alem disso, obrigado a entregar-lhes as suas galeras, e elephantes, pagar-lhes doze annos consecutivos mil talentos, cento e quarenta mil alqueires de trigo, e a mandar vinte refens para Roma, hum dos quaes era seo proprio filho.

Reduzido a tal extremidade, vendo-se absolutamente sem dinheiro, pôz-se em marcha com as suas tropas em direcção a Elymaida, provincia da Persia, situada entre a Media, e o golfo Persico, a qual desde a morte de Alexandre, se governava com seos proprios reis; atacou o templo de Jupiter Bellus, e roubou as riquezas, que alli se achavão em grande quantidade. Nao lhe succedeo porem como cuidava;

por que os povos da provincia armárão-se, forão á traz delle, derão-lhe batalha, e o matarão.

Tinhão os judeos feito grandes serviços a este príncipe, e a seos predecessores: quando os Galatos atacárão Babylonia com cento e vinte mil homens, contra os quaes nem Syrios, nem Macedonios se atreverão a combatter, seis mil só dos judeos, com o auxilio do Céo, exterminárão este exercito formidavel, e em recompensa daquella acção, lhes concedeo o rei da Syria grandes privilegios.

Seleuco 3.°, filho, e successor de Antiocho o Grande, ainda conservou algum tempo a mesma gratidão de seo pai para com os judeos, os quaes gosavão naquella época tal consideração, que muitos principes, e potentados, procurarão a sua amizade, e mandavão magnificos presentes ao templo de Jerusalem; o proprio Seleuco dava á sua custa quanto era necessario para sustentar a casa do Senhor.

Profunda paz reinava em toda a Judéa, e se observava exactamente a religião, governando o grande sacerdote Onias 3.°, até que entre este, e Simão, homem poderoso da tribu de Benjamin, se suscitarão desavenças taes, que derão origem as maiores desgraças da nação.

Para vingar-se do grande sacerdote, sem attender o mal que fazia a todo o povo, resolveo Simão ir denunciar os thesouros do templo, a Apolonio, que então governava por Seleuco, as provincias da Celecyria, e Judéa, e lhe representou, que seria de grande proveito para o rei, tomar posse daquelles riquezas. Não tardou o governador em participar a Seleuco esta denuncia; e como o principe estava em aperto, sem saber donde lhe viria o dinheiro que

precisava para satisfazer o tributo imposto pelos Romanos a seo pai, ficou satisfeitissimo, e mandou ordem a Heliodoro, para espolear o templo, e remetter todas as preciosidades a Antiochia.

Apenas Heliodoro chegou a Jerusalem, informou logo Onias do motivo que alli o trazia. Em vão Onias lhe representou, que no templo só existião os objectos consagrados ao Senhor, e os bens de viuvas e orphaos, que os haviao lá em deposito. Heliodoro, sem fazer conta destes argumentos, entrou no templo acompanhado por gente armada, para executar a ordem do rei; mas estando em acção de arrebatar os thesouros, appareceo-lhe hum cavalleiro coberto com as armas de ouro, que arremettendo a elle, o atropellou com as patas dianteiras do seo cavallo; isto, em quanto dous formosos mancebos, vestidos ricamente, e radiantes de gloria, cada hum de seo lado, o fustigavão rijamente, até o lançarão por terra, meio morto, com grande terror dos assistentes, que o levarão d'alli n'huma cadeira, desacordado; e só tornou a si, depois que Onias orou ao Senhor, e offereceu por elle hum sacrificio. Quando Heliodoro se achou melhor, voltou sem demora para Antiochia, e contando fielmente a Seleuco o que lhe tinha succedido, terminou dizendo: « Se tendes, Se-« nhor, algum inimigo, de quem dezejeis vingar-« vos, mandai-o com semelhante commissão ao tem-« plo de Jesuralem, e vereis como elle volta, « se voltar, contuso, e flagellado; affirmo-vos, que « ha de certo naquella casa huma virtude verdadeira-« mente divina, que a protege. »

Porem já Deos preparava o castigo daquelle sacri-

legio pela propria mão d'aquelle que Seleuco tinha feito instrumento da sua impia cobiça.

Havendo este principe enviado a Roma seo filho Demetrio, que tinha apenas dez annos, para ficar retido como refens, em lugar de Antiocho, seo irmão, o qual Seleuco desejava que viesse para sua companhia, aproveitou-se Heliodoro do intervallo em que os dois herdeiros da corôa estavão ausentes, para envenenar o rei, e usurpar o throno. Voltando o joven Antiocho de Roma, achou esta noticia quando entrou em Athenas. Recorreo a Eumenes rei de Pergamo, e a seo irmão, Attalo, os quaes o levárão com hum poderoso exercito á Syria, expulsárão a Heliodoro, e lhe derão posse dos estados que lhe pertencião como herdeiro de seo pai.

No principio do seo reinado, tomou Antiocho o titulo de *Epiphanes*, ou illustre; porem mais lhe convinha o que Daniel, quasi desde o seo nascimento, lhe havia posto, *despresivel*. Segundo refere Diodoro de Sicilia, aquelle principe, sahia muitas vezes pelas ruas de Antiochia, acompanhado por grando numero de moços libertinos, embriagava-se na sociedade, e com a gente mais vil do povo, praticava mil extravagancias, sem respeito a dignidade, e caracter do seo estado, juntando á devacidão e bebedeira, louca prodigalidade, e mil despesas superfluas, ou ridiculas, que lhe absorvião todos os seos rendimentos.

pagina 86 (*Continua.*)

A COMPAIXÃO TARDIA.

Quem quizer ter hum caracter bem assignalado, e digno de condecorar-se com o nome de virtude, não se ha de contentar, que a sua sensibilidade se amolgue com as impressoes momentaneas, que recebe, nem de remediar sómente as miserias, cuja vista se lhe imprime n'alma; antes cumpre que sáia ao encontro dos trabalhos, que os adivinhe, e que, n'huma palavra, tenha os agudos olhos do linco, como os genios originaes, a quem n'hum volver de olhos não escapa hum só objecto, parecendo abranger no mesmo ponto, bem como a Divindade, o passado, o presente, e o futuro. Mas onde estao essas almas intelligentes, activas, e promptas a deixarem-se entrar dos desejos de fazer bem? Em vez destas, apenas se encontra hum rebanho de bemfeitores mal entendidos, ou preguiçosos, que, passado o primeiro toque da compaixao, recaem na inercia pouco differentes dos coraçoes frios, e malfasejos: a sensibilidade dos quaes vem a ser antes huma fraqueza, do que essa mais nobre, e a mais energica das qualidades, com que a nossa natureza se pode ensoberbecer.

Desta compaixão deleixada pois, que não pouco dista da crueza, vamos agora referir n'hum exemplo, e praza a Deos que sirva de lição fructuosa, que estreite as raias das calamidades humanas.

Certa mulher pobre, e carregada de filhos, a hum dos quaes mamentava ainda a seos peitos, vendo-se falta de tudo, até de esperanças, e definhada de fome, foi-se a huma loge de mercearia, e representando sua horrivel miseria a mulher do *mercieiro*, que

andava fora de casa, dizia-lhe com as lagrimas nos olhos, não vos occultarei, senhora, que absolutamente não posso pagar-vos huma pouca de farinha de aveia, que vos venho pedir para matar a fome: mas aqui trago penhores, que com toda a brevidade virei resgatar. E logo descobrindo algumas camisas, meias, e hum par de sapatos, cuja privação lhe fazia mais penosa a sua indigencia, não lhos quiz a mercieira acceitar por prenda, dizendo que não costumava emprestar sobre penhores, e menos ainda onzenar. E proseguindo em declamar largamente contra os usureiros, *graças a Deos*, dizia, *que nunca cahi em semelhantes vilhanias*; mas com quanto parecia neste dizer glorificar-se de sua officiosidade, nem por isso persistio menos em desatender as supplicas mais urgentes da pobresinha, que se sahio de sua casa, sem poder haver della huma mancheia de farinha.

A' noite recolhendo-se o mercieiro para casa cansado deitou-se na cama, e vendo a mulher pensativa, perguntou-lhe que tens tu, Suzana? Nada, respondeo ella, e elle proseguio, nada!... mas tu não estás no teo ordinario socego; tu tens, alguma cousa.... dissimulas? Ora pois, eu te direi, replicou a mulher, não sei por que sinto huma especie de remorso. Tu conheces a viuva ...? Pois ella veio pedir-me huma pouca de farinha de aveia, e como não trazia dinheiro, offerecia em penhor huns fatinhos, e já sabes, que eu sou mui contraria de acceitar taes prendas. E tu não lhe deste, replicou o marido, o que ella te pedia? Pois querias, accodio ella, que recebesse trapos? Não guardei a nossa fazenda? Mas fôra melhor, tornou o marido, recebê-

los, e remedia-la; depois lhos restituiriamos. He verdade, continuou a mercieira, que me pesa de o não haver assim feito: a pobre! Está tão necessitada! Quanto mais considero.... Mas, replicou o marido tocado já da compaixão, não devêras reflectir; antes sim dar-lhe logo... o que por humanidade se lhe devia. Pobre infeliz! Tu tens filhos; e podeste de deixar de soccorrer a huma mai?

E sobre isto, erguendo-se logo da cama, vai correndo ao armazem, toma huma quarta de farinha, e chegando com igual pressa á porta da viuva, bateo impaciente, dizendo abri, abri, que vos trago.... Nisto abrio huma pequeno, o qual chorando levou-o ao meio da casa, e lhe disse, acolá está mamai que já não nos diz nada. Com effeito a pobre estava rodeada dos mais filhinhos, e já em termos de não tornar a responder aos gritos das creaturinhas, que lhe pediao pão, em fim morta no chão parece que de não poder ter-se á sua cruel desgraça: e todavia inda entre os braços o mais pequenino, que amamentava, o qual procurava debalde algum alimento naquelles peitos murrados de fome. Que espectaculo! O mercieiro ficou como morto, de sorte que apenas teve forças para se arrojar a sua casa, onde chegando disse á mulher: Ah! malaventurada, que fizeste? Tua crueza será talvez causa de perecer toda huma familia; nunca, nunca te heide perdoar esta; e tu, tu mesma terás por isso perpetuos remorsos. Sim, e crême o que te digo; ninguem erra impunemente á natureza, e á humanidade.

MAGNIFICAT ANIMA MEA DOMINUM ETC.

Ao Senhor a minha alma glorifica:
E em Deos meo Salvador
Meo espirito em gosto absorto fica.
De sua serva olhou para a humildade,
E de hoje para sempre
Feliz me chamarão em toda a idade.
Por ver que aquelle cujo Nome he santo
E he Todo Poderoso,
Acções obrou em mim dignas d'espanto;
E que de descendencia em descendencia,
A' todos os que temem,
Se ha de perpetuar sua clemencia.
Movêo seo braço com poder violento,
Destruio nos soberbos
As ideas do vago pensamento.
Dos solios em que estavão levantados
Tirou os poderosos:
E deixou os humildes exaltados.
Aos que estavão famintos cóm grandeza
Encheo de muitos bens,
E reduzio os ricos á pobreza.
E da misericordia bem lembrado,
Na sua protecção
Tomou a Israel seo povo amado;
Assim jurou aos nossos ascendentes,
E aos seculos futuros,
Ao Pai Abrão, e delle aos descendentes.
Gloria ao Padre etc.

O relogio solar ignora a hora, que nos mostra: assim o velho, com as suas enfermidades, mostra aos outros todos, menos a si, que hora he do dia da sua vida. Cahio hum varão, célebre entre os modernos, em demencia, sendo já idoso, e quando passava por algum espelho, dizia em tom de compaixão; « Pobre velho! » Nao sabia que era elle mesmo a quem via. Esta he a nossa historia.

MARIANNA: 1847. NA TYP. EPISC. Rua d'Olaria n.º 54.

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.º 1.º DE FEVEREIRO DE 1847. N.º 15.

DA AUTHORIDADE DOS EVANGELHOS.

Já, Senhores, em tres dos nossos discursos(*) apresentamos Moysês, como o mais antigo dos historiadores, o mais sublime dos philosophos e o mais sabio dos legisladores; nelle reconhecemos o enviado do Ceo, e o fundador de hum povo destinado pela Providencia, para conservar o deposito das verdades sagradas, no meio das trevas e da corrupção universal do genero humano. Se entrasse em nosso plano desenvolver o sentido das figuras, do culto e dos oráculos da Antiga lei, vereis mais que nunca ser ella apenas o emblema e o preludio da lei mais perfeita, que governa o mundo christão, e da que presentemente nos propomos intreter-vos. Até aqui estivemos no vestibulo do Templo; he occasião de franquearmos as suas portas, e de caminharmos para o santuario. Passamos por tanto, Senhores, a chamar hoje a vossa attenção sobre o que nelle ha mais veneravel, e mais sagrado para o Christão, e podemos tambem dizer, mais digno das homenagens de todo o homem, que sem ter a ventura de professar o Christianismo, não he in-

(*) Frayssinous, tom. 2.º

sensivel aos encantos d'huma moral pura, nem ao heroismo da virtude; passamos a fallar-vos de Jesus Christo, e dos nossos Evangelhos, que não são outra cousa mais, do que a narração das suas obras, e dos seos discursos, n'huma palavra a historia da sua vida mortal. Aos olhos do christão, Jesus Christo he a luz do mundo pela sua doutrina, assim como o seo exemplar pelas suas virtudes, e os Evangelhos são o Codigo sagrado, e a regra inviolavel da sua fé, da sua moral e do seo culto. Mas aquillo, que o christão adora e venera, não he muitas vezes para o incredulo mais que hum objecto de irrisão, e despreso, e talvez mesmo de entranhado odio, e he desde a origem do Christianismo, que Jesus Christo com a sua cruz e os seos mysterios, e que o Evangelho com os seos preceitos, provocárão o orgulho do espirito, e a corrupção das vontades, sublevárão todos os prejuizos e todas as paixões do genero humano. Nas primeiras idades da Igreja christã a obstinação do Judeo carnal e grosseiro, o amor da idolatria a hum culto facil e deleitoso, o orgulho desdenhoso dos sophistas, a politica receosa e sanguinaria dos Cézares, e a superstição assustada dos sacerdotes dos falsos deoses, forão os inimigos, que a Religião teve a combater. Nas idades seguintes, desde que ella triumphou com *Constantino*, o orgulho e a sensualidade lhe suscitarão inimigos, até entre os seos filhos. O innovador perverteo a sua doutrina, o indifferente a desterrou das suas idéas, o incredulo fez della objecto dos seos motejos, e o libertino, que em nossos livros sagrados lia a sua condemnação, desejaria em sua colera despedaçar as suas paginas. Com tudo, ha dezesete seculos a esta

parte, o nome de Jesus Christo era venerado sobre a terra por aquelles mesmos, que não erão seos discipulos; pelo menos viáo nelle huma personagem extraordinaria, digna das homenagens dos povos pelas suas virtudes, e no seo Evangelho hum livro admiravel pela simplicidade, luz, e perfeição das suas *maximas;* ninguem, nem mesmo *Mahomet*, deixou de fallar d'Elle em termos e sentimentos da mais profunda veneração. Estava reservado para os desgraçados dias do ultimo seculo produzir christãos apostatas, que indignamente adulterárão os nossos livros sagrados, contestarão a sua antiguidade, e vomitarão contra a mesma pessoa de Jesus Christo os insultos mais brutaes e abjectos, e tiverão tal perturbação de entendimento, que acabárão pondo em problema até a sua existencia. Para despertar sobre todos estes pontos a nossa crença, e para vingala dos ataques dos seos inimigos, destinaremos muitos discursos. Começaremos por discutir, a respeito da authoridade dos Evangelhos, as tres questões seguintes: Appareceo Jesus Christo em a Judéa na epoca marcada pelos nossos Evangelhos? Primeira questão. Forão os nossos Evangelhos verdadeiramente escriptos pelos auctores contemporaneos, de quem trazem o nome, por *S. Matheus*, *S. Marcos*, *S. Lucas*, e *S. João*? Segunda questão. Chegarão esses Evangelhos até nós, sem alguma alteração notavel na mesma essencia das cousas? Terceira questão. Tal he o plano e a divisão deste primeiro discurso sobre a authoridade dos Evangelhos.

Que appareceo na Judéa ha dezoito seculos huma personagem extraordinaria, chamada Jesus de Nazareth, notavel pela santidade da sua doutrina, mais

notavel ainda pela santidade da sua vida; e a quem o odio dos Judeos fez morrer sobre huma cruz no reinado do imperador Tiberio, he hum facto attestado pela crença mais antiga, a mais constante e a mais universal; por huma serie não interrompida de testimunhos escriptos, que se succedem, e mutuamente se sustentão desde o principio; e pela mesma authoridade dos mais obstinados inimigos do nome christão, quero dizer, os Judeos e os pagãos. Por isso a existencia real de Jesus na epoca, em que a colloca a historia evangelica, acha se mais perfeitamente provada, do que a existencia d'alguma das mais celebres personagens da antiguidade, taes como Socrates, Alexandre, e Cesar, das quaes ninguem duvida, e não ver em Jesus mais que hum sêr fabuloso, não sómente seria o cumulo da impiedade aos olhos do christão, mas o da demencia aos olhos do homem sensato.

Com tudo, se alguns espiritos loucamente temerarios, se atrevessem por huma audacia mais que humana a derramar neste ponto as trevas do seo scepticismo, nós entrariamos em algumas particularidades, para melhor os confundir; fariamos ver, invocando os mais irrecusaveis testimunhos, quanto a fé publica do universo inteiro os esmaga. Naçoes christas, nação judaica, naçoes pagas, tudo na verdade se acha de acordo para attestar unanimemente a existencia de Jesus no principio da era vulgar.

Digo, Naçoes Christas. Ninguem certamente ignora, que em todas as idades os povos christaos fizerão profissão de venerar a Jesus, como seo fundador. Ha dezoito seculos, que a Religião christã se professa sobre a terra; antes dessa epoca ella não

existia; o mesmo nome —*Christão*— não era conhecido; essa Religiao teve seos principios e seo author; logo, remontando de seculo em seculo até ao seo berço, he impossivel não ir dar com Jesus Christo. Só o appellido de christão attesta a nossa origem, por que christao quer dizer seguidor de Christo. Começando pelo primeiro seculo da nossa era, não temos nós huma collecçao d'obras, cuja antiguidade he geralmente reconhecida, e que sem cessar nos conduzem a Jesus Christo? E todas as partes, de que a Religião se compõe, os nossos mysterios, o nosso culto, as nossas solemnidades, nao vão reflectir na pedra fundamental do edificio, que he Jesus Christo? Nós temos em nosso poder os quatro Evangelhos, o livro dos Actos, as Epistolas de S. Paulo, e outros muitos escriptos, cuja collecção compõe o novo Testamento. Não examino agora se todas essas obras são realmente daquelles, a quem se attribuem; mas sempre somos forçados a confessar, que dão da origem do Christianismo, e que forao compostas por alguns dos primeiros seguidores de Christo: ora, todos esses escriptos nos fallao de Jesus Christo, da sua vida, das suas acçoes, dos seos discursos, e da sua morte d'huma maneira tão positiva, e tao circunstanciada, que basta lê-los para conhecer, quanto seria extravagante pensar, que tudo isso era puramente allegorico. Temos tambem em nosso poder muitos escriptos do primeiro seculo da Igreja christa, as Epistolas de S. Clemente de Roma, de Santo Ignacio, bispo de Antiochia, de S. Polycarpo, bispo de Smyrna e discipulo do Apostolo S. João. Nao examino, o que se deve pensar do fundamento da doutrina ensinada e dos factos particulares, que se referem nes-

sas Epistolas; mas sempre he verdade, que ellas sahirão das mãos dos mais antigos seguidores do Christo, e que todas o apresentão, como o proprio Fundador da nossa Religião. Seria facil demonstrar, que essa collecção de testimunhos se continúa no segundo seculo por S. Justino, Tertuliano, e Clemente de Alexandria; esses homens superiores em talentos e sciencia, os quaes do seio do paganismo, em que nascerão, havião passado para o do Christianismo. Fazei desaparecer Jesus Christo, e tudo desaba na Religião christã; com Elle tudo se explica, e se encadêa. Todas as historias, todos os monumentos, todas as tradiçoes, todas as crenças, e todas as solemnidades religiosas dos povos christãos, repito, tudo se eleva a Jesus Christo; e não o reconhecer por Author da nossa santa Religião seria mais absurdo mil vezes, do que não reconhecer a Mahomet por author da superstição, que tem o seo nome.

Conheço, que por aproximações extravagantes e forçadas, textos troncados, supposições arbitrarias e reticencias affectadas, que se assemelhão à mentira, tudo se pode escurecer; e de erro em erro, e de chimera em chimera, chegar até dizer, que os christãos não conhecerão até agora a sua Religião, e que os primeiros seguidores do Christianismo não pertendião adorar em Jesus Christo mais que o sol. Mas conheço tambem, que com semelhante modo de proceder não ha loucura, que se não possa divulgar. Que! Senhores, infames sectarios do terceiro seculo, chamados manicheos, fazendo huma monstruosa mistura do Christianismo e da idolatria, confundirão em seo culto insensato a Christo com o sol; vis calumniadores accusarão os christãos de adorar o sol,

por que se reunião para os exercicios do seo culto no mesmo dia, que os Latinos chamavão dia do sol, como erão tambem accusados de se alimentarem nos seos occultos mysterios com a carne de hum menino, por que nelles recebião a Divina Eucharistia; engenhos singulares notárão alguma fraca analogia entre certos pontos dos mysterios de Christo e algumas constellações, e desde logo a mais antiga, a mais invariavel e universal crença do mundo christão em nenhuma conta será tida! Os nossos monumentos historicos, que remontão de idade em idade ao proprio berço do Christianismo, deverão desapparecer diante das mais loucas imaginações! E Jesus Christo não será mais que o sol; e os Apostolos, que fundárão a sua Religião sómente serão os signos do zodiaco! Houve já hum excesso mais digno de lastimar-se? Por consequencia, os primeiros propagadores do Christianismo, que propunhão para exemplo dos povos a caridade, a doçura, a paciencia, e a santidade de Jesus Christo, não pertendião pregar, se não as virtudes do sol! Por tanto esses Martyres generosos, que davão o seo sangue pela fé de Jesus Christo, morrião pelo amor do sol! Assim esses Pastores, esses Doutores, e esses Apologistas, que combatião a idolatria, que ensinavão a unidade de hum Deos Creador do sol e dos astros, e que rejeitavão como impia toda a homenagem, que se não endereçasse a esse Deos unico, trabalhavão não obstante, e se expunhão a morte para estabelecer o culto idolatrico do sol! E vos tambem, o grande Paulo, quando nessas Epistolas, que dirigieis ás mais florentes cidades do imperio Romano, pregaveis com tanto zelo a Jesus Christo morrendo sobre a cruz, pela salvação do mun-

do, sómente pretendieis pregar a religião do sol! O' vergonha! O' delirio da razão humana! Choremos sobre esses enormes extravios; mas não deveremos antes felicitar o Christianismo, por se acharem presentemente reduzidos os seos inimigos a ataca-lo com as mais extravagantes puerilidades?

Invoquei em segundo lugar o testemunho da nação Judaica. Todos sabem, que desde as primeiras idades (então principalmente) do Christianismo se levantárão fortissimas disputas entre os judeos e os christãos: mas nunca se ouvio, que os primeiros contestassem jámais o proprio facto da existencia de Jesus. Elles podérão na verdade tracta-lo como magico, calumnia-lo, e enche-lo de injurias; mas nisso párão os seos insultos, e estes mesmos supõem a sua existencia. Vede tambem, como os seos monumentos concordão em attesta-la. Que grande prova não he o celebre *Josepho*, author contemporaneo? Consinto em me não aproveitar d'huma passagem desse historiador, a qual tao celebre se tornou por causa das disputas dos criticos modernos; mas ha huma, tirada das suas *Antiguidades Judaicas* (1), que ninguem poderia certamente contestar, e que basta para o designio, que temos, de estabelecer a real existencia de Jesus. *Josepho* ahi nos ensina, que o summo sacérdote *Anano* convocou hum conselho, perante o qual citou a Tiago, irmão (2) de Jesus chamado Christo, assim como alguns outros; e que os fez

(1) Liv. XX, cap. IX, n. 1.

(2) Os judeos chamavão *irmãos* aos primos filhos de irmãos e outros proximos parentes. Disto poderiamos citar exemplo se fosse necessario; mas todos os interpretes da Escriptura concordão neste ponto.

condemnar a serem apedrejados, como criminosos de terem violado e transgredido a lei. Dirão, que Tiago citado perante o tribunal dos judeos, era huma constellação parenta do sol? ! No systema, que combato, tudo he grosseiramente absurdo. He claro pelo Talmud, obra que data do segundo seculo, que os Judeos continuárão contra Jesus Christo as accusações de seos pais; e tambem o he, que elles nunca se lembrárão de contestar a sua existencia. As tradições sobre este ponto, tão facil de conhecer, erao mui constantes e uniformes.

Que direi das nações pagãs? Escutai os seos escriptores mais proximos da origem das cousas: a *Tacito*, que nos seos annaes (3) vos diz, que o nome de christão vem de Christo, o qual no reinado de *Tiberio* sendo *Poncio Pilatos* governador da Judéa, foi condemnado ao supplicio: a *Plinio* o Moço, que na sua epistola a Trajano o informa do costume que tinhão os christãos de se ajuntarem em hum dia marcado para entoar canticos em honra de Christo: a *Luciano* de Samothrecia, que appareceo no tempo de *Trajano*, que na sua historia da morte d'hum philosopho chamado *Peregrino* nos diz, que este ultimo aprendéra na Judéa a doutrina dos christãos, accrescentando por mofa: « Essa gente adorão esse grande homem, que foi crucificado na Palestina, por ser o primeiro, que ensinou aos homens esta religião » A *Lampridio*, o qual na vida do imperador *Alexandre-Severo* nos ensina, que este principe costumava todas as manhãs honrar a Christo, e que tambem quizera edificar-lhe hum tumulo: finalmente a

(3) Annal. lib. XV. cap. XIV.

Celso, inimigo astuto dos christãos e versado nas sciencias; a *Porphirio*, philosopho habil, segundo o juizo de St. *Agostinho*; a *Juliano*, cujo talento e cuja malicia todo o mundo conhece; e a *Hierocles*, magistrado pagão, do qual temos noticia por *Euzebio*. Todos sabem, que estes quatro ultimos empregárão contra a Religião christã, todo o seo vigor e talento; mas nunca se lembrárão de atacar o proprio facto da existencia de Jesus Christo na Judéa, e sobre a sua qualidade de Fundador do Christianismo. Que imprudencia, e que falta de logica não seria a de pôr em parallelo com este irresistivel aggregado de provas historicas algumas tradiçoes populares sobre certas personagens da fabula; tradiçoes, que nem tem ordem, nem ligaçao, nem fundamento no testimunho dos authores contemporaneos, ou na convicçao dos homens sabios? Seria comparar as trevas á luz, pertender, que nenhuma historia he verdadeira, por que existem narraçoes fabulosas. Na verdade todos os factos da antiguidade poderiao contestar-se com fundamento, se aquelle, que agora estabelecemos, não permanecesse inabalavel. Mas para que nos detemos em pròvar, o que he mais luminoso que o sol? Quiz-se pois bannir em certo modo da sociedade christa a Jesus Christo seo Fundador, assim como se quereria desterrar do Universo o grande Deos, que o ereou. Os erros sustentao-se como as verdades; huma vez que se cahe nas trevas do atheismo, a intelligencia se escurece, o gosto da verdade se extingue, pouco a pouco se familiarizão com o que ha mais extravagante, e o espirito perde, sem o sentir, todo o pudor; despresando até os atavios da impostura, acaba-se por divulgar sem

alguma circunspecção, e quasi sem se perceber, os mais imprudentes erros: e os desgraçados, que chegão a este grão de cynismo, são os unicos, que se não envergonhão da sua monstruosa singularidade!

(*Continúa.*) pagina 9

EDUCAÇÃO DA CONSCIENCIA.

(*Continuado do n.º antecedente.*)

»A maior parte dos homens prostra-se e queima seo incenso a este Baal, o successo proprio, o egoismo; poucos adoradores do verdadeiro Deos gemem ou se indignão desta immolaçao do direito ao facto. O egoismo, Senhores, tem sido huma das grandes tentaçoes da natureza humana; mas era em outro tempo a tentaçao dos individuos, e nao a tendencia geral d'huma sociedade levada como em massa por uma força de inevitavel dissolução. Hoje pelo contrario, este egoismo hediondo tende naturalizar-se nos costumes publicos; domina as questoes mais altas, nos interesses mais universaes, nas operaçoes mais decisivas para o futuro do paiz. Aquelles mesmos que o estigmatisão em direito sao muitas vezes os que o consagrao por factos estreptosos. A França que com populaçoes conscienciosas deveria achar nas suas instituiçoes tranquilidade e segurança, entretanto recebe do movimento destas instituiçoes os choques mais fortes, e por esta via principalmente o veneno do egoismo circula em todas suas veias; e segundo a expressão da Escriptura, a faz paciente e enferma desde a cabeça até a extremidade dos membros.

Senhores, não abusaremos da triste vantagem que nos dá, nas nossas opiniões conhecidas, este lamentavel estado dos povos; não procuraremos saber se esta depravação profunda da geração, que reina hoje nas sociedades e nas familias será o simples desenvolvimento dos germens depostos na educação que receberão; mas diremos em geral, e repellindo a idea de toda a applicação particular, que huma educação onde os interesses da consciencia não occupassem o primeiro lugar, onde as qualidades que brilhão e que lisongeião fossem exclusivamente apreciadas, attendidas e recompensadas, e onde as virtudes que moralisão tivessem o desdem e o esquecimento, disfarçados tal vez por elogios aparatosos e solicitudes d'encommenda, diremos, huma tal educação, sendo geral no povo, produziria huma sociedade onde não haveria nem pejo nem remorsos, por que não haveria nem principios nem consciencias.

A nossa convicção he tão profunda de ser esta huma necessidade imperiosa para a sociedade, que esforçar-nos-hemos para fazer prevalecer esta verdade aonde quer que possa chegar a nossa influencia.

O nosso grande respeito e amor pelas sciencias, letras, e artes desapparecem aos nossos olhos, comparados com o interesse dos costumes e o preço da virtude. Nenhum sacrificio nos custa para purificar e preservar as consciencias.

Muitas vezes nas nossas casas os mais brilhantes sujeitos são ao mesmo tempo os mais virtuosos, por que nada he mais favoravel as luzes da intelligencia do que a paz d'huma alma candida. Mas se alguma vez acontece que hum joven superior em seos estudos não o seja na sua conducta; si fiel a todas pers-

cripções da disciplina geral, dê nos seos actos privados e nas suas relações secretas inquietações serias, e se apesar dos cuidados attenciosos, pacientes e paternaes, não volte ao amor practico e consciencioso da virtude, Senhores, a historia desta casa vos dirá que hum tal sujeito, fosse aliás hum prodigio, ou hum genio, não poderia ficar entre nós.

He isto, Senhores, hum sacrificio, e não he o unico que exige a educação das consciencias. Nada ha mais custoso, e nada há humanamente mais ingrato do que este ministerio.

Não queremos com isto diminuir o merecimento d'aquelles que estão encarregados da instrucção, quando principalmente temos a louvar o talento e zelo dos professores distinctos que nos cercão. Com tudo he necessario confessar, o professor dirigindo-se unicamente a intelligencia, outro cuidado não tem senão de fixar a attenção da mocidade curiosa á objectos que de si mesmos captivão-na. Sahindo da sua lição, entra no socego da vida privada ou nos gozos tranquillos de seos estudos solitarios. Mas o director cujo dever he velar na conducta, jámais se descansa do trabalho, por que a vigilancia que lhe he confiada he de todos os instantes. Nem as reuniões silenciosas do tempo dos estudos, nem as agitações necessarias das recreações ruidosas, nem os brinquedos dos longos passeios, nem as necessidades e os perigos do repouso das noites, nada deve escapar hum só instante a suas vistas e a sua solicitude.

Estes são deveres geraes; e cuidados geraes não bastão para a educação das consciencias; cada alumno necessita de attenções particulares e tratamento especial. Activar a indolencia d'huns, e moderar a

vivacidade d'outros; sensibilisar os indifferentes, e dar energia ás almas muito sensiveis, ganhar o respeito de todos e a confiança do cada hum por meios infinitamente variados, afim de poder dar às recommendações publicas, em consequencia de confidencias intimas, a efficacia de penetrar a alma sem intimidá-la, sem humilha-la, e de nella depôr o preservativo contra solicitações más da natureza ou do costume: Eis em parte os seos encargos.

Quem, Senhores, eu vos pergunto, quererá resignar-se, devotar-se, sugeitar-se não com palavras, porem de facto; não por hum dia, porem por todos os dias, á estas incriveis fadigas, se não quem conhecer, comprehender e sentir o preço das consciencias?

Este ministerio he tão ingrato como penoso. A par dos seos grandes deveres, nada se encontra que anime, nem da parte dos alumnos a quem he necessario contristar combatendo suas inclinações, nem da parte das familias que ordinariamente pouco intendem desta perfeição interior, nem da parte do mundo que nem cuida quanto custa conservar á hum coração tenro a sua innocencia.

Reconheçamos pois, Senhores, que sómente aos homens verdadeiramente conscienciosos se pode encarregar a educação das consciencias; e não são verdadeiramente conscienciosos se não os homens de fé, porque só a fé he que dá hum preço real e, segundo a expressão de S. Paulo, hum valor substancial aos bens invisiveis. O mundo só offerece bens exteriores, motivos exteriores, consideraçoes exteriores. Que fará pois o mestre em quem a fé não fôr firme, luminosa, dominante? Limitar-se-ha a regular o exterior; fará, como temos dito, não a educação, mas a

disciplina. Com rigor energia e habilidade a disciplina basta para dar hum aspecto grave que obtenha felicitações, vóga, e menções honrosas. Mas nós declaramos de novo, que não comprehendemos assim os deveres para com a mocidade.

Vos conheceis, Senhores, a definição do homem justo que mereceo ao poeta Eschyles os applausos de toda a assembléa atheniense « O justo quer sê-lo e não parecer. » He hum mesquinho merecimento para o christão attingir o sublime da moral paga; não queremos que os nossos alumnos pareção virtuosos, mas que o sejão, e não temos, Senhores, motivos infinitamente mais nobres que os do mundo para fundar a solida virtude? Sem duvida. A virtude interior e real, a virtude conscienciosa he a primeira necessidade, como o primeiro dever do homem, ainda considerado na sociedade: por que o virtuoso na apparencia traz huma guerra comsigo mesmo e com todos os homens.

A vida presente não encerra todos os nossos destinos, ella he a triste passagem para a nossa verdadeira vida, e somos, como diz a Escriptura, os filhos e herdeiros dos santos. A apparencia da virtude não faz santos, mas só a sua realidade.

Que ha pois extraordinario nos nossos principios absolutos pela educação das consciencias e da nossa invensivel repugnancia por todo systêma que estabeleça em outros principios a educação? Dir-se-ha que a nossa fé he vã, ou o nosso sacerdocio impostor? Não he a vida eterna o unico fim de todos os nossos trabalhos, e a salvação das almas o objecto continuo do nosso ministerio? E se poderá adquirir ou operar este bem supremo por outro meio que não seja

a pureza da consciencia? Os homens vem o exterior, mas Deos conhece o coração. Nos tambem, quanto he dado a fraqueza humana de obrar com o soccorro de Deos, sondamos os corações, cuidamos das almas, e nellas procuramos estabelecer o gosto, o habito, o imperio da virtude; e se, por excepçao, algum acto vicioso se commetta neste asylo da innocencia, encontrará instantaneamente e, para assim dizer, instintivamente, huma voz para o anathematisar, e huma força para repelli-lo.

Tem-se emprestado elogios a não sei que compromisso solidario, em virtude do qual os alumnos do mesmo estabelecimento promettem sustentarem-se por todos os meios. A isto tem-se chamado delicadeza e lealdade. Nós porem não tememos de dizer, que he huma immoralidade profunda, e huma casa de educação onde este pacto vigôra, he huma casa perdida.

Na verdade não se deve animar nem favorecer os delatores; antes convem habituar hum joven a julgar com indulgencia os erros dos seos condiscipulos. Mas isto não quer dizer, que elle deva, ou possa obrigar-se a achar bom tudo o que vir fazer, de tal sorte, que debaixo do nivel fatal d'huma cega solidariedade contemple-se com a mesma vista e cubra-se com o mesmo silencio a mentira e a franqueza, a revolta e a insubordinação, a depravação e a innocencia, o vicio e a virtude.

Nos absteremos, Senhores, de qualificar esta desordem com toda a severidade que ella merece; basta dizer que isto he não comprehender a educação.

Queremos que estes amados meninos não conheção outra amizade que aquella de que o amor de Deos,

he o principio, de que a lei de Deos he a regra, de que a uniao com Deos he o fim ultimo. Queremos que longe de se ligarem às pessoas até desconhecerem seos erros, elles se habituem pelo contrario a resistir a influencia dos máos exemplos, de qualquer parte que venhão, para que vendo depois o triste espectaculo do mundo, não se abalem pelos seos escandalos, não se deixem seduzir pelos seos discursos ou levar pela torrente de seos costumes.

He necessario pois que elles tenhão em si mesmos hum poderoso contrapeso a esta violencia terrivel; he necessario fazer o amor do dever mais efficaz do que todos os attractivos do prazer e todas as sollicitaçoes do interesse humano.

Mas, Senhores, basta que a luz divina os esclareça, basta ter consciencia verdadeiramente christã para desapparecerem todos os respeitos dos homens e todas as consideraçoes da natureza. He isto, meos meninos, o que pedimos ardentemente para vós ao Author de todo o bem. Vós entrareis sem duvida, quasi todos, nesta santa milicia, cuja função principal he combater os inimigos da consciencia; mas em qualquer parte que a Providencia vos colloque, sacerdotes ou leigos, homens publicos ou simples cidadaos, sede, não no exterior, mas no fundo da alma, sincera e lealmente homens de consciencia. Vossa salvação eterna o requer assim, vossa felicidade e vossa gloria mesmo para o mundo o demandao igualmente.

Ouvi entretanto: experimentareis combates para não permanecerdes inteiramente fieis á vossa consciencia; por que muitas vezes o triumpho he o preço da fraude, e a iniquidade occulta-se na apparencia de paz. Se conservardes porem fielmente osprincipios e os cos-

tumes de vossa educação christã, preferireis a segurança continua de huma consciencia incorruptivel com as suas doçuras incomparaveis, á estes successos vergonhosos, á esses triumphos criminosos, á essa paz mentirosa.

He este, meos meninos, o primeiro dos bens que nos esforçamos para segurar-vos, e se formos felizes de communica-lo a todos, e derramar no seio do mundo corrupto tantos homens de consciencia quantos educandos tivermos, cremos ter feito alguma cousa para bem da Religião; e cremos tambem, cremos firmemente ter feito da nossa parte o maior bem possivel á patria. »

pagina - 129

Resumo historico dos acontecimentos mais notaveis do setimo e oitavo seculo da igreja.

No começo do 7.° seculo Deos, por justo effeito da sua colera, permittio que a Igreja d'Oriente, que os schismas e as heresias tinhão dilacerado, ficasse sugeita ao imperio do demonio. Mahomet foi o instrumento de que se servio o espirito da mentira para fazer á Religião a chaga mais profunda.

Este homem extraordinario descendia de Ismael, filho de Abrahão; nasceo em Mecca, de pai pagão e de mãi judia. Foi na idade de 40 annos que começou dar-se por propheta e inculcar-se publicamente como enviado de Deos. Seos concidadãos, que o conheciáo por hum dissoluto, não dérão credito a sua pertendida missão, e quizerão prende-lo. Mas Mahomet tomou o partido da fugida, e retirou-se para Medina com alguns sectarios, que o ajudárão a pos-

sar-se desta cidade. A religião que elle pregava era huma mistura monstruosa de judaismo, christianismo e paganismo. Como este impostor não sabia nem ler nem escrever, encarregou a hum monge apostata de redigir a sua doutrina, e deo ao livro que a contem o nome de Alcorão, isto he, *livro por excellencia*. Elle era sugeito a ataques de epilepsia, os quaes elle fez passar por extasis occasionados pelas visitas do anjo Gabriel. Quando se lhe pedião milagres para prova da sua missão, dizia que não era enviado para fazer milagres, mas para estender a religião com a espada. Com effeito, huma tropa de soldados forasteiros e de salteadores tendo-se reunido a elle, começou a rapinar as caravanas; depois marchou contra Mecca; submetteo differentes paizes d'Arabia, forçando os povos a abraçarem sua nova religião. Seos successores continuárão suas conquistas, e derramarão-se como huma torrente na Asia, e na Africa, onde fizerão males irreparaveis ao Christianismo.

Por este mesmo tempo a Igreja teve a combater a heresia dos monothelitas. Estes herejes crão o resto de eutychianos disfarçados, que depois da sua condemnação, não ousando mais negar as duas naturezas em Jesus Christo, se limitárão a pretender que não havia n'elle se não huma vontade. Este novo erro foi principalmente combatido pelo papa S. Martinho, e pelo santo abbade Maximo, a quem o zelo pela fé custou-lhe a liberdade e a vida. A Igreja d'Oriente foi agitada e perturbada pelos monothelitas até o reino de Constantino-Pagonat, que fez reunir-se em 680 hum concilio em Constantinopla. Esse concilio, que foi o 6.° ecumenico, anathematisou os auth-

res da nova seita ; e ella cahio em pouco tempo ; e a páz foi restituida a Igreja.

Entretanto a Religião , no meio destas perdas , teve motivos de consolação : a luz da fè, como o sol, se deixa hum paiz , vai esclarecer outros. A Religião se enfraquecia no Oriente pelas heresias e pelas conquistas dos mahometanos, estendia-se porem ao norte pelos trabalhos apostolicos de muitos santos missionarios. O mais celebre destes foi S. Bonifacio , arcebispo de Maguncia. Toda a Allemanha , e a Baviera em particular, sentio os effeitos do seo zelo : estava quasi toda idolatra , elle a fez quasi toda christã. Por todas as partes os templos dos idolos forão abatidos ou convertidos em igrejas consagradas ao verdadeiro Deos. S. Bonifacio , depois de *vinte e cinco* annos de trabalhos , obteve a recompensa de suas missões apostolicas : recebeo a palma do martyrio , e Deos glorificou seo servo por grande numero de milagres.

A Igreja no oitavo seculo passou por novo perigo da parte dos iconoclastas ou *quebradores* de imagens. Esta heresia foi tanto mais perigosa , quanto he ter por author hum principe. Leão Isauriano tinha subido ao throno por suas virtudes militares. A sua ignorancia porem era grande nas materias de sciencias e de Religiao ; com tudo quiz erigir-se em reformador della. Metteo-se-lhe na cabeça que o culto das imagens era huma idolatria : emprehendeo aboli-lo, e ordenou de tirar das igrejas todas as imagens de Jesus Christo , da Santa Virgem e dos Santos. Esta empresa sublevou todo o mundo ; mas Leão que tinha por si a força , desterrou ou fez morrer a todos aquelles que ousarão levantar a voz em favor da ver-

dade. Constantino Copronymo , seo filho e successor , perseguio os catholicos com maior furor, com todas as sortes de ultrages e tormentos.

A heresia sanguinaria dos iconoclastas assolou a Igreja d'Oriente , até o reino da imperatriz Irena. Esta princeza subindo ao throno pedio ao papa Adriano a convocação de hum concilio geral, que foi o 7.° Este concilio celebrou-se em Nicéa , em 787 , o declarou que era huma cousa pia honrar as santas imagens , pois que a honra que se lhes dá , se refere ao objecto que ellas representão.

Em quanto estas cousas passavão-se n'Oriente , Carlos Magno , rei de França , empregou constantemente o seo poder em estender o reino de Jesus Christo. Elle ajudou aos bispos restabelecer a disciplina ecclesiastica ; protegeo os soberanos pontifices contra as usurpaçoes do Lombardos ; reprimio as empresas dos Saxões ; e depois de huma guerra de trinta annos , tendo-os domado , os trouxe ao conhecimento do Evangelho.

Na sua elevação ao throno a ignorancia se tinha espalhado em toda a França ; não se viao mais nem mestres , nem escolas publicas. Carlos Magno , que sabia quanto a ignorancia podia ser funesta a Religião , emprehendeo animar o estudo das letras. Em consequencia convidou para seos estados por meio de beneficios os homens mais instruidos dos paizes estrangeiros , e lhes deo escolas publicas , nas principaes cidades , e nas maiores abbadias do reino. Elle estabeleceo huma dentro do recinto do seo palacio : e este grande principe , para dar exemplo de applicaçao , nao se envergonhava de descer da altura do seo throno para collocar-se na qualidade de

discipulo entre os jovens principes seos filhos. Crê-se ter sido este o principio da universidade de Paris, a mais antiga e a mais celebre da Europa.

VIDA DOS SETE MACHABEOS E SUA MÃI.

[Continuada do n.° antecedente.]

O irmão do grande sacerdote Onias, que trocou o nome de Joshua, ou Jesus, pelo de Jason para fazer-se agradavel aos gregos, por causa da sua ambição, foi origem de muitos males para os judeos. Determinado a conseguir a todo o custo o sacerdocio, offereceo a Antiocho-Epiphanes quatrocentos e quarenta talentos de prata, se quizesse mandar ordem para depôr Onias, e dar-lhe a elle o soberano pontificado. Não recusou Antiocho o contracto. Apenas Jason tomou posse, começou logo infringir diversos artigos da religião judaica; e obteve do rei, por mais cento e cincoenta talentos, o privilegio de estabelecer em Jerusalem hum gymnasio, para a mocidade hebraica se a costumar aos exercicios dos gregos, e os habitantes de Jerusalem serem cidadãos de Antiochia, abrindo assim a porta á apostasia; porque, muitos judeos, já contaminados pelo commercio dos pagãos, preferiao as honras do mundo, á gloria de servir fielmente o Senhor.

Tinhão-se passado tres annos sómente, quando outro judeo, chamado Onias, irmão do Simão, de que acima fallamos, mudou tambem o nome, e adoptando o de Menelão, comprou ao rei, por mais trezentos talentos de prata, do que Jason déra, o governo do templo, e se constituio em verdadeiro

perseguidor da religião, aconselhando aos judeos que abraçassem o paganismo, e fazendo condemnar á morte o grande sacerdote Onias, que estava em Antiochia. Então apparecêrão no céo varios signaes que annunciavão a Jerusalem terriveis desastres, os quaes já começávão pelas sedições suscitadas entre Jason e Menelão.

Correo a falsa noticia de ter morrido o rei Antiocho na guerra do Egypto, e querendo Jason aproveitar, para seos fins, aquella circunstancia, pôz-se á frente de mil homens, e veio do paiz dos ammonitas apossar-se de Jerusalem, d'onde brevemente foi obrigado a retirar-se, por lhe constar, que o rei, não só era vivo, porem marchava com o seo exercito contra Jerusalem. Descarregou Antiocho todo o seo furor sobre os judeos, matando oitenta mil, e fazendo igual numero de prisioneiros, dos quaes vendeo quarenta mil como escravos ás nações visinhas, e o resto guardou em seo poder. Ainda não satisfeito com aquella horrorosa vingança, entrou no templo, o mais santo lugar de toda a terra, levando por guia o inimigo da sua patria, Menelão, e tomou com sacrilega mão, todos os vasos e utensilios preciosos, consagrados ao serviço, e ornamento da casa do Senhor; tirou igualmente mil e oitocentos talentos, e voltou para a Antiochia, deixando o governo da Judéa a Philippe, natural de Phrygia, ainda mais cruel, que o proprio rei.

Passado pouco tempo, apparelhou o orgulhoso Antiocho, hum poderoso exercito para conquistar o Egypto; já estava senhor de Memphis, onde muitas cidades, e provincias se lhe viérao submetter, e caminhava para Alexandria, quando em pequena dis-

tancia da cidade, encontrou embaixadores do senado romano, os quaes lhe ordenàrão, que suspendesse as hostilidades, e pozesse fim á guerra, sob-pena de perder a alliança de Roma. Pedio tempo Antiocho para deliberar com o seo conselho; porem Popilio, hum dos embaixadores, fez hum circulo em torno do rei, na arêa, e lhe disse: « Não sahirás deste circulo, sem declarar, se acceitas, ou regeitas a proposição do senado. » Atemorisado Antiocho por esta expressa notificação, respondeo, que faria o quê a republica lhe mandava, e retirou-se do Egypto; mas exasperado por este contratempo, determinou vingar-se na Judêa, da injuria que Roma lhe fazia. Apenas recolhido aos seos estados, mandou Apollonio com vinte e dois mil homens á Palestina, para saquear Jerusalem.

Não declarou logo o cruel enviado as ordens que recebeo do rei; antes dava indicios de pacificas intenções; porem no sabbado seguinte, quando os judeos estavão em descanço, repartio o exercito por todos os bairros da cidade, com ordem de matar toda a gente que encontrassem. Nenhuma resistencia lhe fez o povo de Jerusalem, pois na idea que não lhe era permittido, segundo a lei, combater no dia do Senhor, se deixão degolar, sem fazer a menor opposição. Fugirão todavia alguns; e cousa de dez mil, que escapàrão á mortandade, forão levados para o captiveiro. Depois que Apollonio saqueou a cidade, fez arrasar os muros, e lancar fogo aos edificios, profanou o templo, e o dedicou a Jupiter Olympico, ordenando, que a estatua do falso deos, fosse collocada no altar dos holocaustos, como Daniel tinha propheticado. Ordenou, que tivessem principio

os sacrificios ao idolo no primeiro dia anniversario do nascimento do rei, que vinha a ser a 25 do mez casleo, correspondente a parte dos nossos mezes novembro, e dezembro. Em igual época, foi dedicado a Jupiter Hospitaleiro hum templo dos samaritanos, situado no monte Garasim, para indicar, que aquelle povo não era originario do paiz, mas se tinha vindo alli estabelecer. Por toda a parte, não se via outra cousa, mais do que altares, estatuas, e bosques consagrados aos torpes mysterios do paganismo; e os judeos, sob-pena de morte, erão obrigados a sacrificar-lhes por toda a Palestina. Muitos delles apostatàrão; porem outros, mais quizerão perder a vida, que a fé. Era crime capital praticar algum acto da religião verdadeira: duas mulheres accusadas por ter circoncidado seos filhos, forão precipitadas, juntamente com as innocentes creanças, do alto das muralhas. Muitos judeos morrerão queimados n'hum sabbado, dentro d'huma caverna, onde se tinhão juntado para celebrar com devoção aquelle dia. Constando ao governador o fim para que alli se achavão, mandou tapar a entrada com lenha, e pôr-lhe fogo. Os livros da lei forão igualmente queimados, e punidos de morte sem remissão, todas as pessoas que mostravão alguma repugnancia pelas superstições pagãs.

Eleazar era hum dos principaes doutores da lei, naquelle tempo. Tinha oitenta annos, e o seo aspecto veneravel infundia respeito, e amor a todos quantos o conhecião. Contra este, se voltárão todos os esforços dos perseguidores; não com já tormentos, e penas corporaes, mas com caricias, e seducções persuadidos, que se elle abandonasse as crenças de

seos maiores, hum tal exemplo provavelmente levaria apoz de si a maior parte dos judeos, que ainda permaneciáo fieis. Porem vendo, que offertas, nem rogos, alcançavão delle a minima concessaõ, recorrêrao à violencia, e começárão por hum modo ridiculo, a vingar-se da sua constancia, introduzindo-lhe por força na boca pedaços de carne de porco, ignorando, que o consentimento he quem produz o peccado, e que as acções em que a vontade não tem parte, são innocentes aos olhos do Senhor. Esta experiencia foi tão inutil como as mais, porque Eleazar, preferindo morte gloriosa, a huma vida cheia de remorsos, encaminhou-se voluntariamente ao supplicio. Alguns judeos, e até gentios, condoidos por vê-lo terminar a honrada velhice por hum modo tão desastroso, com amizade mal entendida, lhe pedirão em segredo, que acceitasse, e comesse carnes permittidas, segundo a lei de Moyses, para elles allegárem que erão de rezes sacrificadas aos idolos, e poder-lhe s alvar deste modo a vida. Mas o respeitavel ancião, lhes respondeo: « Seria indignidade conservar por huma vil mentira, este miseravel resto de vida, dando, ao mesmo tempo, hum exemplo fatal á mocidade, que enganada por semelhante fingimento, se deixaria facilmente cahir na idolatria. E que importará escapar ao supplicio, que os homens me preparão, se não posso fugir ao castigo do Altissimo, assim durante a vida, como depois da morte? Morrendo animosamente pela religião de nossos pais, entregando á espada com alegre semblante, estes cabellos que oitenta annos tem encanecido, mostraõ o caminho glorioso, que os judeos devem seguir, se quizerem ser bons, e verdadeiros descendentes de Abraham, fieis a nosso culto, e santas leis.»

Ditas estas palavras, entregou-se aos algozes, e quando estava proximo a espirar, exclamou: «Senhor, a cuja sabedoria infinita nada pode esconder-se: bem vês, que hum leve fingimento me podia isentar desta morte, que tantas dôres me faz soffrer; mas se a carne padece, a alma se regosija de soffrer pelo temor santo do teo nome.»

Assim acabou Eleazar, dando a Deos testimunho da sua fé, e deixando a todo o povo hebreo hum modelo digno de imitar-se, tanto na santidade, como na firmeza da sua morte. [Continúa.]

POESIAS CHRISTÃS.

INTRODUÇÃO.

A vaidade não tendo
De sabio inventor
Do que outros fizerão
Do Eterno em louvor,
Quaes tem me occorrido
Traço estas ideas,
Colhidas nos livros
São minhas, e alheias.
Se entregue à sincera,
E pia intenção
Cantei os mysterios
Da lei dos Christãos;
Taobem no trabalho
Mesmo advirtir-vos,
Podeis facilmente
Cantando instruir-vos.

ARGUMENTO.

Da Encarnação, vida, e morte,
Do nosso Deos humanado
Vou descrever os mysterios,
Se for por Elle ajudado.
Possa-lhe ser agradavel
Esta minha pretenção:
Possa entoar seos triumphos
Em versos cheios de unção.

A Deos Optimo e Maximo em tres Pessoas distinctas.

ORAÇÃO.

Sede clemente comigo,
O' Deos de summa bondade,
A mim humilde e pequeno
Perdoai por piedade.
Tenho contra vós peccado,
Da culpa accuso o delicto;
Mas, ó Pai terno e piedoso,
Dos ceos não seja eu proscripto.
He miseria, não maldade,
Que produz tanta fraqueza;
A fim que evite os delictos,
Dai-me, Senhor, fortaleza.
O' Fonte d'alta clemencia,
Piedade, amor, compaixão,
Misericordia e ternura,
Sinta eu vossa protecção.
Destrui os monstros fortes,
Que rugindo me acommettem,
E as tremendas fauces mostrão
Em que tragar me promettem.
Sim Trindade incomprehensivel,
Poderoso e eterno Deos,
Por effeitos de piedade,
Perdoai peccados meos.
O barro, d'onde provenho,
He fragil sem consistencia;
D'alli pois meos desvarios,
Razão da minha demencia.
O mundo astuto illudindo
Me appresenta mil encantos,
Com que possa arrebatar-me
Aos vossos preceitos santos.
Se o infernal inimigo
Em torno sempre me cerca,
Espreita prompto o momento
De fazer a minha perca.
Em crueis duros combates
A carne assaz poderosa

Quer ficar assoberbada,
E sempre victoriosa.
Entre inimigos tão fortes
He tão fraco o meo partido,
Que a não ter a vossa graça,
Ficarei sempre vencido.
Auxilio, ó Deos, vos supplico,
Em tanto mal attendei-me:
Vossa protecção mandai-me:
Senhor, meo Pai, soccorrei-me.
E assim como a funda e pedras
A David pequeno destes
Com que o soberbo Gollias
Atterrar, vencer fizestes:
Assim dai-me, ó Deos potente,
Impenetravel escudo,
Que me preserve do mundo,
Diabo, carne, e de tudo.

Á CONCEIÇÃO DE N. SRA.

De Maria, Virgem, pura
Conceição immaculada
Defendida, celebrada
Em graça
Em qualquer parte, onde conste,
Preciso ser confessar-te,
Hei de sempre sustentar-te
Sem nodoa.
A seos filhos muito embora
Mancha culpa Eva trouxesse,
E a raça humana estendesse
O dano.
Desde a primeira existencia
Foi Maria delle isenta,
Por livra-la da tormenta
Quem pôde.
Como pelo barro o oleiro
Sabe logo, e não se engana,
Qual ser deve a porcelana
Futura:

Assim do ceo o Factor,
Quando aos homens dava origem,
Quiz e vio isenta a Virgem,
De males.

Quem sabe do corpo e alma
A sociedade explicar,
E da natureza mostrar
A força?

Ha quem não creia o mysterio
Por ignorar como he feito?
Não existe em seo conceito
O mundo!

Encaro o ceo, calco a terra:
Eu vejo todo o creado;
Mas como, e donde formado,
Ignoro.

S'hum Deos (quem pode nega-lo?)
Tudo fez; que assim podia,
Esse Deos he que a Maria
Isente.

Quem meios tem, quem recursos,
Quando só e em si presiste,
Para tirar quanto existe
Do nada,

Pode fazer que da fonte,
Que corre em lodo involvida,
Linfa mane appetecida
E pura.

Querendo o Verbo haver carne
Da innocencia que exigia,
Mandou, que fosse Maria
Sem mancha.

E sem nódoa concebida
Era justo que se achasse,
Para que nella humanasse
Hum Deos.

Eu te saudo por tanto

O' momento abemçoado,
Em que foi deliniado
Tal corpo.

Eu te bemdigo e respeito
Conceição excelsa e pura
De tão santa creatura
Mãi nosssa.

E se dos fracos humanos
Excedes a intelligencia,
Hes prova da Omnipotencia
Do Eterno.

A SOCIEDADE DA OCEANIA EM FAVOR DOS MISSIONARIOS CATHÓLICOS.

Apesar dos successos prodigiosos que assignalão cada anno os Annaes da propagação da Fé, não se pode occultar o sentimento de dôr, quando se compàrão os recursos materiaes de que dispõem hoje os missionarios catholicos, com aquelles que nos ultimos seculos entravão em seo serviço. Naquelles tempos d'huma fé mais viva, as potencias christãs, animadas por huma piedosa emulação, davão á porfia suas frotas para transportar os missionarios aos povos barbaros. Então o sacerdote apparecia cercado de seos compatriotas, e como o enviado da civilisação; seo caracter se engrandecia aos olhos dos idolatras com o prestigio que goza a raça europèa, e estes mesmos materiaes dispunhão estas almas grosseiras para a pregação da verdade religiosa.

Hoje não he assim. Não se vêm mais as frotas da Hespanha, de Portugal, da França, transportarem os apostolos da fé para as costas da Asia, ou d'America; pelo contrario, muitas vezes he aos navios das nações separadas da Igreja romana, que o sacerdote mandado por Roma deve reccorrer para penetrar os lugares onde ha de exercer-se seo zelo; elle deve confiar seos interesses mais caros ás mãos

indifferentes e hostis, sugeito a soffrer demoras, e embaraços que semea debaixo de seos passos hum proselitismo zeloso, e quando depois de mil sacrificios pisa a terra que lhe foi designada, tem de ver a sua influencia combatida por aquelles mesmos que o conduzirão, sem recursos, sem defesa no meio de povoações inimigas.

Importava achar remedio á hum mal cuja extensão tinhão sentido os espiritos praticos. Com este fim instituio-se a *Sociedade da Oceania*, que emprehende armar navios destinados a levar para diversas partes da Oceania os missionarios catholicos, com huma tripulação escolhida e bem morigerada. Este ultimo ponto tem sido até o presente desgraçadamente despresado. Muitas vezes os missionarios passão pela dôr de ver compatriotas combaterem por seos máos exemplos o salutar effeito de pregação evangelica, e introduzirem entre estes povos meios selvagens as paixões das sociedades corrompidas. A *Sociedade* se propõe de reunir certo numero de homens, profundamente christãos, e de compôr com elles a tripulação de seos navios. Estas ideas não estão mais no estado de simples esperanças, por que hum dos officiaes mais distinctos e mais christãos, Mr. Marceau, acaba de renunciar as esperanças de hum brilhante futuro, para tomar o commando do primeiro navio da obra, e dedicar-se á formação de hum viveiro de marinheiros catholicos. A associação já tem dois navios no Oceano pacifico, e os nossos missionarios achão debaixo do seo pavilhão todos os meios humanos que podem ajudar na sua propaganda.

He pois a Sociedade da Oceania huma obra religiosa, por que cria novos recursos as missões catholicas, e tem de inutilisar a patronagem forçada das nações protestantes; he tambem huma obra social, pois que forma debaixo do commando de officiaes profundamente religiosos, huma escola de marinha mais christã e conseguintemente mais moral. (*Memorial.*)

MARIANNA: 1847. NA TYP. EPISC. Rua d'Olaria n.° 54

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.° 15 DE FEVEREIRO DE 1847. N.° 16.

A AUTHORIDADE DOS EVANGELHOS.

(Continuado do n.° antecedente.)

Aonde se encontra a historia de Jesus Christo? Em nossos Evangelhos. Porém forão elles realmente compostos pelos seos Apostolos e Discipulos, S. Mattheos, S. Marcos, S. Lucas e S. João, cujos nomes trazem; ou, para fallar a lingoagem da critica, são authenticos os nossos Evangelhos? Tal he a minha segunda questão.

Dirijo-me a hum incredulo, e lhe digo: Existem algumas obras antigas, cuja authenticidade possa estabelecer-se com razões capazes de mover todo o homem, que não quizer entregar-se ao mais desmarcado pyrrhonismo? Não considerarieis como hum louco a quem ousasse contestar a *Demosthenes*, a *Cicero*, e a *Cesar*, as obras, que trazem os seos nomes? Como foi recebido no mundo scientifico e literario o celebre padre *Hardouino*, quando tentou contra a fé de todos os seculos roubar a *Virgilio* a gloria de ter composto a Eneida? Envergonhar-vos-hieis de ser discipulo desse erudito em paradoxos, ainda que soubc apoia-los em razoes apparentes. Ora

bem ; seria com effeito precipitarmos em desvarios semelhantes , o contestar aos discipulos de Jesus Christo os livros venerados debaixo do seo nome por todas as Igrejas christãs. Que pode exigir neste assumpto a mais severa critica ? Quereis que a authenticidade dos nossos Evangelhos se apoie n'huma tradição universal. immemorial , e até escripta, das sociedades christãs ? Quereis , que se apoie no testimunho d'aquelles mesmos , que devião ser inimigos naturaes desses livros ? *Quereis finalmente* , que se apoie na impossibilidade de assignar huma epoca , em que com successo se podessem imputar a algum impostor ? Eis-ahi , na verdade , bastante com que satisfazer ao genio mais mal contente ; e , que he a obra da antiguidade profana , que reune em seo favor tão numerosos , e tão brilhantes caracteres d'authenticidade ? São esses com tudo os titulos , que assegurão a dos nossos quatro Evangelhos.

Disse , que ella se apoiava na constante , e immemorial tradição das sociedades christãs. Consultai os povos christãos espalhados pela superficie da terra ; perguntai-lhes , onde estão os titulos da sua origem, da sua crença , da sua moral , e do seo culto . vós os encontrareis divididos sobre a alguns pontos de doutrina ou disciplina ; mas todos se unirão para vos apresentar os quatro Evangelhos , como fundamento da sua Religião. E quanto não he maravilhosa essa conformidade ! Com effeito não se tracta de livros, que a nada estão ligados , que não tem alguma relação com os dogmas religiosos , e com as regras dos costumes , e que por isso mesmo não inspirão aos christãos mais que hum mediocre interesse ; não se tracta de livros encerrados no gabinete d'alguns

curiosos , lidos tão sòmente por hum pequeno numero d'affeiçoados , e que não tem huma mui grande publicidade ; não se tracta de livros conhecidos só por alguns pequenos , e vagos rumores , acreditados só pelas classes ignorantes do povo ; mas , quando se nomeão os nossos Evangelhos , recordão-se livros, que são o fundamento da Religião d'hum grande numero de naçoes ; que pela sua mesma importancia devião excitar constantemente a attenção do mundo christão , encontrar-se nas mãos das classes instruidas da sociedade , tornar-se perpetuamente a regra dos Pastores das Igrejas , e ser em todos os tempos discutidos , e examinados com a maior diligencia e severidade. Como seria possivel , que todo o mundo christão se deixasse enganar até agora, sobre tacs livros, e que tantos povos tão oppostos em costumes , linguagem , e clima , concordassem , desde as primeiras idades mais proximas dos factos, em considerar como emanadas dos Apostolos, obras o que realmente não provierão delles ?

Os incredulos são forçados a confessar , que já no decurso do segundo seculo os Evangelhos , que ainda conservamos , forão conhecidos , citados , e venerados, como produzidos pela propria mão dos primeiros Discipulos de Jesus; he este hum facto do qual podemos citar testimunhas , que se não podem , nem devem recusar. A primeira será *S. Justino* ; começando philosopho platonico , abraçou o Christianismo na idade de trinta annos. Nascido no começo do segundo seculo , tinha visto , não os Apostolos , mas os seos discipulos immediatos. Pelos annos cento e cincoenta elle apresentou huma *Apologia* a favor dos christãos, aos imperadores Romanos *Antonino* o Pio , *Marco*

Aurelio e *Vero*, ao senado e ao povo. Elle nos ensina, que as Igrejas christãs tinhão por costume ler nas suas assembléas esses escriptos dos Apostolos, que se chamão *Evangelhos*; e nessa *Apologia*, bem como n'outra mais concisa, cita huma immensidade de passagens, que nelles ainda lemos. A segunda testimunha he o sabio bispo de Lyão, S. *Ireneo*, que do Oriente passou as Gallias, e foi discipulo de S. *Polycarpo*, o qual tambem o tinha sido do apostolo S. *João*; só o seo testimunho he d'hum peso immenso; pois na sua obra contra as heresias diz com toda a clareza, que nem ha mais, nem menos de quatro Evangelhos, e são precisamente os nossos quatro Evangelistas, que elle cita pelos seos proprios nomes. Essa cadêa de testimunhos sobre a crença do segundo seculo he continuada por *Tertulliano*, *Clemente* d'Alexandria, e *Origenes*, esses homens de tanta sciencia e tanto talento. Agora, Senhores, pergunto, que se deve julgar da antiguidade e origem dos nossos Evangelhos; deverá seguir-se o parecer de hum vão critico do decimo oitavo seculo, que suscite duvidas frivolas, ou dessas Igrejas christãs, que desde o segundo seculo professavão o mais profundo respeito aos nossos Evangelhos, como elevando-se aos mesmos Apostolos! Peço-vos noteis, que o Oriente e Occidente, a Asia menor, a Grecia, o Egypto, e a Italia, tinhão recebido a Fè immediatamente dos primeiros fundadores do Christianismo: ora quem melhor podia conhecer, o que dizia respeito aos Apostolos, do que as Igrejas fundadas por elles? E se desde o segundo seculo differentes povos attribuião os nossos Evangelhos aos Apostolos, donde procedia a sua conformidade, a não ser do testimunho una-

nime dos seos predecessores! Este he o segundo annel d'huma cadêa, da qual o primeiro prende no mesmo berço do Christianismo. A herança dos pais tinha sido recebida pelos filhos: e he evidente, que a crença tão firme, tão universal, e ao mesmo tempo tão incontestavel do segundo seculo ácerca dos nossos Evangelhos, suppõe a crença do primeiro.

Nao teremos porém cousa alguma a produzir desse primeiro seculo? Delle, Senhores, só nos resta huma pequena porção de escriptos; e sobre este objecto farei huma observação, que certamente vos ha de parecer mui natural. Na origem do Christianismo tractava-se com especialidade de o propagar por meio da pregação, muito mais que de escrever obras. Por entre difficuldades e perigos de todo o genero era, que os chefes das Igrejas nascentes exercitavão o seo divino ministerio. Os livros são o fructo da opportunidade e do descanso; não nos admiraremos pois, que o primeiro seculo fosse menos fecundo que os seguintes; mas o que delle nos resta abona sufficientemente os nossos Evangelhos. Nós temos duas cartas de S. *Clemente* de Roma; muitas de S. *Ignacio*, bispo de Antiochia, huma de S. *Polycarpo*, bispo de Smyrna e discipulo de S. *João*; a Epistola, que traz o nome de S. *Barnabé*, e que, a não ser d'elle, he pelo menos de algum escriptor apostolico; o livro do *Pastor* por *Hermas*; em fim alguns fragmentos de *Papias*, bispo de Hierapolis, que nos forão conservados por *Euzebio*. O ultimo designa a S. *Marcos* e a S. *Matheos* como historiadores das acções e dos discursos de Jesus Christo. Em quanto aos outros escriptores do primeiro seculo, elles fizerão, o que ainda fazem todos os dias os auctores ascéticos e

oradores christãos, que citão de cór os livros sagrados, sem indicarem o livro particular, nem o capitulo, nem o escriptor sagrado, aonde lêrão, e se limitão a dizer: *Segundo a Scriptura, disse o Senhor*, ou *como diz o Evangelho*: mas, o que certamente se deve notar bem, os nossos apologistas extrahirão desse diversos auctores do seculo dos Apostolos hum grande numero de passagens, que ainda lemos em nossos Evangelhos, ou que manifestamente alludem ao texto Evangelico.

Que dirão para enfraquecer essa antiga crença das Igrejas primitivas, e essa collecção de testimunhos, que, começando no primeiro seculo, se desenvolvem com tanta gloria e força no segundo e seguintes? Quererião accusar vagamente a pertendida ignorancia e credulidade desses primeiros tempos? Essa vaga accusação fará, Senhores, o objecto d'hum novo discurso; hoje limito-me a algumas breves, mas sufficientes reflexões. Sabeis, quem erão nas Igrejas primitivas huma grande parte dos seos pastores, dos seos pontifices, e dos seos doutores? Erão judeos ou pagãos instruidos, que tinhão abraçado o Christianismo, e que, antes de deixarem a religião de seos pais, tiverão de lutar contra os prejuizos do espirito ou as paixões do coração. Ora o seo testimunho sobre a authenticidade dos nossos Evangelhos he tanto mais irrecusavel, quanto elles tinhão interesse em examina-la mais, e tocavão além disso a propria origem das cousas. Nós temos em nosso poder as obras de muitos desses Christãos dos tres primeiros seculos; obras que não só manifestão a sciencia dos seos autores, mas tambem a graça e fecundidade do seo genio. Dirão mais, que os christãos não devem ser escutados acerca dos seos livros sagrados, que são suspeitos na sua propria causa? Mas desde quando se imaginou, no que respeita às leis, aos costumes, á religião, e á historia d'algum povo, de ter em nenhuma conta o testimunho desse povo? Discorrerião assim, se não fossem extraviados pelo manifesto ou occulto odio, que se tem jurado ao Christianismo? Na historia da antiga Grecia quantas cousas ha, que unicamente são conhecidas pelos auctores gregos e das quaes com tudo ninguem duvida? Quantos acontecimentos no meio do povo Romano, que só acreditamos pela fe dos historiadores Latinos? Dariamos ouvidos a hum extrangeiro, que sobre factos memoraveis da nossa historia nacional despresasse todos os nossos monumentos, todas as nossas tradições mais seguidas e perfeitamente ligadas, debaixo do especioso pretexto de não deverem os Francezes ser escutados, no que respeita à sua historia.

Pedem-se a favor da antiguidade dos nossos Evangelhos outros testimunhos, que não sejão os dos povos christãos? Ninguem tem direito de os exigir; mas nós temos com que satisfazer esse desejo, por mais caprichoso, e por mais injusto que seja. Desde os primeiros tempos os livros da lei nova tiverão por inimigos não só os judeos, que odiavão os discipulos de Jesus Christo, da mesma sórte, que odiárão seo Mestre, mas tambem sophistas idolatras, que se armavão contra os christãos com todos os recursos, que lhes podião fornecer o talento e a sciencia. Mas accusárão elles jámais os christãos de venerarem, como produzidas pela propria mão dos Apostolos, as obras d'algum vil falsario? Não; nunca semelhante accusação contra elles intentárão. Que

os podião esclarecer, reconhecerão a antiguidade dos nossos Evangelhos, he na verdade licito a certos infieis do seculo dezoito armarem-se contra ella das ninharias de huma critica teimosa, que se envergonhariao de empregar em qualquer outro genero de obras!

Em fim, Senhores, sobre esta questão nenhum meio termo se admitte, e tal he a minha terceira prova da authenticidade dos nossos Evangelhos: Ou os nossos Evangelhos forão realmente produzidos pela propria mão dos Apostolos, cujos nomes trazem; ou com certeza forão inventados por algum falsario, que os publicou, e fez receber debaixo do falso nome dos Apostolos: porem esta ultima supposição he inteiramente chimérica. A que epoca na verdade quereríeis fazer remontar essa impostura? Será ao tempo dos Apostolos, ou muito depois da sua morte? Escolhei. Quereis colloca-la durante a propria vida dos Apostolos? Mas não reclamariao elles contra o falsario? Mas não se teria descoberto o dolo logo que tramado? Mas não o teria repellido para as trevas hum grito universal de indignação? Que! Estes Apostolos tão intrepidos a favor da gloria do seo Mestre, e que pela sua doutrina affrontavao todos os perigos, os soffrimentos e a morte, guardarião hum cobarde silencio sobre huma impostura grosseira, que por si mesma se destruia com huma simples negação?! Tudo isso he absurdo. Desta maneira somos forçados a collocar a invenção dos nossos Evangelhos depois da morte dos Apostolos. Porem já vimos, que no tempo de S. *Justino* pelo meado do segundo seculo, era costume em todo o mundo christão ler os nossos Evangelhos nas assembléas religiosas; costume, que suppoe serem

inimigos mais astutos, mais artificiosos da Religião christã, do que *Celso*, *Porphyrio* e *Juliano*? Elles conhecião muito bem os nossos Evangelhos, delles tiravão argumentos contra o Christianismo, e zombavão da doutrina, que nelles se ensina: mas nunca se ouvio, que sobre a sua origem suscitassem a menor duvida. Que interesse porem não tinhão elles em os apresentar, como invenção d'algum impostor! Este era o verdadeiro meio de minar o Christianismo pelos seos fundamentos, e de cobrir de opprobrio e despreso os seguidores, dando-os a conhecer, como hum bando de homens illudidos pela mais vergonhosa credulidade. Ninguem ignora, que o imperador *Juliano* tinha sido educado no Christianismo; delle conhecia a historia e os livros: ora bem. Elle formalmente confessou, que os nossos Evangelhos erão obra dos Apostolos, cujo nome ainda tem; o que se obsérva no modo, com que pertendia combater a divindade de Jesus Christo. Elle dizia, que nem S. *Marcos*, nem *S. Matheos*, nem *S. Lucas*, della tinhão fallado; e que *S. João* era o primeiro, que ousou menciona-la. O argumento deste imperador sophista era mão sem duvida; mas o seo testimunho nem por isso he menos precioso na questão que nos occupa. Eis ahi pois os nossos quatro Evangelistas expressamente nomeados por *Juliano* apostata. He glorioso, he consolador para os christãos ver, que os titulos mais augustos e authenticos da sua Religião se tornão de alguma sorte ainda mais com o testimunho dos seos inimigos; e quando os mais abalisados e sabios incredulos do segundo, do terceiro e do quarto seculos, muito mais proximos que nós da origem dos factos, cercados de todas as luzes, que

elles muito antes conhecidos e venerados. Se pois forão ideados por algum falsario, devia isso acontecer pelos principios do segundo seculo. Mas os discipulos immediatos do Apostolo S. *João*, e os dos outros Apostolos ainda viviao nessa época; e as Igrejas, que elles tinhão formado, os bispos, que haviao deixado após de si, e os pagaos instruidos de todas as classes, que tinhão convertido, estavão por toda a parte espalhados. Com que vehemencia se levantarião contra o impostor, que quizesse publicar, e authorisar com o nome dos Apostolos, seos mestres e fundadores, livros da sua composição! Elles lhes dirião: Nós vimos os Apostolos, conhecemos as suas acções e a sua doutrina: as nossas Igrejas forão fundadas por elles: nunca se ouvio, que deixassem escriptos; por que previlegio delles seriels o unico depositario? Onde os vossos titulos? Retirai-vos, nós respeitamos muito esses homens divinos, a quem devemos a luz da fé, e a ventura de conhecer a Deos e a verdade, para que sobre a vossa palavra adoptemos, como produzidos pela sua mão, livros que nos são inteiramente desconhecidos. Deste modo, Senhores, a impostura seria repellida, e longe de surprender a fé dos christãos, a vergonha d'huma semelhante empresa teria recaido sobre os seos auctores.

Não que nessas primeiras idades se não vissem apparecer falsos evangelhos, o que vai dar lugar a esclarecimentos, que servirão para diffundir huma nova luz da verdade sobre a causa que defendemos. Nesses primeiros tempos alguns piedosos fieis, por hum louvavel zelo, mas que podia ter abusos, se comprazião em compôr elles mesmos relações de tudo, o que tinhão ouvido à respeito de Jesus Christo e dos seos

Apostolos, da sua doutrina, dos seos discursos, das suas acções, e de toda a sua vida. Esses escriptos, sem terem a authoridade dos que erao dos Apostolos, podiao ser respeitaveis, e dignos de serem citados com elogios; desse numero era, segundo *Euzebio* nos informa, o *Evangelho dos Hebreos*: por isso se tem acreditado, que Santo *Ignacio* martyr delle tinha citado huma passagem n'huma das suas Epistolas, não como de hum livro deixado por algum Apostolo, mas como d'hum livro piedoso. Não vemos os nossos escriptores e oradores christãos citar passagens tiradas mesmo d'auctores profanos, à imitação de S. *Paulo*, que citou dos pagãos do seo tempo algumas maximas dos poetas *Arato*, *Epimenides* e *Euripides*? Alem desses livros, fructo d'hum zelo tal vez demasiado ardente, alguns ha, que forão dados à luz por innovadores mal intencionados, e com o designio de authorisarem os seos erros. Mas acaso vio-se, que esses homens temerarios chegassem a conseguir, que as Igrejas espalhadas pelas diversas regioes da terra recebessem, como vindos dos Apostolos, escriptos, que não erão obra sua? Não, Senhores; sempre houverão falsarios, assim como homens viciosos; mas tambem sempre houverão regras de critica, bem como de virtude. Nas Igrejas primitivas nenhuma ha, que rejeitasse hum só dos nossos Evangelhos; ao mesmo tempo que os evangelhos falsos unicamente tiverão a seo favor alguns sectarios e adherentes. Os falsos evangelhos, fructo do erro, da ignorancia ou d'huma piedade pouco esclarecida, cairão no esquecimento, e ninguem pôde jámais conseguir faze-los passar por verdadeiros; as Igrejas fundadas pelos Apostolos, seos pastores e doutores, repellirão esses livros com in-

dignação e despreso. O zelo, que essas Igrejas pozerão em separar os falsos evangelhos, he hum fiador *seguro de serem com effeito authenticos*, os que ellas como taes nos transmittirão; nós podemos tranquillamente fiar-nos da exactidão, que empregárão em fazer a sua selecção: a sua critica, santamente esclarecida e severa, foi como a joeira, que conserva o bom grão e lança fóra o palhiço.

Em summa. Se procuro huma epoca, em que algum falsario *podesse tentar com feliz successo* a invenção dos nossos Evangelhos, não a encontro; se consulto os inimigos naturaes desses livros, eu os encontro favoraveis á sua antiguidade; se examino as tradições universaes das Igrejas apostolicas, e os escriptores, que apparecérão desde á sua origem, o mesmo suffragio: chegou por todo a authenticidade dos nossos Evangelhos ao mais elevado grão de certeza historica. Peguemos em qualquer obra do seculo de *Augusto*, qual se quizer; acharemos, que a sua authenticidade, ainda que ninguem della duvide, não he melhor apoiada, que a dos nossos Evangelhos. Mas possuimos-los nós taes, como sairão da mão dos Apostolos? Que se deve pensar da sua *integridade*! Terceira e ultima questão.

(Continúa.)

A EPOCA DA ORIGEM DO MUNDO E DO GENERO HUMANO.

Se procuramos a epoca da origem da terra, nos livros santos, que são o unico monumento authentico da sua historia, nos deixão com tudo neste ponto em completa incerteza. Deos creou o ceo e a terra

no principio; mas esta expressão vaga e obscura para nós de nenhuma sorte fixa nossas ideas sobre a epoca da creação da materia. Esta podia ter sahido do nada, pela voz de Deos, desde muitos milhões de seculos antes; podia ter revestido debaixo da sua mão diversas formas, ter passado por muitas destruições, e ter renascido muitas vezes antes de receber a ultima formação que a preparou para habitação do homem. O silencio do historiador sagrado acerca dessas revoluções do mundo, nada prova contra ellas; pois que seo livro, não tendo por objecto se não a historia do homem, cumpria calar-se no tocante a factos completamente extranhos a esta historia. Ora os phenômenos geologicos que nos tem revelado as explorações das camadas solidas do nosso globo não se podem collocar em alguma epoca da historia da terra, segundo a em que o homem tomou posse desta habitação. Estes factos devem pois ser recuados alem desta epoca, e não ha huma só palavra no Genesis que faça obstaculo a esta supposição.

Mas quando Deos formou a terra para a habitação do homem, desde então succederão-se phenomenos que passão pela penna de Moyses com duplicado caracter de simplicidade e de grandeza, que fizerão á admiração dos mesmos pagãos. Das obras novas do Creador, o homem apparece por ultimo; e neste momento começa a sua historia. Esta historia atravessa as antigas idades, não completa sem duvida, mas seguida, e por estes annaes do mundo *humano* sabemos quantos seculos tem decorrido depois que o homem habita a terra. A historia de Moyses, ainda considerada como hum monumento humano, he a que reune em mais alto grão os caracteres de au-

thenticidade; he o mais antigo de todos os livros; e o historiador se relaciona com as primeiras idades, cujos successos elle traça por hum pequeno numero de intermedios de huma successão nunca interrompida.

A origem do homem, segundo o ensino de Moysés, não remonta alem de sete mil annos. He verdade que ha alguma incerteza a respeito do intervallo comprehendido entre nossa epoca e a creação. Á chronologia vulgar fundada no texto hebréo conservado pelos Rabbinos, reduz este intervallo a menos de seis mil annos; em quanto a versão grega dos Setenta, feita sobre o hebreo da antiga synagoga, recua a origem do mundo doze seculos mais. Admittindo este ultimo systema, que aliás nos parece mais verosimil, dizemos que o homem não habita a terra ha mais de setenta e dous seculos, e que nenhuma historia profana *authentica* desmente este testimunho de Moysés.

Isto he manifesto, mesmos e consultamos os monumentos e as historia profana dos differentes povos. Os Chaldeos se attribuem huma antiguidade de mais de setecentos mil annos; duração que tanto resente a fabula que os mesmos pagãos, como Cicero e Plinio, ridicularisavão-na, ainda que fossem inclinados a crer o mundo eterno. Não basta affirmar que hum paiz ou huma nação tenha tal ou tal idade, cumpre dar provas; he necessario que os seculos suppostos se achem assignalados, se não por acontecimentos authenticos, ao menos por huma historia seguida, que tenha alguma relação com os acontecimentos posteriores; em huma palavra, os caracteres da velhice devem se mostrar no corpo d'hum povo, como no do homem que passou hu-

ma longa vida. Estes caracteres não existem entre os Chaldeos, se não d'huma duração que se conforma com a historia de Moysés. A historia profana os faz remontar a vinte tres seculos antes da nossa era, quando muito; e esta idade he confirmada pela collecção das observações astronômicas recolhidas em Babylonia por Callisthenes, e que remontão a vinte cinco seculos sómente. Alem disto, a historia do diluvio de Xisuthrus, em Berosius, he de tal sorte semelhante a historia do diluvio de Noé, que he evidente, ou que Berosius copiou a Moysés, de quem elle teria admittido a authoridade historica, ou que os annaes chaldeos que elle traçou na sua historia, repousavão nas mesmas tradições, ainda que alteradas; o que confirma igualmente a veracidade biblica.

A chronologia dos Egypcios convenientemente discutida depõe igualmente em favor das datas de Moysès. Deixemos os trinta e dous ou trinta e tres mil annos occupados pelo reinado dos deoses. Os reis humanos, começando por Menes, que nós cremos ser filho de Cham, enchem hum intervallo que, se se considerão seos reinados como successivos, se eleva a seis mil annos; e he esta a these que sustentão ainda alguns sabios modernos, seguindo as listas bem ou mal entendidas do historiador Manethon. Ora não sómente se pode admittir, mas ainda está hoje demonstrado, que as primeiras dynastias reinárão collateralmente em diversas partes do Egypto, o que reduz notavelmente a duração total das dynastias de Manethon. A unidade do reino do Egypto não remonta mais (ao menos d'huma maneira certa) que a desenove seculos antes da nossa era, aonde nós achamos a exaltação da decima oitava dynastia. Em quanto as dezesete que

precedem, suppondo-as colleteraes, he facil de inseri-las nos doze ou treze seculos que sepárão esta epoca da do diluvio, segundo a chronologia dos Setenta. Pode-se fazer remontar até Cham o reino do Egypto, onde elle se estabeleceo, chamado pela Escriptura *Terra Cham*, *Tentoria Cham*. Em fim cumpre notar que Moyses nascido no Egypto, educado no Egypto, e instruido em todas as sciencias deste paiz, devia conhecer a historia delle tãobem pelo menos como Monethon, que lhe he posterior doze seculos.

A chronologia chineza entra da mesma sorte na de Moyses, se despresamos os tempos fabulosos que ninguem quererá defender. O fundador authentico do imperio Chinez, segundo Confucio, he Yao, que tomou o sceptro 2357 annos antes de Jesus Christo. Antes deste imperador os chronologistas chinezes collocão huma quinzena de imperadores, o que faz remontar esta nação até Fohi. Mas note-se, que estes differentes soberanos são dados como inventores da lavoura, da caça, e da pesca, da arte de construir cabanas, do casamento; outros em fim, do commercio, das leis e das regras governamentaes..... D'onde segue-se que a sociedade chineza remontando a'êm de Yao, só era hum composto de tribus selvagens como devérão ser, ao menos em certos paizes, os primeiros homens pouco tempo depois do diluvio. Em fim, no tempo de Yao o terreno da China estava ainda em parte innundado pelo restos do diluvio, como prova a famosa passagem do Chou-King. Ora tudo isto concorda perfeitamente com a data do diluvio, collocada em 3000 annos antes da nossa era.

A chronologia dos Indios compõe-se de huma parte absurda que eleva a idade do mundo a muitos milhões de annos, e de huma parte rasoavel, que faz começar a quarta idade do mundo, na qual nós estamos, a huma epoca que corresponde ao anno 3120 antes da nossa era. Ora esta epocá, que foi segundo elles precedida por hum diluvio, he precisamente a do diluvio moysaico segundo os Setenta.

Nada dizemos da historia dos outros povos, por que nao ha algum outro que se possa chamar primitivo ou que tenha pretenções que valhão a pena de serem discutidas. Mas não sómente a historia falha ás pretenções chronologicas, que remontão alem da epoca do diluvio, ainda o estado das sociedades desta epoca nós representa o mundo no estado de infancia, de sorte que sem a narração moysaica, se conhece que a origem do genero humano he recente. Com effeito 2000 annos antes da nossa era, a Grecia só era habitada por selvagens, e os paizes occidentaes não tinhão historia. A China começa a ser habitada no seculo 25.°, e as primeiras artes nascem segundo os seos historiadores. Por todas as partes só se encontrão pequenos estados. Os reinos de Babylonia e de Ninive tem por centros duas cidades visinhas; os de Sidonia e Tyro tocão-se na estreita banda da Fenicia. O Egypto he dividido em quatro a cinco reinos; do mesmo modo a China. A Palestina, no tempo de Moyses, estava dividida entre mais de setenta reis. O Peloponeso continha huma multidão de pequenos reinos; o exercito grego á sombra dos muros de Troya obedecia a hum grande numero de monarchas. A Italia ainda continha muitos estados diversos depois da fundação de Roma, e setecentos annos mais tarde, as Gallias encerravão grande numero de povos differentes obedecendo a outros tantos chefes.

As populações americanas, bem que conservassem as tradições biblicas do diluvio, não tem alguma historia além de nove seculos.

A origem recente das sciencias e artes apoia os documentos da historia. Esta nos leva ao seo nascimento, e de tal sorte depõe em favor da sua novidade, que incorre na taxa da exageração e de erro. Se as sciencias e as artes tivessem reinado sobre a terra desde hum tempo mais remoto do que suppõe Moysés, nos terião deixado monumentos do seo imperio e da sua idade: ora taes monumentos não existem.

Em fim, a mesma geologia testimunha a veracidade de Moysés. As camadas pedregosas encerrão immensa quantidade de animaes e de vegetaes sepultados em huma massa em outro tempo limosa e consolidada depois; mas em nenhuma destas se encontrão fosseis humanos. Estes só se achão nos terrenos *moveis* que os geologos chamão o *diluvio*, porque estas camadas superficiaes attestão huma grande revolução da superficie do globo, e apresentão o aspecto de hum solo revolvido e arrastado pelas agoas. Eis ahi as *medalhas* do diluvio moysaico; eis ahi escrita huma pagina da historia do homem, e esta pagina foi tirada da Biblia. Mas em todos estes rochedos profundos, cuja formação he anterior a creação do primeiro pai do genero humano, tudo se acha, excepto restos do homem. Elle ainda não existia.

Tal he a origem deste ser sublime que existe de hontem, que ha pouco era nada, e que Deos associou a sua eternidade dando-lhe huma alma immortal. Este mundo que Deos fez para elle com tanta arte e grandeza, acabará por que não tem outro fim que o homem. Mas o homem existirá sempre, mais sublime e mais nobre do que este mundo material. Seja-lhe esta immortalidade hum bem, como não deixara de ser, se por sua fidelidade as leis divinas, prehencher o destino que faz o objecto da sua curta passagem sobre a terra!

(*Despréaux.*)

FALLA

QUE FEZ O EX.mo E R.mo SR. BISPO DIOCESANO

na abertura das aulas de seo Seminario a 3 de Fevereiro de 1847.

Pede a fragilidade humana hum allivio aos excessivos esforços do entendimento: parece que a mesma natureza está requerendo de nós a vacancia temporaria dos estudos serios; mas concedido este allivio, e recreado por hum pouco o animo por huma honesta recreação devemos outra vez entregar-nos á lição, á reflexão, á sêria applicação. Infeliz estrago da mais nobre das faculdades da nossa alma! daquella que mais nos distingue dos brutos, e em que mais nos parecemos e assemelhamos com os Espiritos e intelligencias celestes. Pesado jugo que nos opprime desde o peccado do primeiro homem! Mas em fim, tudo no mundo está em hum perpetuo giro e movimento: os astros não párão em seo curso continuo: e parece que he esta a sua vida: os vegetaes estão sempre crescendo, e apparecem renovados, ora com formosas flores, ora com deliciosos fructos: e como quererás tu ó homem ter em inacção o teo espirito, mormente nascendo sem ideas, e talvez mais

ignorante que os mesmos irracionaes? e ainda mais quando te vês rodeado de hum mundo composto quasi de insensatos, cujas desordens devem pela maior parte a sua origem à ignorancia, ou á falta de reflexão? Todo aquelle que quer salvar-se desta tempestade, e evitar o naufragio, trate desfazer pouco a pouco as trevas da ignorancia: esforce-se até ver a luz, por entre as sombras de huma escura noite cujo manto o cobre.

Eisaqui, Senhores, o que faz a ordinaria materia dos discursos com que damos principio ao anno lectivo. Louva-se o estudo das linguas, com que nos fazemos senhores da cultura dos sabios estrangeiros, antigos, e modernos. Exalta-se o estudo da Philosophia, aonde se nos ensina a descobrir a verdade que tão misturada anda com a falsidade, a falsidade digo, que tantas vezes se nos disfarça com os nobres trages da verdade: elogião-se as sciencias da Religião, a sciencia dos costumes, a dos dogmas, dos Canones, e da interpretação das divinas Escrituras. Certamente he louvavel este antigo estilo das escolas, dos licêos, das academias, dos seminarios. Comtudo permitti vós, Senhores, que hoje eu me arrede hum pouco desta prática dos nossos maiores. He hum Bispo que falla aquella mocidade que vê aproximar-se ao altar, ou que quer entrar pelas portes da Igreja. Tende mão: parai: ouvi minhas palavras. Para onde vas Moço incauto? donde vens? Destino-me ao estado ecclesiastiço: agrada-me esta vida: vejo nella commodidades; meos pais me tem fallado desde creança no Sacerdocio, e desde então eu olho para este estado, como para o alvo de meos desejos: vejo a honra e respeito, com que elle he tratado pelos povos.

Com tudo pára hum pouco, e attende ás vozes daquelle, a quem he confiada a guarda do santuario, e que tem obrigação de vigiar em atalaia de dia e de noite a que não deixe entrar profanos no *Sancta Sanctorum*. Rasgarás tu o vêo, que o esconde e guarda da vista e entrada dos que a elle não são chamados? Nao: eu venho illustrar meo entendimento com as verdades eternas, certo como estou da minha falta de conhecimentos e de luzes. Espero que os esforços de meos mestres e a minha applicação continua me farão dissipar as trevas, e eu confio que verei a luz. Mas pergunto eu, acaso pensas tu serem sufficientes esses meios de que queres lançar mão, essas disposições com que queres preparar-te para o estado sublime a que aspiras? Bastar-te-hao as luzes e os conhecimentos para entrar na Igreja e subir até o altar? Nada mais se requer para o cumprimento das obrigações do Sacerdocio? Se assim o cuidas, Moço incauto, erras inteiramente, e teo palpavel erro terá funestas consequencias no tempo e na eternidade. Ouve-me Mancebo, e responde á minha pergunta, que outra vez te faço em nome de Deos. Donde vens tu? Que estado tem sido o teo, que escola seguiste, quaes tem sido os teos costumes? Quem sabe se os teos companheiros te ensinárão os caminhos de Pentapole, dessas infames cidades, que acabárão arrazadas com fogo da vingança do Deos purissimo? E como assim cheio do lodo com que te cobrio o demonio immundo, queres chegar-te ao Altar sagrado? Retira-te deshonesto; não inficiones o asilo destinado para a pureza e continencia. Santos Anjos, que defendeis este lugar Santo, embaraçai, eu vo-lo peço, a entrada do Santuario a quem vem

coberto com as cinzas de Sodoma e Gomórra—*Nihil inquinatum introibit — Foris canes* —

Mas aonde me leva o meo zelo? Aonde acharei eu essas almas puras, privilegiadas, rarissimas, esses Luizes Gonzagas, esses Stanisláos Kosteas? Eu me reporto. Senhores, pois me lembro que a Igreja me põe na boca na ordenação da primeira ordem sagrada estas palavras — Se vós até agora fostes deshonestos, sede daqui em diante honestos —

Basta de discurso oratorio. Não discorramos mais. Reduzir-me-hei a supplicas, a rogativas, a pragas, a maldições, a bençãos. Sim, bençãos sobre todo aquelle moço, que tendo perdido a pureza daquella vestimenta branca, com que vestio-se no Baptismo, larga antes de entrar pelas portas do Seminario toda essa immundicia, lança fóra de si o demonio da incontinencia, que o acompanhava ha annos: benção sobre todo aquelle; que por meio de huma boa confissão limpa sua alma, purifica seo corpo, e o torna a constituir templo do Espirito Santo: benção sobre ti, ó Moço, que sabes lançar da tua imaginação, rapidamente qualquer lembrança, que o demonio te queira arremeçar a cabeça: benção sobre ti, que conhecendo erros passados, sabes chora-los todos os dias da tua vida: preciosas lagrimas, merecedoras de que os anjos as guardem, e apresentem ao Deos dos verdadeiros arrependidos: bençãos sobre ti que não só te desencravaste desse lodo, mas te preparas pela boa administração do Sacramento da penitencia a dar a mão bemfazeja a teo irmão na torrente em que corre precipitado quasi o genero humano: benção sobre tuas palavras que vão santificar a lingua, noutro tempo enlodada com palavras obce-

nas, e provocativas: o continuo toque do Santissimo corpo do Cordeiro immaculado que quer servir-se dessa lingua como de patena, te limpe, e santifique: benção de Deos, benção de sua santissima Mai, benção no tempo, benção na eternidade; só este pensamento recrea e enche de jubilo a minha alma. Se os meos esforços, se os esforços dos dignos coadjutores que Deos me déo na abundancia da sua misericordia vão concorrer, para que eu imponha as maos sobre cordeiros de branco vello, sobre almas innocentes, ou penitentes sinceros; recreio-me; lisonjeo-me encho-me de gloria, pelos fructos que prevejo espalharem-se por esta venturosa Diocese.

Mas infelizmente não he duradoura na minha imaginação esta lisonjeira idéa; se comparo hum futuro, que só existe no meo desejo, com hum preterito borrifado de absintio. Oh! paredes, que deverião ser só testimunhas da pureza daquelles, que devieis guardar da universal infecção, do contagio commum: quantas vezes tendes vós sido testimunhas da dissolução, da libertinagem, da hipocresia! Em vão custastes vós tantos suores, e dispendios aos nossos maiores. Veneravel Prelado, que com tanto disvello edificastes esta casa, veneraveis antecessores meos, que baldados forão vossos trabalhos na conservação e augmento do nosso Seminario! Se a patria celeste, aonde habitais podesse ser accessivel á pena, á tristeza, ainda hoje vivirieis em amargura, por verdes, muitos aqui educados com tanto recato, e vigilancia, cobertos de macia lã, aguçarem os dentes para se cevarem nas vossas e minhas ovelhas: a espada da sciencia, que vierão afiar contra o lobo, a cravarão nas ovelhas que devião guardar, e

se aproveitarão de suas carnes, dissipárão o rebanho do Senhor, diminuirão os vassallos do reino de Deos, e augmentarão o numero dos amigos do anti-christo. Desgraçados! cruel sentença os espera, a maldição de Deos está sobre elles, e melhor lhes fôra que nunca entrassem por estas portas, e até mesmo, que nunca tivessem nascido!

Ouvi-me, ó Moços. Maldito aquelle, que depois de tantos esforços meos, depois de tantas vigilias de quem deixa o socego de sua casa, e as commodidades da sua familia, para educar filhos alheios, vem servir de tropeço para fazer cahir a innocencia. Maldita a boca que profere deshonestidades, e vomita veneno nos ouvidos de seos irmãos, veneno que entrando-lhe e penetrando até o entendimento lhe desce ao coração, e alli se lhe conserva de ordinario até á morte. Seja lançado desta casa sem mais compaixão todo o que se deixar possuir pelo espirito immundo. Quem he escravo de suas paixões, quem não tem animo de resistir a huma paixão brutal, retire-se, sahia, e misture-se com os brutos, a quem imita e he semelhante.

Mas não, Senhores: basta de maldições; ellas não me estão no coração, sahem só da boca. O Deos de misericordia não permitta, que cahião em algum dos que aqui estão. Eu espero que não haja no Seminario taes escándalos. Moços, eu vos entrego todos á protecção da Virgem Santissima. Seja o vosso 2.° protector S. Luiz Gonzaga, nem vós entreis jámais no sagrado Templo, sem que lanceis as vistas sobre a imagem deste grande Santo, e sem que lhe peçais a sua intercessão, affim que vos alcance a castidade e pureza semelhante á sua. Por Deos e pela vossa salva-

ção, e pela de vossos irmaos, purificai vossa consciencia desse lodo, escolhei antes a morte do que qualquer acção, palavra, ou pensamento que obscureça o lustre da castidade. Se esta virtude vos acompanhar, tenho bem fundadas esperanças, que todas as mais virão em sua companhia, e conhecereis algum dia, quanta razão eu tinha de me esforçar tanto pelo seo alcance. Hum entendimento illustrado e hum coração casto, puro, innocente, he que eu sincéra, e anciosamente vos desejo. o que peço a Deos vos conceda, em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Amen.

Ensinão-se no Seminario: Theologia moral e dogmatica, Philosophia, Arithmetica, Algebra e Geometria, Rethorica, Geografia, e as linguas latina, franceza, e ingleza, e Canto gregoriano.

A INSTITUIÇÃO DA QUARESMA.

A Quaresma he o jejum de quarenta dias que os catholicos observão para santificarem o anno e se prepararem santamente para a festa da Pascoa.

A Igreja ensinou em todo o tempo, que o jejum he o remedio excellente contra o peccado: como hum meio de dispôr nossas almas a contemplação das cousas celestes, como huma virtude que communica grande efficacia ás nossas orações, como hum freio capaz de reprimir as paixões, e de sujeitar a carne as leis da razão e do Evangelho. A experiencia de seculos e a sciencia da humanidade fazem estas verdades incontestaveis; provão mais que os jejuns geraes e re-

gulares são de huma efficacia bem superior aos jejuns individuaes, pelo exemplo mutuo que se dão os fieis e pela emulação que os leva a redobrar o fervor e compunção. Onde falta esta piedosa emulação, como entre os protestantes, a practica dos jejuns apenas he conhecida.

A estação da Quaresma, longe de contrariar as pessoas verdadeiramente christãs, deve-lhes ser agradavel, pois que exige huma piedade extraordinaria, hum exercicio continuo de caridade. e exames mais serios de consciencia; ellas rectificão suas inclinações, fortificão-se no amor de todas as virtudes, meditão nos soffrimentos de nossa divino Redemptor, e se dispõem a chegar aos sacramentos com fructo, e a celebrar as festas da Pascoa com pureza angelica, e alegria celeste.

A' estas razões da necessidade moral do jejum quaresmal, pode-se ajuntar que não era contra a dignidade da Igreja nem extranho ao espirito de caridade que sempre dirigio-a, o ter em vista a saude do corpo, ordenando a instituição da Quaresma; por que, como a temperança e a sobriedade são os melhores meios de conservar a saude, da mesma sorte a abstinencia e o jejum são muitas vezes os melhores meios de restaura-la. Foi pelos jejuns continuos, cuja austeridade assombra a nossa fraqueza, e parece quasi incrivel, que tantos antigos padres do deserto conservárão huma saude vigorosa e constante, além do termo ordinario da vida, e vivêrão mais de hum seculo nos paizes quentes, onde a duração da vida he geralmente mais curta que nos climas temperados. S. Paulo, primeiro eremita, viveo 113 annos; St. Antão 105, &c. &c. &c. O

historiador Josepho diz-nos, que os Essenios erão notaveis por sua longevidade, graças a simplicidade e a moderação de seo sustento, que consistia em hum pouco de pao, e aveia mondada cosida simplesmente; e a mesma observação he applicavel aos antigos philosophos, como Democrito, Hippocrates, Zenon, &c. Pode-se pois crer que o cuidado da nossa saude corporal influio, como motivo secundario, na instituição quaresmal; he o que a Igreja nos dá a entender na oração em que pede a Deos a graça de observar devotamente a Quaresma estabelecida *pela saude de nossas almas e de nossos corpos.*

Segundo St. Agostinho, S. Jenonimo, e a maior parte dos Padres do 4.° e do 5.° seculo, a Quaresma foi instituida pelos Apostolos que, estabelecendo-a, não *fizerão mais que conformarem-se com as tradições* as mais antigas do povo de Deos. Moyses, escolhido pelo Eterno para ser o legislador dos judeos, jejua quarenta dias, afim de se preparar para receber as ordens de Deos no monte Sinai: observa a mesma abstinencia antes de receber as segundas Taboas da lei. Elias jejua quarenta dias antes que Deos lhe appareça no monte Horeb. David observa hum jejum rigoroso durante sua penitencia; os Ninivitas jejuão quarenta dias depois da pregação de Jonas; S. Joao Baptista se dispõe pelo jejum para receber a nosso Senhor, e nosso Senhor mesmo jejua quarenta dias antes de começar sua missão. Não bastão todos estes exemplos para demonstrar que a origem da Quaresma remonta as fontes da mesma Religião?

Os christãos dos primeiros seculos não interrompião o jejum se não depois de pôr-se o sol, e então só comião hervas, raizes e pão. Se abstinhão não sômente de carne, mas ainda de peixe, e geralmente de tudo o que tinha vida. Se abstinhao mesmo de tudo o que provinha immediatamente dos animaes, como óvos, leite, manteiga, etc. A mesma prohibição se estendia ao uso do vinho, que não era menos rigo-

rosa que a do uso da carne. Mas desde o 6.° seculo a lei da abstinencia começou a ter algum adoçamento; permittio-se o vinho á aquelles que tinhão o estomago fraco, e esta tolerancia estendeo-se ao uso do peixe. Os lacticinios forão prohibidos pelos canones que estão em uso na Italia, nos paizes meridionaes, e em todo o Oriente; mas nos paizes do norte são permittidos, como entre nós. O uso da Igreja de tomar a refeição só depois de posto o sol, no seculo 13 foi modificado, e a hora de noa, isto he, as tres horas da tarde forão fixadas geralmente por todos os pastores da Igreja como o tempo legal em que era permittido interromper o jejum, e pouco a pouco passou-se para o meio-dia. Pelo mesmo relaxamento de severidade, a Igreja que tinha ordenado huma só comida no dia de jejum, permitte em fim huma ligeira collação á noite. E em materia de jejum os fieis observão os decretos geraes da Igreja e as ordenações de cada diocese dos differentes bispos. Tem-se reconhecido, que as leis d'abstinencia devião variar segundo os homens, os tempos e os lugares.

Concluiremos este articulo com os conselhos que hum Bispo inglez dá sobre a maneira d'observar piedosamente a Quaresma.

« Separai-vos do mundo, quanto fôr possivel, empregando o tempo deste retiro em piedosas leituras, em orar, examinar vossa consciencia, deplorar vossos peccados, reflectir sobre as vossas proprias miserias e as do genero humano: em implorar a misericordia divina, em condoer-vos dos soffrimentos de vossos irmãos; em meditar a paixão de nosso Senhor e em outros exercicios espirituaes que se esquecem facilmente no turbilhão do mundo.

Se não podeis observar a Quaresma em todo o seo rigor, diminui ao menos huma parte de vossas comidas. Os ricos e aquelles que tem habitualmente huma mesa delicadamente servida ponhão limites a seo appetite, e punão seos excessos por privações. Alliviai a indigencia..... »

VIDA DOS SETE MACHABEOS E SUA MÃI.

(Continuada do n.° antecedente.)

Ao martyrio de Eleazar, seguio-se pouco depois o dos sete irmãos Machabeos, que huns apóz d'outros, soffrêrão os mais horriveis tormentos, com invencivel constancia, na presença de sua mãi, a qual com inaudito valor os exhortava em lingoa hebraica, a morrer pela fé, em que os tinha creado; até que, expirado o setimo, coube á nobre matrona padecer tambem pela religiao de seos maiores. A victoria destes santos martyres, ainda foi mais gloriosa, por que triumfárão de Antiocho, o qual presidio em pessoa a esta execução.

Parece, que este principe tinha hido a Jerusalem, julgando que a sua authoridade venceria a repugnancia dos Judeos, que havião resistido sem abjurar, aos mais refinados, e barbaros tormentos, empregados pelos seos ministros. Alguns authores, dizem que estes santos fôrão martyrisados em Antiochia; porem he mais verosimil, que Jerusalem, sua patria, fosse o lugar em que padecêrão, assim como o theatro dos mais acontecimentos, a elles relativos, de que a santa escriptura faz menção.

Presos por ordem de Antiocho, os sete Machabeos, com sua mãi, começárão o martyrio, exigindo os ministros do tyranno, que os mancebos comessem carne de porco, animal immundo, segundo a lei de Moyses; porem o mais velho, respondeo: « Antes morrer, do que transgredir a lei de Deos. » Aquellas palavras, proferidas com resolução excitárão a cólera do rei, o qual ordenou, que lhe cortassem a lingua, as mãos, os pés, e que, em quanto lhe restava algum sopro de vida, o lançassem n'huma grande fregideira ardente, até que exhalasse o derradeiro suspiro. Em quanto se executava aquella horrivel sentença, animávão-se mutuamente com sua mãi, os outros irmãos, para morrerem firmes na crença em que nascerão; por que Deos se glorifica pela fidelidade constante de seos servos, e lhes dá valor para soffrer em defesa da verdade.

Morto o primeiro martyr, lancárão-se os algozes ao segundo, e depois de ter-lhe arrancado a pelle da cabeça juntamente com os cabellos, perguntárão-lhe, se queria comer a carne que lhe offerecião, ou ser atormentado em todos os seos membros. A sua resposta, foi, que não transgredia a lei; e voltando para Antiocho, lhe disse: « Podes tirar-nos a vida presente; mas o Soberano do mundo, por gloria de quem padecemos, nos resuscitará para a vida eterna. » Ditas estas palavras, foi martyrisado como o primeiro.

Depois de insultarem o terceiro, pedirão-lhe a lingoa, e elle, estendendo as mãos disse com firmeza: « is-aqui estes membros, que recebi do Céo, mas que agora offereço a Deos, em defesa da sua divina lei bem certo que hum dia m'os restituirá. »

« Mais val, disse o quarto mancebo ao entrar no martyrio, mais val para nós que os homens nos tirem esta vida, pois que esperamos ser por Deos resuscitados n'outra melhor; porem vós, não sereis resuscitados para a vida. »

«Tu fazes quanto queres, disse o quinto mancebo ao rei, por que tens poder entre os homens, ainda que sejas mortal, porem, não creias que Deos abandone o seo povo, espera hum pouco, verás qual seja o seo poder, e de que modo te paga, a ti, e á tua raça. »

Seguio-se o sexto martyr, mal que o quinto irmão tinha espirado. « Bem merecemos os terriveis flagellos, que estamos padecendo, por que muitas vezes temos infringido a santa lei que professamos, disse elle, fallando com o principe; que esperas tu pois, pelejando contra o Senhor? »

Restava o mais moço dos Machabeos, ainda em tenra idade, mas em nada, quanto ao animo, inferior a seos irmãos. Via Antiocho frustrado o rigor do seo poder, e frustrado por fracos adolescentes, sem mais armas do que as da fé, sem mais resistencia do que a da resignação aos decretos do Altissimo, e concentrando o despeito, que o menos-preço da sua authoridade lhe causava, tentou conseguir por

meios de brandura, a obediencia que os mais barbaros tormentos não poderão alcançar, e em que o seo orgulho o empenhava. As caricias são instrumentos perigosos de que os tyrannos algumas vezes lanção mão, em detrimento da verdadeira fé. Fallou pois com o menino, e debaixo de juramento, lhe offereceo faze-lo rico, e ditoso; admitti-lo entre os seos favoritos, conceder-lhe tudo quanto desejasse, com tanto, que havia abjurar a lei dos hebreos; porem nada pode obter com este novo genero de seducção. Chamou então a mãi, e continuando a representar o mesmo papel de falsa commiseração, representou-lhe que devia ceder aos movimentos da natureza, e poupar a vida ao derradeiro filho, inspirando-lhe outros sentimentos, visto que a não mudar, infallivelmente morreria. Porem aquella virtuosa matrona, cujo heroico valor, não pode ser excedido, a resposta que deo ao rei, foi voltar-se para o filho, e em lingoa hebraica, do principe não entendida, falla-lhe desta sorte: « Não sei como se formárão os filhos nas minhas entranhas; não fui eu quem vos deo alma, espirito, vida, e juntou os vossos membros n'hum corpo; foi sim o Creador do mundo, e de todas as cousas, e elle vos tornará a dar o espirito, e vida, por sua misericordia, em recompensa do vosso doloroso sacrificio. Amado filho, compadece-te de mim, que te conservei nove mezes no meo ventre, que tres annos te sustentei com o meo leite, e te criei até hoje. Rogo-te por tudo isto, creias em hum só Deos, que a ti, ao genero humano, e a tudo quanto existe, céo, e terra, tirou do nada; mostra que es digno de teos irmãos, imita a sua constancia, recebendo a morte com alegria, para que juntamente com elles torne a ver-te na eterna vida, que esperamos da misericordia divina: »

Ainda a santa mulher, não tinha acabado esta exhortação, já o menino, impaciente da tardança, gritava: « Nada quero de ti, ó rei; quero unicamente obedecer aos preceitos de Moysés. Tu, causa das miserias, que opprimem Israel, não poderás fugir ao

premio da tua iniquidade. Deos está algum tanto irado contra o seo povo, que tem peccado na sua presença; mas castiga-o para o corrigir; e quando a justiça divina estiver satisfeita, ha de perdoar aos seos servos. Se meos irmãos padecerão dôres passageiras, agora já tem entrado na alliança da vida eterna. Assim entrego eu livremente este corpo aos tormentos, em testimunho da fé que herdei, quando nasci. Rogo ao Senhor nos constranja por estes, e outros flagellos, a confessar altamente, que só elle he Deos; e finalmente, se torne propicio ás nossas supplicas, esperando em sua bondade infinita, que a morte de meos irmãos, e a minha, será o termo da infelicidade commum.»

A raiva de Antiocho não teve limites quando, lhe exprimirão o sentido verdadeiro destas fallas. Fez immediatamente agarrar o menino, e ordenou que inventassem novos generos de tormentos, que prolongando-lhe a morte, a fizessem por mil modos sentir á tenra victima, que soube exhalar o alento final, como seos irmãos, pura, innocente, e com perfeita confiança no Senhor.

Sem hum instante ceder ao dolorosissimo abalo das maternaes entranhas via a mãi dos Machabeos, em torno de si espargidos, os membros palpitantes dos caros filhos, pedindo fervorosamente a Deos, sem demora lhe concedesse, receber com elles a palma do martyrio. Teria Antiocho vergonha de se deixar vencer por hum leve sentimento de humanidade; sem detença, por tanto, mandou, que lançassem mão da generosa matrona, e a fizessem expirar nos tormentos.

Consummárão o sacrificio estes santos martyres no anno do mundo 3837, e antes de Jesus Christo, 164.

Vencido por sete creanças, e huma fraca mulher, sahio Antiocho da Judéa, deixando ordens apertadas para aniquilar a religião do verdadeiro Deos; porem o Senhor, não consentio que os seos pessimos designios se cumprissem.

MARIANNA: 1847. NA TYP. EPISC. Rua d'Olaria n.° 54.

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.° 1.° DE MARÇO DE 1847. N.° 17.

AUTHORIDADE DOS EVANGELHOS.

Que no espaço de desoito seculos, pudesse escapar algum erro insignificante em nossos Evangelhos por falta de attenção, e pela ignorancia dos copistas, convenho: que igualmente nelles pudessem introduzir-se hum ou muitos versiculos, estou longe de confessar e reconhecer: mas com os incredulos não preciso entrar nesta discussão: isso não faria huma notavel e substancial mudança. Tudo, o que agora pertendo, he, que os nossos Evangelhos nunca forão alterados em quanto a substancia da doutrina, da moral e dos factos; de maneira que, em quanto a essencia das cousas, elles são ainda, o que erão ao sahir da mão dos Apostolos. Para ficarmos disto convencidos, bastão algumas reflexões sobre a origem e natureza desses livros sagrados. Os Apostolos, e os discipulos de Jesus Christo espalhão-se pelas diversas regiões do mundo conhecido; o Oriente e Occidente recebem a sua doutrina; por toda a parte se formão Igrejas christas governadas por pastores, que elles ahi estabelecerão; Jerusalem, Antiochia, Alexandria, Epheso, Corintho, e Roma, virão entre si esses homens prodigiosos, que pertendem chamar o

universo ao conhecimento do verdadeiro Deos. Elles acabão por depositar em escriptos a doutrina, que pregárão; e esses escriptos se espalhão por todas as Igrejas. Eis-ahi os livros, em que os pastores estudão a vida e a doutrina de Jesus Christo; os livros, que explicao ao povo christão, e que mettem nas maos dos fieis. Esses livros são venerados como divinos; a Religião faria hum crime da mais leve mudança nelles; conservá-los e transmitti-los como o deposito mais precioso, he o primeiro dever dos pontifices e dos pastores: consagrão-lhes hum tamanho respeito, que antes se julgão obrigados a morrer na perseguiçao, do que entrega-los a serem profanados pelos gentios. Ora bem: supponhamos, que, em o universo christão que venera esses livros sagrados, algum falsario procura corrompê-los e introduzir hum novo ponto de doutrina, hum preceito antes desconhecido: pergunto, se essa mudança se tentasse, poderia ser bem succedida? Poder-se-hia emprehender o adulterar essencialmente hum livro espalhado por toda a terra entre as naçoes diversas, sem se advertir na falsificação? Poderia ella ser notada, sem despertar o zelo dos pastores, e dos christãos fieis, inviolavelmente aferrados a quanto haviao recebido das idades precedentes; e sem contra ella se verem levantar de todas as partes as mais vivas reclamaçoes?

E como se conceberia o projecto e o exito de huma falsificaçao notavel? Certamente ninguem dirá, que hum falsario podia ser assàs poderoso, para se fazer senhor de todos os exemplares dos nossos Evangelhos, espalhados por toda a terra, a fim de os corromper á sua vontade, e entrega-los assim falsificados nas mãos do publico. tudo isso he evidentemente impos-

sivel. Dir-se-ha, que podia começar a falsificação por alguns exemplares, e passar depois insensivelmente a todos os outros? Nova chimera: seria pois necessario, que todos os Bispos, todos os Pastores, todos os homens instruidos, todos os fieis, todas as Igrejas gregas e latinas guardassem silencio sobre a empresa do falsario: e que, apesar da opposição dos prejuizos, da educação, do genio, e dos habitos, todos unanimemente se combinassem para venerar, e immortalisar a mesma impostura! Isso repugna. Eu diria igualmente, que algum falsario pôde ha quatorze seculos alterar os exemplares da Eneida espalhados pelo universo; de maneira que, em quanto a essencia das cousas, ella não fosse, a que sahio das mãos de Virgilio! Observai tambem, que se não trata de hum livro só; mas de quatro differentes, compostos por distinctos autores, publicados em diversas epocas, e que todavia se achão conformes em quanto ao essencial; de sorte que não somente seria necessario falsificar hum, mas os quatro Evangelhos ao mesmo tempo; o que augmenta ainda muito mais a impossibilidade de huma alteração substancial. Sabe-se, que alguns innovadores, para tornarem os Evangelhos favoraveis aos seos vãos systemas, tomavao a liberdade de os alterar; mas não se ignora tambem, quanto elles excitárão contra si a indignação das Igrejas. Os doutores os criminavão disso; como se vê em Origenes, que o lança em rosto a *Valentino* e a *Marcião*; que accusa este de amoldar o Evangelho, corrompendo-o, ás suas loucas opinioes: *Evangelium interpolando, suum fecit.*

Na verdade seria conhecer mui pouco o espirito, que animava as Igrejas primitivas, o reputa-las in-

differentes para com seos livros sagrados ; pelo menos ellas estavão tão profundamente penetradas do respeito para com os Apostolos seos fundadores, e para com os escriptos publicados por elles, que o seo zelo se assustava da mais pequena innovação. A historia nos attesta até onde levavão o seo escrupulo, no que toca á pureza do texto das Escripturas. Por isso no quarto seculo hum bispo, chamado Triphillio, que tinha a reputação de ser hum homem eloquente, havendo tomado em hum sermão a liberdade de mudar huma palavra do Evangelho, a qual não lhe parecia nobre, que succedeo ? Hum bispo da ilha de Chypre, chamado Spiridião, veneravel por suas virtudes, levantou-se no meio da assemblea, e se mostrou escandalisado dessa alteração ; que não obstante era de tão pouca monta. Sabemos, que S. Jeronimo, tendo feito huma nova traducção das Escripturas, excitou logo contra si grandes rumores ; por que temião, que ella perturbasse os fieis acostumados á versão, que até esse tempo estava em uso ; igualmente sabemos de St.° Agostinho que hum bispo, fazendo ler na sua igreja a nova traducção, se levantou entre o povo hum grande tumulto por causa de algumas palavras differentes, das que se costumavão ouvir desde muito tempo.

Traduzidos em todas as linguas, espalhados entre todas as nações, e postos nas mãos de toda a classe de fieis, o numero de copias dos nossos Evangelhos devia multiplicar-se prodigiosamente ; dahi vem essa immensidade de variantes nos textos Evangelicos. Depois de trinta annos de paciencia e de trabalhos, hum doutor inglez notou até trinta mil ; porem, cousa notavel, nessa grande quantidade de variantes, não se

encontra alguma differença essencial ! Ellas cahem sobre a construcção das frazes, e não sobre os factos ; sobre as palavras, e não sobre as cousas. Sabemos igualmente, que em certos manuscriptos se affectava a liberdade de abreviar, e reunir os textos dos quatro Evangelhos ; transportava-se para hum, o que se achava no outro ; mas pegai no mais incorrecto de todos os exemplares, e nelle encontrareis o mesmo fundo de doutrina, de moral, e de acontecimentos, que no mais puro exemplar, que se possa descobrir. Os sabios dão por certo, que se tem contado mais de vinte mil variantes nas obras de *Terencio*, o que todavia não impede, que quanto delle nos resta seja substancialmente conforme, ao que sahio immediatamente das maos desse autor : o mesmo grande numero de exemplares e manuscriptos, que se tem podido consultar, fornecerão o meio de restabelecer o texto em toda a sua pureza primitiva ; de sorte que esta he huma das obras da antiguidade, cujo texto se considera mais puro e correcto. O mesmo acontece á cerca dos nossos Evangelhos.

Finalmente, se os incredulos ainda se obstinarem em apresentar os nossos Evangelhos como falsificados, nós podemos faze-los succumbir com huma prova de facto, que temos diante dos olhos. Podemos dizer-lhes : Nós possuimos hum grande numero de obras dos Padres da Igreja dos primeiros seculos, e não sei, que algum incredulo tivesse o louco pensamento de affirmar, que todos esses escriptos bem poderiao ser suppostos, ou falsificados por algum impostor. He como se dissessemos, que tudo quanto nos resta dos escriptores do seculo de *Augusto* de oradores, poetas, historiadores, philosophos, poderia na ver-

dade ser composto ou corrompido por algum falsario: esta idea não seria hum paradoxo, mas huma loucura. Ora bem, Senhores; se examinardes os escriptores da antiguidade christã, notareis, que nos seos commentarios, nos seos tratados dogmaticos, nas suas homilias, e nos seos livros de piedade elles transcreverão em certo modo todo o Novo Testamento; vós ahi encontrareis o sentido, e quasi sempre as mesmas palavras dos nossos Evangelhos; de maneira que, se por hum impossivel esses livros chegassem a desapparecer de repente, seria facil reparalos, ajuntando as citações, que delles se achão dispersas nos autores ecclesiasticos dos primeiros seculos. Logo os exemplares dos nossos Evangelhos, que se lião na mais remota antiguidade, erão conformes aos que ainda temos. Por tanto, passando a traves dos seculos, elles não soffrerão na sua substancia alguma alteração.

Assim quando eu leio os Evangelhos, posso dizer: Tenho diante de mim livros compostos ha desoito seculos pelos Apostolos e discipulos de Jesus Christo; estes livros ainda são taes, quaes sahirão das suas mãos; tão seguramente reconheço a sua doutrina, como se a ouvisse da sua propria boca, e tudo isto sei de hum modo ainda muito mais certo do que ter *Cezar* composto os Commentarios, que correm em seo nome. Não nos digão, que não obstante são eruditos, os que contestárao a origem dos nossos Evangelhos. Que sao alguns eruditos do nosso tempo, que com erudição podem facilmente não ser, senão talentos mediocres? Que são elles na presença dessa immensidade de genios eminentes, não menos sabios que elles, e cuja profunda intelligencia como sabedoria se áchão consagradas pela veneração da posteridade? Igualmente sabios, ou homens reputados taes, são, os que professarão o atheismo, e quizerão ensinar ao genero humano a prescindir de Deos; deveremos por isso ser atheos? Sem raciocinio de que serve a erudição? Nesse caso ella he hum fardo oppressor; os thesouros da memoria são para os pequenos talentos, como ricos materiaes nas mãos de hum architecto inhabil. Quem jamais foi mais douto, que o padre *Hardouino*, e quem avançou em tempo algum paradoxos mais repugnantes? He forçoso dizer, que este erudito célebre combateo a antiguidade da Eneida com reflexões criticas não menos enredadas e subtis, que até agora propostas contra a antiguidade dos nossos Evangelhos; comtudo elle não fez hum unico partidista na republica literaria, ao mesmo tempo que os nossos apostolos da incredulidade tem feito numerosos discipulos; qual será o motivo? He, porque as paixões humanas tem hum manifesto interesse em enfraquecer e destruir a autoridade dos Livros Sagrados; e por que em fim pouco nos importa, que hum cenobita do seculo treze, como pertendia *Hardouino*, ou que *Virgilio*, como julga toda a gente, se gloriasse de cantar a *Enéas* e suas façanhas. Senhores, as paixões são máos juizes: quando ellas decidem, a verdade succumbe sempre; mas o seo triumpho he huma ignominia, muitas vezes tambem he só momentaneo. Desgraçados nós, se a verdade fosse vencida pelas nossas resistencias! A nossa salvação somente pode encontrar-se nas suas victorias: confiamos, para nosso repouso e para o das gerações futuras, que a verdade prevalecerá contra o erro; e que do mesmo choque das contradicções a

veremos sahir mais brilhante: comparada a esses fachos accesos, os quaes nunca mais viva luz lanção, que quando se sacodem e agitão com maior violencia.

ORIGEM DA VIDA MONASTICA.

As palavras e os exemplos de Jesus Christo são a confirmação do estado religioso. O Salvador fez o elogio da vida solitaria e mortificada de S. João Baptista que desde a infancia retirou-se para o deserto, onde viveo até a idade de trinta annos. Mas não datão sómente do estabelecimento do Christianismo as ideas que fazem o principio e a base da vida religiosa; ellas remontão ás primeiras idades do mundo. O propheta Elias, fugindo da corrupção de Israel, retirou-se para os desertos do Jordão, aonde viveo de hervas e raizes, com alguns discipulos. Que não terião dito os poetas da Grecia, se tivessem por fundador dos sagrados collegios, hum homem arrebatado ao ceo em hum carro de fogo, e que deve reapparecer na terra no dia da consummação dos seculos?

Daqui a vida *monastica*, por admiravel herança, passa a Elyseo, aos prophetas e a S. João Baptista, até Jesus Christo, que fugia do mundo muitas vezes para hir orar sobre os montes. Bem depressa os Therapeutas abraçando as perfeições da solidão, offerecem perto do lago Mœris, no Egypto, os primeiros modelos dos mosteiros christãos. Em fim, com St.º Antão, S. Pacome, S. Hilarião apparecem estes famosos solitarios que povoão a Thebaida, o Carmello e o Libano, com prodigios de penitencia. Hymnos de gloria e grandeza ouviao-se das mais medonhas so-

lidões; musicas divinas misturavão-se com o ruido das cascatas e regatos; os seraphins visitavão o anachoreta da penha, ou acompanhavão sua alma candida, sobre as nuvens; os leoes servião de messageiros; os corvos trazião ao santo eremita o maná celeste: as cidades zelosas sentirão cahir sua antiga reputação: foi este o tempo da celebridade do deserto.

Seguindo o fio do encadiamento no estabelecimento da vida religiosa, achamos outras fundações *locaes* de ordens e conventos: as origens destas não são nem menos curiosas nem menos poeticas do que as primeiras. Eis nas portas de Jerusalem hum mosteiro erigido no local da casa de Pilatos; sobre o monte Sinai, o convento da *Transfiguração* marca o lugar terrivel, onde Deos dictou suas leis aos Hebreos; outro convento se eleva na montanha, onde Jesus Christo desappareceo da terra; o tecto de sua igreja está aberto no lugar mesmo, onde o Filho do homem deixou o vestigio da sua ascensão gloriosa.

E que maravilhas não nos offerece a contemplação o Occidente nas fundações das communidades! Monumentos da antiguidade, lugares consagrados por interessantes historias, ou por actos de humanidade; a historia, as affeições do coração, a beneficencia, se disputão igualmente a origem dos nossos mosteiros; e todas as miserias humanas, todas as infermidades da alma e do corpo encontrão na Religião hum lugar de allivio, ou hum hospicio.

Alem disto, as perseguições dos Romanos contribuirão para se povoarem as solidões; e os barbaros se tendo precipitado sobre o imperio, e quebrado todos os vinculos da sociedade, não restou aos homens senão Deos por esperança, e os desertos por refugio. Santas

congregações formárão-se por todas as partes nas brenhas e nos lugares mais inaccessiveis. Os planos ferteis erão preza dos selvagens, em quanto nos altos aridos dos montes habitava outro mundo, que nestes rochedos escarpados tinha salvado, como de hum segundo diluvio, os restos das artes e da civilisação. Mas do mesmo modo que as aguas correm dos lugares elevados para fertilisar os valles, assim os primeiros anachoretas descerão pouco a pouco dos altos para levar aos Barbaros a palavra de Deos e a doçura da vida.

Mas dir-se-ha que as causas que derão nascimento á vida monastica, não existindo mais entre nós, os conventos, tornão-se retiros inuteis. E quando desapparecerão estas causas? Não ha mais orphãos, enfermos, peregrinos, pobres, desgraçados? Ah! quando os males dos seculos barbaros se tem esvanecido, a sociedade habil em atormentar as almas, e engenhosa em dôr, tem feito nascer mil outras razoes de adversidades que nos lançao na solidão! Quantas paixões, quantos sentimentos trahidos, quantos desgostos afflictivos arrastao-nos cada dia para fóra do mundo! Estas casas religiosas erão asylo seguro contra os revezes da fortuna e contra as tempestades do proprio coração. A orpha abandonada da sociedade, na idade em que crueis seducções armão laços á formosura e a innocencia, sabião ao menos que havia hum abrigo para a sua virtude. Como era agradavel para esta pobre sem pais, ouvir o nome de irmã soar nos seos ouvidos! Que numerosa e tranquilla familia não encontrava na religião! Hum pai celeste lhe abria a sua casa e a recebia em seos braços.

Huma philosophia barbara, e huma politica bem cruel são aquellas que querem obrigar o infortunado a viver no meio do mundo. Homens ha que communicão suas voluptuosidades; a adversidade porem egoista se occulta sempre para gozar dos seos prazeres, que são as suas lagrimas. Se ha lugares para a saude do corpo, ah! permitti a religião tô-los tambem para a saude da alma; ella que he muito mais sujeita a enfermidades, e cujos males são muito mais dolorosos, muito longos e muito mais difficeis de se curarem.

Tem-se querido formar refugios nacionaes para aquelles *que chorão*. Certamente os philosophos que assim pensárão, são profundos no conhecimento da natureza e hão sondado o coração humano. Querem confiar a desgraça á piedade dos homens, e proteger os afflictos. Mas só huma caridade mais magnifica que a nossa pode alliviar a indigencia de huma alma de dôr; só em Deos pode achar a unção que deleita na adversidade.

Cumpre crer que não somos chamados todos para manejar o cajado ou as armas: huns são formados para o trabalho do pensamento, como outros para o trabalho de mãos. Não duvidemos: no coração temos mil razões que nos conduzem à solidão: huns ahi são levados pelo attractivo da contemplação; outros por hum certo pudor timido que os faz existir em si mesmos; em fim almas muito excellentes existem, que debalde procurão na natureza outras almas para quem ellas sejão feitas, e parecem condemnadas a huma sorte de virgindade moral, ou viuvez eterna. A' estas almas solitarias he que a religião offerece [rin-

cipalmente seos retiros, e apresenta ao seo amor immenso, hum Deos immenso, como seo amor.

(*Genio do Christianismo.*)

Lê-se na Gazeta Official o seguinte:—

Illm. e Exm. Sr. —Em resposta ao Aviso desse Ministerio, datado de 22 de Abril ultimo, a que acompanhou copia do Officio em que o Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. o Imperador de Todas as Russias, para satisfazer ao pedido do Santo Synodo, solicitou esclarecimentos sobre o estado e administração do Clero no Imperio do Brasil, por meio de respostas aos pontos no referido Officio indicados; tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. as informaçoes inclusas que, a este respeito, recebi do Arcebispo da Bahia, e dos demais Prelados do Imperio.

Deos Guarde a V. Ex. —José Joaquim Fernandes Torres. —Sr. Barão de Cayrú.

ESTADO ACTUAL DA ADMINISTRAÇÃO ECCLESIASTICA DO IMPERIO DO BRASIL.

ARCEBISPADO DA BAHIA.

Qual he o Regulamento da Administração do Clero.

Este Regulamento considerado em geral consiste nas regras de Disciplina estabelecidas pelos Canones da Igreja Universal, Decretos dos Concilios, e sobretudo do Ecuménico celebrado em Trento e recebido neste Imperio. Constituições Pontificiaes e Decisoes da S. Sé,

em huma palavra, tudo o que compõe a Legislação Canonica, ou o Corpo de Direito Publico Ecclesiastico. Considerado em particular, ou relativamente á cada huma das Dioceses, consiste nas Constituições organisadas pelos Synodos Diocesanos, que segundo prescreve o referido ultimo Concilio Geral, devem celebrar-se annualmente, mas que tendo, ha muito, cahido em desuso, bem como os Concilios Provinciaes, em todos os Paizes Catholicos, e apenas instaurados desde 1819 nas Dioceses Catholicas dos Estados-Unidos da America, são hoje suppridos pelas Pastoraes e Regulamentos peculiares dos respectivos Bispos, assim como por usos ou costumes legitimamente prescriptos e authorisados. Desde que se eregirão Dioceses no Brasil, só foi celebrado, ha muito mais de hum seculo, hum destes Synodos Diocesanos nesta Metropole da Bahia, e então formada a Constituição Ecclesiastica, que ainda hoje rege não só esta, como todas as mais Dioceses do Imperio, com as modificações, de que he susceptivel, segundo as circunstancias dos tempos, lugares e Legislação do Paiz, a parte accidentental e variavel da Disciplina da Igreja.

Qual a divisão em Dioceses, e a Hierarchia existente.

Não existem em todo o Imperio mais que nove Dioceses; a saber: Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Marianna, Goyaz e Cuiabá. Estas nove Dioceses comprehendem as dezoito Provincias ou Departamentos, em que se acha dividido todo o Imperio. Quanto á Hierarchia, todas estas Dioceses são suffraganeas á Metropole da Bahia, onde reside o Arcebispo Metropolitano e Primaz, cujos direitos jurisdiccionaes sobre os Bispos

Comprovincianos consistem principalmente no Julgamento das causas Ecclesiasticas de todo o Imperio por appellação interposta perante hum Tribunal composto de sete Juizes ou Desembargadores, de que o Arcebispo he Presidente, e quem os nomea e lhes confere a Jurisdicção, visto que, depois da extincção do Foro pessoal, elle não conhece senão das causas espirituaes. Este Tribunal julga em segunda e ultima Instancia, sem recurso de revista ao Supremo Tribunal de Justiça que pela Legislação em vigor baseada na independencia dos Poderes, e nos limites que estremão o Sacerdocio do Imperio, não póde tomar conhecimento de materias puramente espirituaes. Os Juizes inferiores ou de primeira Instancia são o Vigario Geral ou Official para o Foro contencioso, e o Provisor ou Vigario *in spiritualibus* que exerce a Jurisdicção voluntaria: he sempre escolhido dentro os Membros da supradita Relação ou Curia Metropolitana e sob Presidente no impedimento do Arcebispo.

Qual o numero das Igrejas, Mosteiros, Conventos, e Seminarios para a educação do Clero.

Contem a Diocese da Bahia, comprehendendo a Provincia do mesmo nome, a de Sergipe, e huma parte da de Minas Geraes, cento e cincoenta Igrejas Parochiaes, algumas com grande extenção e numerosa população. Os Parochos são escolhidos por concurso e propostos pelo Prelado Diocesano ao Imperador em lista tripice, para Elle Apresentar hum dos tres propostos, que em consequencia recebe do mesmo Prelado a instituição Canonica ou Jurisdicção Parochial.

Existem actualmente nesta Diocese quatro Congregações ou Ordens Religiosas de homens, Benedictinos, Carmelitas calçados, Franciscanos, e Missionarios Capuchinhos. A' excepção dos dous ultimos, que vivem das esmolas dos Fieis, os mais possuem bens administrados por elles. Cada huma destas Congregações, além da Casa Capitular desta Metropole, onde reside o Prelado maior, tem mais ou menos Conventos e Hospicios, que lhe são subordinados, nesta e outras Provincias do Imperio; a saber: a do S. Francisco 12 Conventos e 1 Hospicio; a do Carmo 3 Conventos e 6 Hispicios; a de S. Bento 10 Mosteiros e 1 Hospicio; e a dos Capuchinhos Italianos 1 Hospicio na Provincia de Sergipe. Iguaes Casas Religiosas estabelecidas em algumas Dioceses são independentes das da Bahia, e governadas por Superiores de sua propria escolha. Tem mais esta Diocese quatro Conventos de Religiosas Professas, dos quaes dous são de Ursulinas com os titulos de Nossa Senhora da Soledade e Nossa Senhora das Mercês; e os outros dous professão o Instituto Franciscano, e são denominados, hum de Santa Clara do Desterro e outro de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Os das Ursulinas recebem educandas. Ha finalmente dous Recolhimentos, onde á pratica dos Conselhos Evangelicos e exemplos de huma vida innocente se junta hum particular desvelo e solicitude pela educação de Meninas, que nelles se recolhem. Todos estes Conventos de mulheres não possuem outras rendas, que as provenientes de alguns predios Urbanos, e os dous Recolhimentos são auxiliados pela Fazenda Provincial, em razão da insufficiencia do seo Patrimonio. Não existe nesta Metropole se não hum Seminario para a educação do Clero Secular, onde só se admittem os Aspirantes ao Estado Ecclesiastico já habilitados com

os competentes Preparatorios, para seguirem as altas Sciencias Ecclesiasticas, divididas pelas seguintes Cadeiras—Theologia Exegetica—Historia Sagrada—Historia Ecclesiastica—Theologia Dogmatica—Theologia Moral—Direito Ecclesiastico. O estudo destas Sciencias fórma hum curso de tres annos, no ultimo dos quaes recebem o Presbyterado os que, mediante exames publicos e bom testimunho de sua morigeração, merecem ser approvados.

Quaes são os Capitaes e rendas do Clero.

Muito antes que as innovações politicas da Europa tivessem abolido na mór parte das Nações Catholicas os Dizimos, que constituião a propriedade e riqueza do Clero, já no Brasil por antigas concordatas do Governo Portuguez com a S. Sé se achavão infeudados ou encorporados nos bens da Corôa, que percebia todos os rendimentos, com a clausula onerosa de dotar sufficientemente o Clero e Estabelecimentos Ecclesiasticos deste Paiz. Assim todas as rendas do Clero se reduzem á Congruas pagas pelo Thesouro, e são actualmente reguladas pela seguinte fórma—O Arcebispo Metropolitano vence annualmente 3:600$000 rs., e os Bispos 2:400$000 rs. As Congruas dos Parochos não são uniformes em todas as Dioceses do Imperio, percebendo em humas mais, e em outras menos, o maximo dellas não excede de 400$000 rs., além dos proventos ou direitos ersuaes. Os Conegos são igualmente pagos pelos Cofres Geraes, e percebem Congruas, que tambem varião em cada huma das Provincias, não excedendo de 800$000 rs. O Seminario deste Arcebispado não tem outro fundo,

que a dotação paga pelos Cofres Provinciaes de 3:000$ rs., e alguns predios, cujo rendimento não passa de 1:000$000 rs.: tem além disto o producto das pensões, que pagão os Alumnos na importancia de 100$ rs., cada hum. As unicas Corporações Ecclesiasticas, que possuem maior numero e valor de bens de raiz, são as duas Ordens Regulares de Carmelitas Calçados, e Benedictinos; cujos Patrimonios consistem em Engenhos de assucar, Fazendas de gado, predios Urbanos, e rendimento de foros de terrenos. Todas estas Corporações Religiosas de hum e outro sexo tem obtido faculdade de aceitarem Noviços.

RIO DE JANEIRO.

Qual he a hierarchia Ecclesiastica nesta Diocese.

A hierarchia Ecclesiastica desta Igreja de S. Sebastião do Rio de Janeiro he Episcopal. Creou-a o S. S. Padre Innocencio XI, á instancias do então Principe Regente e ao depois Rei de Portugal D. Pedro II, por bulla de 16 de Novembro de 1676; sendo a Metropole Ecclesiastica, de que depende esta Diocese, é unica no Brasil, a Sé Archiepiscopal de S. Salvador da Bahia. O Bispo do Rio de Janeiro he tambem Capellão Mór de S. M. o Imperador, por Bulla do S. S. Padre Leão XII, á instancias do Imperador do Brasil D. Pedro I, em data de 18 de Junho de 1826; Bulla, que unio ao officio de Bispo Diocesano o cargo de Capellão Mór, que no Brasil havia creado o Alvará d'El-Rei D. Joaõ VI em data de 15 de Junho de 1808.

Além da hierarchia Episcopal, que em razão da

sua natureza, he de Direito Divino, ha nesta Igreja de S. Sebastião do Rio de Janeiro outra hierarchia de Direito Ecclesiastico, devida á piedade dos Monarchas e a liberalidade da S. Sé. Compõem-se esta hierarchia de 8 Prelados, com o nome de *Monsenhores*, que fazem parte do Cabido da Cathedral e Capella Imperial, occupando as Dignidades Capitulares. Forão creados pelo citado Alvará de 15 de Junho de 1808, e confirmados pela Bulla de uniao da Cathedral e Capella Imperial, tambem já citada, em data de 18 de Junho de 1826. Esses Monsenhores, *ad instar* dos Prelados da Curia Romana, usão de insignias Prelaticias, e de Pontificaes nas funcções solemnes.

Além desses 8 Monsenhores, ha a hierarchia de 22 Conegos, que com aquelles compõem a totalidade do Cabido da Santa Igreja Cathedral e Capella Imperial do Rio de Janeiro. Forão creados pelo Alvará e Bulla apontados, e gozão de certas prerogativas ecclesiasticas e civis.

Ha, outrosim, a hierarchia, que forma a *officialidade* do Bispo, he igualmente de Direito Ecclesiastico, e funda-se nas leis geraes da Igreja. Compõe-se de dous Ministros que residem na Côrte, e são o Vigario Geral, á que está annexa a vara de Provisor e de Juiz de Justificações *de genere*; e o Juiz dos casamentos, que tambem o he das dispensas Matrimoniaes.

Finalmente existe nesta Diocese do Rio de Janeiro outra hierarchia, igualmente de Direito Ecclesiastico, criada pelos Bispos ha longo tempo. Compõe-se dos Vigarios Geraes, estabelecidos fóra da Cidade Episcopal em pontos distantes e mais importantes;

dos Arciprestes, que representão os antigos Deães ruraes, administrando diversas Commarcas Ecclesiasticas, e dos Vigarios Foraneos, propostos á cada huma das Comarcas. Os Arciprestes, por concessões Episcopaes, tem o predicamento e honras de Conego da antiga Cathedral do Rio de Janeiro.

Existem dous Vigarios Geraes, hum ao Sul do Bispado, com assento em Porto Alegre, Capital da Provincia de S. Pedro do Sul, e outro ao Norte, em Caravellas. Os Arciprestes são quatro, hum em Campos, na Provincia do Rio de Janeiro; outro na Cidade do Desterro, Capital da Provincia de Santa Catharina; outro na Victoria, Capital da Provincia do Espirito Santo, e outro em Caravellas, que he mesmo Vigario Geral do Norte. Ha 38 Vigarios Foraneos ou *da Vara*, como chamão, a saber: 16 na Provincia do Rio de Janeiro, entrando o Arcipreste de Campos, que he Vigario Foraneo na respectiva Comarca; 1 na parte deste Bispado, que pertence á Provincia de Minas; 3 na Provincia de Santa Catharina, entrando o Arcipreste do Desterro, que rege a Comarca do mesmo titulo; 14 na Provincia de S. Pedro do Sul; 3 na Provincia do Espirito Santo, contando com o Arcipreste da Victoria, que tambem he Vigario Foraneo na respectiva Comarca, e 1 em Porto Seguro, Provincia da Bahia, na parte que pertence á esta Diocese.

Além dos gráos hierarchicos aqui apontados, outros se nao reconhecem nesta Igreja de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Qual o numero de Igrejas, Conventos, Seminarios nella existentes.

A diocese do Rio de Janeiro tem a divisão geral-

mente adoptada na Igreja, isto he, divide-se em Parochias e em Curatos.

IGREJAS.

Côrte. —Alem da Cathedral e Capella Imperial, ha 7 Freguezias, e em consequencia 7 Igrejas Matrizes. A fora essas, ha mais 24 Igrejas e 13 Capellas, sendo 8 pertencentes à Conventos, 8 á Ordens Terceiras, e todas as mais de Confrarias ou Devoções.

Municipio da Côrte.—Tem 8 Freguezias e 1 Curato, e por isso 9 Igrejas Matrizes, alem de 1, que pertence a hum Convento.

Provincia do Rio de Janeiro.—Conta 73 Freguezias e 9 Curatos, e por isso 82 Igrejas Matrizes; conta mais 8 Igrejas, pertencendo algumas á Conventos e Ordens Terceiras, e 11 Capellas.

Minas Geraes.—(huma pequena parte) Aqui tem a Diocese do Rio de Janeiro 1 Freguezia e 4 Curatos.

Santa Catharina.—Nessa Provincia ha 19 Freguezias, e por isso 19 Igrejas Matrizes; accrescendo, que na Capital, alem da Matriz, ha 3 outras Igrejas, sendo huma de Ordem Terceira. Existem mais no restante da Provincia 2 Capellas.

Rio Grande do Sul.—Contão-se nessa Provincia 35 Freguezias e 13 Curatos, por isso 48 Igrejas, alem d'outras 3, que não são da cathegoria das primeiras e de mais 4 Capellas.

Espirito Santo.—Conta 9 Freguezias, 9 Igrejas Matrizes, havendo mais na Capital 2 outras Igrejas, que pertencem á Conventos e Ordens Terceiras, e 4 Capellas.

Caravellas e Porto Seguro.—(huma parte da Provincia da Bahia). Ahi conta esta Diocese 9 Freguezias, e por isso 9 Igrejas Parochiaes.

CONVENTOS.

As Ordens Religiosas, estabelecidas nesta Diocese, são sómente a Benedictina, Carmelitana e Franciscana. Ha tambem Capuchinhos, que tem hum Hospicio, e Religiosos da Terra Santa (que são Franciscanos) tem igualmente outro Hospicio. Ha dous Conventos de Freiras, hum de Carmelitas descalças, professando a regra de S. Thereza, e outro de Nossa Senhora da Ajuda, que são Franciscanas. Ha de mais alguns P. P. da Companhia de Jesus, que não formão communidade, occupados nas Missões e no ensino, residindo nas Provincias de Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Segundo os institutos, aqui mencionados, ha nesta Côrte do Rio de Janeiro 8 Casas Religiosas, sendo 2 de mulheres; 1 no Municipio e 3 na Provincia do Rio de Janeiro e 2 na do Espirito Santo.

SEMINARIOS.

Sómente hum tem a Diocese, no qual se dá a instrucção secundaria, e o ensino da Theologia dos Canones.

Quaes os rendimentos e patrimonio do respectivo Clero.

O Clero desta Diocese, sob a relação deste quisito, pode dividir-se em duas classes; a dos que tem Beneficios Ecclesiasticos, e taes são sómente os Co-

pregos e Parochos, e dos que não tem Beneficios. Esta divisão he commum á todas as Dioceses do Imperio.

Os Cleros Beneficiados tem huma porção congrua para subsistirem, consistente em dinheiro, que lhes dá o Estado; porção que represente os Dizimos, os quaes no Brasil, primeiro do que talvez em toda a Europa, forão secularisados pelo Alvará de 1.º de Agosto de 1752 e outras leis, em beneficio da Corôa (hoje do Estado). O Bispo tem tambem a sua congrua do Estado. Os Clerigos porem não Beneficiados não tem outro de subsistencia, alem da que lhes dá o exercicio das suas Ordens em favor dos ficis, que lhes retribuem. Mas ninguem (huma vez que não possua Beneficio Ecclesiastico) he ordenado Sacerdote, sem que tenha, em conformidade das dispoçiçoes do Conc. Trident. e Const. do Arcebispado, hum patrimonio seo, em bens de raiz ou cousa equivalente no valor de 500$ reis, que dê huma renda de 25$000 reis, na razão de 5 por 100 ao anno.

Isto he pelo que respeita ao Clero Secular, em quanto ao Regular, as Ordens, que não são Mendigantes, tem patrimonio, consistindo em predios dentro da Cidade, e fóra della em Fazendas ou terras.

S. PAULO.

A hierarchia Ecclesiastica deste Bispado conforme estabelece o Direito e reconhece a Igreja Catholica, collocada na desigualdade de Poderes entre os Pastores, e os Ministros, existe no Bispo, que he suffraganeo do Arcebispo da Bahia, o qual rege todo o Bispado, e nos Parochos que administrão o Pasto

Espiritual nas Igrejas, que lhes são destinadas. O Bispo tem hum Vigario Geral, e Provisor que coadjuva, e serve ao mesmo tempo de Juiz Contencioso. Os Vigarios nas suas Parochias tem Coadjutores para administrar com elles os Sacramentos, e todo o serviço da Igreja. Alem do Vigario Geral, que tem jurisdicção no Foro em todo o Bispado; a bem dos Povos; são constituidas differentes Comarcas Ecclesiasticas, que são regidas com poderes limitados, conforme a constituição que rege o Bispado, pelos Vigarios da Vara.

A Sé Cathedral tem quatro Dignidades e dez Conegos. As Dignidades são: Arcediago, que he o Presidente do Cabido; Arcipreste, Chantre, e Thesoureiro Mór. Entre os Conegos hum serve de Penitenciario.

A' este Cabido passa a jurisdicção Episcopal, em Sé vaga, que he exercida por hum Vigario Capitular, pelo mesmo Cabido nomeado logo que se der a vacancia. Além deste Cabido existe hum Synodo, onde se examinão os Sacerdotes, que se destinão ao Ministerio Parochial, e resolvem as duvidas e casos de consciencia. O numero das Igrejas neste Bispado he de 119. Os Conventos existentes nesta Diocese são os seguintes: Da Ordem Benedictina cinco, da Carmelita quatro, da Franciscana seis. Além destes existem tres Recolhimentos, que são: de Santa Theresa, e Nossa Senhora da Luz, nesta cidade, na de Sorocaba o de Santa Clara. Não existe Seminario algum nesta Diocese.

O Patrimonio do Clero, que não he beneficiado collado, era em algum tempo de 400$000 rs. cons-

tituidos em bens de raiz ; porêm attendendo-se a limitada quantia, foi elevado a 1:000$000 rs.

GOYAZ.

Alêm do Bispo ha dous Conegos Honorarios da Capella Imperial. Na Se não ha Cabido de Conegos, nem Collegiada alguma.

Ha trinta e seis - Parochias neste Bispado, e não tem convento algum, e só tem hum Seminario fundado pelos Padres de S. Vicente de Paulo.

O Patrimonio do Clero he o necessario para a sua ordenação ; que pelo menos deve valer 500$ rs. ; é fundado em bens de raiz. Os Parochos tem 200$ rs. por anno de rendimento sujeitos a dispeza dos guisamentos.

(*Concluir-se-ha no n.° seguinte.*)

RELIGIÃO.

O que dirá o mundo ?

O fantasma que mais assusta os espiritos acanhados ; o escolho em que mais frequentemente naufragão os animos irresolutos ; o tirano, em fim, que maior poder exerce nas almas fracas, que desejarião poder alliar o serviço de Deos com as maximas do mundo, he esse desejo peccaminoso, estulto e quimerico de merecer a approvação dos homens, esse temor vergonhoso, pueril e culpavel de cahir em seo desagrado, de desafiar as suas censuras. Vejamos, porem, quem he esse juiz inexoravel, que tanto assusta aos tibios com a severidade de suas sentenças ; quem esse soberano despotico, que tanto fascina com

o brilhantismo de seos dons ; quem esse idolo desprezivel, a quem incensão tantos milhares de estupidos adoradores : examinemos os titulos da sua authoridade, a competencia de seo poder, a justiça de suas decisoes, o valor de suas recompensas, e alcance de seos castigos, e, mais que tudo, o direito que tem a nossos respeitos, e vejamos se qualquer destas causas, ou se todas ellas, juntas, podem ou devem influir em nossas consciencias para deixarmos de seguir por medo de suas criticas, ou por desejo de lhe agradarmos, franca e publicamente as maximas do Evangelho, ou para occultarmos, omittir-nos ou disfarçarmos as praticas da religião santa de J. C. e para desse modo faltarmos ao exacto cumprimento de sua divina lei.

Para todo aquelle que presta a devida obediencia aos preceitos de J. C., desnecessarias se tornão as nossas reflexoes, por que bem presentes deve ter em seo espirito as seguintes sentenças da verdade eterna: aquelle que não he commigo he contra mim—quem não colhe commigo desperdiça—eu me envergonharei de confessar diante de meo pai, que está nos Ceos, aquelle que se envergonhar de confessar-me perante os homens—Ninguem pode servir a dous senhores, &c. He, por tanto, para aquelles que tantas attenções prestão ao respeito humano que escrevemos, na esperança de que todos os seos receios se dissiparão, no momento em que ousarem encarar a face do fantasma que os assusta, e tão despoticamente os tiranisa.

Se o mundo, como todos sabem, he composto de bons e máos, e se as suas opiniões varião segundo as diversas qualidades de cada huma das classes de que elle se compõe, he claro que o homem não po-

de temer o juizo de huns e outros indistinctamente, mas unicamente daquelles que lhe são contrarios. Ora, não podendo o homem religioso conceber receios da parte dos bons, segue-se que todo o respeito humano que o afasta das praticas de piedade se refere ao receio que elle pode ter do que dirão os máos, os quaes, como juizes incompetentes, só merecem lastima para si, e despreso para suas decisões. E na verdade, não poderão fazer grande impressão no animo de quem deseja salvar-se as opiniões daquelles que, esquecidos de Deos e de si, correm á redea solta pelos amplos e lodosos caminhos do vicio e do crime. Quererá elle acaso merecer aplausos, conquistar as sympathias do adultero, do espoliador dos bens alheios, do amancebado e do calumniador? Desejará a aprovação do concussionario, do apostata, do impio e do herege? Assustar-se-hà muito com a censura do usurario, do gastronomo e do bebedo? Causar-lhe-hão serios receios os discursos que a respeito da sua religiosidade fizerem os que dormem ao som dos ais do orphão e da viuva que despojarão; os que se constituem herdeiros *forçosos* do miseravel, que pisou lamas para lhes deixar berlindas; os que sobem pelos degráos do crime ás emminencias sociaes; os que julgão cobrir com as gallas da riqueza os criminosos e vilissimos meios com que as amontoarão; os que, verdadeiras fezes da sociedade, aboiam ao decima della pelo natural effeito da effervescencia geral das paixões mais ignobeis? Já se vê que não, e que por consequencia serão tão infundados seos receios como dignos de castigo.

Se dos caracteres singulares de cada huma das classes passar a vista ao que se chama opinião com-

mum, na qual se confundem e amalgamão as opiniões particulares, nenhum motivo achará o homem religioso que possa desculpar o seo temor do respeito humano, nenhuma razão que o obrigue a occultar a sua crença, os seos principios, a sua obediencia aos divinos preceitos; pelo contrario, por isso mesmo que as maximas do mundo são em tudo oppostas ás do evangelho, como no-lo declarou o Verbo divino, deve o verdadeiro christão pronunciar-se alta e explicitamente contra ellas, quer por seos actos, quer por sua linguagem, e viver convencido de que nessa mutua opposição consiste essencialmente o seo merito, que deve ter com o divino e supremo chefe, debaixo de cujas bandeiras ha de pelejar até a morte o que quizer alcançar a corôa de justiça. Pois como será possivel em tempo algum combinar a execução de huma lei santa, baseada no amor, na justiça e na virtude com as maximas disparatadas e arbitrarias dessa assemblea confusa de caracteres, de interesses, de vistas, de desejos e de paixões oppostas, chamada mundo? Dessa reunião informe de contradicções, de enganos, de fraudes, de manejos dirigidos ao triumpho do egoismo o mais escandaloso e revoltante? Theatro infame, onde cada hum escolhe a mascara com que melhor possa encubrir a hediondez de seos vicios; onde com o santo nome de amigo se esconde o malvado, que surdamente attenta contra a honra, vida ou fazenda da incauta victima de seos embustes; onde na balança da justiça pesão mais os titulos da venalidade, do que os da innocencia; onde os estimulos da honra são a cada passo suplantados pelos da sensualidade; onde os vôos da audacia deixão a perder de vista os mais nobres esforços do merito; onde a gra-

vidade dos delictos diminue na razão indirecta das possibilidades do criminoso; onde o estouramento, o desperdicio e a immoralidade sao laureados ao mesmo passo que a honestidade, o recato e a parcimonia servem de thema aos apodos, ás invectivas e aos sarcasmos da multidao desenfreada; onde finalmente o diabo he servido com esmero, com fadiga, com pontualidade, e Deos despresado, esquecido e injuriado. Desçamos porem das generalidades, para se nao alcunhar de declamação o que levamos dito. O que vemos nós todos os dias? Vemos este protestando com toda a aparencia de sinceridade o grande desejo que diz ter de servir a outro, contra o qual vai dar, ou já tem dado os necessarios passos para que a sua empresa se malogre; vemos aquelle, todo coberto de luto, chorando com falso pranto a morte do que talvez foi victima da sua cubiça ou rapacidade; vemos a quell'outro empenhando todos os recursos da candura, e da persuasão, para attrahir o seo bemfeitor á rede que arteira e calculadamente tem armado aos bens de seos descuidados credores; vemos hum ostentando na praça publica honradez e imparcialidade hum momento depois que no seo gabinete recebeo de contado o preço por que vendeo a justiça do pobre; vemos outro abusando da boa fé do amigo, do parente, do bemfeitor, derramar no centro de sua familia a deshonra e a infamia com que lhe paga generosa hospitalidade; vemos outro enchendo de amargura os ultimos dias de hum pai honrado, só por que não pode resistir aos encantos da honrrenda herdeira de seos haveres; vemos outro agenciando com calculada tirannia o assassinio do cidadão honrado, que se atreveo a reprovar os vergonhosos desvarios d'huma mu-

lher perdida; vemos outro dissipando com criminosa prodigalidade os dinheiros confiados á sua guarda; vemos em fim o vicio honrado, respeitado e altivo exigindo consideração e acatamento; vemos a baixeza exaltada, brilhante, enobrecida com os negros resultados de suas gigantescas especulaçoes, e a par de tudo isto vemos a virtude indigente, perseguida e despresada. Ora, se tal he o mundo, deverá o homem honesto reconhece-lo como juiz competente, respeitar suas decisoes, desejar os applausos, ou temer as suas criticas? Deverá aquelle que aspira á ventura de habitar hum dia com o Santo dos Santos na celeste mansão da gloria, onde nada que fôr impuro poderá entrar, omittir os actos que lhe podem grangear essa mesma ventura, só para que não falle, não critique, não escarneça o mundo? Isso seria o mesmo que privar-se o homem são das suas pernas, para evitar a inveja dos paralyticos. Cousa notavel he que os partidarios do mundo tão pouco apreço dêm á opiniao do mesmo mundo, que tanto assusta aos que tem por dever despresa-lo, e que não lembre ou não assuste aos máos, o mesmo que dá tanto quebranto aos que desejão ser bons. E com effeito, se o que dirá o mundo, tivera poder para conter os homens na orbita de seos deveres, muito ganharia a sociedade com esse temor, que nesse caso seria santo, mas infelizmente acontece que a primeira cousa que o máo despresa he o respeito humano, chegando alguns delles a tal grão de impudencia e descaramento que publicamente se jactão das maldades que praticão. Em conclusao: o que poderá dizer o mundo d'aquelle que preferindo a tudo a sua salvação, se entregar de todo o coração ás praticas de piedade, ao cumprimen-

te dos preceitos, à observancia exacta em fim da lei do Deos? Dirá que tal individuo he beato, fanatico, hypocrita, papa-missas, e o mais que a perversidade pode inventar; mas que importa tudo isso, se elle for agradavel e aceito aquelle Senhor, que he o unico juiz competente de bons e máos, o unico que ha de vir a julgar os vivos e os mortos? Alem de que o homem virtuoso, mesmo neste mundo, recebe na alma dos homens de bem, parte do premio das suas virtudes, ao mesmo tempo que o máo, ralado de remorsos, aborrecido por si e pelos outros, vai carregando a custo huma existencia pesada até á borda da medonha sepultura, onde ha de despoja-lo a morte dos fructos de suas rapinas, violencias, e extorsoes, e onde o espera o juizo terrivel daquelle juiz que só se deixa abrandar pelas lagrimas da sincera penitencia, mas que não perdoa crimes de restituição, deixando nas mãos do roubador ou seos herdeiros os bens mal adquiridos.

Jesus Christo disse: Eu venci o mundo: Trate por tanto quem quizer reinar com Christo de despresa-lo, que he o unico meio de vencê-lo.

P.

A NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA.

Qual costuma a linda aurora
No orisonte apparecendo,
Já comsigo vir trazendo
Brilhantes raios do sol:
Tal, ó Virgem, quando nasces,
Nos bens do ceo nos enlaças,
Trazendo em Ti muitas graças
Do divino Salvador.

Desde as idades passadas
Aos homens fostes predita,
E será sempre bemdita,
Em quanto o Ceo presistir.
Regerás d'alli n'huma throno,
Quando da terra assumida;
Porque tu foste escolhida
Mãi do Eterno e do mortal.

Innocente creatura
Filha de pais criminosos,
Não sentiste os poderosos
Effeitos do antigo mal.
Se d'Eva na culpa, e damno
A prole toda manchou-se,
Della Maria isentou-se
Por mercê particular.

Esta Menina, que nasce
Como simples creatura,
He do que os Anjos mais pura
Para sobre elles reinar.
Inda estando cá na terra,
Dos ceos virá consultar-se,
E para hum Deos humanar-se,
Só do seo—Sim—depender.

Maria nos felicita,
Demos-lhe graças contentes,
Humilhados, reverentes
Por trazer-nos tanto bem.
Nas nossas tristes desgraças
Já podemos ter amparo;
Que este ser em tudo raro,
Nos vem dar consolação.

Operatur filius , quæ viderit patrem facientem , diz S. Agostinho. Andao para traz os caranguejos contra o modo commum dos outros animaes. E fingirão os antigos , que lastimados de ver em si esta monstruosidade se juntárao os maiores para pôr-lhe remedio. Que razao ha , dizião , para que tenhamos , e soffiramos em nós outros este defeito tao grande? Isto ha de se remediar. Discorrerao pois os da junta varios meios. Dizia hum : o meio mais acertado he de pedir ao Creador , que mude este costume. Dizia outro : bom meio he esse ; porem da nossa parte devemos tambem fazer o que pudermos. O que supposto , determinemos desde hoje em diante a fazermos força para vencermos este habito , e não andarmos para traz. Deixou-os fallar a todos o caranguejo que presidia , e em ultimo lugar respondeo : Não ha duvida , que esse he o parecer mais acertado ; porem tem mui grandes difficuldades o reduzi-lo á pratica ; por que como estamos já velhos , e os nervos endurecidos com o costume neste modo de andar , nao ha de ser possivel que o mudemos. O que considero he , que nós outros morremos mais dia , menos dia ; mas podemos deixar remediada esta desordem em toda a posteridade. Faça-se hum decreto , e publique-se pragmatica por todo o nosso reino , que logo que as mais tirarem a luz os filhos , os ensinemos a andar para diante, o que será *facil* pelo tenro da idade , e dest'arte cessará nos nossos descendentes o defeito , e nós teremos a gloria de ter sido os reformadores. Pareceo a todos o meio mui prudente , approvárao-no , publicou-se o decreto , e o aceitou todo o reino dos caranguejos. Nascia o tenro caranguejo , e dizia-lhe o pai : Olha , filho , para alli he que has de andar. Seja assim, respondia elle , vamos pai : começava o filho a querer andar para adiante , como o pai lhe dizia , porem reparava que elle andava para traz. Eia filho , caminha. Isso não , dizia o animalzinho : por onde vai meo pai, tenho eu de hir , e tenho de andar como meo pai anda. E resultou daqui , que até hoje correndo a mesma monstruosidade de huns a outros , andarão para traz até o fim do mundo. Esta he a força do exemplo.

MARIANNA : 1847. NA TYP. EPISC. Rua d'Olaria n.° 54.

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.° 15 DE MARÇO DE 1847. N.° 18.

A JUSTIÇA.

Se sem a tolerancia a vida social he hum estado de guerra , ella sem a justiça he hum estado impossivel.

A justiça he a alma da sociedade : e assim como o corpo se dissolve quando a alma se retira , a sociedade perece quando della se retira a justiça.

Mas que devemos entender por justiça ? Em sua accepção mais ampla ella consiste na reunião de todas as virtudes : e em sua accepção restricta limita-se a dar a cada hum aquillo que lhe he devido , e a nao se offender por maneira alguma , algum direito.

He neste sentido , que ordinariamente a tomão em seos tratados os moralistas : e será tambem neste , que nos aqui a consideraremos.

Assim considerada porem , a justiça e a caridade serão duas irmãs mui queridas ? Será huma dellas hum frondoso ramo da outra ? ou serao ambas a mesma virtude ? Eis-aqui huma questão , que poderá ser curiosa , mas inutil neste lugar.

A justiça e a caridade sao daquelles objectos , que a consciencia gosta de aproximar , o coração de confundir ; e que o raciocinio divide para melhor os ava-

liar, e a moral distiugue para melhor lhe regular os deveres.

Philosophos tem havido, que disserão, que ellas muitas vezes se chocão, e que não pode então exercitar-se huma sem ser a custa da outra: mas os exemplos com que o pretenderão provar, não mostrarão se não a fraqueza de quem queria sustentar huma mà causa.

Se se encontra hum parente, ou hum amigo, argumentavão elles, nas columnas do contrario partido, a justiça manda que se mate, e a caridade ordena que se salve. Se hum homem está mortalmente ferido, ou lhe nao resta se nao huma vida languida e dolorosa, he obra da caridade acaba-lo, e dever da justiça vinga-lo.

Porem em que codigo divino, ou humano, acharão elles, que hum amigo, que encontra outro amigo nas adversas fileiras; que o pai, que ahi encontra o filho; que o filho que ahi encontra o pai; tem por justiça obrigaçao de o matar? que seria caridade tirar hoje a vida a quem tivesse de morrer amanhã? ou privar hum enfermo da existencia, que ainda Deos lhe concede, só por que ella he languida e dolorosa?

Menor absurdo seria o dizer-se que se aquelle, que não tendo se não huma pequena quantia, encontrasse o credor a quem a devesse, e hum pobre que della carecesse, por justiça a deveria entregar ao credor, e ao pobre por caridade; mas nem isto mesmo seria exacto, pois quem paga o que deve, pratica hum acto de justiça e de caridade: e quem dá esmollas do alheio, sem consentimento do seo dono, não se conforma com as leis da caridade, e viola as da justiça.

Os povos da antiguidade pagã tinhão a justiça na maior veneração. Os Gregos, e os Romanos chegarão a divinisa-la, debaixo dos nomes de Astrea, e de Thamis.

Nos livros santos são muitos os lugares, que a recommendao; muitos os que nos fazem conhecer suas excellencias, e nos assegurão suas vantagens: mas nada iguala o que Jesus Christo proferio do alto da montanha, quando, querendo persuadir a necessidade, e introduzir nos coraçoes o amor ardente desta virtude, disse: *Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça.*

Ella he tao nobre, tão igual, e tão independente, que tanto protege os grandes como os pequenos, os amigos como os inimigos, os reconhecidos como os ingratos aos seos beneficios.

He para gozarmos destes beneficios, que nós de boa vontade nos privamos de huma porção da nossa liberdade. He por causa delles que os governos se estabelecerao, e que os governados se lhes subjeitarao; que os povos obedecem aos reis, e que os reis imperao sobre os povos.

A adulação, a maior inimiga dos reis dá o nome de beneficencia às suas liberalidades, ás suas prodigalidades mesmas: porem Malesherbes disse, que a verdadeira beneficencia dos reis era a justiça; e isto ficou sendo hum daquelles axiomas, que não costumao esquecer com o tempo, nem envelhecer com as idades.

O melhor dos reis he aquelle, cujo reinado he o reinado da justiça: aquelle, a quem a virtude nunca vê com susto, nem o crime sem receio. O peior de todos, dizia hum monarcha oriental, he o que os bons temem, e em quem os máos esperão.

A justiça he a maior necessidade dos povos, seja qual fôr a regiao em que a Providencia os tenha collocado: e he a maior necessidade dos governos, seja qual fôr a sua politica organisação. A cadêa, que entre si os póde ligar, he ella. Se alguma outra se vos figurar solida e segura, não tardareis em desenganar-vos, quando virdes que qualquer abalo a quebra, que a aniquila qualquer esforço.

Huma grande coragem, junta a grandes meios, ou ainda a audacia, favorecida pela fortuna, pode levar o ferro e o fogo ao coraçáo dos imperios, vencê-los, subjuga-los; porem capaz de rege-los, e de felicita-los he só a justiça. Só ella tem o poder de fazer succeder as doçuras da paz ás perturbações, e as violencias da guerra; o espirito de obediencia ás ideas de revolta; a firmeza á instabilidade.

Não houve nunca legislador, que lhe não conhecesse a importancia: associação alguma de homens, que pensasse poder prescindir do seo auxilio.

Até os salteadores, que se sustentão de roubos; os piratas, que commettem sobre o mar os crimes, que aquelles commettem sobre a terra, praticao entre si huma especie de justiça, sem a qual reciprocamente se guerrearião, e huns aos outros se destruirião

A justiça faz respeitaveis os homens aos olhos huns dos outros, aos olhos mesmo daquelles que mais della se desviáo. Facilita-lhes as emprezas; dá-lhes o socego, a tranquillidade de consciencia, que anda inherente á felicidade; e a força, que tao necessaria he para se resistir aos assaltos, e aos contratempos da vida.

He a inventora das boas leis, a mestra dos bons

costumes, o apoio dos grandes, o asylo dos pequenos. Sem ella, diz fr. Heitor Pinto, a ordem he desordem; o descanço he trabalho, a gloria he infamia, a vida he morte.

Com a justiça tudo prospera; faltando ella, definha tudo. A agricultura, o commercio, a liberdade, prescem, e fructificão á sua vista; desapparecendo ella, o commercio acaba, a agricultura expira, a liberdade morre. E delineai entao bellas estradas; mas quem as frequentará? Esmerai-vos em abrir canaes: mas quem navegará por elles? Levantai soberbas pyramides: mas para que servirão ellas se nao para monumentos de vaidade, ou para tumulos?

He a justiça que povôa o mundo, assim como he a injustiça que o devasta, diz hum proverbio Arabe. Nem o astro do dia, nem a estrella da manhã, diz Aristoteles, inspirao tanta admiração como a justiça.

Sua belleza não ha quem a desconheça, não ha quem negue ou se atreva a contesta-la. Todos desejão parecer que a amão, e os que a não amão fazem quasi sempre deligencia para occulta-lo. Vede como o sangue sóbe ao rosto dos que, com verdade, são arguidos de offende-la: e que bem se lembrarao alguns moralistas, de que o instinto do pudor nos foi dado para servir de freio ao vicio, e de guarda a virtude.

O ultimo estado de degradação, a que o homem pode chegar, he o de se não envergonhar de não amar a justiça; de ultraja-la, e não se lhe dar de se saber que a ultraja. Este estado, mais ainda que excepcional, quasi sempre he sem remedio. Quando assim se he rebelde á natureza, a natureza desampara-nos: e só nos pode reconciliar com ella huma graça do Senhor, especialissima.

Segundo hum antigo apologo, viajando juntos o vento, a agua, e a vergonha, quando tratarão de se separar, quizerão ajustar o lugar, onde poderião tornar a ver-se. Disse o vento: eu serei encontrado sempre nas alturas das montanhas. Disse a agua: eu nas entranhas da terra. Em quanto a mim, disse a vergonha, quem me perde huma vez, nunca mais me encontra.

Pensão alguns dos modernos pensadores, que a justiça he toda obra dos homens, tão inconstante, tão vasia como elles, tão sujeita ás vicissitudes do acaso como as revoluções, tão vã como os systemas dos philosophos, tão caprichosa como a vontade dos legisladores: que he porem isto se não hum dos seos mais palpaveis erros, ou hum dos seos maiores absurdos?

Ha em nós hum typo primitivo, ou hum sentimento de justiça, que nasce comnosco, e nos acompanha sempre, apezar do poder do tempo, da influencia dos climas, e das arbitrarias instituições dos homens. Ha huma lei, gravada em nossos coraçoes, desenvolvida pela razão, aperfeiçoada pela Religião, que determina o que he justo e o que he injusto; que nos ordena que façamos aos outros, o que quereriamos que elles nos fizessem; e que nos abstenhamos para com elles de tudo aquillo, de que quereriamos que elles se abstivessem a nosso respeito.

Tudo o que contra esta lei ensinão os philosophos he desvario: tudo o que contra ella decretão os legisladores he tyrania; todos os actos que contra ella se praticão nas revoluções, são attentados contra a moral.

Que estranha, e que falsa justiça não seria a que

tivesse alguma daquellas fontes por unica e exclusiva fonte? Em que erros não têm cahido os philosophos? Que iniquidades não têm commettido os legisladores? Que barbaridades as revoluções?

Deixando os legisladores, e os philosophos, e limitando-me ás revoluções; que muito se não poderia agora dizer, se a natureza da presente composição, e a brevidade della o comportasse? Porem entre o muito e o nada, ha hum intervallo.

Nas revoluções, ou ellas sejão feitas contra ou a favor da liberdade, o que com rarissimas excepções menos se escuta, e o que nella menos se attende, he a vóz da razão, da moral, e da justiça. No primeiro caso, o carro triumphal descendo por hum grave declive, e com grande força e velocidade, atropella e esmaga tudo: se se brada ao cocheiro para que o faça parar, os cavallos espantão-se, e mais rapidos, mais descompostos, mais fataes se tornão seos movimentos. No segundo caso, he huma tormenta, em que nada se ve se não a assustadora luz de relampago, e em que quasi nada mais se ouve que a indomita furia do vento, o estrondo do trovão, e o crepitante estampido do raio.

Ah! de que não são capazes os governos, quando lanção cadêas aos povos, que resignadamente lhes não estendem os pulsos? e de que não são capazes os povos, nessa hora por seculo, que o destino lhes concede para se regenerarem, e que elles não empregão se não para se dilacerarem, como se explica Lamartine! He perigoso, diz Schiler, despertar o leão; a garra da aguia he sanguinolenta e terrivel: mas o que ha de mais terrivel e espantoso, debaixo do Ceo, he o homem no delirio da liberdade.

O que apenas se póde esperar, porem que raramente acontece, he que, terminada huma revolução, a justiça entre logo em exercicio dos seos direitos. Bonald a compara então ao iris depois da tempestade. Com ella a sociedade respira, a ordem alterada se restabelece, os estragos e as ruinas começão a reparar-se: sem que assuma o lugar que lhe he devido, a confusão anarchica continúa; as feridas, que se rasgárão, não cicatrizão; e os abysmos, que se abrirão, conservão-se abertos, esperando novas victimas.

Oh! se os homens, em todas as situações ordinarias, e extraordinarias da vida, conhecessem toda a valia da justiça; seguissem geralmente suas máximas; cumprissem pontualmente suas leis; a que embaraços, a que sustos, a que dissabores, a que penas se não pouparião, e quão mais ditosa não seria neste mundo mesmo a sua sorte?

Não haveria revoluções, por que não haveria motivo algum para ellas, nem quem as fizesse sem motivo. A guerra não acharia canto no mundo, onde podesse exercer sua acção destruidora. O ferro homicida das lanças e das espadas se convertiria em arados com que se lavrasse a terra, e se curvaria em fouces com que se lhe segassem os fructos. A charrua romperia e fertilisaria o solo, que actualmente occupão extensas e inuteis muralhas. Serião desnecessarias as fortalezas; e esses milhares de milhares de individuos armados, que devorão a substancia das naçoes, passarião de dispendiosos consumidores a activos productores, darião novo impulso a industria e às artes; abririão novas fontes ás riquezas, multiplicarião os recursos dos estados. Nunca mais se ouviria o estrondo

do canhão; não se tornarião a ver campos alagados de sangue humano, cobertos de moribundos e de mortos. Os montes, e os valles resoarião não com a estrepitosa musica dos combates, mas com o suave gorgeio das aves; e com os alegres canticos dos pastores innocentes, e dos pacificos cultivadores.

As cidades abertas, sem guardas, offerecerião o espetaculo do mais completo soccgo, da mais inalteravel segurança. Tudo nellas estaria aberto, e nada correria o risco de ser invadido: nada se esconderia, e tudo seria respeitado. A verdade que tantas vezes he perigosa de dizer-se, e desagradavel de ouvir-se, dir-se-ia sempre sem receio, e se ouviria sem desgosto. A liberdade tão desejada, e tão perseguida; objecto de tantos cultos, e de tantas profanaçoes, faria as delicias de todos, o tormento de ninguem; e huma universal benevolencia inspiraria huma illimitada confiança, produziria huma geral prosperidade.

E tão grande fortuna não dependia se não dos interessados nella, não dependia se não dos homens, e são elles mesmos que a tornão impossivel! Elles preferem caminhar por cima de espinhos e de abrolhos, quando podião não pousar as plantas se não sobre alcatifas de flores!

A força perniciosa dos exemplos, falsos interesses, cegueira das paixões, accidentes diversos os allucinão, e os perdem; e apenas a menor parte, apenas alguns delles são ficis a justiça.

Mas pensais vós, que os que nunca desertarão das suas bandeiras; ou que os que voltarão a ellas, tendo dellas desertado, lhe serão constantes em sua fidelidade, independentemente da religião? Que poderão possuir tanta perfeição na terra, não tendo os olhos fitos no

Ceo? Que poderão sem crenças, sem culto, e sem Deos identificar-se com huma virtude, cuja essencia he toda Divina?

Os homens irreligiosos, conhecendo pela experiencia, e pela reflexão, as vantagens da justiça, serão algumas vezes justos, sem outras considerações mais que as terrestres: mas apresentai-lhes alguns daquelles casos, em que se pode trepar ao cume das honras, e das riquezas pela escada da iniquidade; e vereis com que desembaraço elles sobem, mormente se tiverem fundamento para esperar, que este meio de elevação ficará sempre em segredo; e que lhes será possivel conservar o credito immolando a justiça.

Quem he religioso, ao contrario sabe que os presentes da iniquidade são sempre perigosos; que elles costumão levar comsigo o veneno e a morte; que se pode haver segredo para com o mundo, o não póde haver para com Deos; que no dia tremendo em que comparecermos em seo Tribunal augusto, para sermos julgados, tudo ahi será patente, e tudo aquillo em que tivermos delinquido, contra nós se levantará.

A differença por tanto entre o homem religioso e o homem sem religião, relativamente á justiça, he immensa. O primeiro lhe sacrificará os bens, a liberdade, a vida, se tanto fôr necessario para não infringir suas leis: o segundo será justo, em quanto entender que isso lhe convem, mas se se persuadir que huma grande fortuna o espera no fim de huma carreira criminosa, não hesitará em emprenhende-la; proscreverá como Syla, conspirará como Catilina; ou reduzirá, como Nero, a cinzas a capital do mundo.

Entre tanto, se sem Religião pouco pode esperar-se da

justiça dos homens, deverá esperar-se tudo com ella? Sem duvida, quando elles a tiverem tal qual são obrigados a ter; quando a sua fé fôr viva, e o seo amor a virtude fôr forte.

Sendo porem fraca a sua fé, tibio o seo amor ou nenhum, que constancia poderá delles esperar-se, que ardor ou que heroismo de justiça? Contradictorios comsigo, elles incensarão ora o vicio, ora a virtude, serão justos humas vezes, outras vezes injustos; até que cobertos de cicatrizes das suas quedas chegarão ao termo de seos dias, tendo pouco ou nada que allegar em seo favor, e tudo a recear.

Quereis vós huma regra, que muito poderá concorrer para que nem afrouxeis nos sentimentos de Religião, nem vos affasteis dos caminhos da justiça? Ouvi-a da boca do imperador Marco Antonio: Vivei sempre, diz elle, como quereríeis ter vivido, quando estiverdes proximos a morte.

(*Meditações Religiosas*).

ESTADO ACTUAL DA ADMINISTRAÇÃO ECCLESIASTICA DO IMPERIO DO BRASIL.

(*Continuado do n.º antecedente*).

MARIANNA.

A hierarchia Ecclesiastica deste Bispado compõe-se de hum Bispo com Sé Cathedral, na qual se achão empregados 14 Conegos, em cujo numero se comprehendem quatro Dignidades, a saber: Arcediago, Arcipreste, Chantre, e Thesoureiro Mór, e assim

mais 12 Capellães igualmente addidos ao Coro, alem de alguns Ministros inferiores para o serviço ordinario; consta mais de hum Provisor e Vigario Geral, empregado no expediente Ecclesiastico, e 11 Vigarios Foraneos, divididos por todo o Bispado para os casos mais obvios e ordinarios; assim mais de 121 Parochos collados, e mais Sacerdotes ordenados a titulo de seos patrimonios, os quaes servem de operarios, ou Coadjutores dos mesmos Parochos.

Existem no mesmo Bispado 121 Parochias, quasi 300 Igrejas publicas, hum seminario Episcopal, tres Conventos, a saber: dous da Congregação dos Missionarios de S. Vicente de Paula e hum de Recolhidas.

O Bispo recebe da Fazenda Publica a Congrua de 2:400$ rs. alem de outros emolumentos de varios direitos, que lhe competem pelo expediente do Bispado: as Dignidades da Sé recebem da mesma Fazenda Publica 600$ rs. os mais Conegos 500$ rs. e os Capellães 250$ rs.: o Provisor e Vigario Geral tem o rendimento, que lhe compete pelos direitos do expediente a seo cargo. Estes mesmos emolumentos competem aos Vigarios Foraneos, cada hum no seo Circulo e dentro dos limites da sua jurisdicção, ou attribuiçoes: os Parochos recebem tambem pela Fazenda a congrua de 300$ rs. além de outros emolumentos, que lhes dá o povo, provenientes de actos parochiaes que exercem, e destes mesmos rendimentos se tirão para os mais Sacerdotes, que servem de operarios, ou Coadjutores dos Parochos: além dos rendimentos mencionados, outros se podem accrescentar, que são communs, ou competem a todos os Clerigos em geral, qualquer que seja a sua graduação ou emprego, huma vez que se achem canonicamente ha-

bilitados, como são: as esmolas de Missas e outros suffragios, Procissões, Sermoes, assistencia dos Officios Divinos, e outros objectos desta natureza.

CUIABÁ.

A hierarchia Ecclesiastica nesta Diocese conservando-se até o presente no estado primitivo de sua instituiçao Divina, he a mais simples possivel; pois, compõe-se unicamente do Bispo, Presbyteros Simplices, e mais Ministros; aquelles em numero de 28, e estes de 8.

As Igrejas nesta Diocese são 21, a saber: 15 Parochias ou Matrizes inclusive a Cathedral, e 6 Filiaes, 4 na Cidade de Cuiabá, 1 na Cidade de Matto Grosso e 1 na Freguezia do Livramento; além destas existem disseminadas pela Diocese muitas Capellas pequenas, ou Oratorios. Não ha nesta Diocese Convento algum, nem Seminario.

O Clero considerado como corporação não tem patrimonio algum e os seos rendimentos, isto he, dos Clerigos, que são empregados, são as suas respectivas Congruas, ou ordenados, e os emolumentos chamados—direitos de estolla—; os Clerigos, que não são empregados, vivem de seo patrimonio particular, auxiliados com algumas esmolas, que recebem dos Fieis pelas funcções sagradas que exercem.

PERNAMBUCO.

Compõe-se a hierarchia Ecclesiastica desta Diocese, de Bispo Provisor, Vigario Geral *in-Temporalibus*. Hum Cabido composto de cinco Dignidades, a saber: Deão, Chantre, Thesoureiro Mór, Mestre Escola, e Arcediago. Tres Porsonatos Doutoral, Magistral e Penitenciario. Seis Prebendados, quatro meios Prebendados, a expensa das rendas do Estado.

Cento e sessenta e tres Igrejas Parochiaes com outros tantos Parochos a expensas, acima ditas, por quanto no Brasil não tem os Beneficiados dizimos. Dezesseis Conventos de Religiosos professos. Hum Seminario de pensionistas, e muito poucos a expensas do Patrimonio, por ser este de muito pouca monta. Hum Collegio de mininos orphãos, sustentados do Patrimonio dos Extinctos Congregados de S. Felippe Neri.

Os Clerigos Simplices apenas tem o Patrimonio, a cujo titulo se ordenão, em bens de raiz no valor de 500$ rs. com o vencimento de vinte e cinco mil reis annuaes, com poucas excepções de alguns, que de seos pais herdarão ou adquirirão depois.

Existe mais quatro Recolhimentos de mulheres, que não são obrigadas ao voto de Clausura.

MARANHÃO.

A hierarchia Ecclesiastica nesta Igreja he composta d'hum Bispo Diocesano revistido de toda a jurisdicção espiritual e temporal, conforme as Leis da Igreja e do Imperio, para bem dirigir e reger o rebanho confiado a sua guarda, para cujo fim tem hum Ministro com o titulo de Provisor e Vigario Geral que, por nomeação e delegação sua, despacha, processa, julga e sentencea as causas Ecclesiasticas. De hum Cabido, que constitue o Senado da Igreja e o Conselho do Bispo, e o coadjuva na gerencia dos negocios arduos, e no desempenho das funcções proprias de seo Ministerio, composto de 4 Dignidades—Arcediago—Presidente—Arcipreste—Chantre—Mestre Escola, e de 12 Conegos, todos da ordem Presbyteral, com voto, assento, e voz activa em os negocios da

Igreja, o qual *sede vacante* exercita toda a jurisdicção ordinaria actual, e habitual, até eleição canonica d'hum Vigario Capitular, que, segundo o disposto pelo Conc. Trident. na sess. 24 de reformat. Cap. 16, he obrigado a eleger dentro de 8 dias; o qual, pelo acto da eleição, fica envestido de toda a jurisdicção ordinaria actual, permanecendo no Cabido a habitual sòmente. Alem dos Capitulares acima ditos, compõe-se mais a corporação de 8 Beneficiados da ordem Presbyteral, apresentados por S. M. o Imperador, e canonicamente instituidos, porem d'ordem inferior, sem gosarem de voz activa, assento e voto em Cabido: 18 Capellães e 6 Moços de Coro. Dos Parochos ou Vigarios, que regem as differentes Freguezias do Bispado, e que sobre os fieis residentes nos limites de suas Parochias exercem jurisdicção ordinaria, sendo por isso considerados Pastores de 2.ª Ordem—Dos Prelados das differentes corporações religiosas, aqui existentes, os quaes exercem jurisdicção ordinaria sobre seos subditos, occupando entre estes lugar distincto o Vigario Provincial dos Carmelitas, a cuja jurisdicção espiritual e temporal estão sujeitos alguns Conventos—Finalmente de todos os Presbyteros, Diaconos, Subdiaconos e mais Ministros inferiores.

O Bispado comprehende em sua extenção os territorios das Provincias do Maranhão e Piauhy, e acha-se dividido em 55 Freguesias, legalmente erectas e constituidas, pertencendo a Provincia do Piauhi 15 e a esta do Maranhão 40—Alem das Igrejas Matrizes, existem mais 49 Igrejas e Capellas filiaes, exceptuadas deste numero a Igreja de S. Josè da Misericordia, isenta da jurisdicção ordinaria, a Capella do Seminario Episcopal de S. Antonio, a do Recolhimento de

N. Senhora da Annunciação e Remedios, em que se observa a regra e estatutos das Religiosas Ursulinas de S. Agostinho, sem com tudo haver profissão solemne de voto, e as Igrejas dos 3 conventos de Religiosas Carmelitas calçadas da antiga e regular observancia, duas dos Religiosos de N. Senhora das Mercêz da redempção de captivos, e huma de Franciscanos reformados, sendo o total das Matrizes, Igrejas e Capellas filiaes deste Bispado de 113: entrando neste numero hum Seminario, hum Recolhimento de Educandas e seis Conventos de Religiosos, dos quaes os 2 Mercenarios e Franciscanos achão-se sob a immediata jurisdicção do Bispo Diocesano.

A maior parte dos vencimentos dos Ministros da Religiao, empregados nos differentes lugares e Ministerios da Igreja, desde o Bispo, primeiro Hierarcha, até o ultimo dos Ministros, corre por conta da Fazenda Publica em compensação das avultadissimas sommas provenientes dos dizimos, que hoje são arrecadados pelos agentes publicos, e que fazem parte dos rendimentos do Estado.

PARA'.

A hierarchia Ecclesiastica compõe-se nesta Diocese do Bispo, 4 Dignidades, Arcediago, Arcipreste, Chantre, Mestre Escola, 6 Conegos da ordem Presbyteral, 4 da Diaconal, e 4 da Subdiaconal, 8 Beneficiados, Capellães, Cantores e Acolytos todos no serviço da Sè e Cathedral, Sacerdotes occupados nas Parochias e Capellas filiaes.

O patrimonio do Clero he dos Beneficiados a congrua, que lhes paga o Thesouro, sendo ao Bispo 2:400$ rs., Arcediago 600$ rs., ás outras Dignidades cada huma 500$ rs., aos Conegos 400$ rs., aos Beneficiados 300$ rs., aos Parochos 400$ rs., os mais vivem de seos Patrimonios, a cujo titulo são ordenados.

Carta Encyclica

DO SANTISSIMO PADRE PELA DIVINA PROVIDENCIA PIO PAPA IX. A TODOS OS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS.

PIO PP. IX.

Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica.

Procurayamos desde muitos annos cumprir comvosco, Veneraveis Irmãos, o Officio episcopal tão laborioso como cheio de sollicitude, cuidando de apascentar a parte do rebanho do Senhor, confiado ao Nosso cuidado, nos montes de Israel pingues em agoas vivas e no pasto da salvação, quando por morte do Nosso clariss mo Predecessor Gregorio XVI, cuja memoria, illustres e gloriosos feitos exarados em aureos caracteres certamente farão a admiração da posteridade nos fastos da Igreja, contra toda a opinião e nosso pensamento, por arcano da Divina Providencia fomos elevados ao Summo Pontificado, não sem grande perturbação e temor da Nossa alma. Por quanto se o ministerio apostolico he e será sempre muito grave, e perigoso, muito mais, se torna formidavel nestes difficillimos tempos da Republica Christã. Conscios da nossa fraqueza e considerando os gravissimos officios do supremo Apostolado, na crise actual, nos teriamos

entregado à tristeza e as lagrimas, se não pozessemos toda a esperança em Deos nossa salvação, que nunca desampara aquelles, que nelle esperao, e que para mostra da virtude do seo poder, emprega fracos instrumentos, para reger a sua Igreja, afim de que conheção mais e mais que Deos he quem por admiravel Providencia governa e defende a Igreja. Consola-nos tambem muito termos por socios e coadjuctores da salvação das almas a vós, Veneraveis Irmãos, que chamados em parte da Nossa sollicitude vos esforçais com todo o cuidado e estudo a prehencher o vosso ministerio, e colher os louros desta milicia. Desta sorte logo que assentados neste sublime cadeira do Principe dos Apostolos, sem merecimentos nossos, recebemos na pessoa do Bemaventurado Pedro o gravissimo encargo ordenado divinamente pelo eterno Principe dos pastores, de apascentar e reger, não só os cordeiros, quer dizer, todo o povo christão, porem tambem as ovelhas, isto he, os Bispos, nada nos pareceo mais acertado, do que dirigir-mo-nos a vós todos com intimo affecto de caridade. Por esta razão, apenas recebemos a posse do Summo Pontificado na nossa Basilica Lateranense, segundo o costume dos nossos Predecessores, sem perda de tempo vos dirigimos estas letras, animando vossa eximia piedade: para que com maior alegria, vigilancia e esforço guardando as vigias da noite sobre o rebanho commettido a vosso cuidado, e debelando o atroeissimo inimigo do genero humano com episcopal robustez e constancia, como bons soldados de Jesu Christo, valerosamente opponhais o muro a favor da Casa de Israel.

Vós sabeis, Veneraveis Irmãos, que acerrima e formidavel guerra he maquinada nestes tempos contra tudo que he catholico, por homens, que reunindo-se em nefarias sociedades, não podendo supportar a sã doutrina, fechão os ouvidos à verdade, e pretendem arrancar das trevas portentos de todo o genero de opiniões, exaggera-los com todas as forças, e dissemina-los no povo. Trememos e ficamos traspassados de dôr pensando em tantos monstruosos erros, tão oppostos e multiplicadas artimanhas, cilladas, e maquinações, com que os inimigos da verdade e da luz, operarios da fraude perigosissimos, procurão extinguir nos animos o amor da piedade, da justiça e da honestidade, corromper os costumes, confundir os direitos divinos e humanos, demolir a Religião catholica e a sociedade civil, arranca-la de seos alicerces e derriba-la por terra se possivel fosse.

Por quanto, Veneraveis Irmãos, Vós sabeis que estes crueis inimigoss do nome christão, movidos de certo impeto cego de huma louca impiedade, tem levado suas temerarias opinioes a tal ponto, que abrindo a boca, e soltando blasfemias contra Deos (1) com audacia nunca ouvida, chegão a dizer clara e patentemente sem vergonha, que são ficções, e invenções humanas os sacro-santos mysterios da nossa religião, que a doutrina da Igreja catholica se oppõe aos bens e commodos da sociedade humana, e chegão mesmo a renunciar e renegar de Christo e de Deos. E para que mais facilmente illudão os povos e enganem os incautos e ignorantes, e comsigo os precipitem em seos erros, fingem que só elles sabem os caminhos, e meios de conseguir a felicidade, arrogão-se o nome de philosophos, como se a philosophia, que toda

1 Apocal. XIII. 6.

versa na indagação das verdades naturaes, regeite as cousas, que Deos, supremo e clementissimo autor de toda a natureza, por singular effeito da sua misericordia se dignou descobrir e manifestar aos homens, para que consigão a verdadeira felicidade e salvação. Daqui vem que com argumentos confusos e falsissimos elevão e exaltão sobremaneira a força e excellencia da razão humana contra a Santissima Fé de Christo, e chegão ao atrevimento de dizer, que a Fé he opposta á razão. Não pode fingir-se ou excogitar-se maior loucura, maior impiedade nem doutrina mais repugnante á mesma razão. Por quanto ainda que a Fé seja sobre a razão, comtudo não póde entre ellas encontrar-se jamais verdadeira dissenção ou repugnancia; por que ambas nascem da mesma fonte da eterna e immudavel verdade, que he Deos Optimo Maximo; e de tal maneira se auxiliao huma á outra, que a recta razão mostra, guarda, e defende a verdade da Fé; e a Fé, da sua parte livra de todo o erro a razão, a illustra, confirma e aperfeiçoa com o conhecimento das cousas divinas. Com o mesmo atrevimento, Veneraveis Irmãos, estes inimigos da divina revelação elogiando summamente os progressos humanos, querem faze-los servir temeraria e sacrilegamente contra a religião catholica, como se ella não viesse de Deos, mas fosse obra ou invenção philosophica, susceptivel de melhoramento e perfeição.

Cabe a proposito dizer a estes delirantes, o que Tertulliano lançava em rosto aos philosophos do seo tempo: *Que querião hum christianismo Stoico e Platonico, e Dialectico* (2) E com effeito tendo sido a

2 Tertul. de praescript. cap. VIII.

nossa religião não inventada pela razão humana, mas sim revelada por Deos aos homens misericordiosamente, cada hum póde muito bem entender que ella tem toda a sua força da auctoridade do mesmo Deos, que falla; nem nasce da razão humana, nem por ella póde ser aperfeiçoada. Para que a razão humana se não engane, nem erre em negocio de tanta ponderação, tem ella obrigação de indagar se existe a divina revelação para lhe constar com certeza que Deos fallou, e prestar-lhe hum obzequio razoavel como o Apostolo sapientissimamente diz. (3) Por que quem ignora ou pode ignorar que quando Deos falla, lhe he devido todo o credito, e que nada he mais conforme com a razão, de que socegar, e adherir firme a tudo aquillo que constar que he revelado por Deos, que não póde enganar, nem enganar-se?

Mas quantos e quam admiraveis, e claros são os argumentos com que a razão humana com toda a evidencia se deve convencer, que he Divina a religião christã, e que o principio de todos os nossos dogmas diriva a sua raiz do Senhor dos Ceos. (Jo. Chris. homil. 1. in Isai.) E por tanto que nada ha mais certo, mais seguro, mais santo, e que se firme em mais solidos principios, que a nossa Fé. Até he a mestra da nossa vida, mostra-nos o caminho da salvação, expelle os vicios, e como mai fecunda cria e sustenta as virtudes, está confirmada pelo nascimento, vida, morte, ressurreição, sabedoria, prodigios e profecias de seo author e consummador, Christo Jesus, por todas as partes resplandece com a luz da celeste doutrina, he rica com o thesouro das riquezas do céo, illustre e famoza pelos vaticinios de tantos profetas, resplandor de tantos milagres, cons-

3 ad Rom. XIII. 1.

tancia de tantos martyres, e pela gloria de tantos Santos, promulga as saudaveis leis de Christo, e adquirindo cada vez mais forças, mesmo dos seos mais incarniçados inimigos, armada só com a bandeira da cruz tem penetrado por todo o mundo, por mar, por terra, desde o nascente até o poente, e derribando os idolos, dissipando as trevas do erro, triumfando de todo o genero de inimigos illustrou com a luz da divina doutrina, e sugeitou ao suavissimo jugo de Christo a todos os povos, gentes, naçoes ainda as mais barbaras, diversas inteiramente por genio, costumes, leis, e institutos, annunciando a todos a paz, e o bem. Em tudo isto brilha tanto o resplendor da sabedoria e do poder de Deos, que todo o entendimento e cogitaçao pode facilmente, conhecer que he obra só de Deos a Fé Christã. Conhecendo por tanto a razão humana por tão claros e firmes argumentos que só Deos he o auctor da Fé, não pode ir mais adiante, mas rejeitando e não dando ouvidos a qualquer difficuldade ou duvida, deve necessariamente prestar todo o obzequio a mesma Fé, tendo por certo que foi ensinado por Deos tudo o que a Fé ensina aos homens para se crer, ou praticar.

Daqui se vê tambem claramente quanto errão aquelles, que abusando da razão, e tendo a palavra de Deos como obra humana, se atrevem temerariamente a explica-la, e interpretá-la por seo proprio arbitrio, tendo Deos estabelecido huma autoridade viva, que tivesse a seo cargo ensinar, qual seja o verdadeiro e legitimo sentido da sua celestial revelação, que com infalivel juizo dirimisse todas as controversias em materias de Fé, e de costumes, para que os fieis senão deixem levar de todo vento de doutrina, pela malicia

dos homens, e astucia com que induzem ao erro. A qual autoridade vive, e infalivel existe só naquella Igreja, que sendo fundada por Christo Senhor nosso, sobre Pedro, cabeça, Principe, e Pastor a quem Elle prometteo que nunca lhe faltaria a Fé, continúa sempre a ter sem interrupção, seos legitimos Pontifices, que tendo origem desde o mesmo Pedro, estão collocados na sua mesma cadeira, e são herdeiros e defensores da mesma doutrina, dignidade, honra, e poder. E como aonde está Pedro, ahi está a Igreja (4) e Pedro falla pelo Pontifice Romano (5) e sempre vive em seos successores, exerce o juizo, (6) e ensina a verdade da Fé aos que a procurão, (7) por isto a palavra de Deos deve sempre ser entendida naquelle sentido, que teve e tem esta cadeira Romana do Beatissimo Pedro, que sendo mãi e mestra de todas as Igrejas (8) sempre guardou e ensinou aos fieis inteira e illesa a Fé, que lhe foi entregue por N. S. J. Christo, mostrando a todos o caminho da salvação, e a doutrina da verdade sem corrupçao. Por quanto esta he a Igreja principal, donde tem origem a unidade sacerdotal (9) esta he a metropole da piedade em que está inteira e perfeita a solidez da religião christã (10) na qual sempre esteve em seo vigor o principado da cadeira apostolica (11) a qual pela sua preeminencia he de necessidade que todos acudão, isto he, todos os fieis, que estão espalhados pelo mundo (12) com a qual to-

4 Ambros. in psal. 40.
5 Conc. chald. Act. 2.
6 Sinod. Ephes. Act. 3.
7 Petr. chrysol. Epist. ad Eutich.
8 Conc. Trit. sess. 7. de Baptist.
9 S. Cyprian. Epist. 55 ad Corn. Pontif.
10 Liltter Synod. Joann. constantinop. ad Hormisd. Pontif. et Sozom. hist. L. 3. cap. 8
11 Aug. epist. 162.
12 Irenaeus, Lib. 3. contr. haeres. cap. 3.

do aquelle que não junta, dissipa (13). Por tanto Nós, que fomos collocados nesta cadeira da verdade por altos juizos de Deos excitamos a vossa ardente caridade no Senhor, com todas as forças, Veneraveis Irmãos, para que com todo o cuidado e applicação, vos esforceis continuamente a admoestar, e exhortar os fieis entregues ao vosso cuidado, para que adherindo firmemente a estes principios, nunca se deixem enganar, e induzir ao erro por aquelles, que abominaveis em suas pretenções, sob pretexto dos progressos humanos, não receião destruir a Fé, sujeita-la impiamente a razão, e inverter a palavra divina e fazer huma grande injuria a Deos, que por sua clemencia se dignou attender ao bem e salvação dos homens com huma celestial religião.

Como muito bem sabeis, Veneraveis Irmãos, ha outra monstruosidade de erros e fraudes, com que os filhos deste seculo pretendem atacar a Religião catholica, e a divina autoridade da Igreja, e suas leis, e supplantar os direitos do poder sagrado e civil. São deste n.° as abominaveis maquinações armadas contra esta cadeira Romana do Bemaventurado S. Pedro, na qual estabeleceo Christo o inexpugnavel fundamento da sua Igreja. São do mesmo n.° aquellas seitas clandestinas, que sahirão das trevas, para perder e assolar a republica sagrada e civil, e que tem sido já feridas com o anathema pelos Romanos Pontifices nossos Predecessores em suas letras Apostolicas, (14) os quaes Nós com a plenitude do nosso poder Apostolico con-

13 Hierony. Epist. ad Damas. Pontf.

14 Clemens. XII. Const. In eminenti. Bened. XIV. constit. *Providas.* Pius VII. Ecclesiam. a *Jesu Christo.* Leo XII. constit. *Quo graviora.*

firmamos, e mandamos, que diligentissimamente se guardem. São deste n.° as sagacissimas sociedades Biblicas, que renovando o antigo artificio dos hereges, não cessão de metter á cara de todo o genero de pessoas, ainda aos mais rudes e a força de muitas despezas, grande numero de exemplares da Sagrada Escriptura, traduzidos em quaes quer linguas vulgares, contra as santissimas regras da Igreja, interpretadas muitas vezes com sinistras explicações, a fim de que não se fazendo caso das divinas tradições, da doutrina, dos S. S. Padres, e da autoridade da Igreja Catholica, interprete cada hum, por seo juizo particular, e como bem quizer, a palavra de Deos, e venha deste modo a cahir em gravissimos erros. Estas sociedades forão reprovadas pelas letras Apostolicas de Gregorio XVI. (15) de santa memoria, em cujo lugar succedemos, posto que sem merecimentos nossos, e tambem já o tinhão sido pelos seos antecessores: as quaes Nós igualmente condenamos. Deste n.° he o systema horrendo, e repugnante á mesma luz da razão, da indifferença de qualquer religião, com que estes homens astutos, não fazendo differença entre virtude e vicio, verdade e erro, honesto e torpe, dizem que o homem pode salvar-se, qualquer que seja a sua religião e culto, como se podesse haver alguma participação entre a justiça e a iniquidade ou sociedade de luz com trevas ou convenção de Christo com Belial. Deste n.° tambem he a *inaudita conspiração* contra o sagrado celibato dos clerigos, da qual entrão, até mesmo alguns ecclesiasticos (que desgraça!) que esquecidos da propria dignidade se deixão

15 Greg XVI. in Litter. Encyclic. ad omn. Episc. *Inter praecipuas machinationes.*

vencer do atrativo dos prazeres da sensualidade. He do mesmo n.º o perverso modo de ensinar as sciencias, especialmente philosophicas, enganando-se infelizmente, corrompendo-se a incauta mocidade e dando-se-lhe a beber fel de dragão no calix de Babilonia. He do mesmo n.º a abominavel doutrina chamada *Communismo*, tão opposto ao mesmo direito natural, a qual huma vez admittida, lançaria por terra os direitos de todos, as cousas, as propriedades e a mesma sociedade dos homens. São do mesmo n.º as negras traições daquelles, que com vestido de ovelhas, sendo no interior lobos vorazes, debaixo de huma apparencia mentirosa, e fraudulenta da mais pura piedade, virtude e regularidade severa, rasteiramente entrão, apanhão com brandura, suavemente ligão, occultamente matão, apartão os homens de todo o culto religioso, degolão e despedação as ovelhas do Senhor. E omittindo outras desordens, que muito bem sabeis e observais, he finalmente deste n.º a torpe inundação de livros e folhetos, que a toda parte chegão, que ensinão a peccar, e que sendo compostos mui a proposito, e artificiosamente para enganar, com grande dispendio se espalhão por todos os lugares, para ruina do povo christão: ahi semeião pestiferas doutrinas, depravão a mente e o animo dos incautos, e causão a religião grandissimo prejuizo. Desta aluviao de fallar, e escrever, os costumes vão cada vez a peior, a Santissima Religião de Christo he despresada, reprova-se a magestade do culto divino, he vexado o poder da Sé Apostolica, ataca-se a auctoridade da Igreja, e se reduz a torpe escravidão, são conculcados os direitos dos Bispos, he violada a sanctidade do matrimonio, perde a força o regimen de

qualquer dos poderes; estes e outros muitos males assim da republica christã como da civil, nos forção á derramar lagrimas comvosco, Veneraveis Irmãos.

Em tão grande vicissitude da religião, das cousas, e dos tempos, cheios Nós de cuidados pela salvação de todo o rebanho do Senhor, que por Deos Nos foi entregue, segundo a obrigação do Nosso Apostolico ministerio, tudo tentaremos, e a tudo Nos esforçaremos, trabalharemos com todas as forças pelo bem de toda a familia christã. Mas despertamos tambem a vossa piedade, virtude, e prudencia no Senhor, Veneraveis Irmãos, para que confiando no favor divino, segundo o lugar que tendes, e a dignidade do vosso caracter, defendais valerosamente commosco a causa de Deos, e da Santa Igreja. He vosso dever pelejar com animo, sabendo quanto está ferida a casta esposa de J. Christo, e quanto he atacada de inimigos ferozes. Mas sobretudo sabeis muito bem, que he obrigação vossa guardar, e defender com esforço episcopal a Fé Catholica, e ter toda a vigilancia, para que o rebanho que vos foi entregue permaneça firme e immovel na mesma Fé, *a qual se cada hum não guardar inteira e inviolada, sem duvida se condemnará eternamente*(16) Applicai-vos pois com diligencia, pela vossa pastoral sollicitude em a guardar e defender, nem deixeis de instruir a todos nella, confirmar os vacillantes, arguir os que a contradizem, corroborar os fracos na Fe, sem dissimular, nem soffrer, por pouco que seja, tudo o que poder manchar a sua pureza. Com o mesmo animo concorrei em tudo para fomentar a união com a Igreja Catholica, fóra da qual não ha salvação, e a obediencia a esta cadeira de Pedro, na qual

16 Ex Symbol. *Quicumque.*

como em firmissimo fundamento estriba e segura toda a maquina da nossa religião. Com igual constancia procurai que se guardem as *leis santissimas da Igreja*, por cuja observancia tem vigor, e florece a virtude, a religião, a piedade. *E sendo não pequeno acto de piedade descobrir os escondrijos dos impios, e nelles mesmos atacar o demonio, a quem servem* (17) por Deos vos admoestamos que ponhais todo o cuidado e diligencia em descobrir ao povo fiel as diversas formas de traições, fallacias, erros, fraudes dos homens inimigos, livra-lo de livros pestiferos, e exhorta-lo sempre, a que fugindo de seitas e sociedades impias, como de huma cobra, evite cuidadosamente tudo o que se oppõe á Fé, religião, e inteireza dos costumes. Nunca se verifique, que deixais de pregar o Evangelho, para que o povo christão, cada vez mais instruido nos preceitos da santissima lei de Christo, cresça na sciencia de Deos, se aparte do mal, e pratique o bem, e ande pelos caminhos do Senhor. E sabendo que sois os embaixadores de Christo, que dizia ser manso e humilde de coração, e que não veio chamar os justos, mas sim os peccadores, deixando-nos exemplo, para seguirmos os seos passos, os que encontrardes delinquentes nos mandamentos do Senhor, e perdidos dos caminhos da verdade e da justiça, não deixeis de os corrigir, arguir, pedir por Deos, reprehender com toda a bondade, paciencia, e doutrina, com espirito de brandura, e mansidão, com admoestações e conselhos de pai; por que *muitas vezes rale mais para com os peccadores a benevolencia, que a austeridade, mais a exhortação, que a ameaça,*

17 S. Leo Serm. VIII.

mais a caridade do que o poder (18). Esforçai-vos tambem, Veneraveis Irmãos, para que os fieis sigão a caridade, procurem a paz, e tudo o que para ellas concorre, para que extinctas as dissenções, inimizades, emulações, aversões, todos se amem com mutua caridade, sejão perfeitos com os mesmos sentimentos e opiniões; concordes sintão, digão, e tenhão o mesmo gosto em J. C. Nosso Senhor. Procurai inculcar ao povo christão a devida obediencia e sugeição aos Principes e Potestades, ensinando-lhe conforme a doutrina do Apostolo (19) que não ha poder se não de Deos, e que os que lhe resistem, resistem as ordens de Deos, e se condemnão, e que ninguem pode quebrantar sem peccado o preceito de obedecer ás Potestades, excepto se mandarem cousas oppostas ás leis de Deos e da Igreja.

Mas *como nada ha que mais instrua á piedade e culto de Deos, do que a vida e exemplo das pessoas dedicadas ao divino ministerio* (20) como são os Sacerdotes, assim he de ordinario o povo; bem se deixa ver, Veneraveis Irmãos, que deveis com summo cuidado e diligencia trabalhar para que no Clero resplandeça a gravidade dos costumes, a inteireza da vida, a santidade e doutrina, e para que a disciplina ecclesiastica se guarde diligentissimamente conforme o determinão os Sagrados Canones, e aonde tiver decahido, se restitua ao seo antigo resplandor. Portanto, como bem se sabe, deve haver toda a cautela, em não impor as mãos apressadamente sobre alguem, conforme o manda o Apostolo, mas que só se iniciem

18 Conc. Trid. Sess. XIII. cap. 1. de Reform.

19 Ad Rom. 13. 12.

20 Conc. Trid. Ses. XXII. cap. 4. de Ref.

nas sagradas ordens, e se deliquem aos sagrados mysterios aquelles, que tendo sido miudamente examinados, e ornados com todas as virtudes, e sciencia, sirvão de utilidade e ornamento aos bispados, e que fujão de tudo que he prohibido aos Clerigos, e attendendo á lição, exhortação, e doutrina *sirvão de exemplo aos fieis na palavra, no trato, na caridade, na fé, na castidade* (21) mereção a veneração de todos, e *inflamem* o povo, segundo as maximas da religião, e o excitem, e inflamem; porque como adverte sapientissimamente o nosso Predecessor, de immortal memoria, Benedicto XIV: *He melhor ter menos ministros, mas bons, idoneos, e uteis, do que muitos que nada valem para a edificação do corpo de Christo, que he a Igreja* (22). Sabeis tambem, que ainda deve ser maior a vossa diligencia na inquirição dos costumes e sciencia daquelles a quem se entrega o cuidado e governo das almas, para que como fieis dispensadores da multiforme graça de Deos, procurem apascentar, e ajudar os fieis, que lhe são entregues, com a administração dos Sacramentos, pregação da palavra de Deos e exemplos de boas obras, instrui-la na doutrina, e maximas da religião, e guia-la pelos caminhos da salvação. Sabeis que sendo os Parochos ignorantes do seo dever, ou negligentes, decahem os costumes do povo, relaxa-se a disciplina christã, desfaz-se, e perde-se o culto religioso, e facilmente entrão na Igreja todos os vicios, e corrupteias. E para que a palavra de Deos que he viva, e efficaz, e mais penetrante que a espada de dous gumes, e instituida para a salvação das almas, não se torne sem

Ad. Timoth. 4. 12.

21 22 Bened. XIV. in Epist. ad omnes Eccl. *Ubi primum.*

proveito por vicio dos ministros, não deixeis de inculcar, e mandar aos pregadores, que tomando o peso á importancia do seo officio, exercitem o ministerio evangelico, não nas palavras persuasivas da sabedoria humana, nem no apparato, e enfeites de huma va e ambiciosa eloquencia, mas sim na demonstração do espirito e virtude, para que manejando rectamente a palavra da verdade, não se pregando a si mesmos, mas a Christo crucificado, annunciem ao povo *com estilo grave e decoroso*, clara, e intelligivelmente os dogmas da nossa santissima religião, e os seos preceitos; segundo a doutrina catholica, e SS. Padres; expliquem *as obrigações* de cada hum dos estados; apartem todos do crime, e os estimulem á piedade para que imbuidos, e fortificados os fieis saudavelmente com a palavra de Deos, fujão dos vicios, pratiquem as virtudes, e assim livrando-se das penas eternas, possão conseguir a gloria do ceo.

Avizai com assiduidade a todas as pessoas ecclesiasticas, segundo o vosso pastoral cuidado, e prudencia, e excitai-as, para que considerando seriamente o ministerio, que receberão do Senhor, cumprão diligentissimamente os deveres do proprio ministerio, amem o decoro da casa de Deos, e com profundo sentimento de piedade instem sem cessar com oração, e supplicas, e satisfação ás horas canonicas, como a Igreja lhes manda, para que possão alcançar para si o soccorro divino, para satisfazer os gravissimos encargos do seo officio, aplacar, e fazer a Deos propicio a favor do povo christão.

Mas sabendo vós muito bem, Veneraveis Irmãos, que os bons ministros da Igreja não se conseguem, se não pela boa educação do Clero, e que della de-

pende todo o restante da sua vida, continuai á applicar todo o vosso zelo, para que os moços clerigos desde seos tenros annos sejão creados, como convem assim na piedade e solida virtude, como nas letras, e sciencias severas, principalmente sagradas. Portanto seja este o vosso principal cuidado, com toda a diligencia, esmero e industria estabelecer o Seminario Ecclesiastico, como manda o Tridentino; se ainda o não tendes, e se o tendes, amplifica-lo, sendo necessario; dar-lhe os melhores mestres e regentes; e inspeciona-lo com a maior vigilancia; para que ahi se crieni os moços santa e religiosamente no temor de Deos, e disciplina ecclesiastica; principalmente em sciencias sagradas, conforme a doutrina catholica, livres de qualquer perigo de erro, conforme as Tradições da Igreja, e escriptos dos SS. Padres, e se lhes ensinem os ritos e ceremonias sagradas, para que possais ter operarios diligentes e industriosos, que dotados do espirito ecclesiastico, e bem promptos nos estudos, possão a seo tempo cultivar o campo do Senhor e pelejar valorosamente nas batalhas do Senhor. Ora sabendo Vós, que concorre muito para reter e conservar a dignidade e santidade da ordem ecclesiastica a pia instituição dos exercicios espirituaes, não deixeis de insistir pelo vosso zelo episcopal sobre obra tão saudavel, admoestar, e exhortar a todos os que são chamados para a sorte do Senhor, para que muitas vezes se recolhão a algum lugar proprio para este fim, aonde livres de cuidados exteriores, dando-se com mais cuidado á meditação das verdades eternas e divinas, não só se purifiquem das manchas contrahidas com o pó mundano, mas tambem se renovem no espirito ecclesiastico, e despindo-se do homem velho com os seos actos,

se vistão do novo, que foi creado na justiça e santidade. Nem leveis a mal que nos demorassemos hum pouco mais na instituição, e disciplina do Clero; por quanto não ignorais, que ha pessoas, que offendendo-se da variedade, inconstancia, e mutabilidade dos ecos, e conhecendo a necessidade que tem de abraçar a nossa santissima religião, com tanto maior facilidade se resolverão, com a graça de Deos, a abraçar os preceitos, e doutrina da mesma religião, e venera-los, com quanto maior piedade, e inteireza, sabedoria, e exemplo de todas as virtudes observarem que o Clero leva vantagem aos outros.

Não duvidamos, que Vós, Carissimos Irmãos, accezos todos em ardente caridade para com Deos e os homens, inflamados em summo amor para com a Igreja, dotados de virtudes angelicas, munidos de fortaleza e prudencia episcopal, animados com o mesmo dezejo de huma santa vontade, seguindo os vestigios dos Apostolos, imitando a Jesu Christo exemplar de todos os Pastores, de quem sois embaixadores, como convem aos Bispos, com perfeita concordia feitos modelos do rebanho, com sincera virtude, allumiando com esplendor da vossa santidade o Clero e povo fiel, e vestidos de entranhas de misericordia, condoendo-vos dos que ignorão e errão benignamente, procurais as ovelnas desgarradas e perdidas, a exemplo do Pastor do Evangelho, as seguis, e impondes com affecto de pai a vossos hombros, as conduzis para o curral, sem perdoar a cuidado, estratagemas, e trabalhos, para cumprir religiosamente todos os officios do emprego de pastor, defender da raiva, impeto e traições dos lobos roubadores as ovelhas, que tanto amamos, remidas com o preciosissimo sangue de Chris-

to, e entregues a vossos cuidados, aparta-las dos pastos venenosos, e conduzi-las para os saudaveis, e por obras, palavras, e exemplo levalas até o porto da salvação eterna. Portai-vos varonilmente procurando a *maior gloria de Deos e da Igreja*, Veneraveis Irmãos, e trabalhai juntamente com toda a alegria, cuidado, e vigilancia para que desfeitos todos os erros, e arrancados de raiz os vicios, a fé, a religião, a piedade, a virtude recebão cada vez, e em toda a parte maiores augmentos, e todos os fieis, lançando fóra as obras de trevas, como filhos da luz caminhem de hum modo digno, agradando em tudo a Deos, e frutificando em toda a boa obra. E entre as grandes afflicções, difficuldades, perigos, que não podem deixar de acompanhar vosso gravissimo ministerio episcopal, especialmente nestes tempos, não vos atterreis, mas confortai-vos no Senhor, e no poder da virtude daquelle que *olhando do alto para nós, que nos unimos em seo nome, approva a boa vontade, ajuda os que pelejão, e corôão os que vencem* (23) Não havendo para Nós cousa mais agradavel e jucunda, e mais para se desejar do que ajudar-vos com todo o affecto, conselho, e obras a Vós a quem amamos nas entranhas de Jesu Christo, e juntamente comvosco applicar-nos com todo o cuidado para a gloria de Deos defeza e propagação da fé catholica, e a salvar as almas, a favor das quaes estamos promptos a perder a vida, se assim for necessario, vinde, Irmãos, Nós vo-lo pedimos e rogamos por Deos; vinde com grande animo, e confiança a esta Sè do Bemaventurado Principe dos Apostolos, centro da unidade Catholica, apice do Episcopado, donde sahio todo o

23 S. Cyprian. Epist. 77. ad. Numerian. et cæt. Mm.

Episcopado, e toda a auctoridade deste nome, vindo a Nós, todas as vezes que necessitardes do soccorro, auxilio, e presidio nosso, e desta santa Sè.

Temos toda a esperança de que os Principes, nossos carissimos filhos em Christo, pela sua piedade e religião, lembrando-se, *de que lhe fôra dado o poder real não só para o governo do mundo, mas principalmente para o presidio da Igreja* (24) e que Nós quando *tratamos da causa da Igreja, tratamos tambem do seo reino, e da sua salvação, para que gozem em paz do direito das suas provincias* (25) com seo auxilio, e auctoridade serão favoraveis aos nossos votos communs, determinações e cuidados, e defenderão a liberdade, e incolumidade da mesma Igreja, para que *tambem o seo o imperio seja defendido pela dextra de Christo* (26).

Para que tudo isto nos succeda, como desejamos, vamos com confiança, Veneraveis Irmãos, ao throno da graça, e unanimes na humildade do nosso coração peçamos com fervorosas orações, e sem interrupção ao Pai das misericordias, e Deos de toda a consolação, para que pelos merecimentos de seo Unigenito Filho se digne accumular com a abundancia de todas as suas celestiaes graças a nossa fraqueza, e com a sua omnipotente virtude vença os que nos atacão, e em toda a parte augmente a fè, a piedade, a devoção, a paz, para que sua santa Igreja livre inteiramente de todas as adversidades e erros, goze da desejada tranquilidade e haja só hum curral, e hum pastor. E para que o Clementissimo Senhor mais facilmente incline o seo

24 S. Leo Epist. 136. ad. 125. ad. Leon. Aug.
25 *Idem* Epist. 43. al. 34. ad. Theodor. Aug.
26 Idem ibid.

ouvido ás nossas supplicas, e annúa aos nossos votos, acudamos sempre a nossa advogada perante Elle, Maria Sansissima, Mãi de Deos, e Virgem immaculada, mãi dulcissima de todos nós, medianeira, e advogada, nossa firme esperança, e confiança, cujo patrocinio he o mais valioso, e prompto para com Deos. Invoquemos tambem o Principe dos Apostolos, a quem Christo entregou as chaves do reino dos ceos, e estabeleceo pedra da sua Igreja, contra a qual as portas do inferno nunca poderão prevalecer, tambem o seo Coapostolo Paulo, e a todos os Santos do ceo, que já coroados possuem a palma, para que consigão para todo o povo christão a desejada abundancia da divina propiciação.

Finalmente recebei a Benção Apostolica, significativa de todos os dons celestes, e testemunha do nosso grande amor para comvosco, a qual nascida do intimo do coração lançamos com todo o amor sobre Vós, Veneraveis Irmãos, e sobre todos os Fieis, Clerigos e Leigos entregues a vossos cuidados.

Dada em Roma em Santa Maria Maior, aos 9 de Novembro do anno 1846, primeiro do nosso Pontificado.

MARIANNA : 1847. NA TYP. EPISC. Rua da Olaria n.° 54.

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.° 1.° DE ABRIL DE 1847. N.° 49.

SACRAMENTO DA PENITENCIA.

Depois dos Sacramentos do baptismo, e da confirmação, segue-se o da penitencia. A necessidade, que deste sacramento temos, he esta. Acontece muitas vezes aos baptisados e confirmados no espirito, o que a todos os homens igualmente acontece no corpo. Por que nenhum dos mortaes nasce, nem se cria tão perfeito, que algumas vezes não enferme, e se enfraqueça; e da mesma maneira nenhum dos christãos se faz pelo baptismo, e pela confirmação tão valente na fé, e virtudes christãs, que alguma vez não caia em peccados. Por que ainda todavia está arraigada em nós (posto que sejamos baptisados, confirmados) aquella inclinação, ou naturaes desejos do peccado, em quanto vivemos neste corpo mortal, por cujos estimulos muitas vezes cahimos, não sómente em leves peccados, mas muitas vezes em crimes gravissimos. Pois logo foi necessario ter algum remedio espiritual, por cuja virtude e obra nos levantemos, depois de ter cahido, a saber, que sejamos outra vez livres das culpas commettidas; por que d'outra maneira, quem se poderia ter, ou pôr-se em pé?

Ou quem não desesperaria da sua salvação? Este remedio, que Deos nos deo para esta fraqueza, he o Sacramento da absolvição, ou da penitencia, a quem graciosamente chamão os santos segunda taboa, em que se acolhem, e salvão aquelles, cuja não se abre na tempestade. Porque a taboa primeira, em que navegamos para o porto da salvação, livres do naufragio, que causarão o peccado do nosso primeiro pai, e nossa primeira malicia, he só o baptismo. Porem se depois de baptisados, por proprios peccados outra vez commettidos, padecemos outro naufragio, já não ha de morrer por nós outra vez Christo, como diz S. Paulo, nem nos fica outro remedio, se não esta taboa, em que nos salvemos, que he a penitencia, para o que deixou Christo á Igreja o poder de absolver os peccados, que nos Evangelhos chama chaves. Pois deste sacramento da absolvição e penitencia trataremos ao presente, e diremos tres cousas. A primeira, que cousa seja o sacramento da penitencia: a segunda, por que he, e se chama a penitencia sacramento, a terceira, que condições se requer haja em nós, para que recebamos este sacramento fructuosamente.

Quanto ao primeiro, digo, que o sacramento da penitencia he o sacramento, com que he absolvido o penitente de todos os seos peccados pelo sacerdote, como por publico Ministro de Christo, e da Igreja, e he tornado a amizade de Christo e da Igreja. Diz-se sacramento de penitencia; por que sua força em nenhum outro tem lugar, se não no peccador arrependido. Isto he tão manifesto, que não tem necessidade de maior declaração: e se alguma cousa ha nisto ainda escura, declarar-se-ha mais completamente pelo que agora diremos na segunda parte.

A' cerca do segundo, como, e por que a penitencia se chama sacramento, dizemos que, por que tem as mesmas partes que os outros sacramentos, a saber, forma e materia. A forma he o theôr das palavras, que o sacerdote diz, que são estas—Eu te absolvo de todos teos peccados, em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Santo.—Por que estas palavras são a substancia da absolvição: e as outras palavras, que diz o sacerdote, são orações que faz pelo penitente. Porem as palavras que dissemos, são a substancia da absolvição que são conformes ás que Christo usava, quando perdoava os peccados, e dizia ao penitente:—Perdoados são os teos peccados,—de mais disto se fundão na determinação, e palavra, que Christo deo aos seos Apostolos, e aos sacerdotes seos successores, quando lhes disse:—Como me enviou meo Pai, eu vos envio. Tomai o Espirito Santo, a quem perdoardes os peccados, serão perdoados; e a quem os retiverdes, serão retidos.—E noutra parte—Em verdade vos digo, tudo o que atardes sobre a terra, será atado no ceo; e tudo que desatardes sobre a terra, será desatado no ceo—A materia, ou signal visivel deste sacramento são os peccados confessados, por que sobre esta materia cahe a forma da absolvição. De modo que o que o sacerdote diz:—Eu te absolvo—tanto val, como se expressamente dissesse:—Eu em lugar de Christo te absolvo.—E quando dizendo estas palavras o sacerdote põe a mão em cima do penitente, significa, que a mão de Deos (a saber, a virtude divina, ou graça do Espirito Santo) está presente ao sacramento, e efficazmente obra nelle para alimpar e santificar o peccador.

Agora consideremos que condições se requerem em

nós, para que recebamos o effeito da absolvição, e se perdoem nossos peccados. A isto digo, que se requer, que tenhamos verdadeiro arrependimento de nossas más obras; por que por isto se chama sacramento de penitencia, que quer dizer arrependimento. Então verdadeiramente o peccador se arrepende, quando se converte dos peccados, e os deixa, e se torna a Deos: e quando tem grande e vehemente dôr por ter peccado, e determinado aborrecimento dos peccados, e firme proposito de emendar d'ahi em diante sua vida. Para o que he de saber, que o sacramento da penitencia (segundo a doutrina dos santos), tem tres partes, convem a saber, contrição, confissão e satisfação. A contrição he huma intensa dôr, e tristeza pelos peccados commettidos, por ter offendido a Deos, com firme proposito de mudar em melhor a vida, e de nunca mais peccar. A qual nasce em nossos corações primeiramente da attenta consideração da fealdade do peccado, e da pena que por elle merecemos. O segundo do entranhavel agradecimento, e memoria dos beneficios que de Deos temos recebido. E finalmente da consideração do ardente amor, com que Deos nos ama, e da sua bondade, que está aparelhada para nos receber cada vez, que a elle nos tornarmos. Mas para que efficazmente nos movamos com o conhecimento da culpa e do castigo; e para que verdadeiramente nos doamos pór ter offendido a este Senhor, necessario he que Deos nolo dê, por que todos estes bens delle manão, e desta maneira elle começa em nós outros a penitencia, e a perfeição. Por que, como S. Paulo diz, Deos dá o arrependimento, e a emenda da vida, com que se livra o homem dos laços do diabo, que tem captivos os peccadores. O que faz Deos, por meios de que usa comnosco, assim publicamente com ameaças, e promessas, por suas escripturas, e pregadores, como interiormente pelo Espirito Santo, inspirando saudaveis propositos, e desejos em nossos corações, com que nos move, e finalmente nos determina. Pelo qual para que esta contrição se crie em nós, convem ouvir diligentemente as palavras de Deos, e pedir devotamente a Deos nos dê a graça do seo Santo Espirito.

A confissão, que he a segunda parte da penitencia, he huma humilde manifestação dos peccados commettidos, de que temos conhecimento e memoria. Porem de tres modos podemos confessar nossos peccados. Huma interiormente em nosso coração: segunda, a nossos irmãos: terceira, sacramentalmente. A primeira confissão se faz só a Deos, e se deve fazer cada dia. A segunda ao proximo, quando o temos offendido, e lhe pedimos perdão. A terceira ao sacerdote, como a publico ministro de toda a Igreja, a qual se deve fazer todas as vezes, que nos achamos culpados de algumas culpas, e peccados mortaes; e todas as vezes, que nos chegamos á sagrada communhão. Da primeira confissão falla a Escriptura em muitos lugares; porem especialmente David no psalmo 31, onde diz:—Disse, eu confessei minha injustiça diante do Senhor, e vós perdoastes a maldade de meo peccado.—E S. João na sua Canonica diz: Se confessarmos nossos peccados, fiel e justo he Deos, que nolos perdoará.—Da segunda confissão se entende o que S. Matheos escreveo no cap. 18, e S. Tiago em sua Epistola, onde diz:—Confessai huns aos outros vossos peccados, para que sejais salvos;—a qual sentença tambem se entende da confissão sacramental. Desta, que

he a terceira, se entendem todos os lugares do Evangelho, onde Christo deo poder a seos Apostolos, e pela mesma razão a seos successores os sacerdotes, para perdoar, e para reter os peccados, a saber, para os perdoar aos penitentes, e retê-los aos que não quizerem fazer penitencia. Por que dado que nestes lugares não se faz expressa menção na letra desta palavra confissão; porem necessariamente se presuppõe, e se inclue no poder, que Christo dá de absolver, e de reter os peccados. Por que como poderão exercitar esta autoridade os sacerdotes, se não entendem e sabem os peccados que hão de reter, ou os que hão de perdoar? Pois como poderão saber isto os sacerdotes, se os penitentes não lhes declararem, e contarem sos peccados? principalmente por que nem todos os peccados se commettem publicamente, antes quasi todos se fazem escondidamente, nem os occultos chegão menos a alma, que os publicos: pelo que igualmente tem necessidade de perdão, e por conseguinte, de confissão no juizo do sacerdote. D'onde bastantemente se conclue, que he necessaria a confissão e relação dos peccados feita diante do sacerdote. Hão-se de referir e confessar todos os peccados, que occorrerem á memoria, feito para isto diligente exame de consciencia, e os que tendo procedido toda a diligencia se esquecerem, perdoão-se por virtude da penitencia, como se particularmente se confessassem. E olhe-se muito, que não se deixe de confessar algum peccado mortal; por que quem isto fizesse, não enganaria a Deos, nem a seos vigarios, se não a si mesmos, segundo aquillo, que se escreve nos Proverbios— Quem esconde seos peccados, não se justificará; e

quem os confessa, e os descobre, alcançará misericordia.—

Resta tratar da terceira parte da penitencia, que he a satisfação. E para que ninguem se offenda com este vocabulo satisfação, parecendo-lhe que com nenhuma obra podemos satisfazer a Deos, declaro que ha duas maneiras de satisfação: huma he pela qual se perdoa a culpa de nossos peccados, e descarrega a pena de morte eterna. Esta satisfação somente se faz pelos merecimentos de Christo, e só a elle devemos attribuir; como quer que elle só seja o sacrificio, por quem alcança perdão dos peccados todo o mundo, segundo diz o evangelista S. João. E pela virtude desta satisfação nós cumprimos com a justiça divina, e nos são perdoados os peccados; assim neste sacramento da penitencia, como primeiro no do baptismo. Outra satisfação he de que ao presente fallamos, que consiste em nossas obras, a saber, na emenda da vida, e em fugir os peccados; e demais disto em obras trabalhosas de penitencia, como orações, lagrimas, jejuns, vigilias, esmolas, e outros exercicios desta qualidade, feitos ou por propria vontade, ou impostos pelo sacerdote. E o que principalmente he necessario, he fugir do peccado, e melhorar a vida; por que sem ambas estas cousas, ou não se perdoão os peccados, ou ainda que primeiro forão perdoados, torna o homem á mesma condemnação, e a merecer ser mais gravemente castigados; como se vê em muitos lugares do Evangelho, principalmente naquelle sermão, e amoestações, que S. João Baptista fez aos que se vinhão baptizar, aos quaes dizia.—Fazei fructos dignos de penitencia.—As quaes obras penitenciaes aproveitão para sarar as más inclinações, e re-

liquias, que ficão dos peccados, ainda depois que se perdoárão; e para que o máo costume envelhecido de peccar, com estes exercicios se vença, e se desterre, e para que as penas temporaes devidas pelos peccados, ou de todo se perdoem, ou ao menos se abrandem; porque perdoada a culpa do peccado, que pessoalmente cada hum commette, nem por isso logo se perdoa a pena temporal, á que pelo peccado nos obrigamos, como se vê em Elrei David, e no povo de Israel, que ainda depois de perdoados, forão rijamente castigados. E sobre tudo manifestamente o conhecemos por nossa propria experiencia nas enfermidades, dores, e trabalhos, que ainda padecemos pelo peccado original, ainda que a culpa delle nos seja perdoada pelo baptismo. D'onde com razão diz o Sabio:—Do peccado perdoado não estejas sem medo; e não accrescentes peccado a peccado.— E noutra parte diz—Filho, peccaste, não accrescentes mais peccados; mas pede a Deos que te perdôe os que tens commettido. Em conclusão digo, que não entendemos nesta materia por este nome satisfação outra cousa, se não fructos dignos de penitencia, isto he, obras contrarias aos peccados commettidos. Porem entendamos, que estas obras, que dissemos, bastão para que por ellas se nos remittão as penas temporaes, ou se nos abrandem, não por seo valor, nem dignidade, mas pela fé e devoção com que se fazem, e pela completa satisfação, e merecimentos bastantes de Christo, em quem principalmente estribão, e não duvide qualquer, que tiver estas tres partes de penitencia (acima declaradas) segundo poder, que verdadeiramente se lhe applicará a satisfação de Christo neste sacramento, isto he, que pelo sangue de Christo alcan-

çará completo perdão de seos peccados, e a graça do Espirito Santo.

(*L. de Granada.*)

DIREITO DIVINO NA IGREJA.

Instrucção Pastoral do Exm.º Sr. Bispo de Langres.

Transcrevemos do *Univers* os seguintes extractos do novo e admiravel trabalho do illustre Bispo de Langres, que acaba de dirigir aos seos diocesanos huma instrucção, onde as mais altas e mais delicadas questões do poder da Igreja são tratadas com a clareza e a franqueza, que caracterisão os seos escriptos. Elle divide esta instrucção em tres partes: na primeira, demonstra que a Igreja he *invariavel* na sua constituição fundamental; na segunda, estabelece que a Igreja possue em si mesma, e para si mesma hum poder *independente*; na terceira, desenvolve as consequencias destas verdades, principalmente no que respeita ao direito divino da Igreja na nomeação dos pastores, e na educação dos meninos.

1.

A Igreja he immutavel, e a mão do homem nada pode mudar da sua constituição intima, por que ella he a obra de Deos, creada sem alguma participação humana; verdadeira e pura creação, como a do mundo visivel.....

Quem ousará dizer que huma constituição exclusivamente divina na sua causa possa mudar-se, segundo a vontade dos homens? Aos que se arrojassem a tal pertenção, diriamos: Pois bem! mudai a constituição do vosso ser, mudai o systema de vos-

sos sentidos ou de vossos orgãos, mudai as funcções de vosso peito, ou as pulsações alternativas de vosso coração e vossas arterias: conheceis que não podeis, e que nem todos os homens reunidos jamais o poderião fazer; e com effeito nenhum o tem tentado, e esta mudança he de tal sorte impossivel que nella não tem pensado os mais orgulhosos, nem os mais temerarios espiritos. Ora, donde vem esta impossibilidade insuperavel a toda potencia humana, se não de que a constituição do nosso corpo he a obra de Deos?

Mas sendo a constituição da Igreja igualmente a obra immediata de Deos só, pois que foi a infinita Sabedoria quem constituio por leis de insondavel profundeza a sua intima organização e as suas altas prerogativas, por que esta organização não teria, no que lhe he essencial, a immutabilidade, a inviolabilidade da nossa organização material e de todas as obras do Creador?

Ainda ha esta differença, que na ordem das cousas visiveis pode-se alterar a organização dos seres vivos, dando-lhes a morte, ao passo que os inimigos da Igreja não tem contra ella este horrivel recurso, por que a Igreja de Deos he ao mesmo tempo divinamente organizada e divinamente indeffectivel, de tal arte que sua transformação he de todo absoluta e divinamente impossivel.

E para bem comprehenderdes esta verdade, M. C. F., notai que a Igreja recebeo do seo divino fundador huma duplicada constituição: por que d'huma parte, ella repousa sobre seos Sacramentos, segundo o que havia dito, muito tempo antes, o livro da Sabedoria: *Sapientia ædificabit sibi domum, excidit colum-*

nas septem; e doutra parte, ella se mantem por sua hierarchia.

Que catholico ousaria dizer que a Igreja possa mudar alguma cousa na sua constituição sacramental; que ella possa, por exemplo, tomar o vinho para materia do baptismo ou a carne dos animaes para a oblação eucharistica? Todos os catholicos sabem que huma tal mudança he impossivel e que certamente não acontecerá; por isso que seria contraria ao que o mesmo Deos primitivamente estabeleceo.

E por que a constituição hierarchica não seria igualmente invariavel pelo mesmo titulo, e pela mesma razão que a sacramental, pois que dimana da mesma Omnipotencia, e depende da mesma authoridade divina?

Aquelle que declarou que he necessario que o homem renasça pela agoa e pelo Espirito Santo, e que para ter vida em si deve nutrir-se do pão transubstanciado em seo divino corpo, aquelle que he o Filho eterno de Deos, não declarou tambem que Pedro seria Pastor supremo dos cordeiros, e das ovelhas? Não ordenou tambem que os Bispos ensinassem as nações, e não os estabeleceo para governar a Igreja de Deos?.....

Este estado de cousas he de tal sorte immutavel, e sobremaneira acima de todas as pretenções dos poderes deste mundo, que as mesmas chaves da Igreja nada podem alterar no que lhes diz respeito, de modo que os Bispos canonicamente instituidos não podem renunciar a este dever, nem a este direito de ensino, e de governo; nem o soberano Pontifice, com toda a plenitude do seo poder pode diminuir os privilegios supremos da sua incommunicavel supremacia. Nosso Senhor Je-

sus Christo assim o fundou, e as portas do inferno não prevalecerão contra sua vontade. O ceo e a terra passarão, suas divinas palavras não hão de falhar....

Que se deve pensar pois daquelles que pertendem que nós somos muito afferrados a certos poderes, e que depende de nós fazer certas concessões? Sim, sem duvida, depende de nós abjurar em parte a nossa missão sagrada, não ter conta com os direitos que ella nos confere, nem dos deveres que nos impõe, como depende de todo christão baptizado abjurar mais ou menos os titulos de seo baptismo, não tendo em conta os direitos que lhe dá para adquirir a graça, e para alcançar o Céo: isto he, depende de nós, como de cada hum dos homens, condemnarmo-nos, imitando o servo máo que não servio-se dos dons recebidos se não para os enterrar.

Ninguem ousaria propor-nos expressamente este vergonhoso e calumnioso partido, e entretanto muitos, sem o pensarem talvez, não querião reduzir-nos a este extremo?

A fim pois de esclarecer em todas suas faces esta grave questão, e tambem a fim de que os fieis confiados aos nossos cuidados, a quem nós devemos, como diz o Apostolo, hum exemplo irreprehensivel, conheção a razão de certos actos do nosso apostolado; temendo algum dia se levem as exigencias até os extremos que não póde tocar a nossa consciencia, quizemos mostrar ao mundo os titulos que temos recebido de Deos, e fazer-lhe comprehender certas impossibilidades. Nós o declaramos, não para nos servirem na discussão legal da alta questão que se agita, mais para fazer comprehender tudo o que ha generoso, conciliador na posição quasi singular que temos ocupado. Esta posição, manteremos conscienciosamente, continuaremos a fallar ao mundo, huma linguagem humana como fazia S. Paulo (Rom. VI., 19.), por causa da fraqueza da multidão e da necessidade das circunstancias: mas cumpre ao menos, que o mundo saiba que, apezar desta linguagem humana, não deixamos, nem deixaremos de ser os enviados de Deos, segundo o que elle mesmo nos ordenou: *Euntes docete.*

Seria talvez este o caso de dirigirmos as potencias humanas esta magnifica palavra attribuida no anno passado à boca mais augusta do mundo: « Ha esta differença entre vosso imperio e aquelle que nos foi confiado, que vos podeis mudar vossas leis, e nós *não podemos alterar as nossas.* »

Mas, graças a Deos, a nossa questão não he de mudar alguma, trata-se pelo contrario de executar todas igual e fielmente. A Providencia, na sua misericordia particular pela França tem permittido que as leis fundamentaes do Estado, ainda que nascidas de fontes bem differentes, e as leis eternas da Igreja possão em huma das suas relações essenciaes, associar-se de alguma maneira. A Igreja não demanda nem protecção nem privilegios; basta-lhe a liberdade, e esta a constituição do paiz assegura a todos os cultos. Para concluir huma alliança séria, para cimentar huma paz duravel, basta pois que o direito divino do episcopado possa exercer-se debaixo da garantia do direito social da liberdade para todos. He isto o que já temos dito cem vezes, como escriptor particular; he o que nós proclamamos hoje como pastor. Essa liberdade para todos he o ultimo gráo da tolerancia: não poderiamos avançar mais sem nos tor-

narmos prevaricadores, sem offendermos a constituição da Igreja, e sem tropeçarmos contra aquella pedra angular, de quem a verdade eterna disse: *Qui ceciderit super illum lapidem conquassabitur: super quem verò ceciderit comminuet illum* (Luc. XX., 18).

página-227

(Continua).

RESUMO HISTORICO DOS ACONTECIMENTOS MAIS NOTAVEIS DO NONO E DECIMO SECULO.

Carlos Magno foi hum principe que prestou grandes serviços á Religião. Protegeo os papas, e augmentou o seo poder temporal, e as suas riquezas, confirmou a Adriano 1.º o usofructo do Exarcato de Ravenna: doação, que tinha sido feita por Pepino a Estevão 2º. Roma, que até então esteve sujeita aos imperadores do Oriente, principiou a considerar-se como huma cidade independente delles, em que o papa gozava os mais bellos direitos sem ser seo immediato senhor.

Estes beneficios excitárão o agradecimento dos soberanos pontifices. Carlos Magno era senhor de quasi todas as provincias, que tinhão composto o imperio romano do Occidente. A Germania, as Gallias, huma grande parte da Hespanha e da Italia, lhe davão obediencia, só lhe faltava o titulo de Imperador. O papa Leão 3.º e os romanos julgarão não poder melhor reconhecer os serviços que elle tinha feito á Igreja, do que deferindo-lhe a coroa imperial. Carlos Magno assignalou seo governo redobrando o zelo pelo bem de seos povos e pela extirpação dos vicios. Morreo em Aix-la-chapelle cheio de gloria e de virtude.

A Igreja tinha gozado de paz no começo do nono seculo, mas esta paz foi perturbada por Photio usurpador da Sè de Constantinopla.

O imperador Miguel, entregue á lisonja e aos seos appetites, deixou governar Bardas, seo tio, homem ardente e impetuoso, que se cazou com a sua enteada. S. Ignacio patriarcha de Constantinopla, por que desapprovou esta uniao monstruosa, foi desterrado em 838, para huma das ilhas do Mediterraneo, depois de ser deposto em hum conciliabulo.

Tratou se de lhe dar hum successor; e foi eleito o eunuco Photio, homem de nascimento, de genio, e de erudição. Era ainda simples leigo, e em cinco dias foi ordenado Patriarcha. Tanto que se viu de posse da primeira Sè da Igreja oriental, apressou-se a convocar hum concilio para confirmar a sua eleição. Ajuntou-se hum em Constantinopla, em que Ignacio foi condemnado, e os legados do papa suprehendidos pelo intruso, fizerão quanto elle quiz.

O papa informado da prevaricação dos seos legados, anathematisou Photio, e restabeleceo a Santo Ignacio em hum concilio celebrado em Roma em 863. Photio irritado replicou-lhe, ajuntando hum conciliabulo em que o papa Nicolão foi deposto e excommungado, como convencido de muitos crimes, de que tinha sido accusado por testimunhas compradas pelo artificioso patriarcha. Escreveo depois contra os Latinos, aquem imputava diversas heresias. Huma era, na sua opinião, affirmar que o Espirito Santo, procede do Pai e do Filho, censurava tambem diversos usos da Igreja Latina, taes como consagrar em pão azimo e comer ovos na Quaresma, &c.

Com tudo o seo credito decahio bem depressa na corte imperial. Basilio, o Macedonio, depois de ti-

tar o throno e a vida ao imperador Miguel, principiou o seo reinado, dando a paz á Igreja; confinou a Phocio em hum mosteiro, e restabeleceo S. Ignacio na sua sé. Mandou embaixadores ao papa Adriano 2.°, para o persuadir a soffocar inteiramente o schisma, convocando hum concilio cucumenico.

O papa recebeo bem a proposta, e o concilio foi convocado pára Constantinopla, e celebrou-se na igreja de Santa Sophia. Phocio, apezar das intrigas dos seos partidarios e dos prestigios de sua eloquencia, foi deposto e anathematizado, e Ignacio restabelecido. Reconhecerão-se tambem os sete concilios geraes, a que se accrescentou este como oitavo. O papa confirmou os decretos do concilio, e a igreja recobrou a tranquillidade.

Mas esta união não foi duradoura. Morrendo o Santo patriarcha Ignacio, cheio de dias e de virtudes, Phocio que do fundo do seo mosteiro não cessava de lisongear as paixões do imperador Basilio, e de conservar correspondencias na corte, foi restabelecido a Sé patriarchal. Ajuntou immediatamente hum concilio, que o lavou de todos os crimes de que fôra accusado; enganou os legados do papa João VIII.° que subscreverão a tudo o que se lhes apresentou. No fim do concilio fez-se huma professão de fé que contem a do concilio de Nicea. O oitavo concilio foi condemnado, e este tem o seo lugar entre todos os gregos schismaticos.

Os soberanos pontifices não cessárão de procurar a deposição de Phocio que de novo foi anathematizado, e condemnado tudo o que elle tinha feito como bispo e como patriarcha. O imperador dom Leão, senhor do imperio depois de seo pai Basilio, vendo que o schisma dividia a Igreja, desterrou de novo Phocio para hum desterro, aonde este chefe dos schismaticos, morreo despresado, depois de tér enchido o Oriente e Occidente com o seo nome. A divisão que elle metteo entre as duas Igreja, cessou com a sua deposição; mais ficou como huma semente escondida, que produzio depois fructos bem funestos.

A Igreja Latina tambem neste seculo se vio afflicta com heresias, assim como a grega. Claudio, bispo de Turin, renovou os erros de Vigilancio sobre a invocação dos Santos, e o dos Iconoclastas da adoração das Imagens. Discorria sobre estes pontos quasi da mesma sorte que ao depois discorrêrão os Calvinistas, mas as suas opiniões forão muito menos contagiosas. Os Protestantes tambem tiverão hum dos seos precursores em João Escoto, que desde o tempo de Carlos o Calvo, espalhou opiniões perigosissimas sobre a presença real de Jesus Christo na Eucharistia; e sobre a predestinação

Esta importante materia da predestinação foi largamente tratada neste seculo, por occasião dos escriptos d'hum monge da Abbadia d'Orbaia, na diocese de Soissons, chamado Gotescalco; foi accusado por sustentar, que a presciencia de Deos forçava os homens a obrar; e que salvando-os, ou condemnando-os contra sua vontade, huns estavão destinados desde toda a eternidade para a morte, e outros para a vida.

Rabano Mauro, arcebispo de Moguncia, e Hincmaro, arcebispo de Rehins declarárão-se contra estas opiniões, que forão condemnadas no concilio de Moguncia do anno 848 e de Quersy dos annos 849 e 853. Teimando Gotescalco em defender a sua doutrina, Hincmaro o poniu severamente e foi encarcerado em hum

mosteiro, aonde morreo perto do anno 866. Era hum homem austero e de hum genio subtil.

A Igreja ainda teve de passar pelas provas da barbaridade das nações infieis do norte da Europa. Nos seculos 9.° e 10.° estas nações percorrerão com a espada na mão a Allemanha, a Inglaterra, a França, a Espanha, Italia, e deixarão por todas as partes signaes do seo furor contra o Christianismo. As artes, e as sciencias forão desterradas destes paizes e não acharão asylo se não nos mosteiros, aonde a occupação era transcrever as obras antigas, escapadas aos Barbaros: monumentos preciosos que terião perecido para sempre, se a Igreja os não tivesse transmittido á posteridade. Foi no seo seio que conservou-se o gosto das letras; e a Igreja teve a gloria de submetter á sua obediencia as nações bellicosas que a tinhão desolado, de adoçar os seos costumes, de civilisa-las e de mudar em filhos doceis os mais crueis dos seos perseguidores.

No 9.° seculo ella tinha convertido successivamente os Dinamarquezes, os Suecos, os Polacos, e os Russos. Depois delles, os Normandos, que, de ha muito assolavão a França, abrirão de repente os olhos á luz, e vio-se huma mudança subita nos costumes deste povo até então feroz e indomavel. No fim do mesmo seculo os Hungaros, povo ainda mais feroz que os Normandos, depois de ter horrivelmente assolado as igrejas d'Allemanha, forão convertidas por Santo Estevão seo rei e seo apostolo, que por huma devoção particular pela Mai de Deos, poz debaixo da sua protecção sua pessoa e seo reino.

O CATHOLICISMO NA RUSSIA.

Ha annos a esta parte tem apparecido em differentes Jornaes, artigos acerca da perseguição levantada na Russia contra o catholicismo pelo imperador Nicolao: o que se tem dito he nada em comparação da realidade. Para formar huma idea dos males que os catholicos sujeitos ao governo da Russia, tem soffrido, seria necessario presencia-los. O escriptor que escreveo estas linhas residio alguns mezes na Russia, não vio tudo, porem viu quanto he bastante para formar hum juizo do actual estado da Religião catholica naquelle imperio. Se elle apresenta ao publico estes factos cuja authenticidade pode garantir, não he por algum espirito de animosidade contra o imperador Nicolao; elle he rigorosamente imparcial. O unico motivo que teve em vista foi de fazer conhecer a verdade constantemente trahida por falsidades officiaes, que são promulgadas descaradamente na face das nações civilisadas. Se examinamos o que se tem passado na Russia a respeito dos catholicos, divisamos o projecto que o imperador Nicolao se propõe, e que elle se tem esforçado em levar á execução, desde que subio ao throno. Nicolao deseja estabelecer no seo vasto imperio a unidade de culto, semelhante á unidade do governo que o rege; todos seos esforços, todos seos pensamentos se dirigem a este alvo. He verdade que elle não emprega os cadafalsos para chegar a este fim: elle não derrama o sangue como Nero; conhece muito bem que o sangue dos martyres tem sido em todos os tempos a semente de novos christãos; que huma perseguição abertamente sanguinaria destruiria em vez de realisar o

seo intento. Que faz elle ? Elle segue os passos de Juliano. As taticas do philosopho apostata lhe parecem mais seguras do que as das feras. Se julgasse que a espada lhe daria de prompto o dominio sobre as almas, teria recorrido a mortandade. Nicolao semelhante ao vil e astuto restaurador do paganismo, perseguindo os catholicos, dirige toda a sua attenção a priva-los da gloria do martyrio. Elle os trata com o mais profundo desprezo ; sujeita-os as mais iniquas vexações; inventa contra elles os mais atrozes soffrimentos, priva-os dos soccorros da religião, e da instrução religiosa, paralisa inteiramente o ministerio dos pastores, a quem elle prohibe todas as relações com o Chefe da Igreja romana. Em huma palavra, elle corrompe ; rouba, embrutece, e causa mortes ; porem elle não *mata*. A perseguição he lenta e maligna ; e dará cabo da catholicidade na Russia, se Deos na sua bondade não a apartar. O primeiro acto de Nicolao foi destruir successivamente as communidades religiosas, e dispersar os seos membros. Elle tomou posse dos bens dos conventos, e empregou-os nos subsidios dos *Popes*, ministros do culto da Russia, raça de homens tão embrutecidos como degradados no mais baixo gráo de baixeza, a que a natureza humana pode descer ; estupida ignorancia, sordida rapacidade, beberreiras, dissoluções, e todos os vicios, eis o que nelles se encontra. As casas dos Popes são o covil das desordens e dos escandalos, e por todas as partes os possuidores destos abrigos do crime são os mais brutos perseguidores dos catholicos. Este ultimo commercio, que com tudo não he o mais infamante de todos que elles praticão, augmenta-se todos os dias, por que elles recebem huma paga

por cada catholico que fazem apostatar. Assim as fundações da piedade dos catholicos fornecem os salarios destes desgraçados homens, os mais vis dos sequazes imperiaes, os mais incansaveis inimigos de Christo. Se algumas casas religiosas ainda existem, elles deixão aos membros que as compoem somente huma desgraçada e miseravel existencia, hum insufficiente bocado de pão comprado todos os dias a peso de lagrimas, que arbitrarias inquisições e tyrannias fazem derramar. Tudo he empregado para força-los a separarem-se e abandonarem a pequena porção de seos edificios, que o Pope de Petersburgo pareceo deixar-lhes. As Irmãs da Caridade, estabelecidas em Vinnica, tinhão comprado hum predio, cujas rendas gastavão com os pobres, viuvas, e orphaos, aos quaes ellas ensinavão as orações e os principios da religião. Este predio lhes foi tomado ; o edificio, com excepção d'alguns miseraveis quartos, foi empregado para o gymnasio russo, cujos alumnos provavão a paciencia das boas religiosas com os maiores insultos. Ainda não he tudo. Ellas não se atrevião a partilhar com os filhos dos catholicos hum pedaço de pão preto do seo sustento. Se era descoberto, ou ainda suspeitado, que hum destes meninos tinha relação com as religiosas, ou para receber huma pequena esmola, ou para aprehender huma oração, não se contentavão punindo as religiosas, elles punião tambem o menino. As igrejas catholicas estão convertidas em pagodes dos Russos. Não muito tempo depois as religiosas do rito latino forão expellidas de seo convento na mais barbara maneira ; e sua igreja saqueada. Elles quizerão dar à profanação as sagradas hostias do tabernaculo ; dirigirão-se para este abominavel sacrilegio aos

Judeos, que recusarão perpetrar hum tal crime. O que, com tudo, os Judeos recusarão, os Russos fizerão com o maior sangue frio. As hostias consagradas forão lançadas no chão e pisadas. Eu não me demoro na expulsão dos Capuchinos de Tilles. Os Annáes da Propagação da Fè já descrevêrão esta enormidade. Muitas outras enormidades, semelhantes ou ainda mais odiosas estão sepultadas nas trevas e nas minas com os nomes e memoria das victimas! As parochias não forão mais felizes do que os conventos. Todas as suas possessões tem sido confiscadas. O embrutecido *pope* se enriquece com as rendas da caridade, entretanto que os donos soffrem todas miserias com o pobre que perece de fome. Quando hum templo catholico ameaça ruina. o proprietario não pode repara-lo sem previamente obter auctorisação do ministro do Culto. Esperando esta auctorisação, o edificio desmorona-se, e isto he exactamente o que o perseguidor deseja. Se felizmente elle se conserva, por meio de difficuldades deve-se obter de S. Petersburgo aquella authorisação. Os catholicos não podem edificar huma igreja ou capella sem esta authorisação, que elles só obtem depois de mil difficuldades, entretanto que elles são forçados a edificar templos para os Russos. As parochias ficão em grandes distancias: o pobre que não tem meios de transporte, não pode fazer aquellas longas jornadas; e consequentemente ficão impossibilitados de cumprir os deveres religiosos. Estes infelizes são abandonados, por que ao caritativo e zeloso sacerdote não he permittido levar-lhes os soccorros de seo ministerio, celebrando Missa em capellas domesticas, que ha quasi por todas as partes.

Hum *ukase* prohibe, debaixo das mais severas penas, a celebração da Missa, e ouvir confissões nas capellas sem permissão do ministro do culto, o Vigario geral do Supremo Pontifice, Nicolao. Esta permissão, ja se sabe, ha de ser obtida, como as outras do mesmo genero, á força de dinheiro; e assim mesmo só os membros da familia podem assistir a Missa, e receber os soccorros da religião. Nada ha igual a isto. Na Cochin-China, aonde o soborno cega o mandarin, a respeito da presença do missionario, elle não limita o numero daquelles que hão de receber sua benção.

(Catholic Herald.)

PAIXÃO.

Jesus muito amava
Aos fracos mortaes:
Da sua ternura
Deo muitos signaes.

Ao rude ensinando,
Possessos livrava,
A cegos, a surdos
E mudos curava.

Do reino da morte
A guarda forçando,
E a muitos ao mundo
Voltar ordenando.

De tres dias morto,
Que a vida chamou,
Lazaro das garras
Da morte arrancou.

Crueis os ingratos
Procurão prende-lo,
Por 30 dinheiros
Vai Judas vende-lo.

E como estivesse
Ja propinquo o dia,
Que rouba-lo ao trato
Do mortal devia.

A fim que a saudade
Mitigar podesse,
E os homens deixando
Entre elles vivesse.

Com surpreza e pasmo
D'Anjos, Querubins,
Poderes, Virtudes,
Thronos Serafins.

Tantas maravilhas
Que em paz exercco,
Causarão inveja
Ao imperio Judeo.

Depois que os tormentos
E a morte humilhado
Espera em suores
De sangue banhado.

Eis que chega a turba
Por Judas guiada,
Que o cérca, atropella
Com grande assuada.

La vai Jesus prezo.
Injusta prizão!
A rastos o levão
Pancadas lhe dão.

Huns em suas faces
As mãos descarregão,
Outros entre affrontas
Escarros emprègão.

No meio de insultos
De opprobio tamanho,
Cuidado lhe dava
Seo pobre rebanho.

Ja Pedro, que ha pouco
Firmeza jurou,
A' voz de huma serva
Tal Mestre negou.

Mas tendo chorado
O crime perjuro,
Enchuga seos olhos
Do perdão seguro.

Os pés lava e beija
Dos servos, e ostenta
O seo corpo e sangue
No pão que apresenta.

Jesus mil calumnias
Do povo soffria,
Em quanto extremoso
Por nós se offerecia.

Quem já da verdade
O imperio seguio;
Quem odio, em tormentos
Crueis não cahio?

Porque disse: o homem
Tem direitos seos,
Nasceo para o imperio
He Filho de Deos:

Falla do Governo
Áttaca o Imperante,
He reo; morrer deve,
Diz gente ignorante.

Elle he contra o Cezar,
Prega nova seita,
Traidor demagogo,
As leis não respeita;

Gritavão as turbas
De infames servis,
Escribas, Ministros
Farisaicos vis.

Que gente insensata!
A mesma innocencia
Accusa por crime
Razão por demencia.

Lá braços nervosos
De feros soldados
Já promptos se ostentão
De açoutes armados.

Em golpes terriveis,
Que ao peito estremecem,
As carnes lhe rasgão,
E mais se enfurecem.

Cançados se alternão,
Eis novo atrevido:
E o manso cordeiro
Sem dar hum gemido.

Quasi que os seos ossos
Assim denudavao.
Do sangue esvaido,
Morrendo o deixavão.

Nem dão-lhe descanso,
O' Ceos que impiedade!
Inda se não farta
Do impio a maldade!

De espinhos se tece
Com sanha dolosa
Que a testa lhe cinja
Coroa horrorosa.

Nos hombros a capa
Irrisoria, e cana
Fragil na mão poz lhe
Cohorte inhumana.

E logo insultando
Em rude galhofa
O rodèa, aperta,
Escarnece, e mofa.

Até preferido
Ao justo hum malvado,
Virtudes succumbem:
Triunfa o peccado.

Pilatos sabendo
Quanto he n'isso injusto;
Tè contra o que sente
Matar manda ao justo!

E ao mesmo que achava
Sem culpa innocente,
Entrega aos algozes,
Condemna inclemente.

Ja dura sentença
Lhe sendo intimada,
A gosto da plebe,
Sem lei, depravada:

Pezado madeiro
Comsigo arrastando,
La vai, para o monte
Calvario chegando.

Nesse deploravel
Fero, horrendo estado,
Pela Virgem Santa
Foi elle encontrado.

Da Mãi as angustias
Ao Filho atormentao:
Do Filho os tormentos
A' Mãi desalentão.

Condoidos, tristes,
Immoveis se observão,
Ao ceo expressivos
Os olhos elevão.

Mas já seos verdugos
O empuxão forçando
A mover os passos,
Que vai retardando.

Exangue sem forças,
Abraçado á cruz,
Ora cahe em terra
Cançado Jesus.

Ora atropellado
Se vai arrastando,
A Mãi quasi morta
O segue chorando!

E se atraza os passos
Por assim não vê-lo,
Saudosa, affligida,
Recea perde-lo.

Se apressa, e o contempla,
Quasi desfallece,
Do sangue, das chagas,
Da cruz extremece.

He Mãi, elle he Filho.
Oh dor, que afflicção!
Deixa-lo não deve
Em tanta paixão.

Depois de, entre quedas
Jesus ter chegado
Ao lugar tremendo
Da morte habitado,

E as ruas e praças
De sangue banhando,
Que em rios seos passos
Ficava marcando.

No cume do monte
Com furia despido,
Em duro madeiro
A' força estendido.

Supportou dos cravos
As pontas boidas,
Que em pés e mãos rasgão
Cruentas feridas.

Na cruz he pregado,
E d'ella pendendo,
Té por seos algozes
Está se offerecendo.

E para os tormentos
Unir-se a amargura,
O fel e vinagre
Lhe dão na secura.

Ao justo confundem,
Este homem de dôres,
Entre os assassinos,
Entre os malfeitores.

Nem tem onde afflicto
Encoste a cabeça
Sem que novas dôres,
E ancias padeça.

Aos hombros feria,
Se ao lado inclinava,
Alem dos espinhos,
Que mais lhe encravava.

O tosco madeiro
De traz com rigor
Repulsa e castiga,
Se nelle a vai pôr.

Leva-la adiante,
He perder mil vidas,
Na estensão dos nervos,
E dôr das feridas.

O peso do corpo
Vai sempre rasgando
Nos pregos os membros,
Que estão segurando.

E o Filho do Eterno,
Como Elle tão caro,
Ao Pai se lamenta,
De tal desamparo.

Mas ainda avistando
Junto a Cruz bendita
Seo discipulo amado,
E a Virgem afflicta,

Os já baços olhos
Nelles empregando,
E os humanos todos
Em João contemplando;

Inda que em momentos
Da morte se visse
Já quasi espirando
Terno assim lhe disse:

Mulher, eis teo filho.
Irmão, filho, amigo,
Por Mãi a respeita,
Conserva-a comtigo.

Penando, entre augustias
Tudo precaveo;
Por nos dando a vida
Tambem Mãi nos deo.

E quando improperios
O impio soltava,
Jesus pelo impio
Ao Pai supplicava.

Tres horas pendendo
Da cruz, espirou.
Morreo, mas da morte
Os ferros quebrou.

Se hum algoz a lança
No peito lhe crava,
Saber pretendendo
Se vivo ainda estava,

Correm no restante
Sangue da ferida
Forças para os fracos,
Para os mortos vida.

Que amor, que finezas!
Que excessos! que estremos!
Sejamos lhe gratos,
E amor lhe provemos.

Se amigo tão fino,
Só por nos salvar,
Nao teme em tormentos
A vida acabar,

A seos pés, levando
Nossa gratidão,
Amantes lhe demos,
Vida e coraçao.

Junto ao patibulo
Do agonizante
Amado Filho,
E Deos amante,

A Virgem Santa
Maria estava;
De seos tormentos
Participava.

Tambem se via
Triste de hum lado
O Evangelista
Discipulo amado.

Quando Jesus,
Quasi espirando
Os olhos vagos
Nelles fitando,

A voz levanta
Assim dizendo:
Mulher eis neste
Teo filho, E tendo

Em João unido
A gente humana
Lhe fez a graça
Mais soberana.

Pois do universo
O Creador
Nosso Pai sendo
E Salvador,

Amante fino
Tambem deseja,
Que o homem fraco
Seo irmão seja.

Por isso a elle
Voltando impera
Tenha a Maria
Por Mai como era.

Desde esse instante,
Hora ditosa,
Por nós se empenha
Mãi poderosa.

Somos felizes,
Mortaes, oh dita!
Mai de tal filho
Nos felicita.

Ella se alegra,
Quando a buscamos,
Ao seo amparo
Nos recolhamos.

Tenhamos gloria
Em filhos ser
De Mãi que aos filhos
Póde valer.

(*C. A.*)

VARIEDADES.

Ha trinta, vinte, dez annos, a religião parecia quasi esquecida; não tinha vida politica. Os homens de estado não a mencionavão, ou se fallavão em religião, era com desdem. Agora que mudança! Se exceptuamos o que o imperador da Russia tem feito con-

tra o catholicismo, para qualquer parte que lancemos os olhos vemos a religião attrahindo a attenção das nações, e exercendo huma importante influencia nos destinos do mundo. Foi-se o tempo em que a irreligião era moda; hoje voga a importantissima lição—a fé he absolutamente necessaria aos individuos como ás nações.—Os vapores das paixoes obscurecem a luz da verdade: imagina-se que a religião he dispensavel. Mas esperai hum pouco, deixai passar essa nuvem e calmar-se a febre, o coraçao recobrarà seos sentimentos, e a razão seos foros, os sagrados instinctos da Divindade reapparecerão; aos dias tormentosos da irreligião e libertinagem succederão dias bonançosos e felizes. A verdadeira religião he exclusiva e pura, como a verdade, como o mesmo Deos, que zeloso de sua gloria não admitte outros deoses em sua presença. Esses galhos cortados pelo schisma da arvore da religião, cuja cepa he Jesus Christo, sem vida em si mesmos morrem, entretanto que o tronco mais frondoso cobre toda a terra. A verdade soffre eclypse, e a virtude contra-tempos; mas como o ouro purificado no fogo, sahe mais brilhante e mais bella.

Em confirmação do que levamos dito, lemos a seguinte curiosa confissão que faz o *Edinburgh Evening Post*: « O papismo (o catholicismo) em hum tempo apparentemente paralisado e moribundo, está agora vigoroso e activo, ao menos neste reino; e quando a illustração religiosa do seculo deveria faze-lo retrogradar ao chaos de trevas que acompanhão a semente de todo o genero de conhecimentos, he rapido o augmento da communhão papista, e espantoso o desenvolvimento de instituições, pelas quaes o seo systema se mantem. Em roda de nós erigem-se igrejas catho-

licas, collegios, instituições monasticas para os dous sexos; escolas para meninos, asylo para orphãos, hum faldistorio para o pobre, e hum throno para o rico. Multidões affluem para as igrejas, conversões succedem com espantosa rapidez; o espirito pasma á vista de factos tão manifestos como indesputaveis; nem ha esperanças que o proselytismo esgote a ambição do papismo. E para mostrar que não he em nós huma vã suspeita, damos o seguinte paragrafo de huma folha provincial da Inglaterra: « Os primeiros effeitos do bill que ultimamente passou no Parlamento, se manifestárão na procissão catholica por Redford, com o cantico da Ladainha da Bemaventurada Virgem. A ultima relaxação das leis contra os catholicos romanos faz semelhantes attentados *frequentissimos*. »

— Na China o exercicio da religião já não he occulto e temido. O povo corre aos missionarios e o geral movimento em favor da christandade he exhibido em publico e á vista dos magistrados. Os christãos não fazem hum segredo da sua fé. Por esta tolerancia podem os missionarios passar de hum lugar a outro, e soccorrer as necessidades espirituaes do povo: ter os oraçoes da manha, offerecer o santo Sacrificio, e pregar. Assim a liberdade religiosa não he mais contestada. Os christãos exhultão de alegria e os pagãos convertem-se á verdadeira fé em multidoes.

DA VERDADEIRA, E DA FALSA GLORIA.

Segundo o nosso costume continuaremos a promover, como nos he possivel, a boa educação da mocidade, havendo por conveniente começar sempre por definir,

ou determinar o valor das expresssões, ou das phrases, de que se usa.

A palavra *gloria* no sentido mais geral, quer dizer, honra; estima, fama, ou renome, que se consegue, ou se pertende por algum merecimento ou feito extraordinario.

Ha diversos generos de gloria, segundo os objectos a que se applica o louvor, ou a fama. Assim dizemos: *dar gloria a Deos* que he prestar-lhe culto, ou fazer alguma cousa virtuosa em honra de Deos.

Tambem dizemos a gloria do seo paiz, ou do seo seculo, por exemplo: *Newton foi a gloria do seo seculo. O principe Leopoldo da Toscana foi a gloria da Italia.*

A gloria militar consiste em vencer, e pugnar com distincção extraordinaria, levar longe o seo nome, e a fama das suas armas.

Chamamos *gloria verdadeira* ou real, a que consiste em *fazer bem aos homens vencendo-se obstaculos por meios justos.*

He vãgloria, a que resulta de huma cousa inutil.

Tambem se da o nome de *vãgloria* ao sentimento ou conceito excessivamente bom, que por vaidade, philaucia, ou falso juizo, cada hum faz de si, ou dos outros. Neste sentido diz-se: *A vangloria depráva e corrompe as melhores acções.*

Falsa gloria he huma errada opinião ácerca da honra, ou huma ambição mal entendida. Neste sentido diz-se:—*O amor das conquistas não produz senão huma falsa gloria.*

Tambem se diz:—*O verdadeiro heroismo he fazer o bem alheio.*

Confundem-se porem geralmente estas ideas, e to-

ma-se por verdadeira a falsa gloria. Assim, hum dos grandes defeitos da educaçao vulgar, he induzir em erro a mocidade, inspirando-lhe admiração e enthusiasmo pela va, ou falsa gloria, cujas brilhantes e especiosas exterioridades, as mais vezes, encobrem barbaridades e injustiças, em quanto ficão sem a devida consideraçao os sentimentos, principios, e factos, que constituem a solida grandeza, e a verdadeira gloria.

Não são os Alexandres, os Brutos, os Scevolas, os modelos dignos de se offerecerem á mocidade. Deixemos dormir em seos tumulos esses fanaticos e famosos guerreiros, que assaz ruide e transtorno causarão no mundo; e cujos altares e tropheos forão levantados á custa de lagrimas e de sangue, a custa do repouso e do bem estar da humanidade. Deixemos que o tempo e a razao façao cahir esse prestigio, illusão ou vangloria, que coroou os heroes d'ambição, d'avareza, de egoismo, e vaidade.

Offereçamos antes á nova geração para modelos, esses homens preciosos e raros, que em vez de matar e destruir, souberão edificar com o seo exemplo e doutrina; e com seos talentos uteis, e suas virtudes pacificas, semeárão alguns beneficios ao passar a carreira da vida.

A probidade moral tem muita necessidade de culto. Hoje hum homem que consagre a sua vida a pagar as dividas de hum pai fallido, he exemplo muito mais raro do que hum guerreiro, que affronte impavido os perigos de hum campo de batalha. Por demasiado tempo *a gloria militar* reinou no mundo com sceptro de ferro. He tempo de demolir hum templo levantado sobre titulos vaos e bazes phantasticas, e de substituir-lhe outro mais puro e solido, consagrado á virtude, á probidade moral, e á verdadeira honra civica, unicas bases permanentes da felicidade publica e particular.

(*Panorama.*)

MARIANNA: 1847. NA TYP. EPISC. Rua da Olaria n.° 54.

SELECTA

CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.° 15 DE ABRIL DE 1847. N.° 20.

A RESURREIÇÃO DE N. S. JESUS CHRISTO.

No dia terceiro,
Depois que Jesus
Foi tão cruelmente
Pregado na cruz,

E a vida exhalando
Ao inferno desceo,
Deixando o cadaver
Que a terra se deo:

Sua alma divina
Ao corpo sagrado
Que anima de novo,
Se tendo ajuntado,

Os ferros da morte
Patente quebrando
Tornou glorioso,
Aos vivos buscando.

Os guardas que zelão
A campa, que o encerra,
Sentindo-o, tremerão,
Cahirao por terra.

A pedra volvida,
A cova, o lençol
O facto indicárão
Aos raios do sol.

Hum Anjo formoso
Alli se encontrava,
Mas já nessa estancia
Jesus não se achava.

Ouvimos do Anjo
A nova feliz:
O nosso Bem vive,
O mesmo Anjo o diz.

Suspendei o pranto,
O' gente saudosa,
Levai estas novas
A Mai desgostosa.

Dos mortos surgio
Nosso desejado,
Triunfante apparece
Da morte e peccado

Cantemos victoria,
O' santas mulheres,
Jesus resurgido
Nos dá mil prazeres.

Hymnos de louvor,
Cantos de alegria,
Nossa lingua e peito
Enchão neste dia.

Eia, festejemos
A resurreição,
Nella se confirma
Nossa Redempção.

O' santo mysterio,
Columna da fé,
Sem ti caducava
Quanto hoje se crê.

Exultem os ceos,
Alegre-se a terra,
E os homens applaudão
Os bens qu'ella encerra.

Nosso Jesus vive,
O' Resurreição,
Fazes toda a gloria,
Timbre do christão.

Sujeita a meo plectro,
O' lyra divina,
Em tão alto assento
Altos sons affina.

Por nós ceos, mar e terra
Retumbem de alegria,
E o peito neste dia
Banhemos no prazer.

Alegrias nascem
Da posse do bem,
Não deve ser triste
Quem venturas tem.

Muito mais ditosos
Que outras creaturas,
Em Jesus achamos
Fontes de venturas.

Por nós ceos, mar &c.

Esqueça-nos hoje
A nossa fraqueza;
D'Anjos recebamos
Emprego, e pureza.

Enchão nossa mente
Feitos do Senhor:
Soltem nossos labios
Cantos de louvor.

Por nós ceos, mar &c.

Nesse desembarque,
Deste facto indicio,
Noé, transportado,
Não fez sacrificio?

E a Moysés não vemos,
Findo o roxo mar,
Psalmos entoando,
Festas inventar?

Por nós ceos, mar &c.

David Rei, e Santo
Dançava cantando,
Quando a Arca em triumpho
Hia acompanhando.

Motivo mais nobre,
Mais alto nós temos
Unamos as vozes,
Cantemos, dancemos.

Por nós ceos, mar &c.

Homem, téqui fraco,
Valente hoje e forte,
Com Jesus venceste
Em seo reino, a morte.

Elle resurgindo
Faz-nos triumphar:
Natureza humana,
Vai nos ceos reinar.

Por nós ceos, mar &c.

Em si glorifica
Deos, summa grandeza,
A carne que he nossa,
Nossa natureza.

Outro igual assumpto
Onde achar podemos?
Quem roubar nos pode
A gloria que temos?

Por nós ceos, mar &c.

As aves dos ceos,
Os reptis das terras,
Os peixes, as feras,
Que habitão nas serras,

As flores, os troncos,
Os rios e as fontes,
Unir-se a nós venhão,
Cheguem prados, montes.

Por nós ceos, mar &c.

Os astros e os ventos,
Toda a terra e mar
Ajudem-me alegres,
A Jesus louvar.

Em doce harmonia,
As vozes soltemos,
Louvores e graças
Ao bom Jesus demos.

Por nós ceos, mar &c.

DIREITO DIVINO NA IGREJA.

II

A *Independencia do poder da Igreja.*—O Illustre prelado de Langres, querendo evitar que se dê ás suas palavras hum sentido contrario a seos principios, reconhece, ensina e proclama, que os chefes da Igreja, como membros das sociedades civis devem obedecer

ás leis emanadas dos governos humanos, e dar aos povos o exemplo mais completo desta submissão respeitosa, quando estas leis não invadem o dominio inviolavel que Jesus Christo legou exclusivamente á sua Igreja. Elle diz pois com o grande Apostolo: *Sede submissos as potestades não só por temor e por necessidade, mas tambem por consciencia*, &c.

« Mas ao lado ou antes acima destas sociedades dos interesses materiaes, o Filho de Deos estabeleceo a sociedade dos interesses espirituaes, que he a Santa Igreja catholica. Esta sociedade, bem que fundada principalmente para a salvação das almas, deve com tudo ser visivel; d'outra sorte, na condição presente da nossa dependencia corporea, ella não poderia ser conhecida, ainda mesmo de seos membros, isto he, seria huma chimera. Alem disto deve ter chefes, magistrados, e leis; e a não ser assim, sua instituição seria desprovida de toda sabedoria: seria a anarchia consagrada pela bondade divina, o que não se poderia dizer sem blasphemia.

Ha pois na Igreja leis constitutivas, poderes de governo e de magistratura, que emanão immediata e directamente do mesmo Deos. Ora, como taes leis e taes poderes não serião independentes de toda a authoridade humana?

Quando pelo exercicio deste poder sublime chamado na Igreja o poder das chaves, hum sacerdote absolvendo huma alma criminosa a livra da escravidão do demonio, e lhe restitue seos direitos á herança do ceo, que poderião todos os reis da terra, ainda se reunissem todos os seos tribunaes, todos os exercitos para reter esta alma nas cadeas quebradas pelas palavras do sacerdote?....

Temos observado, alem disto, que o poder da Igreja he e deve ser immutavel: ora não teria desde muito tempo deixado de sê-lo, se fosse submettido a estas potencias ephêmeras que se tem continuamente destruido e supplantado humas as outras? Temos visto que este poder he e deve ser catholico, por quanto he destinado a dirigir toda a humanidade: Ora poderia manter-se catholico se não fosse desembaraçado dessas legislações innumeraveis, cuja moral he tão variada e muitas vezes tão defeituosa? Em fim, e esta unica palavra sobrepuja a quanto temos dito, vimos que elle he na sua causa immediata e incontestavelmente divino: Ora por este unico caracter, não estará acima de toda a inspecção e acção das authoridades puramente humanas quaesquer que sejão? Logo este poder he essencialmente independente.

Os homens politicos se assustarão talvez desta doutrina, e os partidarios da *unidade em todas as cousas* (*) preguntarão com emoção, se pretendemos estabelecer duas potencias no Estado: dirão, que taes ensinos só podem excitar na Igreja conflictos e lutas sem fim. Poderiamos, N. C. F., limitar-nos a responder, que nós não tratamos os negocios do Estado, de que não somos encarregados; que tratamos exclusivamente os negocios da Igreja, de que temos, sem merecimentos nossos, o primeiro cargo entre nós. Mas como esta objecção de certo ha de ser feita, e talvez commentada com azedume, vamos responder-lhe explicita e directamente.

Não, nao pretendemos crear dous poderes rivaes no Estado, bem que o systema dos Estados modernos pre-

(*) Expressão pérfida, inventada para significar a authoridade do Estado.

cisamente esteja formado em continuas rivalidades de poderes e interesses contrarios: como pastor não encaramos a questão neste lado; mas dizemos, e ensinamos, que ha, e deve haver em todas as sociedades humanas, dous poderes distinctos, por que ha no homem duas substancias de natureza muito diversa, cada huma com suas necessidades e seos direitos; e principalmente por que temos dous destinos, que se não poderá reduzir ao unico destino temporal, sem o maior dos crimes e a mais irreparavel das desgraças.

Concebemos como o homem animal, segundo diz o Apostolo, em seo proprio senso pura machina organizada, não queira reconhecer outro poder senão o que facilita seos prazeres sensuaes, na segurança da tranquillidade da terra; mas que hum ser espiritual, intelligente e livre, creado a imagem de Deos, não reconheça outro poder anàlogo a sua natureza, outras leis que rejão suas acções, he o que encontra o senso commum.

O christão quer, e deve querer, que a sociedade em que vive, independentemente do poder soberano, que exerce sua acção só nos corpos, regulando os interesses materiaes, seja tambem regida por hum poder espiritual, governando os espiritos, e dirigindo, quanto he possivel, todo o moral da vida.

Costuma-se objectar, que a existencia simultanea destes dous poderes produzirá conflictos.

Porque haverà conflicto, se estes dous poderes se conservarem nas suas órbitas? He verdade que algumas vezes appareceraõ reclamações, e resistencias moraes contra os excessos da força material; mas o bem geral deve prevalecer a estes inconvenientes. Não vemos que o systema universal he coordenado da mesma forma? Não he todo o universo mantido por leis de tal arte oppostas, que nenhuma possa ultrapassar seos limites? O equilibrio de todos os mundos, e a vida de todos os entes dependem destas forças e destas resistencias admiravelmente combinadas.....

Eis o que temos visto: d'huma parte, os governos materiaes e puramente humanos, que se chamão Estados; e d'outra o governo espiritual e immediatamente divino, que chamamos Igreja.

Todavia, N. C. F., vede que não fazémos a todos os governos humanos a injuria de dizer, que elles não devem absolutamente occupar-se se não com os interesses materiaes, do mesmo modo que não restringimos a Igreja em huma esphera tão exclusivamente espiritual, que nada lhe pertença do que he sujeito aos sentidos. O nosso corpo, com quanto seja material, não tem menos interesse em que a alma goze de luz, innocencia, e paz. Só elle he incapaz de por si mesmo procurar á alma estes bens espirituaes. E d'outra parte a alma, ainda que seja puro espirito, não tem menos interesse em que o corpo conserve seo vigor e saude, pois que soffre em seos soffrimentos, e se enfraquece em suas fraquezas.

Estas relações mutuas existem entre a Igreja e o Estado; e, sem querer tirar desta comparação inducções rigorosas, como poderiamos fazer conservando a verdade; sem querer tocar em questões delicadas e perigosas, só por que são hoje contestadas, basta estabelecer hum principio de que ninguem duvidará, vem a ser: O que he puramente material, como o commercio e os impostos, he em si exclusivamente do dominio do Estado; e o que he espi-

ritual, como a graça e os Sacramentos, he sempre exclusivamente do dominio da Igreja. Eis hum principio admittido por todos os partidos, que não he huma opiniao, por que he hum axioma duplo.

Ora deste duplo principio resulta necessariamente, que os governos humanos tendem por seo proprio peso a favorecer principalmente os interesses materiaes, e, a não passar á abusos, não se lhe poderia formar hum crime desta marcha, por ser essa a sua vocaçao immediata. Que d'outra parte, pelo contrario, a Igreja tende por sua natureza a favorecer principalmente os interesses espirituaes; e nao merecerá por isso censura, pois que sua existencia na terra he para este fim.

Em conclusão pois, ha ou ao menos pode haver muitas vezes nos Estados, tendencias muito materiaes as quaes a Igreja deve resistir, não com huma resistencia hostil que suscite commoçoes e desordens, mas com esta resistencia eminentemente salutar, que produz o contrapeso, o equilibrio e harmonia.

E por que temos principalmente por fim, N. C. F. de vos explicar estas resistências da Igreja, não tememos ajuntar que sem ellas, pela mesma natureza das cousas, a materia viria a reinar sobre o espirito, o que seria o cumulo da desordem, da vergonha, da desgraça, e o que seria a total ruina do Christianismo.

Que fez nosso divino Legislador? Teme perturbar esta magnifica paz universal? Sanccionou por ventura esta *unidade em todas as cousas* na não de hum homem? Oh! N. C. F., nós sabemos que N. S. Jesus Christo estabeleceo a distincção dos dous poderes, quando mandou dar o que he de Deos a Deos, e a Cezar o que he de Cezar, *reddite quæ sunt Cæsaris Cæsari, et quæ sunt Dei Deo.*

E prevendo que este senhor temporal, este Cezar absoluto, que até alli possuia tudo, cingido da mitra e da espada, não cederia sem horriveis commoçoes o poder espiritual que tinha invadido para o absolver e anniquillar; querendo alem disto restabelecer no homem este combate interior, de que temos fallado, que he inherente a sua natureza, e que só deve fazer seo merecimento, o Filho de Deos declarou, que elle vinha trazer, não a paz, mas a espada: esta espada espiritual, que o Creador pôz na consciencia humana para todos os combates da virtude, e que o genero humano havia deixado perder-se no lodaçal das paixões, nas prisões da mais degradante escravidão; esta espada, com que o homem interior sempre deve estar armado contra o homem de peccado, Jesus Christo retirou-a do meio da ruina da nossa natureza decahida; purificou-a, temperou-a na virtude do seo sangue, depois armou com ella seos servos, e principalmente seos ministros, dizendo-lhes: Tende confiança, eu venci o mundo, *confidite, ego vici mundum*, e he este, N. C. F., o sentido mais litteral destas palavras conhecidas, *non veni pacem mittere, sed gladium.*

Mas como por mais de dous mil annos, as potencias materiaes se tinhão fortemente organizado, e na serie dos seculos esta organização devia tornar-se mais forte e mais temivel, o Filho de Deos quiz organizar tambem o poder espiritual destinado a vivificar a todos os poderes humanos, quando elles se limitao nos seos direitos, e a defender ao mesmo tempo seo reino contra as pretenções injustas ou excessivas do que o divino Mestre chama principe deste mundo.

Destarte Jesus Christo formou a Sua Igreja com

dupla hierarchia divina, com seo chefe supremo, e com os chefes superiores das phalanges diocesanas, até os chefes inferiores das diversas tribus christãs e até o ultimo simples fiel que, de necessidade, deve de sua parte combater em seo posto, e se fôr necessario, resistir até o martyrio.....

Estas resistencias pois, que resultão da acção independente do poder espiritual, longe de serem huma objecção contra a legitimidade deste poder ou contra a necessidade de sua independencia, servem pelo contrario a fazer melhor comprehender como este direito sagrado, depositado na Igreja por seo divino fundador, he indispensavel a dignidade humana e salvação do mundo.

página 257 (*Continua.*)

DA VENTURA MORAL E DO BEM-ESTAR MATERIAL.

Quem duvidará de que os desejos da nossa alma são insaciaveis e eternos?—Dai-lhe o que mais cobiça:—cubiçará de novo: nem o universo lhe basta. Só no infinito se poderá saciar: appraz-lhe o embrenhar-se por calculos; o enxergar a cousas minutissimas, o abarcar as maiores. Por fim, repleta, não farta de quanto devorou, a tira-se ao seio de Deos, onde se accumulão as ideas do infinito em perfeição, em tempo, e espaço. Essas esperanças que pullulão do coração humano não inquietão os animaes, que facil e rapidamente alcanção a suprema felicidade. Farta-se o cordeiro em feixe de herva; o tigre sacia-se em jorro de sangue. Se com alguns philosophos houveramos de affirmar que unicamente a disparidade dos orgãos

nos extrema dos brutos, dever-se-hia, quando muito, admittir tal pensar só pelo que toca aos actos restrictamente materiaes; mas fóra dahi, que tem o pensamento com a dextra, quando no repouso da noite, me arremeço ao espaço, para hir lá dar com o architecto dos mundos? Por que não faz o boi o que eu faço? Os olhos lhe bastao; que se tivesse braços e pés como os meos de pouco prestimo para isso lhe serião. Que se deite no prado; erga aos ceos a fronte, e chame com o seo mugido o Ente desconhecido que enche essas immensidades. Certo que não o fará. Preferindo a relva que piza, não interroga nas alturas do firmamento esses astros, que mais que tudo nos fazem evidente a existencia de hum Deos; e descuidado do espectaculo da natureza, nem si quer desconfia que elle proprio foi lançado debaixo da arvore, ao pé da qual repousa, como huma breve prova da intelligencia suprema.

He por tanto, o homem a unica creatura que busca fóra de si alguma cousa, e que de si não faz todo o seo cabedal. Ha quem diga que o povo não tem esses cuidados; por que dos desejos o afasta o trabalho, e no suor se lhe extingue a ancia da felicidade. Mas quando o vemos ralar-se durante seis dias para comprar algum gozo no septimo; quando, esperançado sempre em alcançar repouso, sem vir a cabo disso, a morte o colhe ainda desejoso, diremos que não o quinhoa o calado desejo de hum desconhecido bem-estar, a que aspirão todos os homens? Nem nos venhão com dizer, que esse desejo está cifrado para elle no das cousas terrenas: he esta opinião mais que duvidosa: dai ao homem pobrissimo os thesouros de todo o mundo, tirai-lhe o trabalho, supri-lhe as precisões, pou-

cos mezes serão passados, ei-lo outra vez em volto em tedio, e em esperanças. Mas, em verdade, he acaso cousa averiguada que na sua miseria não sinta o povo aquella sede de ventura, que transpõe os termos da vida? De que nasce certo instincto melancolico vulgar na gente do campo? Muitas vezes ao domingo e dia Santo, quando a aldêa em peso foi orar ao Segador que separa o bom grão do joio, havemos visto hum ou outro camponez sózinho a porta da choupana; e elle escutava o som do sino com ar pensativo: e nem o destrahiao os pardaes chirlando na eira proxima, nem os insectos que ao redor d'elle zumbião. Esse nobre vulto humano, pousando como a estatua de hum nume no limiar da choupana; essa fronte sublime, posto que torva de scismar; esses hombros sombriados por negras guedelhas, e que parecião erguer-se como para suster o ceo, bem que curvados debaixo da carga da vida; esse ente, em fim tão magestoso, dado que miseravel, em nada pensava, ou cogitava só de cousas mundanas?—Certo não era isso o que se adivinhava nesses labios meio abertos, nesse corpo immovel, nesse olhar cravado em terra:—lá o som do sino religioso estampava a saudade de Deos.

Se he impossivel negar, que o homem espera até as bordas do sepulchro; se he certo que os bens da terra, em vez de nos fartar os desejos, só servem para nos gastar o espirito e augmentar-lhe o fastio; dahi podemos argumentar, que alem do tempo existe seja o que fôr.

Outra prova da immortalidade da alma, a consciencia a dá. Todo o homem tem no fundo do coração hum tribunal, onde elle proprio começa julgar-se em quanto o soberano juiz não confirma a sentença. Se o vicio he apenas a consequencia physica da nossa organização, donde virão aquelles receios que turvão os dias dos culpados em meio das prosperidades? Por que será o remorso tão terrivel que antepomos sujeitar-nos à pobreza e a todo o peso da virtude, a alcançar huma abastança mal adquirida? Por que gritará o sangue, e clamará o rochedo? Despedaça o tigre aprêa, e adormece: o homem converte-se em assassino, e vela: busca os ermos; e a solidão o aterra: vaguêa ao redor dos sepulchros; e os sepulchros lhe criáo pavor: olha a furto e espanta-se; e na sala dos banquetes não ousa erguer a vista para as paredes, receando ler nellas alguma inscripção funesta. Os sentidos parece que se lhe apurão para o atormentarem: na alta noite vê claroes terrificos, o cheiro da carniça o cerca em toda a parte, acha sabor de peçonha até nas iguarias que guiza por suas mãos, os ouvidos, que lhe ganhão desmedida agudeza, achão rumor onde toda gente acha silencio, e debaixo dos vestidos do amigo, ao abraça-lo, cuida presentir hum punhal escondido.

Oh consciencia! Seria por ventura apenas hum fantasma da imaginação, ou o temor dos castigos sociaes? A mim mesmo faço esta pergunta: « Se tu podesses, á vontade de hum só desejo acabar com hum homem da China, e herdar na Europa todos os seos bens, com a condição sobre natural de nunca ninguem o saber, acaso consentirias em teres tal desejo? » Embora comigo exagere a minha indigencia; embora queira desculpar este homicidio, suppondo que por virtude de tal desejo o China morre subitamente e sem dôr, que não tem herdeiros, e que por sua mor-

te o Estado se apossará da sua fazenda : embora esse estranho se me affigure ralado de enfermidades e pezares; embora me persuada que a morte he para elle hum bem, que elle a chama, e ate que he hum instante o que lhe resta de vida : apesar dos meos vãos subterfugios, ouço no centro da alma huma voz que tão alto clama contra tal presupposto, que nem por hum momento posso duvidar da realidade da consciencia. Tristissima cousa por tanto he ser hum homem obrigado a negar o remorso, para negar a immortalidade da alma, e a existencia de hum Deos vingador. Não ignoramos, com tudo, que os atheus, se os apertão muito, se põem a salvo com esta vergonhosa negativa. O falso sabio, no paroxismo da gôta clamava : « Oh dôr, nunca jámais confessarei que és ruim ! » E quando houvessem ahi homens tão mesquinhos, que podessem sopitar o grito do remordimento, que provaria isso?—Não julguemos o que tem os membros desembaraçados pela mesma bitola por onde medimos o paralitico, privado do uso dos seos : no summo grão, o crime he huma casta de peçonha, que queima e gasta a consciencia ; derrubando a religião, destrôe-se o unico remedio que póde restaurar a sensibilidade no coração meio morto. A admiravel religião do Crucificado he como hum supplemento do que faltava aos homens. Se por excessos, por demasiada prosperidade, ou por aspereza de genio nos tornamos criminosos, ella ahi está para nos advertir da inconstancia da fortuna, e do perigo das paixões desregradas. Se pelo contrario, nos expomos a sê-lo, por indigencia, ou por tibieza de espirito, ella nos ensina a menoscabar as riquezas, accendendo o fervor em nossa alma, creando, de al-

gum modo, paixões. Para com o criminoso, principalmente, a sua caridade he inesgotavel, homem polluido não o ha cujo arrependimento ella não admitta, nem leprozo tão nogento que não toque com as puras mãos. Para o passado só pede hum remorso ; para o futuro huma só virtude : sempre a ponto de advirtir o peccador, o Filho de Deos estabeleceo a sua religião, como huma segunda consciencia para o culpado, que teve a desdita de perder a consciencia natural : consciencia evangelica, rica de piedade, e doçura. Depois de haver fallado do remorso que vem apoz do crime, seria baldado o fallar da satisfação que he companheira da virtude. O contentamento interior, que sentimos quando fazemos boas obras, vem a ser tanto huma combinação da materia, como o flagello da consciencia, quando commettemos huma acção damnada, he temor das leis sociaes. Se os sophistas affirmão que a virtude nada mais he do que amor proprio disfarçado, e a piedade amor de si, não vamos nós perguntar-lhes se nunca sentirão commoverem-se-lhes as entranhas ao soccorrerem e alliviarem qualquer desgraçado, nem se o receio de voltarem á infancia he quem os faz compadecerem-se da innocencia das crianças. São para os homens a virtude e as lagrimas a fonte da esperança e o alicerse da fé : mas como crerá em Deos quem não crê na realidade da virtude, nem na verdade das lagrimas? Iriamos talvez affrontar o bom juizo dos leitores, gastando palavras em mostrar, que a immortalidade da alma, e a existencia de Deos se provão por essa voz que escutamos no intimo da consciencia : « Ha no homem, diz Cicero, huma potencia que o impelle para o bem e o desvia do mal, a qual não só he ante-

rior ao nascimento dos povos, e das cidades, mas tão antiga como o Deos, que conserva e governa o Ceo e a terra; por que a razão he hum attributo essencial da intelligencia divina; e esta razão que existe em Deos, discrimina necessariamente o que he vicio do que he virtude» A moral he o fundamento da sociedade; mas se tudo em nós he materia, não existe realmente nem o vicio nem a virtude, e por consequencia nem moral. As leis civis, relativas e mudaveis sempre, não podem servir de elo, e sustentaculo da moral, que he absoluta e inalteravel: cumpre por tanto, que o manancial d'ella se encontre em hum mundo mais estavel do que o nosso, e que não sejão nem recompensas precarias, nem castigos transitorios os principaes fiadores do procedimento virtuoso. Philosophos houverão, que se persuadirão terem sido inventadas as religiões para estear a moral; á estes não occorreo, que punhão a causa em conta de effeito. Não brota a religião da moral; a moral he que nasce da religião, sendo certo, como já dissemos, que se do espirito se varre a lembrança de Deos, os homens se precipitão em toda a casta de crimes, sem embargo das leis e dos algozes.

(Extrahido)

VARIEDADES.

Na pintura elevada, e animada em que Mr. Cretineau Joly faz passar com tanta rapidez aos olhos dos leitores a historia da Companhia de Jesus de 1814 a 1816, achamos para extrahir muitos lugares cheios de interesse na actualidade; escolhemos hoje o

seguinte que he o detalhe do estabelecimento e dos progressos dos Jesuitas dos Estados-Unidos d'America.

No momento que a Companhia foi abolida por Clemente XIV, alguns Jesuitas abandonárão a Gran-Bretanha para se retirarem á America septentrional, sua patria, aonde não havião outros sacerdotes alem delles; João Carroll os conduzia. Carroll, ligado ao Instituto pela profissão dos quatro votos, não tardou em adquirir a estima desta immortal geração, que preparava no silencio a liberdade do paiz. Foi o amigo de Washington, e de Francklin, o conselheiro do Carroll, seo irmão, que trabalhou d'huma maneira efficaz na constituição dos Estados-Unidos. A previsão e o saber do Jesuita erão appreciados pelos fundadores da liberdade americana: elles o convidárão á assignar com elles os actos de federação. Professando o culto protestante, hião consagrar seo triumpho pela lei; mas o catholicismo lhes pareceo com os Padres da Companhia de Jesus, tão tolerante e tão próprio para civilisar os selvagens, que não recusárão á João Carroll de assegurar o principio da independencia religiosa. Carroll foi com elles admittido á discussão das bases della; e estabeleceo-a com tanta clareza, que jamais a liberdade de cultos foi violada nos Estados-Unidos. Os Americanos se tinhão compromettido a mantê-la; não julgárão-se authorisados a violar seo juramento, apezar dos progressos que os missionarios consigurão, á beneficio da Fé romana.

Quando a União firmou-se, o papa Pio VI, em 1789, cuidou de dar hum superior a todos estes fieis dispersos nas cidades e nos matos. João Carroll foi o primeiro que recebeo o titulo de bispo de Baltimo-

re ; depois veio a ser metropolitano das outras dioceses e legado apostolico com outro Jesuita , Leonardo Neale , para seo coadjutor. A 25 de maio de 1803 , estes dous prelados , que não tinhão esquecido o Instituto de Santo Ignacio , escreverão ao padre Gruber , geral da ordem , a carta seguinte :

« Reverendissimo padre em Jesus Christo , os que se dirigem a vossa Paternidade erão em outro tempo membros da Companhia de Jesus. Depois da sua desgraçada dispersão em 1773 , nós voltamos a nossa patria. Aqui trabalhavamos com os nossos coirmãos ; por que desde que o christianismo penetrou nestes paizes , os Jesuitas são os unicos sacerdotes catholicos que tem velado na salvação das almas. Quando em 1783 os Estados-Unidos ficárão inteiramente separados da Grã-Bretanha , nosso Santo Padre Pio VI , de feliz memoria , julgou necessario tirar os fieis d'America à authoridade e jurisdicção do vigario apostolico de Inglaterra , e de os submetter a hum bispo especial. Estabeleceo huma nova Sé em Baltimore , e concedeo ao prelado nomeado por elle , jurisdicção sobre o immenso territorio desta republica. Desde então muitos sacerdotes , tanto seculares , como regulares de differentes ordens , se tem espalhado nas differentes provincias d'America , e esta dispersão , como nós tinhamos direito d'esperar , tem aproveitado ao feliz augmento da verdadeira fé. Mas da Companhia de Jesus não restão agora mais que treze padres : são homens pela maior parte enfraquecidos pela idade , e consumidos pelos trabalhos : residem principalmente em Maryland , e em Pensylvania , as primeiras provincias nas quaes a religião catholica foi plantada ,

e onde agora he mais florescente do que em outras partes.

Pelas cartas de muitos dos nossos irmãos sabemos com a mais viva alegria que , graças a huma especie de milagre , a Companhia tem encontrado salvação , e que existe no territorio do imperador da Russia. Sabemos mais que o soberano pontifice a reconhece , e que , por hum breve , dá a vossa Paternidade a faculdade de admittir de novo aquelles que pertencião a Companhia. Quasi todos nossos antigos padres sollicitão com ardor a graça de renovar os votos que fizerão a Deos no Instituto ; elles querem acabar seos ultimos dias em seo seio , e se propoem a consagrar este resto de vida ao restabelecimento da sociedade , se a Providencia o permittir.

Vossa Paternidade não ignora os esforços que cumpre fazer para não resuscitar hum phantasma da antiga Companhia. Ella deve resuscitar , mas com sua verdadeira forma , seo governo em tudo e com seo proprio espirito. Para tocar este resultado , nos parecia essencial que vossa Paternidade escolhesse entre os membros da Ordem hum padre dotado de extrema prudencia , versado em os negocios , cheio do espirito de Santo Ignacio e de suas Constituições , a fim que enviado aqui , disponha tudo em vosso nome e debaixo da vossa authoridade. Em huma palavra , deve revestir-se do poder que tinhão os visitadores mandados por Santo Ignacio aos povos longinquos. Mas , para dizer a verdade , temos estado tão occupados em ministerios alheios do Instituto , somos tão pouco esperimentados no seo governo ; a falta de livros , de constituições , e de actas de congregações g[illegible]es , he tão sensivel , que se não achará , nem

entre nós nem em Inglaterra algum Jesuita que tenha bastante força, saude e qualidade necessarias para prehencher estas funcções. Parece pois de necessidade, que nos venha hum dos vossos padres. Elle deve conhecer o fundo de vossas intenções; deve ser prudente para nada emprehender principalmente, antes de ter estudado o governo, as leis, o espirito desta republica e os costumes do povo.

Os bens pertencentes à Companhia estão quasi todos conservados; chegão para sustentar trinta religiosos. Depois da destruição da Ordem, huma parte das suas propriedades foi consagrada ao estabelecimento de hum grande collegio, onde se instrue a mocidade em bellas letras. Quando Pio VI quiz dar hum bispo a este paiz, e depois hum coadjutor com direito de successão, os escolheo entre os padres da Companhia. Nesta republica, os sacerdotes, de qualquer culto que sejão, gozão de igual liberdade. Nada impede os regulares viver segundo as suas constituições, visto que obedeçao ás leis civis. Nos contratos porem, he bom abster-se do nome de communidade. Todos os bens que os religiosos possuem, julgão-se pertencer á individuos; e, se algum deixa a religião, o faz impunemente neste mundo; o braço secular não se presta de maneira alguma a fazê-lo entrar no seo dever. »

Os dous honrados prelados que assignárão esta carta, só aspiravão voltar ao jugo de Loyola, não procuravão a gloria de serem os restauradores do Instituto. Julgão-se incapazes desta empresa, implorao huma luz mais viva do que a que elles lançao. A resposta de Gruber não demorou-se. Em virtude da authorização concedida pela Santa Sé, o geral podia

receber na Companhia os antigos padres, e os moços que se apresentassem, com condiçao, porem, que nos reinos onde os principes recusassem favorecer o voto do papa, os Jesuitas nao trajarião o habito da Ordem, e nao vivirião em communidade. A prohibiçao sendo pouco applicavel aos Americanos, Gruber os admittio. O padre Molineux foi nomeado superior da missao, e no espaço de alguns annos contou muitos illustres, pregadores, sabios e professores. Concentrados na Maryland, e na Pensylyania, viao estirar-se hum vasto theatro de fatigas. O Ohio, o Kentucky, a Luiziana, o Missouri, e essas florestas ainda povoadas de selvagens, despertavao as saudades dos Jesuitas. Estas tribus invocavao as *Roupetas pretas* para os fortalecerem na fé, ou para os conduzirem á felicidade pela civilisaçao.

Grandes obstaculos surgião da difficuldade da lingua ingleza, tao difficil ao estrangeiro; e principalmente do espirito geral de que o paiz estava animado. Não são mais provincias sepultadas na ignorancia e idolatria, homens completamente privados de educação. Nas extremidades do territorio, se achao ainda em verdade, Indios, que sabem apenas o que he Deos e sociedade; mas os Jesuitas não sao, nem assas numerosos, nem assas validos para se sacrificarem a estes perigos do apostolado. O metropolitano de Baltimore e os padres, seos cooperadores informarão se do estado normal do paiz. Antes de empregarem suas ultimas forças em hum supremo combate em favor do catholicismo, conhecem que he preciso deixar apos si herdeiros do seo animo. No centro mesmo da União, Joao Carroll funda em George-town hum collegio, onde os jovens aprehendem ao mesmo tempo a per-

severança religiosa e as bellas letras. He a mais cara esperança dos missionarios : e les se consagrao , quasi inteiramente a sua prosperidade. Elles pregao , ensinão no meio de huma população civilisada ; e se achao a seo pezar , em rivalidade com os ministros protestantes exercitados nas lutas da palavra , e fortes numericamente. Era impossivel recrutar Jesuitas na Europa , mui difficil fazer nascer vocações entre os catholicos dos Estados-Unidos. Estes catholicos tem huma fé viva , hum zelo ardente , mas da situação do seo paiz , e dos principios que ahi prevalecerão, resulta huma dupla influencia, da qual nao podèrão subtrahir-se. Esta influencia punha entao hum obstaculo invencivel ao progresso do sacerdocio.

ABUSAR DOS ANIMAES.

De tantos modos abusão os homens dos animaes, que seria difficil numera-los ; mas em geral póde dizer-se , que ou se faz pouco apreço delles , ou se lhes dá huma estimação excessiva : em hum e outro caso obramos de hum modo contrario ás intenções do Creador. Fazemos mui pouco apreço dos brutos, quando com o pretexto de que Deos nos tem permittido o seo uso , nos arrogamos sobre elles hum imperio illimitado , tratando-os, segundo o nosso capricho ; mas como podemos provar que temos esse direito ? E ainda supposto que o tivessemos , fôra justo que o nosso imperio degenerasse em tirannia ? Todo o homem , *que nao está ainda corrompido por* suas paixoes , e habitos viciosos , he naturalmente in-

clinado a compadecer-se de quanto está dotado de sentimento e de vida. Esta disposição he huma das mais apreciaveis prerogativas da especie humana , e homem , que chegasse a extingui-la em si mesmo , mostraria até que ponto se tinha degradado , e quanto tinha decahido da nobreza do seo ser. Não lhe faltaria entao mais , que dar hum passo para negar a seos semelhantes a compaixão , que em certo modo nos identifica com todos os viventes , e bem depressa seria hum monstro.

A experiencia justifica sufficientemente o que digo, e talvez não haverá pessoa , que nao possa citar algum exemplo. A historia no-los offerece : nella se vê que os povos , que se divertião , vendo lutar os animaes, se *distinguião tambem* por sua crueldade, para com seos semelhantes : tão certo he, que a nossa conducta com os animaes, influe em nosso caracter moral e na brandura de nossos costumes. Pelo contrario , quão amavel devia ser , e com quanta perfeição devia conhecer o imperio da beneficencia esse povo, que condemnou hum cidadao , por ter a barbaridade de tirar a vida a hum innocente passaro , que perseguido de hum cruel abutre, hia buscar asylo em seo seio ? Não só devemos compaixão a huma creatura por ser racional , se não tambem por ser sensivel. Alem disto , que sentimento de humanidade podia achar-se no coração daquelle , a quem não chegou a enternecer a confiança do desgraçado vadio , que se refugiava a elle , como a seo pai , e defensor ?!

Porem talvez se dirá , que temos direito para matar os animaes nocivos. Eu o confesso , he verdade ; mas d'aqui seguir-se-ha , estarmos authorizados para arrancar-lhes , de hum modo cruel , e ainda podia

accrescentar, sem pezar, e sem compaixão, hum bem tao estimavel a todas as creaturas? Pode achar-se gosto, e ainda hum jubilo barbaro, em huma acção, a que nos nao obriga a necesidade; e tirando a vida a hum innocente animal temos direito de fazer-lhe soffrer mil tormentos exquisitos, muitas vezes mais crueis que a mesma morte? He certo que o Creador nos deo os animaes para servir a nossas necessidades e prazeres, e que estão destinados, para alliviar nossos trabalhos com os seos; porem inferir d'aqui, que nos seja permittido fatiga-los em trabalho superior ás suas forças, negar-lhes o alimento tao merecido, por seos serviços; e em fim aggravar suas penas com os mais duros tratamentos, seria occultar debaixo da figura de homem inclinações de tigre.

Mas como os homens são extremados em tudo, os ha tambem, que cahem em hum excesso totalmente opposto, e por seos cuidados e apêgo aos brutos, parece, que lhes merecem mais attenção que os seres de sua propria especie. O caracter social de certos animaes, que tem mais relações comnosco, que nos rodeão, e que vivem em nossas casas; em huma palavra, aquelles, que nos divertem, ou nos são uteis, lhes inspirão muitas vezes huma ternura, que degenera a ridicularia. Encontrão-se mulheres, e ainda homens tão extravagantes, que amão estas creaturas de tal sorte, que lhes sacrificão os officios, aos quaes, com melhor destino, estavão obrigados para com seos semelhantes. Que a guerra se atée entre as nações, que os exercitos se destruão mutuamente; esta noticia não fará a menor impressão naquella senhora, que no dia seguinte seria inconsolavel pela

perda do seo cãozinho de fralda. Outra haverá, que pisando o creado o seo cão, lhe fará soffrer os effeitos mais violentos de sua colera; e não falta quem faça separar da sua mesa para o cão ou gato, o que bastaria para a subsistencia de hum pobre, dando materia de murmuração a toda a casa. Quanto poderia dizer-se sobre este ponto? Porem paremos aqui para acabar esta meditação com huma advertencia muito importante. Os pais e todos os que cuidão da educação de meninos, devem pôr muito cuidado em abster-se escrupulosamente de abusar de modo algum dos animaes. He tanto necessario o insistir sobre esta maxima, quanto he mais geral o descuido em pratica-la, e são mais perversos os exemplos, que se dão aos meninos em particular: o que influe talvez do modo mais funesto em toda a sua educação, e por isso nunca se deverião matar os animaes em sua presença, e muito menos mandar, que elles os matem. Acostumem-nos a tratar os animaes como a quem tem vida e sentimentos, e a quem se devem pagar algumas obrigações; mas por outra parte guardem-se de que os meninos, segundo sua natural inclinação, se affeiçôem demasiadamente, e apaixonem por elles, preferindo talvez os brutos aos homens: em summa, ensinem-lhes a usar bem destas creaturas, e sobretudo procurem que em seos tenros annos se costumem a reconhecer, ainda mesmo nos animaes, vestigios da sabedoria do Creador.

(*Despreaux*)

DITOSA CONVERSÃO.

O Senhor *** era hum desses chamados Epicurêos, de que ha tantos no mundo, os quaes fazendo-se inferiores á classe dos irracionaes, não conhecem outros gostos, outros prazeres que os dos sentidos; prazeres falsos, nascidos de huma corrupção igual do entendimento, e da vontade. Mas este nosso Epicurêo tinha de seo natural ser propenso ao bem, e á probidade, de sorte que a converseção de huma cidade perversa, a convivencia dos mundanos, a intimidade com *a gente de conta, e que sabe viver*, todos esses laços armados á razão, e á virtude forão os que o precipitárão em tal desordem, que não parecia provavel o poder elle emendar-se de seos desatinos. A fraqueza he quem deita a perder a maior parte destas victimas desgraçadas dos máos costumes.

Com quanto nos horrorisa cedermos a esta asserção, he certo que os viciosos tambem tem amigos. Destes tinha o senhor *** hum, e muito affecto, cuja amizade lhe havia grangeado a suavidade de sua conversação, que he huma das causas mais poderosas para ligar os homens. Mas he de notar, que este amigo, a quem havemos de chamar Florival, seguia maximas mui differentes das do nosso Epicurêo: e havendo notado como a severidade destròe os bons effeitos dos conselhos da sabedoria, punha, como homem virtuoso, toda a sua esperança n'huma honesta indulgencia, lisongeando-se, que com a perseverança, e andar do tempo reformaria hum bom natural estragado pelas màs companhias. Amigo, dizia Florival a Sr. *** vos não podeis duvidar do

muito, que vos amo; amo tudo o que vos diz respeito, e desejára de coração contribuir para os vossos prazeres, não já esses de que todos os dias sois victima miseravel, e que certamente vos hão-de accarretar funestas consequencias. Mas fallo dos prazeres d'alma, que são os verdadeiros, dos quaes o gozar he tão doce, a memoria tão grata. Que significão, replicava o Epicurêo, esses *prazeres d'alma* que nos vindes gabar? Amigo Florival, a metaphysica tem-vos desordenado formidavelmente a cabeça: todos esses lindos sonhos da moral tem muita graça nos livros: ficai nisto: al fin sempre havemos de seguir a ordem da natureza. Dessa mesma, tornava Florival, quero agora armar-me contra vós. Amigo, aconselhai-vos com vosso coração, e dizei-me á boa fé o que elle vos responde. Nelle achareis v. g. que a compaixão, a beneficencia, a felicidade de enxugar as lagrimas de hum infeliz, e dar-lhe sómente alguma consolação, nos causão prazeres deliciosos. Olhai, não quero outro arbitrio entre nós, salvo esse mesmo Epicurêo (1) tão mal entendido, em que vos me fallaes tantas vezes. Lede bem este fundador de huma seita diametralmente opposta ao espirito de seo mestre, e achareis, que elle se conforma muito comigo. Torno a dizer-vos, vós não formais idea das sensações puras, em que consistem as verdadeiras delicias da alma racional. Concedo-vos, que nos vossos deleites ha alguns attractivos: seja embora, mas eu não quero se não multiplica-los, e augmentar o nu-

1 Este Philosopho tão estimavel a muitos respeitos teve a mesma fortuna, que a maior parte dos antigos, á quem não entenderão, e interpretárão mal: leião-no com attenção, e verão que elle dá o primeiro lugar aos prazeres da alma.

mero dos vossos prazeres: podereis já agora fugir ao que vos proponho? Aqui sorrio se o senhor ***, e disse, será como quizerdes, amigo, nunca he sobeja nenhuma felicidade; mas reparai bem, meo philosopho, que me promettestes prazer, sem o qual deixai-vos de sermões: eu gosto do que he real, de verdades palpaveis.

Huma manhã entra Florival por casa do senhor *** dizendo, ahi temos sege á porta, vesti-vos de pressa, que eu venho para dar-vos o que prometti, cousa que certamente ha de contribuir para a vossa felicidade: já vedes que por vos comprazer vou fazer hum papel bem difficil de desempenhar. Mas replicou o outro, onde me quereis levar? e Florival lhe tornou, fiai-vos na minha amizade, e vinde; parece-me que vos mereço alguma confiança.

Ora isto succedeo no anno, em que hum terrivel inverno dessolava a maior parte da França, apezar das largnezas, e liberalidades dos soberanos.

Partidos de casa pois forão dar n'hum beco, a porta de certa casa, que logo demonstrava ser a morada da pobreza. Dai cá a mão, disse então Florival ao amigo; e acompanhai-me. E subidos a hum quinto andar, batêrão a huma porta, que lhes veio abrir hum menino mal coberto com os trapos da indigencia, o qual fallando para Florival disse, sois vós senhor? Sim, meo amiguinho, aqui vos trago hum homem estimavel, que vos hade fazer bem. Estavão pois naquelle casebre tres pequenos, contendendo sobre huma côdea de pão tirada d'entre as immundicias; e mais outro, que pedindo em vão algumas gotas de leite a huns peitos já mirrados, estava como sua mãi, quasi morrendo a fome: a hum canto da casinha

jazia huma especie de cadaver animado estendido n'huma barra, e clamando: senhor Deos, eu acabo já de fraqueza; deixai-me morrer; mas permitti que meos filhinhos, e a pobre de minha mulher, tenhão com que se alimentem. Eis aqui o espectaculo que vio o senhor ***, e sóçobrando-lhe a alma, introduzio, ou antes excitou nella aquelle sentimento da compaixão impresso em todos os corações, e que os affectos sensuaes podêrao suffocar no do senhor *** O qual lançando-se nos braços de Florival exclamava, homem cruel, que me rasgastes o coração: e logo tirando alguns luizes da algibeira, correo a da-los ao desgraçado, que estava gemendo na sua barra, ao qual disse: dignai-vos,.... dignai-vos de receber este tenue serviço.... até que eu volte, e será logo. Então aquelle desgraçado, fallando com a mulher, exclamou, vem cá ajudar a erguer-me, para que eu possa lançar me aos pés do nosso generoso bemfeitor, e assim o fez juntamente com os filhos, dizendo, abaixo de Deos, senhor, vós sois nosso pai, e nosso amparo: todos nós vos abençoaremos até a nossa hora derradeira. Mas já o senhor *** os fazia erguer, e depois de os abraçar, chorando com Florival, e os pobrezinhos, se despedio delles.

Ora pois, disse Florival ao amigo vendo-o entrado da compaixão: desempenhei a minha palavra, ou nao? Sentistes prazer? Vós sois o salvador de huma familia.... Ah meo amigo, meo amigo, interrompeo o senhor ***: quantas graças vos devo! Sim, esta commoção he ao mesmo tempo deliciosa, e atormentadora. Eu a sinto toda ainda: oh! quão doce he soccorrer aos desgraçados! Pobrezinhos, pobrezinhos, estavao espirando.... E lhes restituistes a vida,

disse então Florival; embebedai-vos bem com esta felicidade; tivestes já outra mais pura? Esta he a bemaventurança celesti al na terra: dizei-me ao menos não póde supprir bem esses deleites, que embrutecem, a terrivel faculdade de comprar a innocencia, e deshonrar huma creatura de tenros annos, que cedo ou tarde ha de amaldiçoar o causador de sua perdição?....

A isto não respondeo o senhor *** se não com essas lagrimas tão doces, que a sensibilidade faz brotar, até que em fim disse, não me cabe na alma todo o prazer, que eu sinto: não, esses deleites tão gabados nunca me derão a gostar esta deliciosa embriaguez. E com effeito d'alli em diante, quebrando com nobre esforço todos os laços que o tinhão avinculado a seos despresiveis prazeres, procurou recuperar essa honestidade do primitivo estado das creaturas racionaes, que he a fonte das verdadeiras felicidades.

He da natureza do homem estimar mais o que mais o deleita; parece porem existir huma especie de contraste entre o que o physico pede e o que o espirito deve procurar para bem se desenvolver. A experiencia tem mostrado grandes genios, os quaes pelo menos não chegarião á meta que tocárão se os grandes trabalhos lhes não tivessem ensinado a serem grandes. Os homens que nao conhecem se não a prosperidade e os prazeres raras vezes são capazes de ideas sublimes ou de pensamentos elevados. Da contradicção nasce huma força repulsiva que dá energia á alma: esta tem forças de reserva para a desgraça, pois o céo ao dispensar os seos dons preservou forças para os que combatem. A adversidade faz que a alma reconcentre as suas faculdades, reuna suas potencias, e dilate cada vez mais a esfera da sua actividade.

Os engenhos que tem até hoje adquirido maior nome no mundo intellectual navegarão atravez de contratempos.

He hum proverbio Arabe, que a lingua do mudo vale mais que a do maldizente. Huma he inoffensiva, outra he terrivel: e quem ha tão privilegiado, que se considere seguro de ser respeitado por ella? Os homens podem esconder seos thesouros, segurar suas casas contra as invasões dos salteadores, repellir a força com a força subtrahir-se ao punhal do assassino por huma acertada prevenção, por huma bem dirigida coragem, ou pela fuga: mas contra os tiros da maledicencia não valem nem a mais incontestavel probidade, nem a força, nem a coragem, nem as grandes fortalezas, nem a fuga. ainda que tão veloz ella fosse como o ligeiro vôo das aves. Oh! sem duvida o inferno todo, empenhado em produzir hum monstro digno delle, não podia produzir hum nem mais horrivel, nem mais fatal á humanidade, que o da maledicencia.

A mentira augmenta a gravidade da maledicencia, porem esta por si só he já grande mal. Descobrir os defeitos alheios, ainda sem exaggerar, sem faltar levemente á verdade, ou para satisfazer o prurido de huma viciosa propensão, ou com o fim vago e intempestivo de fazer conhecer os máos, e violar as leis da humanidade, he calcar os principios da justiça, que não consentem que sejamos menos indulgentes com as faltas dos outros do que desejamos que elles sejão com as nossas, que condemnão as offensas do proximo, sem exceptuar o caso em que ellas sejão feitas com as armas muitas vezes perigosas da verdade. O homem verdadeiro mesmo, quando espalha noticias capazes de destruirem a boa opiniao dos ou-

tros, pouco ou nada differe de hum assassino. Hum philosopho escreveo que se tivesse huma mao cheia de verdades, meditaria muito antes de abrir, e ninguem ha que ignore aquelle axioma popular, que nem todas as verdades se dizem

A prudencia e a caridade mandão calar muitas: e o mundo seria huma confusao, huma hostilidade, huma guerra continua, se todas se dissessem.

Nomeada foi na antiguidade a ilha de Creta pelas fraudes e aleivosias de seos naturaes e pelo muito que erão propensos a maldizer e diffamar, semelhantes ao maximo inimigo do genero humano. Hum Cretense desta laia, dos que mais se comprazião em denigrir as reputaçoes de seos conhecidos, e em desfigurar os feitos virtuosos, forjando e divulgando boatos com a lingua perversa, mais cortante que o gume da espada, apertado da calma do meio dia, lembrou-se de abrigar-se e repousar á sombra das ruinas de hum edificio esboroado, onde as heras, ostensivamente parecendo forrar e suster as paredes, insidiosas se enraizavão nas fendas e concorriao para a distruiçao; emblema exacto do calumniador, que desfarça com sorrisos a sua malicia.—Ai de ti, Cretense, que não cuidas achar a morte onde buscas descanço: ahi, occulta no entulho, faz huma serpente que não obstante a luzente pelle e os olhos franzidos e languidos, he traiçoeira, investe, e verte veneno tethal; succumbiras ao golpe de hum lingua farpada, assim como da tua, não menos viperina, forao victimas muitas honras e creditos. Astuta te espreita, ei-la que levanta o collo, forma em espiraes o corpo roliço, salta, e crava as prezas no descuidado, que dahi a pouco espira em terriveis convulsões. Mas que singularidade! O sangue do Cretense tambem era venenoso, e a serpente não lhe sobrevive! O calumniador contamina quem lhe toca, e quem delle se approxima.

MARIANNA: 1847. NA TYP. EPISC. Rua da Olaria n.º 54.

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.º 1.º DE MAIO DE 1847. N.º 21.

DIREITO DIVINO NA IGREJA. *

III

Consequencias de sua immutabilidade e independencia.

He huma consequencia das duas authoridades que regem o mundo, que hajão duas ordens de superiores, que exercem acção sobre vós, N. C. F., independentes, ao menos em quanto a esta acção. Dizemos em quanto a acção, a exactidão obriga-nos a pôr esta restricção, por que esta independencia não he absoluta; he limitada de direito e de facto. D'huma parte, se o magistrado falta á moral christã, incumbe ao pastor, fazer-lhe conhecer seos direitos e os seos deveres, até aparta-lo das cousas santas, respeitando sempre a sua dignidade, quanto a prudencia christã permitte. D'outra parte, se, o que não appraza a Deos, o pastor infringe como cidadão as leis civis, o magistrado, segundo a constituição do Estado, se acha em posição de proceder contra elle.

Mas como acabamos de dizer, a acção que estes dous poderes exercem sobre vós, N. C. F., não he

---

* Vid. os ns. 20, 21.

menos destincta, e reciprocamente independente no exercicio de suas funcções peculiares.

Assim, o Estado não he obrigado à consultar a Igreja na escolha de seos chefes civis, e não sabemos que o pratique: do mesmo modo a Igreja em virtude de seo divino poder, não he de alguma sorte obrigada a consultar o Estado, para dar-vos pastores espirituaes, e se o faz algumas vezes, he de sua parte huma concessão espontanea, sempre revogavel por sua natureza, como diremos adiante.

Nos interesses de vossas municipalidades, dirigis, N. C. F. . a authoridade civil, vossas reclamações; nos interesses de vossas parochias, deveis dirigi-las á authoridade espiritual.

Não vos ides queixar ao vosso Bispo dos erros administrativos dos magistrados, nem pedir a sua intervenção nestes negocios; como pois requereries ao representante qualquer d'hum governo puramente humano, de intervir perante o pastor das almas, para corrigi-lo ou dirigi-lo nos actos do seo ministerio? Não he muito mais de costas acima que o magistrado leigo faça as funcções do sacerdocio do que o sacerdote as da magistratura?

A confusão de poderes, N. C. F., e as usurpações continuas de poder civil sobre a authoridade do sacerdocio, produzem muitas vezes estas difficuldades que exasperão os corações, e dividem as familias.

Nós vos comjuramos pois, especialmente a todos os chefes civis que se achão na nossa diocese, de ponderarem, que lançando mão sobre o dominio da Igreja, suscitão perturbações tão contrarias a seo repouso a considerações pessoaes como á paz e ao interesse publico.

O magistrado territorial não deve occupar-se do culto se não para garantir a liberdade do seo exercicio, e prestar-se às suas necessidades materiaes, segundo as determinações da lei; e da sua parte, o sacerdote, à testa de huma parochia, não deve, como pastor intervir nos negocios da municipalidade, se não para dar-lhes o exemplo de cumprir religiosamente os seos deveres, como superior, como inferior, como igual, e como depositario, segundo nossas instituições actuaes, de huma parte do poder publico.

Oh! N. C. F., se todos os fieis grandes e pequenos, ouvissem sempre com fé estes ensinos, dados sem irritação, sem personalidade, só tendo em vista o bem de todos, honrassem e protegessem a liberdade religiosa e a dignidade do culto divino, não haveria por todas as partes, ordem, harmonia, e paz?

A' estes avisos geraes, N. C. F., ajuntaremos dous mais particulares, e mais explicitos, bem proprios para vos fazer, para assim dizer, tocar com o dedo as verdades que acabamos de vos expôr. Queremos fallar do direito divino da Igreja na nomeação dos pastores de todas as ordens, e na direcção e vigilancia do moral da instrucção publica.

Nós havemos dito que a santa Igreja de Deos he, por sua instituição, de todo independente na nomeação dos seos pastores, em todos os gràos de hierarchia. Esta verdade está certamente acima de toda contestação, e entretanto não he impossivel, N. C. F., que entre alguma duvida em vossos espiritos pelo costume que tendes, de ou ir fallar das ordenações reaes, como as que nomeão os bispos ou que approvão a nomeação dos pastores inamoviveis de segunda ordem.

He mesmo muito provavel, que estas formalidades civis, introduzidas no governo da Igreja, tenhão contribuido a propagar os erros que esta Instrucção pastoral tem por fim combater.

Nos parece pois urgente fazer conhecer a todos, do alto da cadeira, o que para muitos não será novo: a saber, 1.° Que o direito de nomear para os bispados vagos, foi concedido livre e voluntariamente pela Igreja, n'huma convenção passada, em 1801, entre o soberano pontifice Pio VII, e o chefe do governo de então; convenção pela qual os dous poderes figurárão, como o são, perfeitamente distinctos, e de accordo entenderão reparar as ruinas da anarchia, que tinhão pesado sobre a França pelo tempo de hum decennio.

2.° Que esta concessão não foi jamais, e nem podia ser, huma alienação; de tal modo que se, por razões legitimas de que he o soberano Pontifice o apreciador supremo, a Santa Sè quizesse chamar só a si, ou dar á outrem o exercicio deste poder de iniciativa na nomeação dos bispos, o poderia, sem duvida, apezar de todos os poderes humanos; porque Pedro vive sempre em seos successores, e porque ao Principe dos pastores he a quem se dirigem estas divinas palavras: *Pasce agnos meos, pasce oves meas.*

3.°, Que mesmo no gozo desta concessão feita pela Igreja ao poder secular, a nomeação d'hum novo bispo pela iniciativa real não he mais que huma simples designação, pois que não confere absolutamente jurisdicção alguma ou poder espiritual de qualquer genero, de tal sorte que o bispo, somente assim nomeado, não he nada, e nada póde neste sentido na

diocese que lhe he destinada, em quanto o soberano Pontifice não o reconhece como enviado, instituido, chefe e como pai desta porção da immensa familia catholica.

He desta sorte que se deve entender a nomeação real dos primeiros pastores para as dioceses. Qualquer outra interpretação seria certamente erronea, abusiva, condemnavel.

Quanto á nomeação dos pastores de segunda ordem, esta pertence exclusivamente ao bispo, mesmo depois da Concordata, e em virtude desta solemne convenção. Nunca o poder civil nomeia os curas, de qualquer classe que elles sejão, nem he quem erige as parochias ou curatos. Estes actos canonicos são sempre exercidos pela authoridade da Igreja. Só, por outra concessão feita, na mesma Concordata, pela Santa Sé, a nomeação episcopal para os lugares de pastor inamovivel, e a circunscripção das novas parochias, não podem ter effeito se não depois da approvação do Governo.

Aqui temos nesta parte, a situação canonica e legal da França; nós a reconhecemos, a respeitamos e nos conformaremos com ella, em quanto a Igreja quizer mantê-la. Mas para bem comprehender esta situação, vós deveis, N. C. F., notar:

1°. Que os effeitos de que se trata, e que só podem ter lugar depois do consentimento superior do Estado, não são de maneira alguma os da jurisdicção espiritual, pois que o bispo diocesano pode dar o cargo das almas e confiar a despensão dos Sacramentos a qualquer sacerdote que julgue digno, sem que o poder secular possa syndicar.

2.° Que estes effeitos consistem na posse comple-

ta do titulo de cura, no gozo dos beneficios materiaes, que a elle possão ser annexos, e em algumas outras vantagens inteiramente exteriores, e inteiramente civis.

3.° Que pelo unico mandado do bispo, erigem-se as Igrejas, e são seos pastores legitimamente nomeados, mas este novo pastor, este novo chefe espiritual desta Igreja, não tem direito de receber por hum tratado regular, sua congrua do thesouro publico se não quando esta creação ou esta nomeação fôr approvada pelo Governo.

Estes detalhes, com quanto sejão áridos, podem contribuir poderosamente, N. C. F., a fazer-vos comprehender, quanto a independencia da Igreja he inviolavel, pois que não tira seo poder espiritual se não de si mesma immediatamente, e se algumas vezes, por mui graves interesses, e por indulgencia verdadeiramente material, a Igreja permette aos principes intervir como auxiliares nos actos exteriores de seo governo, esta concessão he sempre essencialmente livre, parcial e revogavel.

Se alguem, N. C. F., nos perguntasse por que vos fazemos estas dissertações canonicas do alto da cadeira christã, e em que podem taes objectos contribuir á edificação dos povos, responderiamos com plena confiança, que damos aos povos as instrucções que convem hoje ás suas mais urgentes necessidades; que esclarecemos com a luz da verdade os lugares mais obscurecidos pelas trevas do erro; que applicamos o remedio ao vivo da chaga, neste tempo a mais mortal; que, em fim dirigimos nossa defesa ao lado por onde o inimigo ameaça-nos, e mais nos invade.

Sem duvida, esta instrucção será talvez motivo de recriminações; mas he por isto mesmo tambem, que

nós continuaremos e redobraremos nossos avisos e exhortações no mesmo sentido.

Ah! se nos limitassemos a refutar diante de vós, N. C. F., algumas das heresias antiquadas, como as de hum Eutyches, e d'hum Macedonio, ou alguns systemas inintelligiveis, como os de hum Valentim, d'hum Marcião, quando nossa linguagem tivesse tanta violencia e fel, como he conciliadora e moderada, não daria tanto a cuidar; serião applaudidos talvez os esforços d'erudição e de subtileza que produzissemos para confundir e debellar estes inimigos d'outrora.

Mas sem censurar de modo algum aquelles que se entregão ás indagações de pura sciencia, vos confessaremos, N. C. F., que nos sentimos levados, como pastor das almas, a combater de preferencia os inimigos presentes, queremos dizer, os erros que nos ameação actual e realmente. Ora, o erro mais actual e que mais ameaça hoje, e que se pode chamar a grande heresia do tempo, o grande perigo do dia, he a tendencia a tudo secularizar, até a religião. Se diz: *O Estado he leigo, e o deve ser* Ora, no pensamento de muitos d'aquelles que proclamão ou repetem com predilecção esta expressão pérfida, quer dizer: Tudo no Estado, mesmo a Igreja dever ser submettida ao poder leigo. Bem! isto he mais que erro, mais que heresia, mais que blasfemia; he a negação da Igreja inteira; he a tendencia direita á sua destruição absoluta; he tambem o que queremos combater sempre, até o ultimo suspiro de vida. Limitemo-nos por agora á mostrar, qual he o direito divino na direcção e na vigilancia da educação publica.

(*Continúa*).

DA INDIFFERENÇA.

A indifferença em matêria de religião tem diversas accepções: mas eu não tratarei se não d'aquella, que não he huma opiniao nem hum systema, mas hum somno voluntario, hum estado lethargico da alma.

Esta indifferença, deve-se, pela maior parte, á ignorancia, á vaidade, a huma fatal influencia da época.

Socrates, instruido por Cairephon, de que o Oraculo de Delphes respondêra que não havia homem mais sabio que elle, assentou que estas palavras continhão algum sentido occulto. Para ver se o podia penetrar, foi fallar com os philosophos, com os poetas, com os oradores, com os artistas de maior celebridade, e achou que a disparidade, que havia entre si e elles, consistia em que a sua persuasão era que não sabia nada, e a delles que sabião muito; concluindo d'ahi que a qualidade, em que os excedia, era o conhecimento da sua ignorancia, e que o Oraculo não reputava sabio se não quem se reconhecia ignorante.

Ah! que sabem os homens, principalmente do que mais lhes interessa saber? Com tudo são raros aquelles, que não avaliao em muito a sua intelligencia, ainda que a natureza lhes fosse escaça, e esta escacez não fosse supprida pelo estudo.

Por isso, procurando o cego quem o guie, porque conhece a sua cegueira, os ignorantes não procurão nem acceitão conductor, por estarem persuadidos de que não precisão delle. Poem-se a caminho, á frouxa luz de huma razão imprevidente, e

se os oraculos da religião lhes bradão para que evitem os precipicios, cerrão os ouvidos, e querem antes cahir, do que attender a este clamor importuno.

A mania de se distinguirem do povo os que não pertencem ao povo; esta estulta vaidade, que quasi sempre concorre para se publicar aquillo que mais se pertende occultar, tem dado as mãos á ignorancia para se estenderem os dominios da indifferença.

Que he porem o povo, com o qual tanto fogem de se parecer, e que he elle entre nós nesta epoca de esterilidade e de vertigem? Agora que as crenças do Christianismo se vão estendendo ate onde nunca havião chegado, agora que se fazem os maiores sacrificios, que se verte sangue, soffre o martyrio por ellas, oh! como ellas se achao amortecidas em todas as classes da nossa desgraçada sociedade! Onde está a fé, o zelo, o fervor, que nos tempos passados caracterizavão nossos avós?

Assim aquelles insensatos, arredando-se da estrada que devião trilhar, para se não encontrarem, se não confundirem com o povo, vão encontrar-se, confundir-se com elle, nos atalhos enganadores, que os não podem levar se não á sua ruina.

A molestia epidemica e contagiosa, que grassou por outras partes, antes de vir estabelecer-se no bello solo que habitamos, não respeita classe alguma, ataca-as todas. A atmosphera está impregnada de seos mortiferos miasmas, e são raros os individuos que escapão a sua influencia maligna.

E os que della se deixão vencer que fazem? Não tentão como os atheos, desthronar o Omnipotente; nem como os racionalistas, enthronizar a razão.

isso demandaria, a par de hum coração corrompido, de hum espirito entranhado no labyrintho dos falsos raciocinios; huma certa energia, e a energia faltalhes. Elles não negão, não affirmão nada. Não examinão, não discutem. A sua situação tambem não he a da duvida, não he hum estado de suspensão entre probabilidades contrarias: he a apathia do sentimento, o sepulchro da intelligencia. Como se Deos, como se a religião fossem objectos estranhos aos seos corações, *não lhes importa a religião*, não lhes importa Deos!

Internão-se insensivelmente nos campos da indifferença: alimentão-se ao acaso dos fructos, que encontrão; sem se lembrarem do veneno, que encerrão muitos delles: fechão as palpebras e adormecem; sem se lembrarem de que o ar que respirão he impestado, e de que entre os arbustos que os rodeão se occultão astutas serpentes.

Esta condição he peior que a das paixões exaltadas. O homem exaltado assemelha-se ao febrecitante, que delira: o indifferente he como o enfermo, cujo pulso cessou de bater, e a quem o frio da morte acommetteo o coração. D'aqui vem que os tempos mais deploraveis não são aquelles, em que os espiritos se agitão por falsas e erroneas doutrinas, mas os em que hum geral torpor se apodera dos homens.

De todos os erros relativamente à Divindade, diz hum judicioso escriptor, o mais perigoso e o mais incuravel não he o negar a sua existencia, mas esquece-la: não he a revolta, porem a indifferença. Ha hum monstro, diz outro escriptor, ainda mais perigoso que a irreligião, mais formidavel que a

apostasia, he a indifferença, he o somno da fé, he o marasmo moral.

Quando a hum tal estado se chega, não lembra a morte, que marcha sempre ao nosso lado; a eternidade, que nos espera no fim da nossa carreira: vive-se como quem não tivesse que esperar, ou que *recear outra vida*.

Os somnambulos andão, fallão, escrevem, e praticão outros actos, muitas vezes incriveis, sem acordarem; mas que accidentes funestos, que factos desastrosos nos não apresenta a historia a seo respeito? A indifferença he o somnambulismo da alma; porem a sua frequencia he muito maior, he immensa, e as suas consequencias infinitamente mais terriveis. Ella tem povoado os abysmos: e he a arma mais poderosa, de que o inimigo commum do genero humano se serve para obter esse resultado.

Nesta vida mesmo, que he nada em comparação da futura, a indifferença troca bens reaes por bens apparentes. A tranquilidade, de que os indifferentes gozão, he huma tranquilidade apparente, ou pelo menos precaria, que cedo ou tarde hade ser dolorosamente perturbada, ou irremissivelmente perdida; e de que vantagens se não privão elles? Pelo *contrario a paz*, dos que a procurão no seio da religião, he a verdadeira paz; e as consolações de que elles gozão quem as póde enumerar? Se lhes acontecem bens, agradecem-os ao Senhor, e o sentimento da gratidão he tão doce! Se lhes acontecem males, (e quem he tão privilegiado que seja isento delles?) não se desalentão, não se entregão à desesperação, não vão arrebatar a vida aos outros, ou destruir a propria, resignão se, e estas palavras: A vontade de Deos seja

feita, tem hum balsamo tão efficaz contra os golpes da adversidade! Experimentão hum suave prazer n'aquillo que se permittem; por que a sua consciencia lh'o approva; por que vem que praticão huma virtude: e assim como o crime deixa apóz de si a guerra dos remorsos, a virtude deixa huma complacencia intima; e se ella não consiste somente n'hum ou n'outro acto isolado, mas n'huma serie constante delles, até a physionomia adquire huma expressão celeste. Mal sabem as pessoas que recorrem aos enfeites, como unico meio de disfarçar seos defeitos, ou augmentar suas graças, que o grande segredo de conseguirem o que com tanto empenho pretendem, he o da pratica inalteravel da virtude. A belleza da alma apparece no rosto, e o compõe e o orna; da mesma sorte que o horror do crime nelle apparece, e o decompõe e o afeia.

Ainda não houve hum seculo, em que mais se fallasse de progresso, de aperfeiçoamento, e de prosperidade, que o presente: e não ha prosperidade, não ha aperfeiçoamento, não ha progresso, se não quanto garantem suas bases, que são a religião e a virtude.

Que progressiva, que perfeita, e que feliz não seria huma nação, composta toda de christãos virtuosos? Não haveria nella escravidão, nem despotismo; não haveria huma intriga, huma dissensão, hum crime. Todos os desejos serião subordinados a hum só desejo, todas as ambições serião subordinadas a huma só ambição, a de agradar e servir a Deos, e aos homens por causa de Deos.

Desgraçadamente essa nação não existe: e a maior parte dos homens aspirando por hum instincto

irresistivel à felicidade, despresão loucamente o principal elemento della. Huns consomem os dias e as noites em improbos estudos, para alcançarem a reputação de sabios, elevão-se até os Ceos para interrogarem o curso dos astros, e esquecem-se daquelle Deos, de quem os Ceos recontão a gloria, e publicão a grandeza. Outros percorrem a terra, descem aos abysmos, affrontão os escolhos, e as tempestades do Oceano, para roubarem alguns segredos á natureza, e para elles a sua propria natureza, e a natureza do Ente, a cuja imagem forão feitos, são problemas, que não se embaração de resolver. Outros, em fim, entregão a sua vida a inconstancia das ondas e dos ventos, em busca de riqueza, ou vertem todo o seo sangue nas bellicas lides, para obterem huma pagina na historia, e não se determinão a fazer hum esforço, a dar hum passo por hum negocio, de que depende a eterna ventura, que vale mais que todas as riquezas do mundo, que todas as vantagens de reputação, que todos os prestigios da gloria.

Muitos se persuadem de que não podem cuidar nesse negocio importantissimo, sem hum abandono total dos negocios proprios do seo estado, e faltando-lhes o valor para este total abandono, lanção-se nos braços da indifferença. Quanto se illudem! Não ha incompatibilidade entre os interesses da vida actual e os da vida futura: mas se tal incompatibilidade existisse, que hesitação poderia ou deveria haver na escolha, estando de hum lado a eternidade, e de outro hum momento? de hum lado huma realidade immensa, e de outro huma sombra, ou antes o sonho de huma sombra?

Virá hum tempo, dirão talvez alguns, em que, arranjadas as dependencias da vida presente, se trate desveladamente das da vida futura. Virá hum tempo! e quem lhes affiança que esse tempo virá? ou que a resolução que agora lhes falta não lhes faltará, quando a idade declinar, e as molestias os acommetterem? quem lhes assegura que não serão victimas de huma subita morte, ou que Deos attenderá as tardias preces dos ingratos despresadores das suas graças?

Que se pensaria de hum viajante que persuadido de ter tempo de sobejo para seguir sua derrota, se approximasse da garganta do Etna ou do Vesubio, e se deitasse ahi a dormir profundamente, sem se lembrar de que huma repentina erupção o poderia devorar?

A vida humana tem hum termo; que se não pode ultrapassar, mas qual será esse termo para os individuos, que ora vivem, ou para o futuro viverem? Será de hum anno, de hum mez, de hum dia? talvez nem de tanto será. A espada de Damocles está pendente por hum debil fio sobre nossa cabeça; e póde ser este mesmo instante aquelle, em que esse fio se quebre.

O perigo he sempre grande, a crise he sempre terrivel, e como podemos nós socegar no meio della?

Mas supponhamos que algum accidente funesto, que huma morte prematura ou imprevista nos não surprehenderão, e que chegaremos ao termo reputado ordinario da vida, para a finalisarmos mediante alguma molestia, rodeados de tudo o que nos he mais caro. A ser para essa epoca, para esse tempo de fraqueza, de dores, e de angustia que os indifferentes appellão, que lhes succederá? a maior parte delles não acordará do somno da indifferença, e a sua morte será como foi a sua vida, alguns despertarão para se entregarem ás furias da desesperação; rarissimos para lavarem as manchas que os cobrem com as lagrimas do verdadeiro arrependimento: estas lagrimas, depois de hum continuado despreso de milhares de auxilios, e no remate de huma existencia toda perdida, não serão se não o effeito de huma graça especialissima, ou de hum milagre da Providencia, com que a ninguem he dado contar.

Ah! comparem-se entre si o homem religioso, e o indifferente nos ultimos paroxismos da vida, nessa hora suprema, em que o espirito parece luctar com a materia, para desligar-se della. No semblante do primeiro, nas suas palavras, nos seos suspiros mesmo, observa-se a resignação, o amor de Deos, a esperança de huma melhor vida, e algumas vezes hum jubilo percursor dos jubilos celestes: o segundo ou nem então esperta ou se os olhos se lhe descerrão, olha para atraz, e em quasi todos os seos actos encontra accusadores, olha para adiante, e o futuro que se lhe apresenta he hum futuro pavoroso. Para o primeiro a paz, de que já goza seo espirito, e as doçuras, que sente o seo coração, tem alguma cousa de mysterioso, e de divino: para o segundo não ha consolações, não ha doçuras; e se entre o somno da indifferença e o da morte ha algum intervallo, he commummente hum intervallo de horrores. Comparem-se, em fim, no momento terrivel, em que hum e outro, livres das prisões terrestres, voarão a presença do Soberano Juiz. Aquelle receberá hum premio, cujo valor o do mundo inteiro

não he capaz de igualar: este daria então o mundo inteiro, se o possuisse, para evitar sua desgraça!

continua-pgina 298

(*Extrahido.*)

RESUMO HISTORICO DOS ACONTECIMENTOS MAIS NOTAVEIS DO SECULO 11.° DA IGREJA

Os combates dos Pontifices contra os antipapas são os acontecimentos mais notaveis d'este seculo. Depois dos pacificos reinados dos Papas Silvestre 2.°, João 17.°, João 18.°, e Benedicto 8.° foi elevado a cadeira pontifical hum menino da casa de Toscanella na Italia, que tomou o nome de Benedicto 9.°, contando apenas doze annos de idade. Outros antipapas lhe disputárão o papado, fazendo-se eleger, ou por insinuação, ou por violencia, e este schisma produzio huma especie de guerra civil. Gregorio 6.°, que simoniacamente se tinha feito eleger, tomando a cadeira a Benedicto 9.°, foi deposto em 1046 por ter entrado no Pontificado por simonia. Depois deste foi eleito Clemente 2.°, que governou pouco tempo, e em seo lugar foi eleito Damaso 2.° por influencia de Henrique 3.°, e por ultimo Leão 9.°, o primeiro papa, que conservou o seo bispado junto ao de Roma.

N'este seculo teve a Igreja de combater huma nova heresia. Berengario, arcediago de Angrs, querendo distinguir-se, e adquirir celebridade, ousou attacar hum mysterio, que em dez seculos havia sido respeitado, e ensinando, e pregando, que o corpo e sangue de Jesus Christo não estão realmente na Eucharistia. Reclamou-se geralmente contra a impia doutrina, e

de todas as partes escreveo-se em defeza da antiga crença da Igreja contra esta nova impiedade. Celebrou-se hum concilio em Roma, onde Berengario compareceo; não ousando sustentar o seo erro, e depois de se retractar lançou ao fogo os livros, que tinha escripto contra a Sagrada Eucharistia. Esta heresia anathematizada pelo seo proprio author, foi por então anniquilada; e não reappareceo se não muitos seculos depois, quando os Calvinistas a renovárão.

Foi no decurso deste mesmo seculo, que os Gregos separarão-se da Igreja Romana por hum effeito da ambição dos patriarchas de Constantinopla. Desde muito tempo estes bispos olhavão a preminencia, e authoridade da Sé de Roma com hum secreto ciume, não levando a bem que lhe estivessem sugeitas todas as Igrejas do mundo christão.

Miguel Cerulario, ainda mais ambicioso, e ardiloso que seos predecessores, rompeo abertamente com a Igreja Romana, e separou-se da unidade, de que ella he o centro. Para justificar esta escandalosa ruptura, renovou as injustas exprobações, e accusações, que outr'ora Photio dirigira aos latinos, isto he, fazerem a barba, jejuar no sabbado, não cantar alleluiás no tempo da Quaresma, e outras extravagancias semelhantes; em consequencia das quaes prohibio a communicação com o papa; e fez cerrar as portas a todas as Igrejas, que os latinos possuião em Constantinopla; levando o seo fanatismo a ponto de mandar rebaptizar a todos, que havião recebido o baptismo na Igreja latina.

Por meio de cartas recheadas de falsidades, elle esforçou-se por subtrahir a obediencia devida ao chefe da Igreja os patriarchas de Jerusalem, Alexandria,

Anthiochia, e outros bispos do Oriente. Suas imposturas forão bem accolhidas por muitos, mas o schisma não era ainda geral, e só se consumou quando os latinos tornárão-se odiosos aos Gregos pela conquista de Constantinopla.

No fim d'este seculo foi a Igreja consolada pelo estabelecimento de huma nova ordem de Religiosos conhecidos pelo nome de Cartuxos, fundada por S. Bruno, o homem mais sabio, e o mais habil escriptor do seo seculo. Sua reputação o elevou a dignidade de reitor das sciencias na Igreja do Rheims, celebre por suas escolas. Mas Bruno, que bem conhecia o pouco, que valem as distincções humanas, resolveo retirar-se a huma solidão, e consumir o resto de seos dias na mais rigorosa penitencia. Acompanhado de muitos amigos, a quem tinha inspirado o despreso do mundo foi procurar a S. Hugo, bispo de Grenoble, que o conduzio ao meio de escarpadas montanhas denominadas Cartuxas, onde o S. religioso se estabeleceo com seos amigos. Reproduzirão-se em França as maravilhas da Thebaida com esta nova instituição de religiosos, que desde a sua origem vivião como sepultados no mais profundo silencio.

S. Bruno teve a consolação de ver a sua ordem fazer rapidos progressos, e espalhar-se logo por toda a Europa, e quando sentio approximar-se o termo de seos penosos, mas felizes dias, congregou seos religiosos, e em sua presença fez huma solemne profissão de fé, concebida n'estes termos: Creio nos Sacramentos da Santa Igreja, e em particular creio, que o pão, e vinho consagrados sobre o altar são verdadeira e realmente o corpo, e sangue de Jesus Christo, que nós recebemos com a esperança da vida

eterna. Esta profissão foi contra a heresia de Berengario. O espirito do Santo Fundador perpetuou-se em seos filhos, e a Ordem da Cartuxa, por hum raro privilegio, não tem necessitado de reforma ha oito seculos, que subsiste.

Pertence tambem a este seculo a questão das investiduras.

Os imperadores Allemães querião então, como se vê, dispôr da primeira dignidade ecclesiastica do mundo christão. Mas no tempo do imperador Henrique 4.º tudo mudou de face. Gregorio 7.º, d'antes Benedictino de Cluni, sendo eleito para a cadeira de S. Pedro em 1073, cuidou seriamente em fazer o Pontificado independente do imperador. O seo primeiro cuidado foi o de congregar concilios, em que excommungou os ecclesiasticos, que dessem a investidura.

Os imperadores gozavão, havia muitos seculos, do direito de conferirem os bispados, e as abbadias. O uso era investir aquelles, que nomeavão para estes lugares, pondo-lhes, e entregando-lhes o baculo, e dando-lhes o annel antes da consagração. O Papa condemnou solemnemente este uso; e parecendo-lhe que era huma especie de simonia, receberem os ecclesiasticos a investidura da mão dos leigos, censurava igualmente os que a davão, e os que a recebião. O imperador Henrique 4.º tendo então que sustentar huma guerra arriscada, receou declarar-se contra o soberano pontifice. Mas tanto que triumphou de seos inimigos, convocou huma assemblea de bispos, e de abbades para Warms, os quaes cassárão a eleição do Papa, a quem accusárão de muitos crimes: não se lhe deo d'alli em diante se não o nome de Hildebrando, nome que elle tinha, sen-

do religioso de Cluni, e declarou-se que não devia ser considerado mais como soberano pontifice.

Gregorio 7.º entregando-se então á todo impeto de hum zelo pouco illustrado, excommungou a Henrique, dispensou os vassallos do juramento de fidelidade, e declarou-o decahido do imperio. Como os vassallos do imperador, intimidados pelos raios de Roma, estavão para o abandonar, Henrique cuidou em se reconciliar com o Papa. As condições do tratado parecerão aos seos partidarios tão injuriosas, que o imperador vio-se obrigado a quebra-las. O seo partido composto de bispos, e de abbades, investidos por elle, depozerão de novo Gregorio 7.º, e elegerão em seo lugar em 1080 Guiberto, arcebispo de Ravenna, o seo mais implacavel inimigo, o qual tomou o nome de Clemente 3.º

Com tudo Henrique depois de vencer a Rodolpho, Duque de Suevia, a quem os Allemães rebellados tinhão feito imperador, foi a Roma, fez-se senhor da cidade, e recebeo a corôa imperial das mãos do seo antipapa. Gregorio 7.º, expulsado de sua Sé, morreo passado pouco tempo em Salerno no anno de 1085: com a reputação de hum homem virtuoso.

O homem gosta de pensar, e descobrir. O difficil o deleita, o que se impõe a sua imaginação, o desgosta; e o merecimento acrisolado perde o brilho, quando ostenta-se. As rozas abertas não dão prazer, nem a planice raza, o caminho recto, o ceo claro o enchem de enthusiasmo, depois de contempla-los, fica no mesmo frio que antes; ouça porem a

misteriosa musica por entre as sombrias florestas, observe a violeta que se occulta nos raminhos, a lua desembaraçando-se das brancas nuvens: então he que sente o electrico do maravilhoso, enthusiasma-se, e vê-se possuido dos grandes sentimentos. Eis o que acontece á formosura: A modestia he que lhe dá aquelle esmalte, aquelle reverbero, aquella placida luz maravilhosa: he ella o sello da virtude, o ornato mais bello da virgem christã; o que perpetúa as graças da juventude; ella he a dignidade da matrona, o penhor da fé jurada perante os altares; a garantia da viuva; o peito d'aço contra os tiros da maledicencia, o antidoto da viperina lingua, e a salva-guarda do casto pudor, desta flor tão sensivel a desbotar-se ao mais leve toque.

A Escriptura nos apresenta hum rasgo desta modestia suave e graciosa: Rebeca, chegando, ao anoitecer, ao fresco valle de Mambre, com sua ama e suas creadas, descobre ao longe hum joven cujo aspecto magestoso e grave annunciava o habito de commandar, e que apressava seos passos, a vista da pequena caravana. A filha de Nachor apoia-se do camello em que hia, e põe-se ao lado de Eliazar. Quem he, pergunta com a voz timida, este moço chananeo que vem ao nosso encontro?—He meo Senhor, respondeo-lhe o intendente de Abrahão. Rebeca cora, deixa cahir o veo sobre seo bello rosto, e espera seo futuro esposo naquella attitude em que hum esculptor grego, esculpio o pudor.

A mulher verdadeiramente modesta, o he na solidão, como no publico; o he para com todos, sem exceptuar o esposo a quem jurou amar e servir na face dos santos altares.

A affeição que Isaac concebeo por esta bella e modesta mulher foi tão grande, diz a Escriptura, que suaviseu a dôr que lhe tinha causado a morte de sua mãi.

Em hum moço, a modestia he o brilho dessa virtude angelica que faz a pureza de sua alma; he o que lhe ganha a sympathia e amor dos que o tratão: os homens eminentes sabem avaliar o merecimento que se occulta, e dá-lo ao publico.

A immensa estensão e o magico da modestia, não forão desconhecidos dos antigos; entre elles ella fazia huma parte integrante da arte oratoria. Plinio olha a posição, a presença timida, o pejo, a confusão mesmo, como preliminares indispensaveis a hum grande successo da tribuna. Esta modestia, levada aos limites do temor he com effeito o laço mais insidioso que o orador pode armar aos seos ouvintes; os juizes, abrandando a sua austeridade, não descobrirão alguma disposição hostil naquelle que se confessa inferior a seo respeito; e se o orador fôr tão habil como modesto, levantará esses merecimentos que ella lança aos pés do seo auditorio. Os talentos que se exercem com timidez recebem elogios de todos os labios e o apoio de todas as mãos.

Aquelle que se desfaz da modestia como de huma bagatella inutil, para melhor correr a poz da gloria, está em perigo de nunca alcança-la.

A vaidade que he risivel em hum louco, he deploravel no homem não vulgar; ella deflora seos mais bellos actos, e obscurece o lustre de suas mais nobres producções. Que espectaculo ha tão prazenteiro para hum observador maligno do que ver hum bonanchão louvar-se a si mesmo, ou enfeitar a seo modo o elogio que recebe? Entretanto não he o defeito exclusivo da infancia; desgraçadamente ella cuche as enrugas da velhice, como enleva a idade viril.

CANTICO A N. SENHORA.

Ave Maria,
Fonte de graça,
Es quem a terra
E os Ceos enlaça.

Em ti de nodoas
Nem ha suspeita,
De entre as mulheres
O' a mais perfeita.

Antes que os cedros
O monte ornassem,
Que os mesmos montes
O cume alçassem,

Que ao mar de rojo
Seguissem rios
Da zona quente,
Dos climas frios;

Cá desde quando
Nem noite e dia,
Nem terra e ceos,
Nem luz havia:

Já por que fosses
Pura, innocente
Deos te abrigava
No peito, e mente,

Divina Esposa,
Bella, escolhida
Santa muito antes
De concebida.

O Ser immenso
Nunca abrangido
Só no teo ventre
Foi comprehendido.

Da carne tua,
Do sangue teo
Consegue o Verbo
O sangue seo.

Planta celeste
Que em mato bruto
Produzio santo
Bemdito fruto.

Em Jesus deste
Hum Redemptor,
Que he Deos e homem,
Servo e Senhor.

Es, nunca sendo
De homem tocada,
Intacta Virgem
Mai respeitada.

Arca da nossa
Firme alliança,
Nosso refugio,
Nossa esperança:

Sarsa de incendio,
Nunca abrazada,
Cidade nobre
Fortificada.

Cedro que exalta
L'bano monte,
Nuvem que Elias
Viõ no horizonte:

Que o lirio é roza
Es flôr mais bella,
Mais do que os astros
Luzida estrella.

O' torre excelsa
Impenetravel,
Muralha forte
Inexpugnavel,

Mai de Deos terna
Mulher bemdita,
Comtigo o mundo
Se felicita.

Com teo amparo
Ah! nos abriga
Soccorre ao fraco,
Se a fé periga.

Manda que fujão
Damnos e sustos,
E que os desejos
Se cumprão justos.

Por nós supplica
Durante a vida;
Os rogos dobra
Na despedida.

Sejas o nosso
Mais firme escudo,
Por ti sejamos
Livres de tudo,

Do mal escapo
Cantar victoria
Té que possamos
Na eterna gloria.

O CONVENTO DE MOUSTIERS.

Horrivel he navegar nos Alpes por huma noite dessas em que no ceo não se amostra huma só estrella, e em que o furacão assobia quebrando-se nas arvores, e misturando o seo rugido com o uivar dos pobos, e com o fragor das torrentes!—Tremenda he huma noite dessas; por que o frio insupportavel contrâhe os membros, e encrava nos ossos dôres inexplicaveis: o peito mal resfolga como oppresso por hum grande peso; a cabeça se affoguea e as ideas se atrastão e barulhão-se humas com outras: o ha-

jito vem esvanecer-se nos labios e parece golpea-los. E nesta solidão immensa tem-se medo; tem medo até o que sem elle affrontára o fogo de huma bateria, até aquelle que sem enfiar se veria encerrado n'hum navio já meio soçobrado: tem-se medo; por que podemos estar á borda d'hum precipicio, que nos engula á primeira passada que dermos. Com tudo não pareis, se ahi vos achardes, por que a neve que vai caindo vos sepultaria em mortalha de gelo, e tal mortalha vos regelára o sangue, e adormecer-vos-ia em afflictivo torpôr; e sentirieis ir-se-vos a existencia gastando, parar, e fenecer ultimamente. Das diversas crises do homem que morre nem huma vos passaria por alto: as agonias do moribundo, sentilas-ieis todas e só a desesperação e a sensibilidade se esgotaria inteiramente no vosso coração, quando a obra da morte estivesse rematada.

Parece que nestes desvios, no meio dos precipicios, das torrentes, e da neve, nenhum homem ousaria morar, e que o passageiro perdido, salteado pelo gelo e pelo terror, não teria repouso das suas angustias:—nenhum repouso se não nos braços da morte.

Porem, muitas vezes, já nos trances da agonia extrema, o som de huma campainha sobresalta o moribundo, e o latir d'hum cão, rompendo por entre o sibilo do vento procelloso, lhe retem o ultimo suspiro, e entorna hum raio de conforto nas trevas da sua desesperação. Hum mastim e hum monge trabalhão por desenterra-lo do meio da neve: o cão o afaga, e o religioso lhe dá todos os soccorros que lhe podem restituir os alentos perdidos, em quanto n'hum quarto bem reparado, ao pé do fogão acceso, e em cidade povoada e com escola algum philosopho prova

a falta de intelligencia dos brutos, e o philantropo sentado defronte delle se espraia em dissertações profundas sobre o amor do genero humano, e por ventura sobre os males que tem trazido ao mundo a religião do Evangelho.

O convento de Moustiers está situado no cimo das cordilheiras, que estendem a leste do monte Saint Velan, e a oeste do pinearo de Dronay, cordilheiras estas, cuja maior altura he de 8200 pés acima do nivel do mar. Foi o mosteiro edificado no 10.° seculo por S. Bernardo de Menthen, conego d'Aosta. Em 1215 o conde de Blacas, voltando da Palestina onde estivera captivo, tendo promettido á Virgem Maria huma cadeia de ouro, por conselho dos monges assentou que era melhor satisfazer este voto edificando junto de Moustiers hum hospicio para recolher os passageiros perdidos naquellas serras nevadas. Pelos estatutos de Moustiers são os monges obrigados em quanto dura o inverno, a mandar todos os dias, faça o tempo que fizer, dous homens destros e robustos esquadrinhar as montanhas, hum para o lado da Italia, outro para o lado de Valais. Estes homens, a que chamão *Maroniers*, ajudados pelos cães apenas descobrem algum perdido ou enterrado na neve, vem correndo ao mosteiro a dar parte: os frades acodem immediatamente, e quatro mais forçosos tomão o viajante às costas e o levão, em quanto o resto da communidade vai adiante rompendo o caminho pela neve, que ás vezes tem vinte pès d'altura. Chegando ao hospicio ministrão ao desgraçado todos os soccorros possiveis, sendo de notar que o remedio mais efficaz que empregão para o reanimar he hum banho de

agua fria misturada com gelo. Quando este remedio falha, são perdidos outros quaesquer.

Os cães que tao grandes serviços fazem a humanidade, são de raça hespanhola, mui grandes e sagazes. Conta-se que hum delles vendo passar por pé do hospicio humá mulher com huma creança foi logo na pista della, como quem previa o que lhe viria acontecer: notárão os monges a ausencia do cão, e seggindo-lhe a pista forão dar com elle ja a cavar n'hum atoleiro de neve, onde a mulher estava empégada com a creança.

O convento de Moustiers he hum edificio macisso e forte, com huma igreja ampla e elevada.—Os monges que ordinariamente sobem ao numero de vinte ou vinte cinco, são naturaes dos districtos do norte dos Alpes. Posto que sadios e robustos, ratamente vivem muitos annos, o que se ha de attribuir aos trabalhos e privaçoes por que passão. He gente simples, e de bom animo, dada a exercer a caridade; o que os leva a soffrerem com resignação a vida laboriosa e as estreitezas do instituto, a que se hão sujeitado.

Ha nas visinhanças deste convento huma ave notavel, a que chamão *herbene*, a qual no inverno he perfeitamente branca; na primavera e estio preta e branca; e no outono quasi inteiramente negra.

(*Do Panorama.*)

DA MODERAÇÃO.

A moderação, no sentido *moral* e mais generico, quer dizer, huma qualidade caracteristica, virtude,

ou disposição habitual, que nos induz a usar de prudencia, *ou justa medida em todas as cousas que dependem* do nosso livre arbitrio ou vontade.

Qualifica-se de moderada huma pessoa, que em seos sentimentos, desejos, e acções, de qualquer natureza que sejão, sabe conter-se nos limites da razão e do dever, e resignar-se á necessidade. *Nequid nimis, nada em demasia ou extremo* aconselharão em todos os tempos os philosophos ou mestres do genero humano: eis-aqui huma regra ou maxima de procedimento, de que não ha excepção, por quanto a moderação não he mais do que aquelle modo, medida ou justo meio entre os extremos, em que consiste a rectidão, a verdade e a virtude; e o que nós chamamos *justo*, *honesto*, *ou virtuoso*, *deixa de o ser* logo que se achão preteridos os limites da razão, da lei natural, civil e religiosa.

Quando não se preenche a conta da razão e do dever; ou quando se passa alem das raias que por elles nos estão marcadas, incorremos em huma falta ou ommissão reprehensivel, ou commettemos excesso, exaggeração, extremo ou vicio, e a isso allude a sentença.—*Os extremos são viciosos.*—Ponhamos hum exemplo, huma pessoa diz ter bons sentimentos e desejos de prestar serviços, ou fazer beneficios, mas não os mostra ou põe em pratica ou acção; não faz o que está ao seo alcance; esta pessoa, dizemos nós, *incorre em ommissão*, he immoderada por *defeito*, está aquém do seo dever e consciencia, ou fazmenos do que deve a si mesmo, e aos outros.—He immoderado ou imprudente *por excesso* aquelle que faz mais do que póde e deve a si mesmo, á sua conservação, ao seo bem estar; que sem calcular as su

forças physicas, moraes e pecuniarias, sem attender aos *deveres e obrigações que tem contrahido*, *não só deseja* cousas impossiveis ou exorbitantes, mas pratica actos que muitas vezes tem apparencia de virtuosos, porem que realmente são viciosos, por que envolvem damno para a sua saude, ou para o seo aproveitamento intellectual ou moral ou economia domestica, ou mesmo injustiça ou prejuizo de terceiro, quer seja particular, quer seja o estado: como por exemplo, aquelle que faz esmolas e donativos, e se descuida de pagar as suas dividas, ou commette outro acto superior as suas forças.

Desta breve indicação resulta que a idea de moderação, em ultima analyse, he equivalente de prudencia e *de justiça*.

A moderação, bem como outras qualidades moraes, he *caracteristica* ou *virtuosa*.—Chamo *caracteristica* aquella que procede principalmente do caracter, e constituição natural do individuo; e *virtuosa* aquella que resulta da reflexão e esforço que fazemos, e do habito que contrahimos de resistir á propensão contraria, tanto nos nossos desejos ou pensamentos, como nas nossas palavras e acções.

A moderação he theorica ou pratica. Ella he puramente especulativa e *theorica* quando se limita e pára na abstracção ou especulação da sciencia. He *pratica* quando se applica aos actos da vida humana. Já se vê como seria insensato, ou pouco avisado, aquelle que se limitasse a fazer ou approvar bellos discursos sobre a moderação dos pensamentos e desejos, em quanto na pratica e no procedimento ordinario da sua vida largasse a redea a todos os seos appetites, en-

tregando-se ao uso excessivo ou immoderado de alimentos, bebidas, e quaesquer prazeres physicos, e mesmo moraes, que envolvessem perigo da saude e vida, e do cumprimento dos deveres, de que depende o bem estar verdadeiro e permanente de cada individuo, assim como a prosperidade social.

No *sentido economico* a moderação consiste em temperarmos a satisfação dos nossos appetites de modo que não se altere o equilibrio entre a *despeza* e a *receita*, isto he, em regularmos as nossas despezas segundo os meios que para isso temos.

Assim o homem moderado ou justo antepõe a tudo o seo dever e o bem geral, em quanto o immoderado sacrifica tudo ao egoismo, ao espirito de partido, isto he, às paixões e aos interesses materiaes da riqueza ou do poder, interesses que podem lisongear a ambição, a cobiça, a vaidade ou o amor proprio mal entendido, mas não enchem hum coração bem formado e honesto, hum espirito recto, amigo da ordem e do bem geral. O homem ambicioso e exaltado, longe de conter-se nos limites da justiça, passa por cima de todas as barreiras, e todos os meios lhe parecem justos, com tanto que chegue aos seos fins. Entende mal os seos verdadeiros interesses; separa o util do justo; o dinheiro ou os empregos são os seos idolos; e as paixões os seos deoses.

Pelo contrario o homem moderado quer antes merecer do que conseguir os empregos; contenta-se com o necessario para viver modestamente; prefere á tudo a paz do espirito e consciencia, a independencia de caracter, a justiça e o bem geral. Nunca perde de vista a idéa que se contem nos seguintes versos de Horacio.

Est modus in rebus; sunt certi denique fines.
Quos ultra citraque nescit consistire rectum.

Por tanto para o homem honesto e para o cidadão ou funccionario honrado, nada póde haver mais agradavel do que a qualificação merecida de *moderado* e *intelligente*.

(Extr.)

Aristoteles nos tem dado huma singularissima definição da virtude. Elle nos diz, que a virtude he huma cousa, que se acha entre o meio de outras duas, das quaes huma pecca por defeito; e a outra por excesso. E seguindo nós esta idéa, podemos dizer igualmente, que a Religião he huma cousa, que se acha tambem entre o meio de outras duas, das quaes huma pecca da mesma sorte por defeito, e a outra por excesso, e estas taes cousas são a impiedade, e a superstição. A impiedade recusa a Deos homenagens, que lhe são devidas; e a superstição lhe dá tudo aquillo que elle não pode consentir, nem approvar.

Como a impiedade he huma cousa das mais detestaveis por si mesma, e a Religião he odiosissima para os impios, todos esses senhores procurão, quanto pódem, cobrir-se com hum véo, que lhes possa occultar, aos olhos do mundo, todos os horrores da sua impiedade, e debaixo do qual elles possão exaltar tambem todo o seo odio contra a Religião com mais liberdade. Este véo com que elles se cobrem he o zelo contra as superstições; e para seguirem os violentos vôos desse pertendido zelo, elles embrulhão debaixo do nome geral de superstição todas as obser-

vancias, ritos, praticas, e usos da Religião. Tudo quanto ha nella mais respeitavel, e mais sagrado, elles o pertendem destruir pela accusação vaga de superstição. Todas as obrigaçoes para com Deos, todas as differentes especies de homenagens dadas a Deos; udo quanto tem alguma relaçao directa, ou indirecta com Deos, a entendê-los bem, nao he se não superstição.

Morreo em Toledo na flor da idade a imperatriz D. Isabel, mulher do imperador Carlos V., e havendo-se de sepultar na cidade de Granada, para levar tão illustre corpo foi escolhido o duque de Gandia. Abrio-se o caixão, descobrio-se o rosto da imperatriz; e pondo nelle o duque os olhos, o achou tão denegrido, e feio, que havendo de jurar a entrega, não se atrevéo a dizer que era o corpo da imperatriz aquelle, e só jurou, que á vista da diligencia, e cuidado que se pôz, não podia ser outro. Acabou-se o acto, e recolhido o duque á sua casa banhado em lagrimas, exclamou: Esta he a formosura! Esta he a belleza do mundo! Estas as magestades imperiaes! Não mais servir a quem morre. Metteo-se na Companhia de Jesus, e he hoje S. Francisco de Borja.

Perguntado o philosopho Diphilo, que cousa era a vida, deo huma volta, e desappareceo.

MARIANNA: 1847. NA TYP. EPISC. Rua d'Olaria n.° 54

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso

TOMO 2.° 15 DE MAIO DE 1847. N.° 22.

O RACIONALISMO.

Hum dos erros, que mais fataes tem sido pela sua maxima influencia nos destinos humanos, consiste em se attribuir á razão maior importancia, foros maiores que aquelles que lhe competem. Em vão a experiencia brada contra huma conductora, frequentemente infiel, e sem cessar oscilante. Cegos e obstinados homens ha que não querem outra. São como a borboleta que, crestando-lhe o fogo repetidamente as azas, vôa e revôa em torno delle até acabar de queimar-se.

Os deistas dizem que a razão he o unico pharol, e a guia unica, que Deos nos concedeo para o conhecermos, e para lhe tributarmos o culto que lhe he devido. Para elles não ha revelação: preferem marchar de noite por brenhas espessas, e através de precipicios, ao marchar por huma bella estrada, orlada de magestosas sombras, á radiante claridade do dia.

Os maiores philosophos da antiguidade pensárão, que o genero humano teria logo perecido, se Deos lhe não desse outra instructora mais que a razaos

He ella por ventura quem ensina o menino a procurar no seio materno o seo primeiro alimento? quem lhe inspira os signaes, com que exprime a fome e a dôr?

Deos deo-nos o instincto e o sentimento, que nos prestão mui efficazes auxilios, antes que nos offereça os seos a tardia razão: e depois que se desenvolve, aquelles primitivos conductores não nos desamparão; bem ou mal tratados por nós, elles são nossos companheiros fieis até o ultimo sôpro da nossa trabalhada existencia.

O poeta que dizia, que Deos dirige o instincto, e o homem a razão, disse huma grande verdade. A razão muitas vezes he obra nossa; o instincto, como o sentimento, são obra da natureza. A razão varia de idade em idade, modifica-se, altera-se, perverte-se, he huma quando as paixões a não ladeão, outra quando respira a atmosphera mephitica das paixões: o instincto, assim como o sentimento, são sempre os mesmos. Os erros da razão são locaes, e tão inconstantes como os tempos, tão versateis como as circunstancias: as inspirações do instincto, e as verdades do sentimento são constantes e invariaveis

Bossuet apenas acreditava ver aquillo que estava vendo, aquillo que apertava em suas mãos; tanto elle desconfiava da sua razão. Na censura de Bayle a razão he propria para confundir tudo, para fazer duvidar de tudo, para destruir tudo: he huma verdadeira Penelope, que desfaz de noite a têa que urdio de dia.

Não tem havido erro, não tem havido absurdo, a que não tenha dado apoio a razão. Os Chins, diz hum moralista, pensão ter razão expondo seos filhos

recemnascidos nas ruas e nas praças publicas; os Indios queimando as mulheres sobre os cadaveres dos maridos; os Arabes assaltando as caravanas: os Corsarios Barbarescos infestando os mares.

Quem ha que não tenha sido illudido por seductores raciocinios? que não tenha cahido em precipicios, conduzidos por huma razão preoccupada, ou inepta? Quem poderá com verdade dizer que no decurso de hum só dia, de huma só hora, nunca a sua razão lhe dictou cousas entre si repugnantes? quem se atreverá a affirmar que nunca confundio a sua voz com a voz enganadora das paixões?

Quando a guerra civil divide e assola huma nação, e não ha injustiças, violencias, crimes, que se não commettão, se se perguntar a cada hum dos partidos, ou a cada hum dos individuos de que elles se compõem, quem tem razão, ver-se-ha que todos respondem que ella está do seo lado, que todos authorisão com ella seos monstruosos attentados.

Se em algumas occasiões a razão combate nossas prevenções e nossos desejos, em muitas outras os desposa e os serve, sem se embaraçar com os principios invariaveis e eternos da justiça. Quantas vezes nos disfarça ella a fealdade do vicio, a enormidade do crime? quantas aconselha os reis contra os povos, os povos contra os reis; e desnaturalisando todas as idéas, prestando-se a todos os interesses, condemna a anarchia para estabelecer o despotismo, o despotismo para estabelecer a anarchia?

Os que, para a desculparem, fazem ás paixões a mais severa censura; nem por isso lhe grangeão muito credito. Na ausencia mesmo dellas, a razão costuma inspirar-nos contradictoriamente, e não são pou-

cas as quedas que damos por sua culpa: porem se o contrario acontecesse, se no estado apathico ella fosse para nós huma guia segura, e nos desamparasse vendo-nos agitados pelos furacões impetuosos das paixões, que se seguiria d'ahi? que ella se assemelharia a hum falso amigo, que nos acompanhasse por toda a parte sentindo-nos felizes, e que nos perigos e na desgraça fugisse de nós: ou a hum piloto, que soubesse governar ronceiramente a náo quando huma fresca aragem lhe enfunasse as vellas e a deixasse encalhar na costa, ou sepultar nos abysmos, quando a visse assaltada por contrarios ventos.

Miseravel systema pois he o dos que não admittem outra luz se não a da razão, outra religião se não a que ella nos ensina. Como a razão se não desenvolve se não mui tarde, elles começão por nos considerar em hum fatal abandono durante o espaço que medêa entre o nascimento e a racionalidade; começão por nos suppôr absolutamente irreligiosos ou atheos, por hum espaço aliás considerado da nossa curta vida; começão por fundar sobre a arêa movediça hum edificio, que se deve elevar muito acima das estrellas.

O homem pela sua razão nem sabe o que se passa dentro em si mesmo, e sem outro auxilio ha de saber o que se passa alem dos astros? ignora a essencia das cousas limitadas que o rodeão, e ha de comprehender a do Ente Infinito, que á sua voz omnipotente as fez surgir do nada? Labyrintho de contrariedades, o mesmo dia o vê formar planos e abandoná-los, procurar a verdade e abraçar o erro, correr para a felicidade não topar se não com a desgraça; e perderá toda a sua natural volubilidade: acertará com os meios de agradar ao Ente Supremo, com a adoração que lhe deve, com o culto que elle exige, unicamente guiado pelos calculos ephemeros de huma razão que a si propria se desconhece?

Considerem-se os progressos que a razão fez em religião, nesses tempos luminosos, em que as sciencias tanto florescerão no Egypto, na Grecia, e em Roma; e julgue-se do que ellapode produzir, pelo que produzio n'hum tão grande numero de seculos.

E com tudo ella era ajudada por bellas, ainda que obscuras, e na maior parte degeneradas tradições, que os deistas fazem timbre de rejeitar, não admittindo se não aquillo que a razao deixada a si mesma ensina, e dando o improprio nome de religião natural a huma das maiores extravagancias, de que o espirito humano se tem lembrado em seos miseraveis delirios.

A razão deixada a si mesma só se encontra nos selvagens, abandonados pouco depois de nascidos, e creados nos bosques sem outro apoio, sem outra sociedade se não a dos irracionaes. A sua intelligencia he pouco superior á delles. O espectaculo da natureza, tão magestoso, tão eloquente, falla mui pouco á sua imaginação, quasi nada ao seo espirito, e a sua religião não he se não hum instincto, hum sentimento, que nenhum parentesco tem com a razão. Assim a unica hypotese possivel desta faculdade, isolada he precisamente aquella, em que nao pode dar-se a razão dos deistas.

Por outra parte ella não póde realisar-se entre os homens, que vivem em pequenas ou grandes sociedades, por que aqui falta a circunstancia da razão deixada a si mesma, visto que a razão no estado social he constantemente auxiliada, dirigida, ou modi-

ficada pela educação e pelo exemplo, e jamais se póde considerar deixada á sua propria força, ou as suas proprias luzes.

Procurando-se em toda a vasta extensão da terra, entre os enthusiastas da razão e da religião natural, não se encontrará hum só, cuja razão não recebesse alguns auxilos estranhos, e devesse aos seos meros esforços as poucas verdades puras e sublimes, que a Verdadeira religião lhe não contesta. Ellas tem huma origem muito mais nobre: assim como a tinhão certas maximas, *admiravelmente conformes à natureza de* Deos e do homem, que se encontravão nos escriptos de alguns philosophos da antiguidade, e que elles expenderão como resultado de suas meditações, e da penetração de seo espirito, não o sendo com effeito, pois procedião de antigas tradições, e estas de huma revelação Divina, como profundos theologos averiguarão e demonstrarão.

E se taes maximas não erão creação da razão cultivadissima de genios da primeira ordem, como poderá acreditar-se que iguaes ou semelhantes o sejão da vulgar e desvairada razão dos deistas? E quaes são os principios ou as ideas em que os deistas concordão? qual he o seo *codigo religioso*? Observa-se entre elles huma pasmosa divergencia, e esta divergencia tem obstado a que possuão algum codigo, ou algum corpo de doutrina. Varios e inconsequentes elles proclamão huma religião, cuja base he mais movediça que a arêa do deserto, mais inconstante que as ondas do mar; huma religião, que nunca o foi de alguma nação, que nunca o foi de algum povo, que *nenhuma tradição abona*, *nenhuns prodigios* attestão, que não he capaz de conter os in-

dividuos, nem de dominar as massas; huma religião sem jus algum a este nome augusto, e que não he se não o invento de hum amor proprio excessivo, de hum revoltante orgulho, ou o parto monstruoso da mais rematada insânia.

Deverá porem banir-se até *o nome* de religião natural? e será a razão hum dom pernicioso, ou pelo menos nullo? Nem huma cousa, nem outra. A religião primitiva, cuja semente Deos lançou no coração humano, e que elle mesmo ensinou a nossos primeiros pais, esta religião, tão accommodada à nossa natureza, tem-se chamado natural, não obstante ter muito de sobrenatural e de revelada, e não ha necessidade alguma de que perca este *nome*: mas a religião natural dos deistas he hum objecto mui diverso, he a negação de toda religião, he a razão enthronizada pela ignorancia, pela fatuidade e pelo orgulho. Todavia ninguem conclua d'aqui, ou do mais que dito fica contra a razão, que ella deve reputar-se hum dom pernicioso, ou inutil. Deos não creou nada indifferente, nem prejudicial ao homem. Até os animaes ferozes, até as plantas venenosas lhe são proficuas; e como lhe não seria dada para a sua utilidade a razão? O mal está no abuso, com que elle contraria os destinos da Providencia. Elle mata o seo semelhante com o ferro, com que devia abrir as entranhas fecundas da terra: serve-se para o assassinar do succo d'aquellas plantas, que sabiamente administrado pelas mãos da medicina, poderia restabelecer a saude, e prolongar a vida.

Assim degenerão os dons do Senhor nas mãos do homem, quando, ente fraco, e essencialmente dependente, elle se arroga huma força, e huma inde-

pendencia, que lhe não competem; quando possuidor de huma escaça intelligencia se propoe descobrir com ella segredos, que só a eterna sabedoria he capaz de revelar; quando emprega, para marchar pelas tortuosas sendas do erro, meios que lhe forão dados para caminhar pelas alinhadas veredas da verdade; quando em fim antepoe a razão individual, sempre inconstante e fallivel, à razão universal, e à razão infinita.

Mas terão os deistas, os sectarios e os panegyristas da razão individual, hum convencimento profundo de que se não enganão? Nunca chegão a isso. Resta-lhes sempre huma inquietante perplexidade, huma pungente duvida de que póde haver huma religião revelada, de que o Soberano Auctor desta religião não será indifferente ao seo despreso por ella, e de que a sua rebellião não ficará impune. Elles dizem que Deos se contenta com o culto racional de cada hum, segundo a extensão das suas luzes; mais isto não he mais que hum raciocinio de possibilidade, e não ha por onde se demonstre, que Deos effectivamente se contente com isso. Chamão força de razão a sua incredulidade, mas não deixa de atormenta-los a incerteza de que tal força de razão póde não ser, se não huma criminosa temeridade, mormente não desconhecendo que não são elles os unicos que receberão a faculdade de pensar, e que tem havido tantos grandes genios, e tantos sabios consumados, que pensárão de outra maneira.

A sua situação por tanto está muito longe de ser tranquila: carece de huma base de segurança, de huma garantia de repouso. A esperança, doce companheira da fé, não os anima com suas consolações

divinas. O seo presente he hum cáhos, e que será o seo futuro? Elles o ignorão; mas por mais que procurem esquecê-lo, não deixarà de lhes vir muitas vezes á imaginação, que talvez será tormentoso, tormentoso para sempre, sem minoração alguma de penas, sem especie alguma de allivio, sem possibilidade alguma de remedio.

E se taes são suas inquietações, seos temores, e perigos, quaes serão as suas vantagens? Por certo que nenhumas. Em outro tempo elles tinhão em vista huma vaga celebridade, o passarem por espiritos fortes, o adquirirem a reputação de sabios: porem as idéas e as opiniões mudárão, e hoje será difficil encontrar-se alguem, que attribua alguma daquellas qualidades a hum deista, por ser deista.

Outr'ora mesmo que valia a celebridade, que não nascia do heroismo da virtude? Nero a alcançou incendiando Roma, e o Califa Omar reduzindo á cinzas o immenso deposito dos conhecimentos humanos; e não houve até agora quem lhes invejasse a fama, que lhes resultou desses actos, que a historia conserva sempre vivos em suas paginas. Que importancia podia ter a qualificação de espiritos fortes, que nunca para si quizerão os philosophos, que mais illustrárão e enriquecerão o mundo com suas doutrinas, e com suas descobertas? E a reputação de sabios, alcançada por semelhante maneira, que seria ella, se não huma impostura, impossivel de conservar-se? Está escripto no livro da Sabedoria, que são vãos todos os homens, que não possuem a sciencia de Deos. Assim escusão elles de se afadigarem para chegarem, por errados caminhos, a tão elevada reputação; pois, quando mais estabelecida a julgarem, a verão desappa-

recer ; não ficando em seo lugar , se não huma vergonhosa confusão , ou huma esteril vaidade.

A sciencia de Deos he a verdadeira sciencia. Fôra della tudo he ignorancia , tudo he cegueira , tudo são trevas. Ao seo facho luminoso a razão se depura , as tempestades das paixões se acalmão , o vicio apparece com todos os seos horrores, a virtude ornada de todos os seos encantos ; os segredos do Ceo se manifestão á terra , e a terra aprende os caminhos que conduzem ao Ceo. *(Extr.)*

DIREITO DIVINO DA IGREJA NA EDUCAÇÃO.

Pastoral do Exm.º Sr. Bispo de Langres ,

(Continuado dos ns. antecedentes.)

Não tratamos aqui da maior ou menor parte que o poder civil pode ou deve tomar na vigilancia de hum dos seos maiores interesses sociaes.

Este dever e este direito dos governos humanos são regulados pela constituição particular de cada estado, e pela a maior ou menor facilidade que esta constituição lhe dá para intelligencia e julgamento das doutrinas , que fazem o fundamento de todo o ensino, e que devem dirigir o mundo moral. Nós já temos tratado esta questão em outro lugar , no que respeita a França ; nao a encetaremos de novo.

Alem disto , qualquer que seja a organisação civil , na parte da instrucção publica , os direitos dos pastores , considerados como taes , são sempre os mesmos.

Por tanto , N. C. F. , ou hajão juntas de vigilancia , ou assembleas superiores estabelecidas pelas leis do estado para vigiar vossas escolas , ou as não ha-

jão , ou o ensino de todas as gerações esteja materialmente sujeito a huma instituição poderosa , ou seja livre á consciencia das familias : isto pode, na verdade , embaraçar , ou favorecer a acção moralizadora do sacerdote ; mas em nada muda os seos deveres , nem altera os direitos de pastor.

Se o poder civil o convida a tomar assento em suas assembleas , elle ahi apparece com seo contingente de luzes e influencia ; mas não he alli que elle pode cumprir com o dever que recebeo da Igreja.

Nestas assembleas estabelecidas pelo poder puramente humano , o sacerdote , que d'ellas faz parte , he obrigado a conter-se nos limites d'huma lei humana. Ora nós sabemos , que esta lei , com quanto seja respeitavel , he muito inferior a lei de Deos; por tanto he a lei de Deos que deve fazer seo primeiro cuidado.

Quando vossos pastores vem inspeccionar vossas escolas , acompanhados dos chefes da municipalidade , preenchem huma funcção civil , e não a pastoral ; porque he o Estado quem os envia , e he em nome do Estado que elles se apresentão ; e como temos dito , não he do Estado , mas sim da Igreja , que dimanão as funcções pastoraes.

Os actos collectivos de huma assemblea , de que faz parte o chefe de huma parochia , ainda suppondo-a conscienciosa , e zelosa, não entrão nos actos proprios do ministerio ecclesiastico , e por isso não dispensão as obrigações sagradas que este ministerio impõe.

O inspector leigo , enviado por huma authoridade leiga, visita huma escola como hum estabelecimento leigo ; nós não pretendemos mostrar o que elles ah

podem fazer com este titulo ; mas o que temos a dizer , he que hum sacerdote catholico , encarregado pela Igreja catholica de hum rebanho, he obrigado em consciencia , e em virtude do seo emprego a visitar , vigiar , dirigir as escolas catholicas , que fazem parte do seo rebanho catholico, que só elle pode e deve dirigir , como tal ; e nao haveria mais alguma segurança nas familias catholicas , se elle as não vigiasse , e dirigisse.

He pois hum dever do pastor das almas velar , da parte da Igreja , na conducta moral e christã de todos aquelles que estão encarregados das escolas destinadas a infancia e a mocidade catholica: he hum dever seo, apartar de suas classes os livros perniciosos para as consciencias christãs desta idade tão viva e tão sensivel: he hum dever seo, dar aos mestres como aos discipulos as indicações , os conselhos , e se fôr mister , as ordens que podem exigir os interesses da fé ou dos costumes, interesses essencialmente espirituaes e catholicos , pois que são os da salvação das almas.

E aqui , N. C. F. , devemos repetir que os deveres da Igreja vão muito mais longe que o dever do Estado. Assim por exemplo hum livro de instrucção he irreprehensivel aos olhos do Estado , quando a moral que encerra ou que inspira nada tem de contrario á ordem publica, tal qual as leis humanas a difinem ; e entretanto este mesmo livro pode ser muito condemnavel aos olhos da Igreja , se elle he, ou directamente pelo que contem , ou indirectamente pelo que omitte , prejudicial as doutrinas precisas da fé catholica. Para o Estado, a melhor escola he principalmente aquella em que os espiritos são mais cul-

tivados pelo desenvolvimento das sciencias e das artes profanas: para a Igreja , a melhor he principalmente aquella em que as consciencias são mais bem formadas no amor do dever , e na pratica da virtude. Para o Estado, hum instituidor he perfeito na sua conducta privada, quando nada faz que offenda o que se chama moral publica : para a Igreja, hum instituidor, muito indulgente, seria ainda escandaloso se faltasse ou para comsigo mesmo, ou para com os meninos que lhe sao confiados , ao zelo e a regularidade na observancia dos deveres da religião.

As funcções , pois, officiaes nas quaes o estado associa o ministro do culto nas casas de ensino e de educação , não poderão supprir as funcções sagradas impostas pela Igreja aos pastores das almas.

Aqui ainda dirao , talvez, os partidistas da *unidade em todas as cousas* , que os instituidores não dependem se não da authoridade que os reconhece , os envia e os mantém. Nós sabemos mesmo, que desgraçadamente elles seguem esta doutrina, que declaramos antichristã , por isso que he exclusivamente leiga.

Tudo o que precede , N. C. F. , vos faz previnir a resposta que temos a dar a esta impia doutrina : Que seos instituidores, com quanto nao dependao como cidadãos , se não do poder que tem seos destinos materiaes em suas mãos , devem com tudo , como christãos depender d'authoridade espiritual. Ah! se elles não fossem catholicos , se declarassem que as suas escolas não erão catholicas , não teriamos algum direito nem sobre suas escolas , nem sobre elles ; mas tambem então , nós o fariamos saber às familias catholicas , as quaes todas tem certamente a intenção de fazer dar a seos filhos huma educação catholica : nós

lhes diriamos, que se acautelassem, e do alto da cadeira levantariamos a nossa vóz.

Se pelo contrario, como acontece naturalmente em huma diocese catholica, o instituidor se apresenta como catholico, como he possivel que elle nao tenha outro superior que o Estado? O catholico o he pela profissão das verdades, e pela pratica das obrigações que o catholicismo ensina e impõe, isto he, por sua doutrina e por seos costumes: ora quem he que deve velar sobre a doutrina, quem he que deve apreciar os costumes aos olhos da fé, se não o pastor das almas? Em toda parochia catholica, por tanto, o instituidor, independentemente dos superiores civis, tem necessariamente, para a conducta moral e christã de sua escola, superiores de quem elle depende, para si mesmo como filho da Igreja, e para seo ensino como associado á acção da Igreja.

He verdade que esta acção distincta, independente, e pessoal do pastor, não sendo explicitamente reconhecida pelo poder, que dirige o Estado, não terá nem apoio material, nem a mesma sancção moral do magistrado civil.

He livre a cada hum descobrir inconvenientes nesta falta de protecção, assim como he livre a outros achar vantagens. Mas o certo he, que estes meios exteriores de coacção não são necessarios á sociedade divina, que o Filho de Deos fundou. Esta sociedade tem a vida em si mesma, e não necessita se não de liberdade para sua expansão, para esclarecer, vivificar, e regenerar o mundo.

A Igreja recebeo, para sua defesa, huma espada que pode lhe ser sufficiente. Esta espada he a palavra. (Eph. 6.° 17.), e por hum especial favor de

Deos para com a França, o uso desta espada espiritual, sem ser sempre tão livre, como fôra para desejar-se, he com tudo sufficiente para advertir as nossas ovelhas dos perigos imminentes e protege-las contra o inimigo.

He verdade tambem que hoje mais que nunca, o pastor deve servir-se desta espada com toda a prudencia christã, e quando nota as faltas de hum instituidor, ou os perigos de huma escola, a palavra do pastor he verdadeiramente a espada de dous gumes, que pode cortar aquelle, que della se serve, como aquelle contra quem se dirige.

Com tudo, N. C. F., ha tempo para fallar, como ha tempo para calar: se o pastor deve ser mais indulgente do que ninguem nas faltas de fragilidade, paciente nos enojos pessoaes; se deve mostrar moderação e caridade, evitando contristar o proximo, ou causar-lhe damno, elle deve precisamente pela mais alta obrigação da caridade pastoral desviar as almas dos ensinos, e influencias, que lhes poderião dar a morte, e crescendo o mal, indigetar ainda com perigo do proprio repouso, os guias corruptores, e as doutrinas envenenadas.

Desta sorte, N. C. F., e para terminar com avisos praticos estas graves considerações, nós recommendamos aos pastores das almas, de se lembrarem muitas vezes dos deveres que a Igreja lhes impõe para a vigilancia e direcção interior e exterior de seo rebanho; aos fieis, de reconhecerem e respeitarem este poder de inspecção e direcção, dado pela Igreja á seos pastores; a todos, de distinguirem sempre cuidadosamente estes poderes emanados da Igreja, das usurpações que o Estado poderia commetter aos pas-

tendimento pode ao mesmo tempo convencer-se pelos seguintes motivos, e raciocinios.

Nós amamos os homens porque são nossos semelhantes e como irmãos. Elles assim como nós tem defeitos, e necessidade de indulgencia. Todos somos sujeitos a sermos enganados com apparencias, e a padecermos huns paroxismos, ou accessos de molestia mental, que a maneira da febre do corpo, nos encobrem por algum tempo a luz da razão, e da verdade. No caso de inimizade, ou quebra daquella harmonia fraternal, que deve reinar sempre entre os homens, de duas huma: ou o meo adversario tem motivo, e razão sufficiente para se resentir do meo procedimento a seo respeito, e neste caso eu devo appressar-me a pedir-lhe perdão, e reparar o meo aggravo; ou elle não tem razão, e então está no erro, na illusão ou no accesso da febre ou no paroxismo da paixão, que o induz a commetter huma injustiça. Em todo o caso o seo erro, ou injustiça não me authorisa para seguir o seo exemplo, e eu devo procurar *por meios prudentes* trazê-lo à razão, ou conciliação, ao restabelecimento da ordem, e reunião dos dous irmãos e amigos, que com pena se achão separados, e agora com muito prazer se tornão abraçar. Taes sentimentos, e tal proceder são bem dignos de espiritos elevados, d'almas nobres, e de corações generosos. Tal he a verdadeira philantropia, e a caridade christã!

Perdoar as injurias he esquecer, ou apagar algum aggravo, e renunciar a toda idéa de ressentimento, castigo, ou vingança. A primeira consideração, que a isso nos deve mover, he que se cada hum fosse o aggressor havia desejar ser perdoado;

tores, visto que os deveres ecclesiasticos são mais extensivos do que as atribuiçoes civis, e a fidelidade nestas não pode dispensar o cumprimento daquelles.

Em quanto ás escolas catholicas, lembramos aos pastores, que as suas visitas a estas escolas, como membros de juntas civis de inspecção, não bastão ordinariamente para o cumprimento de seo cargo pastoral; e como sabemos que livros perniciosos se tem introduzido nas escolas para uso dos meninos, encarregamos expressamente aos senhores curas de haver alguns exemplares de cada hum destes livros, de enviar-nos os seos titulos com huma informação resumida, ou ao menos huma opinião motivada acerca daquelles que forem pouco conhecidos. Os senhores curas nos informem tambem do estado moral e religioso das escolas de suas parochias, principalmente sobre os pontos em que o nosso concurso ou a nossa intervenção podem ser uteis.

DO PERDÃO DAS INJURIAS.

Amar os inimigos, e perdoar os aggravos ou injurias, são sentimentos e virtudes, que a primeira vista, e na ponderação vulgar, parecem repugnantes, ou muito superiores á natureza do homem. Se porem fizermos alguma reflexão acharemos que não só são sentimentos proprios d'hum verdadeiro christão, mas he o proceder digno de hum espirito elevado, de hum coração generoso, e bem formado pela educação.

Com effeito o exemplo e a doutrina de Jesus Christo bastarião para persuadir o christão a *amar os inimigos, e a perdoar ás injurias*, mas o nosso en-

alem disso he possivel, e por ventura provavel, que não haja mais do que huma apparencia de injuria, e nao huma intenção, ou vontade certa de injuriar, ou offender, pois a nossa propria experiencia nos mostra frequentemente que cada hum, ou não tinha huma determinada vontade de injuriar, ou se a teve por hum momento, logo se arrependeo; e essa mesma disposiçao devemos nós presumir, por motivos de analogia, naquelle de quem estamos offendidos.

Ora dar mal por mal, isto he, injuriar, ou offender, a quem nos injuriou ou offendeo, he hum procedimento injusto, grosseiro, e vulgar, por quanto, o erro commettido por hum nosso irmão, ou amigo, não nos authorisa a fazer outro tanto, e até mesmo seria huma contradicção da nossa parte fazer aquillo mesmo que reprovamos. Pelo contrario; aquelle que perdoa, mostra huma alma nobre, hum coração generoso, huma delicadeza de sentimentos que lhe faz achar prazer, e satisfação em libertar o seo irmão, ou amigo daquella sorte de captiveiro, e vexame em que o havia posto o seo erro. he o verdadeiro amor do proximo, e a verdadeira fraternidade.

A clemencia e o perdão dos aggravos, e offensas ennobrece a natureza do homem, e por assim dizer, o eleváo e approximáo á Divindade. Aquelles verdadeiros heróes que, souberão perdoar, e esquecer aggravos e injurias, nos offerecem admiraveis exemplos de grandeza d'alma, exemplos que não podemos contemplar sem sentirmos huma sorte de enternecimento, de inveja, e que com razão fizerão dizer ao poeta:

Se vaincre est d'un heros, pardonner est d'un Dieu.

Todavia motivos mais elevados, e dignos do chris-

tão nos devem decidir a perdoar as offensas ou injurias: taes são o exemplo e a doutrina de Jesus Christo. Elle perdoou áquelles inimigos, que o crucificarão, e pedio a seo Eterno Pai, que tambem lhes perdoasse, attribuindo á ignorancia moral, o que lhe havião feito. A todos os aggravos, e affrontas oppôz brandura e paciencia, mansidão e humildade. Recommendou a seos discipulos que se amassem, e perdoassem, pois he certo que onde ha sensibilidade, e amor, sempre ha disposição para perdoar. Na formula da oração, que o divino Mestre deixou aos seos discipulos, nos ensina elle a pedirmos perdão para as nossas dividas, ou offensas, *assim como nós perdoamos*, fazendo assim dependente o nosso perdão do requisito, e condição de concedermos igual perdão aos nossos semelhantes. Por tanto, he evidente que nós necessitamos, e devemos, assim por motivos de religião christã, como de razão e de boa philosophia, *amar os nossos inimigos*, suppondo-os dispostos para a reconciliação, e promovendo-a nós mesmos quanto de nós depender; e outro sim he evidente, justo, digno de hum discipulo, e filho adoptivo de Jesus Christo, perdoar aos nossos offensores os aggravos, injurias, e offensas, considerando estas como filhas de hum erro passageiro, ou molestia d'alma, cuja cura nós podemos, e devemos promover, e esperar.

Nós não podemos deixar este assumpto sem referirmos hum facto interessante, que encontramos na historia de França.—

Luiz 12.º, successor de Carlos 8.º, marcou com o signal da cruz os nomes de todos aquelles, que no reinado antecedente lhe havião feito offensas, ou máo

serviço. Logo que isto constou na corte os suspeitos começavão a ausentar-se; mas o rei chamou-os e disse-lhes: «Por que vos ausentais? A cruz com que eu marquei os vossos nomes não significa supplicio; assim como a do nosso Salvador, significa esquecimento, e perdão das injurias.»

Eis-aqui o que he ser, não só hum rei magnanimo, mas hum discipulo, e imitador de Jesus Christo.

(*Extr.*)

ASCENÇÃO.

Quarenta dias
Hião findar-se,
Depois do Mestre
Resuscitar-se.

E pretendendo
Na despedida
Tornar saudosa
Está partida,

(Dias felizes
Que elle empregára
Entre os discipulos
Que tanto amava.)

Sobre o Olivete
Os seos conduz,
E o corpo tendo
Já todo em luz,

Depois do ensino
Que lhes tem dado,
E qual cumpria
Ao seo estado;

Lhes assegura
Firme coroa,
Consola, e anima,
Os abençoa:

Jesus firmando
A santa Igreja,
Que o inferno vença
E eterna seja;

Eis que por sua
Propria virtude,
Se eleva deste
Planeta rude.

O tempo manda
Approximar-se,
Em que cumpria
Aos ceos levar-se

Os ares fende
Sutil, glorioso,
Pelo ceo entra
Victorioso.

Assim á terra
Do alto envia
O maior mimo,
Que ser podia.

Esta a figura
Dos irmãos meos,
Que me atrahirão
Lá desde os ceos.

Quem do deserto,
Gritão os ceos
Ao throno avança
Do nosso Deos?

Sim Pai excelso
Eis vosso Filho,
E, a fim de honrar-vos,
A terra trilho.

Elle assim calca
O solio etereo
Como pedia
Seo ministerio,

Mortal, paciente,
A morte vendo;
Em sangue e fogo
Hum monstro horrendo:

Apresentando
A humanidade
A quem se unira
A divindade.

Se vosso nome
Foi ultrajado,
Victorioso
Fica, exaltado.

Pelos mortaes
Então felizes,
Ao Padre mostra
As cicatrizes.

Da vida o fructo,
Alli plantei;
Nos ceos agora
Vos seguirei.

E a cruz traçando
Como estandarte,
Volvendo os olhos
A toda a parte,

Amai aquelles
Por quem desci,
Enchei de graças
Aos que remi.

Silencio impera,
E se obedece:
Para escuta-lo
Tudo emmudece

Em tanto espero:
O Pai o abraça,
Amor divino
Os entrelaça.

Da sua boca
Os ceos pendendo
Assim começa
Fallar, dizendo;

Prostrão-se os Thronos,
Os Querubins,
As Potestades,
E os Seraphins.

Festivos novos
Hymnos cantárão,
E pelo assumpto
Se extaziárão.

Depois descendo
Anjos formosos,
Dizem aos homens
Inda saudosos:

Por quaes motivos,
O' Galileos!
Sentidos olhos
Fitais nos ceos?

Aos bens celestes
Declarais guerra?
Pretendeis sempre
Viver na terra?

Esse que afflictos
D'aqui buscais,
E já do Empireo
Vós reclamais,

Inda, qual cumpre
Ao Filho amado,
Do Deos supremo
Que o tem gerado,

Virá n'hum throno
De gloria immensa,
Dar o castigo
Ou recompensa.

Ao reino eterno
Domina em tanto,
Unido ao Padre
E ao Espirito Santo.

Assim triumpha
Jesus potente,
Que a bem dos homens
Morre innocente.

Pentecoste.

Junto o rebanho
Na gram cidade,
Em que Deos, soffre
Tanta impiedade,

Chegando o tempo,
Dia marcado:
Nesse momento
Apresiado, I

Hum vento orte,
Rijo trovão,
Abalão toda
A habitaçao.

E os varões justos
Sobre-saltados
Cheios de espanto
Como aterrado

Sobre as cabeças
Virão brilhando
Linguas de fogo
Do ceo baixando.

Fogo divino,
Que a mente aclara
O peito anima,
E a fé prepara.

Que nova igreja,
Tão apoucada,
Augmenta, anima,
Torna esforçada;

Innumeraveis
Os convertidos,
A Jesus buscão
Arrependidos.

E os peitos fracos
Deixao tão fortes,
Que ao ferro insultão,
Desprezão mortes.

Cessa a mentira,
Surge a verdade,
Abre-se o livro
Da eternidade.

Humildes pobres
Rudes, chorosos,
Esses ha pouco
Tristes, medrosos,

Entoai Anjos
Hum novo hymno,
Ao incomprehensivel
Deos uno e trino.

Já pelas ruas
A lei pregando,
Aos homens fallão,
Do ceo tratando.

Louvores demos
Sem repousar,
A quem seos filhos
Vem confirmar.

Ergamos todos
Perenne canto,
Ao Pai ao Filho,
E ao Espirito Santo.

A ESCRAVIDÃO.

Vamos estampar da Gazeta Official para nossas paginas as seguintes Questões a respeito da Escravatura, tratadas pelo Dr. Caetano Alberto Soares em huma *Memoria para melhorar a sorte dos nossos escravos*, que havia lido na sessão geral do Instituto dos Advogados Brasileiros, no dia 7 de Setembro de 1845.

A natureza nivela todas as condições humanas no berço e na sepultura, como para advertir que os males inherentes á humanidade são communs a todos,

ambem devemos em commum trabalhar e concorrer para alliviar os que soffrem. Com tudo, usos inveterados, preconceitos, sem reflexão admittidos, e da mesma sorte transmittidos de pais a filhos, fazem que muitos, ainda hoje considerem os escravos, não como homens da mesma natureza, mas de huma natureza diversa, e formando na cadea dos seres animados hum anhel entre nós e as diversas especies de animaes brutos. O genero humano tem progredido em toda casta de melhoramentos, e a civilisação moderna tem aperfeiçoado todas as instituições humanas: e será por ventura consequente com ás nossas instituições que os nossos escravos fiquem no mesmo estado de imperfeição, em que os deixavão as leis romanas? Huma inspiração divina adêje aos corações brasileiros predispondo-os a favor daquellas infelizes creaturas, e praza á humanidade que a Memoria do illustre advogado lhes proporcione alguns sorvos de consolação em seos longos tragos de soffrimentos, e grangêe-lhes mão protectora e beneficente no quasi abandono e na miseria em que rojão disvalidos.

1.ª QUESTÃO.

Será hum mal a escravidão, considerada em si mesma?

Perguntai, diz Voltaire, a hum homem livre qualquer, *se elle quer ser escravo?* e prompto como por instincto recuará horrorisado da proposta: a muitos nem mesmo o usareis pergunta-lo: Interrogai agora a hum escravo qualquer, *se elle quer ser livre?* e logo o riso lhe assomará aos labios. Estas respostas decidem a questão: e nem pode haver para e decidirem juizes mais competentes, do que aquelles mesmos, cujo estado se trata.

Quereis-vos agora hum argumento *a priori*, quero dizer, mais directo, mais terminante? Deos, creando o Homem, disse-lhe: tens intelligencia, aperfeiçoa-te: tens o livre arbitrio, merece. E o homem com a intelligencia conseguio aperfeicoar-se; com o livre arbitrio alcançou merecer a hum ponto admiravel, incomprehensivel. Ora a escravidão escurece a intelligencia, encadea o livre arbitrio: oppõe-se pois as vistas beneficas da Divindade, levanta tropeços aos fins da creação.

E com effeito, quanto se possa dizer em defeza da escravidão, tudo se reduz, ou amostrar que ella he hum mal menor, do que outro, que por ella se evita; ou a insinuar que ella he hum mal necessario na sociedade civil; ou em fim a persuadir que a escravidão não he hum mal tamanho como a inculcão exagerados declamadores: mas esses mesmos argumentos provão de sobejo que ella he sempre hum verdadeiro mal.

Ninguem nega que a escravidão seja agradavel aos senhores de escravos, e mesmo util a parte rica e mais poderosa da nação: mas os ricos e poderosos, para cujo bem-estar e commodidades concorrem grandemente os escravos, e os mesmos escriptores, que defendem a escravidão, por nenhum feitio consentirião, segundo o bello pensamento de Montesquieu, que se tirassem por sorte os individuos, que devessem formar a parte livre da nação, e quaes aquelles, que ficariao sendo escravos.

Tambem he verdade que os homens se habituão ao mal, e ao soffrimento: e que a inexperiencia de hum estado melhor pode diminuir muito aos olhos do escravo a differença, que delle vai ao homem livre;

mas sempre he certo que ninguem abraça a escravidão por sua propria escolha, e vontade livre: assim como ninguem ama esse estado, e antes o tem em aversão. He por tanto a escravidão hum verdadeiro mal, considerada ella em si mesma; por que todos os homens a detestão; e por que (no judicioso sentir de Bentham seria absurdo julgar do bem, e do mal dos homens de outra maneira, diversa dos desejos e dos sentimentos communs dos mesmos homens.

(*Continúa.*)

PIO PP. IX.

Letras Apostolicas do actual Summo Pontifice da publicação do Jubileo universal para alcançar o auxilio divino.

A TODOS OS FIEIS CHRISTÃOS, QUE ESTAS NOSSAS LETRAS VIREM SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA.

Tendo sido elevados por occulto conselho da divina Providencia ao sublime grão da Sé Apostolica sem merecimentos da nossa parte, conhecemos bem quantas difficuldades de cousas e tempos nos cercão, e quanto necessitamos do favor divino para repellir do rebanho do Senhor as traiçoes que por toda a parte se lhe armão occultamente, para auxiliar, e ordenar os negocios da Igreja Catholica segundo a nossa obrigação. Eis o motivo por que atégora não temos cessado de rogar ao Pai das misericordias, que se digne por sua virtude fortalecer-nos, e illustrar-nos o entendimento com a luz da sua sabedoria, a fim de que o Ministerio Apostolico a Nós confiado seja venturosamente empregado nos interesses do Christianismo, e serenando as ondas, em que flutua ha tanto tempo a não da Igreja, venha esta a conseguir a desejada bonança. Mas como o bem de todos deva ser procurado pelos esforços de todos, determinamos excitar a piedade dos Fiéis Christãos, para que juntando ás nossas as suas orações imploremos com mais esforço o auxilio da dextra do Todo-Poderoso. He certo porem que as orações serão mais agradaveis a Deos, se a elle nos chegarmos com o coração limpo, isto he, com a alma livre de todo o peccado. Por este motivo, seguindo o exemplo de Nossos Predecessores, nos primeiros actos do seo Pontificado, temos determinado com liberalidade Apostolica, abrir a favor dos fieis de Christo, os thesouros celestes das Indulgencias commettidos á nossa dispensação, para que animados elles por este meio á verdadeira piedade e limpos pelo Sacramento da Penitencia da mancha dos peccados, se cheguem com mais confiança ao throno de Deos, consigão a sua misericordia, e achem a graça no auxilio *oportuno*.

Com este fim annunciamos ao Orbe Catholico huma Indulgencia á maneira de Jubileo. Por tanto confiando na misericordia de Deos Omnipotente, e na auctoridade de seos Apostolos os Bemaventurados S. Pedro e S. Paulo por aquelle poder de atar e desatar, que o Senhor nos deo, não obstante a nossa indignidade assim como no anno do Jubileo se costuma conceder aos que visitão certas Igrejas dentro ou fóra de Roma, assim concedemos pelo theor das presentes letras a todos, e a cada hum dos fieis Christãos de hum e outro sexo, que morão ou tem vindo a Roma, plenissima Indulgencia de todos os seos peccados, tendo elles visitado por duas vezes dentro

das 3 semanas, que principião a 6 e acabão a 27 de Dezembro a Basilica de S. João de Laterão, a do Principe dos Apostolos, e a de Santa Maria Maior, ou alguma dellas, e ahi orarem devotamente por algum tempo, e jejuarem na 4.ª, 6.ª e Sabbado de alguma dessas semanas, e dentro dellas, tendo confessado os seos peccados, receberem reverentemente o SS. Sacramento da Eucharistia, e derem alguma esmola aos pobres como dictar a cada hum a sua devoção. Quanto aos Fieis, que vivem fóra de Roma, se lhes concedem as mesmas graças, tendo cumprirem devotamente as outras obras acima ditas, e tendo visitado por duas vezes as Igrejas (ou alguma dellas) que forem designadas pelos Ordinarios dos lugares, seos Vigarios, ou Officiaes, ou de seo mandado, e na sua falta, por aquelles, que ahi tiverem cura d'almas, depois que esta lhes chegar á noticia, tambem dentro das 3 semanas, que os mesmos houverem de designar, quando designarem as Igrejas.

Concedemos tambem, que os navegantes, e peregrinos, quando se recolherem ao seo domicilio, feitas as sobreditas obras, e visitada 2 vezes a sua Igreja Cathedral, ou principal, ou propria Parochia do seo domicilio, possão conseguir a mesma Indulgencia. Aos Regulares de hum e outro sexo, ainda vivendo sempre nos claustros, e a outras quaesquer pessoas, assim leigos como seculares, ou regulares, que vivem em carcere ou cativeiro, ou detidos por infermidade do corpo, ou outro qualquer impedimento, que não poderem cumprir as ditas obras, ou alguma dellas, concedemos que o confessor dos actuamente approvados pelos Ordinarios do lugar lhes possa mudar em outras obras de piedade ou prorogar para outro tempo proximo, e impor-lhes cousas, que os mesmos penitentes possão cumprir, e ainda mesmo com faculdade de dispensar da communhão os meninos, que ainda nao tiverem sido admittidos á primeira communhão.

Alem disto a todos e a cada hum dos Fieis Christãos Seculares e Regulares de qualquer Ordem e Instituto, ainda dos que houvessem de ser nomeados com especialidade, damos licença e faculdade de poder para este fim eleger para seo confessor a qualquer Sacerdote Secular ou Regular dos actualmente approvados pelos Ordinarios dos lugares (da qual faculdade poderão usar tambem as Freiras, Novissas, e outras mulheres, que vivem em claustro, com tanto que o confessor seja approvado para Freiras) os quaes confessores no foro da consciencia, e só por esta vez os poderão absolver, e livrar da excommunhão, suspensão, e outras sentenças Ecclesiasticas, e censuras por qualquer motivo incorridas ou impostas *a jure vel ab homine*, excepto os que abaixo se dirão, assim como tambem de todos os peccados, excessos, crimes, e delictos por mais graves e enormes que sejao, ainda mesmo reservados de hum modo especial aos Ordinarios dos lugares, ou a Nós, e á Sé Apostolica, e cuja absolvição, ainda que tao ampla, nao se entendesse concedida; alem disto quanto aos votos quaesquer que elles sejão ainda jurados, e reservados á Sé Apostolica (excepto sempre os de castidade, religião, e obrigação, acceita por terceiro, ou em que se trate de prejuiso de terceiro, em quanto estes votos são perfeitos, e absolutos: excepto tambem os penaes, que se tem por preservativos de peccados, se a commutação não se julgar tal, que não menos cohiba de commetter o peccado, que a primeira materia do voto) concedemos que dispensando se possao commutar em outras obras pias e saudaveis, imposto com tudo a todos e a cada hum delles em todos os sobreditos casos alguma penitencia saudavel, e outras que se devem impôr a arbitrio do Confessor.

Concedemos alem disto faculdade de dispensa da irregularidade contrahida pela violação de censuras, não tendo ella sido deduzida, nem facilmente o haja de ser ao foro externo. Como porem não he nossa intenção a respeito de outra qualquer irregularidade de delicto, ou de defeito, publica, ou sabida, e outra incapacidade, ou inabilitado de qualquer modo contrahida, dispensar nellas ou dar a seo respeito alguma faculdade de dispensar, ou habilitar, e restituir ao antigo estado, ainda no foro da consciencia, nem derogar na Constituição, publicada com as ditas declarações por Bento XIV. nosso Predecessor de feliz memoria, que começa *Sacramentum Poenitentiae*, em quanto á inabilidade de absolver o complice, e obrigação de denunciar. nem as presentes letras podem, ou devem valer de algum modo áquelles que estando por Nós, e pela Sé Apostolica, por algum Prelado ou Juiz Ecclesiastico nomeadamente excommungados, suspensos, interdictos, ou declarados como incursos em sentenças e censuras, ou publicamente denunciados, se dentro das ditas 3 semanas não prestarem satisfação, ou concordarem com as partes. Mas se dentro do dito tempo a juizo do confessor não lhes for possivel o satisfazer, concedemos que possão ser absolvidos no foro da consciencia, somente para conseguir as Indulgencias do Jubileo, impondo-se-lhes a obrigação de satisfazer assim que lhes for possivel.

Por tanto pelo teor das presentes e em virtude de santa obediencia, rigorosamente mandamos a todos, e quaesquer Ordinarios dos lugares, aonde quer que existirem, a seos Vigarios e Officiaes, ou em sua falta, aos que exercem cura d'almas, que chegando á sua mão a copia ou exemplares, ainda impressos das presentes letras, em occasião que lhes parecer mais acertado diante de Deos, segundo a oportunidade de tempos e lugares, publiquem, ou façáo publicar pelas suas Igrejas, Dioceses, Provincias, Cidades, Villas, Terras, e lugares, e designem a Igreja, ou Igrejas que se devem visitar, e o tempo

para o presente Jubileo aos povos, preparando-os, se for possivel, com a pregação da palavra de Deos.

Não obstante as Constituições, e Ordenações Apostolicas, especialmente aquellas em que se reserva ao Summo Pontifice *pro tempore* existente a faculdade de absolver em certos e expressos casos de tal maneira que sem dellas se fazer expressa menção, ou especial derogação, estas concessões semelhantes ou dessemelhantes de Indulgencias e faculdades não possão aproveitar a alguem: não obstante tambem a regra de não conceder Indulgencias *ad instar*, e os estatutos de quaesquer Ordens, e Congregações ou Institutos, ainda roborados com juramento, confirmação Apostolica, ou qualquer outra firmeza, e costumes, privilegios concedidos, e letras Apostolicas concedidas, approvadas, renovadas ás mesmas Ordens, Congregações, Institutos, e suas pessoas. A's quaes cousas todas e cada huma de per si, ainda que houvesse de se fazer dellas, e de todo o seo teor especial, especifica, expressa, e individual menção e não por clausulas geraes que valhão o mesmo, ou houvesse de se guardar outra expressão, ou forma exquisita, tendo o seo teor por expresso nas presentes letras, e tendo por guardada a forma nellas prescripta. por esta vez especial, nomeada, e expressamente as derrogamos sómente para o sobre dito effeito, não obstante outras quaesquer cousas em contrario. E para que estas nossas presentes letras, que não he possivel serem levadas a todos os lugares, mais facilmente cheguem á noticia de todos, queremos que as copias deste ou aos exemplares ainda impressos, subscritos por algum notario publico, e munidas com o sello de pessoa constituida em dignidade Ecclesiastica, se lhe dê credito. como ao mesmo original.—Dado em Roma em Santa Maria Maior debaixo do annel do pescador aos 20 de Novembro de 1816, primeiro do nosso pontificado.

A Carded Lambruschini.

Fletus pœnitentis.

Ecce miser, en ingratus, Es, Christe, Redemptor meus
Juda pejor, modo stratus: Filius Patris, Verus Deus,
Oh si nunquam forem natus! Ego pulvis, cinis, reus.

Pedem meum tenet nervus, Leo tentat devorare,
Talenta abscondi protervus, Fac ut possim propulsare,
Nequam sum merito servus. Qui me jubes vigilare.

Quasi demens aberravi, Lætus ovem reduxisti,
Facti pœnas nusquam pavi: Quam perire noluisti:
Millies in te peccavi. Trahe me, quem perdidisti.

Bona semper fugiebam, Prodigus pœnitens factus,
Pœnitentiam non agebam, Domum redire coactus,
Mortis somno quiescebam. Pios patris movet actus.

Virtuti prætalis vitiis, Ovis ego, quæ perierat,
Valde laxus in officiis, Filius et qui abierat,
Terga dedi beneficiis. Longe tanto nullus ierat.

Bone Jesú, miserere, Non valentes medicare,
Fac me culpæ pœnitere, Peccatores, et vocare,
Da contritum pie flere. Qui venisti, me solare.

Eia, Mater Dei, Maria, Parce, precor, mi contrito,
Eia clemens dulcis, pia, Stola prima me vestito,
Quâ vacillo, firma via. Pulso portas, aperito,

Jam tremisco prope mortem, Dele populi vecordiam,
Reproborum nolo sortem, Inter fratres da concordiam,
Orcum contra redde fortem. Mecum fac misericordiam.

Cives Sancti, subvenite, Adesto, Divinum Flamen,
Me clamantem exaudite, Si perversus, supplex tamen,
Fide firmum me fulcite. Igne crema penus. Amen.

Scidi vestem nuptialem: *A. R. A.*
Q^m complectar commensalem?
Nemo me vocat sodalem.

MARIANNA: 1847. NA TYP. EPISC. Rua d'Oliveria n.° 54

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso

TOMO 2.° 1.° DE JUNHO DE 1847. N.° 23.

O AMOR DE DEOS.

Não ha preceito mais positivo, mais absoluto, e ao mesmo tempo mais suave, mais doce, mais consolador que o amor a Deos.

Como porem se ama a Deos? Com hum affecto vulgar, ephemero, vacillante, como se costumão amar os homens? não; mas com todas as faculdades do espirito, com toda a ternura do coração.

Vós amareis ao Senhor vosso Deos de todo o vosso coração; com toda a vossa alma, com todas as vossas forças. Transmittireis esta doutrina a vossos filhos, e fareis della o grande objecto de vossas meditações, ou vos senteis ao abrigo de vossos tectos, ou andeis pelos caminhos, e assim quando adormecerdes, como quando acordardes: disse Moysés aos Judeos.

Amaras o Senhor teo Deos de todo o teo coração, de toda a tua alma, de todo o teo espirito, com a tua força: este he o primeiro, e maior dos mandamentos. Aquelle que ama seo pai e sua mãi mais que a mim, não he digno de mim; e aquelle que ama seo filho ou sua filha, mais que a mim, não he digno de mim. Disse Jesus Christo.

Se alguem se persuade de que sem este amor se pode salvar, observando os outros preceitos, engana-se. He expresso que aquelle que não ama a Deos, não observa os seos mandamentos.

Deos pode perdoar á alma culpada (diz hum Santo Doutor) que o tem ultrajado, por que a póde encher do amor: mas será sempre contrario aquella, que continuar a amar-se a si com preferencia ao seo Deos. A fé, diz outro, nos mostra o caminho da terra promettida, a esperança nos sustenta com seo maná de suavidade; porem no fim da nossa peregrinação o que nos introduz nesse ditoso paiz he só o amor.

O amor de Deos he o principio, o fim, a perfeição da lei. Quem não tem este amor, infringe a mesma lei na sua parte mais vital, na sua propria essencia, e torna-se réo de hum grande crime.

Quem não ama a Deos existe entre as sombras luctuosas da morte. Suas virtudes são nullas, e as suas melhores obras são como os fructos daquellas arvores, que se encontrão junto ao mar morto, bellos á vista, mas que, colhendo-se não se acha entre as mãos se não hum pó ligeiro e negro, que o vento leva.

Deos he amor. Quem o não ama não o conhece. — E he só quem o não conhece, que póde persuadir-se ou da difficuldade de ama-lo, ou de que pode haver alguma situação, alguma circunstancia, algum motivo, que dispense de o amar.

O pobre póde deixar de soccorrer os necessitados, a idade e as molestias podem dispensar do jejum e outras cousas podem dispensar de outros deveres: mas ninguem pode ser dispensado de amar a Deos. Jesus Christo deixou á sua Igreja a faculdade de ligar

e desligar, de fazer leis, e de suspender ou mitigar o seo vigor, mas não lhe concedeo o poder de dispensar na lei de o amar. Esta lei he superior a todas as leis. Não ha na sociedade, não ha na natureza poder algum capaz de dispensa-la; nao ha na vida situação alguma, que se subtraha ao seo imperio.

Mas as nossas affeições dependem ellas sempre de nós? Não ha coraçoes de gelo, para os quaes o amor he hum elemento estranho? Oh! não confundamos hum sentimento todo celeste com as vãs, precarias e terrestres affeições. Não cahiamos no absurdo de julgar estranho aos nossos corações o amor de Deos. Elle, exigindo-o de nós, não exige cousa, que nos nao tenha dado. E esse gelo, que nós observamos em nossos peitos, não nos he natural, he toda obra nossa, he filho dos nossos desvarios.

Qual he o homem tão degenerado, tão despresivel, que se atreva a dizer que nao he capaz de amar? e qual he aquelle que, sendo capaz de amar as creaturas imperfeitas, se não envergonhará de dizer que não pode amar o seo Deos?

Mas em que consiste, e em que se conhece o amor de Deos? A primeira cousa em que consiste, e em que se conhece he a observancia dos seos mandamentos. Elle mesmo o disse. Elle não qualifica de seo verdadeiro amigo se nao quem exactamente os cumpre.

Quão raras porem são as pessoas que, pesando em balança fiel as suas acções, e sondando os abysmos dos corações, possao dizer com verdade que observão toda a lei? Ella he tão clara e tão simples a mas os homens sao tão fracos, e tao propensos a

infringi-la ! A nossa fidelidade he tão rara, a nossa constancia he tão frouxa, as nossas quedas são tão frequentes !

Outro signal por onde nós podemos conhecer que amâmos a Deos, he o soffrermos de boa vontade por elle, e o sacrificarmos-lhe tudo. Quem não está prompto a soffrer por outrem, não ama se não a si, quem não he capaz de sacrificios, não he capaz de amor.

A ternura para com Deos, huma suavidade inexprimivel, mesmo as lagrimas, que algumas vezes são puros effeitos do amor Divino, são outras vezes effeitos inteiramente naturaes. Não he pois ahi que nós devemos hir procurar as provas incontestaveis do nosso amor para com Deos. Se este, apezar de toda essa suavidade, de toda essa ternura, nos não faz preferir o nosso Deos a nós mesmos, a sua vontade á nossa vontade, a sua honra á nossa honra; nos não obriga a soffrer, a sacrificar tudo por elle, a subir com elle ao Calvario, e a participar ahi da amargura de suas dores, não he se não huma illusão, hum vão fantasma de amor.

Mas esse amor, que se resigna, que soffre, que se sacrifica pelo objecto amado, he hum amor heroico; e nem todos os homens são capazes de heroismo, nem Deos o exige delles. Miseravel sophisma ! Deos prohibe-nos o amar a alguem mais que a elle, exige que o amemos de todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todas as nossas forças, e seria isto contemplar-se com hum amor vulgar ? Auctor da nossa existencia, de todos os bens que possuimos, de todos os que temos gosado, e havemos de gosar, e amando-nos com hum amor im-

menso, exigirá elle muito de nós, querendo que o amemos com preferencia a tudo ?

A medida de amar a Deos, segundo a expressão de S. Bernardo, consiste em ama-lo sem medida: e como se hade amar de outra sorte a amabilidade infinita ?

Ah ! esta amabilidade, esta belleza não se nos mostra se não através de hum espesso véo, e como póde ella assim exercer huma poderosa influencia sobre nós ? Eis-aqui huma objecção futilissima. Os nossos olhos são mui fracos para se poderem fixar nos raios do explendor Divino. Se nós podessemos fixa-los n'hum só delles, hum só delles seria bastante para nos abrazar em amor, para nos desfazer em delicias ! Mas por que não reconheceremos nós differentes gráos naquella salutar influencia ? por que não recorreremos a ella tanto quanto os nossos meios o permittem ? por que não elevaremos o pensamento aonde não he dado aos nossos olhos elevarem-se ? por que nos não transportaremos nas azas da imaginação á esfera luminosa, em que a eterna Formosura apparece sem sombra ? por que não nos desprendereinos, ao menos alguns momentos, da terra, para nos associarmos de alguma maneira aos Anjos, na contemplação dos attributos Divinos ?

Sejamos como o enfermo que, privado de appetite, se não poupa a cuidados, nem a diligencias, por conseguí-lo: que, gemendo no leito da dôr, se subjeita a tudo aquillo, que lhe prescreve a medicina, para recuperar a saude perdida: que nao podendo obter algumas gotas de agua para mitigar a sede, desenha em sua fantasia as cristalinas fontes, em que ha de refrigerar-se, quando se poder sentar á som-

bra das arvores frondosas, que as rodêão.

Quando nós formamos huma verdadeira resolução de elevar o pensamento e o coração ao Ceo, e o elevamos com effeito, parece que o Ceo se abre, e se aproxima de nós. Quando nós temos hum verdadeiro desejo de amar a Deos, diz S. Francisco de Salles, nós começâmos a ama-lo. E quanto mais o desejo cresce, mas o amor avulta.

Que cousa ha impossivel aos homens, se elles a tentão com huma bem determinada vontade, com hum zelo, e com huma inalteravel constancia? Esta vontade, este zelo, esta constancia tem patenteado aos philosophos grande numero de reconditas verdades, tem subjeitado ao severo rigor do calculo as operações da terra, os movimentos do mar, e o curso dos astros; tem elevado a penna do escriptor, o pincel do artista, a espada do guerreiro, a audacia do navegante a huma altura, a que parecia que a humana fraqueza não podia nunca chegar.

Quão mais difficil porem he chegar a semelhantes resultados, que ao resultado bem diverso, que vale mais que todos elles? Quão mais custoso he o penetrar os segredos, que o Omnipotente encerrou nas entranhas da terra, nos abysmos do mar, nos focos da luz que povoou a abobeda celeste: quão mais arduo o dar-se com a penna, com o pincel, com a espada, ou com a bussola na mão, no alcantilado alcaçar da fama, do que á viva contemplação das Divinas perfeições, do que ás doçuras, e mesmo aos transportes do amor de Deos?

Este amor he hum preciosissimo thesouro, de que Deos mesmo nos dotou, que cresce rociado pela sua graça, e se recupera, coroadas as nossas deligen-

cias pela dóce efficacia dos seos auxilios: quando para adquirirmos huma celebridade, que he talvez o tumulo da paz e da ventura, he necessario que marchemos penosamente por caminhos obscuros, e irriçados de obstaculos; deixados as proprias forças, que sempre são pequenas, se huma especial Providencia as não engrandece.

Pensa-se que he difficil amar a Deos, por não se haver nunca procurado ama-lo, por não se haver nunca tido hum forte desejo de cumprir este sagrado dever. Falta tudo, quando a vontade falta. mas se ella he viva, vivifica tudo: as forças vem logo em seo auxilio; e os estorvos desapparecem. Quem deveras se resolver a amar a Deos, e entrar de coração nesta empreza, acha-la-ha facilima.

Quando porem o contrario acontecesse, a que deveria isso conduzir-nos, se não a augmentar o emprego dos meios para se obter hum fim tão necessario? E que prazer nao seria o nosso, que corôa não deveriamos esperar no templo da verdadeira gloria, alcançando huma victoria precedida de longos e penosos trabalhos?

Ah! o guerreiro, que formou e executou os mais acertados planos, que arriscou a sua vida, que tingio a terra com o seo sangue, que derrotou numerosas falanges de formidaveis inimigos, depois de acabada essa lucta, entra talvez na lucta de insidiosas intrigas; em lugar de viçosas palmas, não colhe talvez se não amargos disgostos; em lugar de louros que lhe cinjão a frente, não recebe talvez se não cadeas, que lhe roxêem os pulsos: mas Deos não he como os homens; nem a intriga, nem a ingratidão ousão aproximar-se do seo throno; e a sua bondade, e a

sua generosidade infinita jamais deixão de premiar hum só combate, hum só esforço, huma só acção, hum só pensamento, que tenha a origem no seo amor.

(*Extr.*)

ESPIRITO DA IGREJA.

Pelo Papa Clemente XIIII.

O espirito da Igreja não pode ser se não o espirito de Jesus Christo, isto he, hum espirito de paciencia, de doçura, de paz, de humildade, de justiça, de desinteresse, de força, e de verdade.

1.° Espirito de paciencia, que consiste em supportar os peccadores e todos os homens, de qualquer communhão que sejão, sem jamais os injuriar, nem os vexar de alguma maneira. He o exemplo que nos deo Jesus Christo mesmo, nosso augusto legislador, não respirando se não bondade pelos Saduceos, e Samaritanos. He o que elle nos ordenou quando recommendou a seos apostolos de não *apagar a mecha quando ainda fumega*, e declarou-lhes que elle veio *para salvar os peccadores e não perdê-los*. Assim vemos que o Apostolo, sempre animado do espirito da Igreja, foi o mais paciente dos homens a respeito dos peccadores, e que elle recommenda a paciencia como huma virtude absolutamente necessaria a quem quer ser Christão. Elle não conhece se não as armas espirituaes; e se fulminou penas canonicas ao incestuoso de Corintho, conservou sempre para com elle toda a ca-

ridade possivel, de que lhe deo huma prova effectiva, apressando-se de reconcilia-lo.

Foi esta a conducta de todos os Santos afastados de tudo o que se chama espirito de partido, e de tudo que se chama máo humor: só escutavão a voz da religião quando era necessario tratar, ou com os herejes, ou mesmo com os impios. « Lamentemos aquelles que se desvarião, dizia Santo Agostinho, procuremos trazê-los ao seo dever; mas não lhes demos lugar de se queixarem de nós: não temos a missão da espada, mas sim a da instrucção, de reprehender com doçura sem faltar á firmeza. » Estas palavras de Santo Agostinho são tanto mais admiraveis, quanto elle sustentou-as sempre pelo seo exemplo. He bem conhecido como elle quiz tratar os Donatistas. Queria ceder-lhes sua Sé, e levar os bispos seos collegas a fazer outro tanto, para offerecer-lh'as, se os Donatistas consentissem em abjurar sinceramente seos erros.

2.° Espirito de doçura. Nunca a Igreja conhece o aquella cólera que nasce do odio e da prevenção. Ella sempre desapprovou os ministros impetuosos que, excitados por hum zelo indiscreto, não tem alguma attenção por aquelles que se desencaminhão; persuadida que elles nao podem attribuir-se a si mesmos a felicidade de conhecer a verdade, e perseverar na virtude.

Jesus Christo declarando a seos apostolos, que elle he doce e humilde de coração; e S. João Evangelista não recommendando aos fieis se não a concordia e a caridade, nos fazem perfeitamente conhecer qual he realmente o espirito da Igreja. S. Paulo nos conselhos que dá a Tito, exige que hum bispo não seja accesivel á colera; por que estava persuadido que a

Igreja sempre animada do Espirito Santo não pode obrar por paixão. Desta sorte não se deve imputar a Igreja certos excessos de que a historia tem conservado a memoria, e cuja simples narração he absolutamente opposta as maximas do Evangelho.

3.° Espirito de paz. A Igreja, ainda que sempre agitada, teme as disputas e as dissensões, recordando-se que Jesus Christo, seo augusto esposo, não lhe deixou na terra outra herança que não seja a paz: *Pax vobis.* Se ministros a perturbão, e se aprazem fomentando divisões, não obrão em nome de Deos: são então homens que seguem a sua paixão, e que querem servir-se do Senhor para suas iniquidades. Jesus Christo tão claramente nos explicou sua doutrina e vontade, que nos he facil de conhecer quem realmente nos falla em seo nome. Por esta razão o Apostolo nos declara formalmente que devemos dizer anathema *a hum Anjo que nos trouxesse outro evangelho: só ha huma fé, huma esperança, hum baptismo:* e aquelle que rompe a unidade, excommunga-se a si mesmo, e não merece ser filho de Jesus Christo e de sua Igreja. Leião-se os cânones, e ver-se-ha o espirito de paz que sempre animou-a; elles só respirão sabedoria e moderação. Mas desgraçadamente as accusações que se lhe imputão são inspiradas pelos inimigos da religião catholica; e desde então julga-se ser ella animada de hum espirito de perturbação e de perseguição. Se Judas trahio a Jesus Christo, se Pedro o negou; se na serie dos tempos tem havido entre os ministros dos altares espiritos inquietos; não será, por ventura, o comoro da injustiça querer, em razão desses abusos, accusar o Evangelho e a conducta da Igreja?

O Salvador do mundo ordena a Pedro que havia cortado a orelha a Malco, de embainhar a espada, para ensinar a todos os seculos, que seo reino he o da doçura e da paz; se diz que *veio trazer a guerra*, elle falla da guerra que devemos fazer as nossas paixões, e da opposição que deve haver entre a carne e o espirito, para vivermos huma vida espiritual. Quando Jesus Christo apparece no mundo, os Anjos nada tiverão mais cheio de sentido para annunciar aos homens que a paz: *Pax hominibus.*

4.° Espirito de humildade. A Igreja vendo seo Divino Chefe aos pés de seos apostolos para lavar-lhes os pés, e ouvindo-lhe que seos discipulos não serão como os principes das nações, e que não se chamarão *nem mestres, nem senhores*, mas servos de todos; como poderia a Igreja alimentar-se de hum vão orgulho?

Não ha ministro do Evangelho que possa ignorar que a authoridade dos apostolos e seos successores não seja de huma authoridade de dominação; mas de simples persuasão, e que não tenhão outras armas que a palavra, o exemplo, as lagrimas, e as penas canonicas, quando os peccadores escandalisão, e entregão-se a perniciosos excessos.

Não he pelo fausto exterior de certos ministros da Igreja, nem por sua ridicula altivez, que se deve julgar o seo espirito; mas pelo que ella prega, pelo que ella pratica, por aquelles que seguem suas regras, e não se desmandão de seo dever. Não ha seculo, não ha anno, não ha dia, que a Igreja não fulmine contra a ambição, contra a vaidade; e tanto assim he, que ella conta o orgulho entre os pec-

cados capitaes, como hum dos maiores, e dos mais perigosos.

Quando se volvem os olhos para a parte dos escandalos, vê-se sem duvida a Religião cercada de nuvens, por que nao estamos nos ceos: mas quando se considera a Igreja, filha dos ceos, e a maneira por que se tem portado sempre nas suas acçoes, como nas suas decisões, vê-la-emos doce, humilde, paciente, orando continuamente por seos maiores inimigos, dando os exemplos da maior humildade, começando por seo chefe, que se gloria de apelidar-se *Servo dos servos*, e que deve de facto fazer as funcções de servo, para poder dizer com aquelle de quem he Vigario sobre a terra: *Discite a me quia mitis sum, et humilis corde*, aprehendei de mim que sou doce e humilde de coraçao.

5.° Espirito de Justiça. A Igreja teve sempre por hum dever, seguindo seo divino Mestre, de dar a Cezar o que pertence a Cezar; de respeitar as authoridades, declarando que ellas vem de Deos: *Omnis potestas a Deo.* Eis por que elle diz positivamente que se façao oraçoes por todas as pessoas constituidas em dignidade. Assim a Igreja honra os soberanos de huma maneira particular, não por temor, mas por obediencia a Deos e por principio de consciencia. Ella em seos concilios geraes, todas as vezes que os soberanos nelles apparecião, lhes testimunhava as maiores honras, e por este exemplo ensinava a toda a terra a respeitar os senhores da terra como tendo huma missão dos ceos. Paga o tributo a quem he devido. Se oppoz algumas vézes aos principes huma firmeza que se tomaria por desobediencia, foi nas occasiões em que se queria alterar a sua moral e a sua fè.

O zelo que ella desenvolve para conservar as immunidades de que goza, he hum zelo prudente e racional; por que não tendo se não o uso-fructo dos bens que se lhe dão, he obrigada a manter a sua posse para não deixar os successores sem recurso e sem subsistencia: mas se se emprega a força para lhe arrebatar seos dominios, então ella oppoe representaçoes, oraçoes, e segundo o conselho de Jesus Christo não sómente cede a capa, mais ainda o manto, lembrando-se que nada ella tem em propriedade, a fim de nao contrariar o que Deos disse aos seos Discipulos: *não conduzi nem ouro nem prata.*

Eu acrescento que a Igreja he de huma extrema severidade para tudo o que respeita a restituições, e que ella nao entra jamais em capitulação com ninguem sobre este objecto, querendo que toda justiça se cumpra.

(Continua.) pagin.

A ESCRAVIDÃO.

(Continuado do n. antecedente.)

2.ª QUESTÃO.

Será por ventura a escravidao hum mal natural, isto he, inherente e inseparavel da natureza humana, como o são as molestias, ou da sociedade, como o são a pobreza, e a miseria?

Desd'a mais recuada antiguidade vemos a escravidao encadear huma grande parte dos homens; e

seguir em toda a parte a guerra, como seo effeito natural e irrecusavel. Os vencidos crão por esse mesmo facto escravos dos vencedores; e estes os vendião, ou delles se servião, como taes, a seo sabor e contento. Assim forão os Judeos primeiramente escravos dos Amalecitas e Fenicios, depois dos Assirios e Babilonios, que successivamente os vencerão. Assim tambem os Romanos vendiao em leilão (sub corona) os seos prisioneiros de guerra, e as vezes povos inteiros. E assim os mesmos Romanos forao depois por seo turno escravos de seos barbaros conquistadores. Aquelles porem, que nessas eras não reduzião á escravidão os vencidos, não éra por algum sentimento de humanidade, ou por attenção á algum direito, que assim praticavão; era sim por que se julgavão authorisados a fazer delles peior; a mata-los. Assim vemos que os Judeos matavão friamente, e sem o menor escrupulo, todos os vencidos sem differença de idade, e nem de sexo, reservando apenas as moças para seos usos domesticos.

Mas esta co-existencia da escravidão e da guerra com o genero humano dos tempos historicos, não prova a necessidade absoluta, nem de huma, nem de outra dessas calamidades. E ao contrario, o facto certo e innegavel de terem muitas nações modernas abolido de todo a escravidão entre si, demonstra até a evidencia que, nem ella he inherente a natureza humana, e nem condição necessaria da sociedade. Do mesmo feitio vai hoje a Diplomacia demonstrando a possibilidade de acabar algum dia como o flagelo da guerra entre as nações como meio de decidir suas questões, e que o tão preconisado direito de guerra não

he mais, do que a admissão da força bruta, como elemento de verdade e de justiça!

Pode muito bem ser que tanto a guerra, como a escravidão, entrassem ambas nas vistas da Providencia, como meios de civilisação, e de aperfeiçoamento do genero humano. Do mesmo modo que os vencedores levarão muitas vezes a civilisação aos vencidos, menos adiantados nella, como os Gregos a levarão ao centro da Asia embrutecida, e os Romanos aos povos rudes das Gallias e da Germania; assim tambem a escravidão servio, não rara vez, de vihiculo de civilisação e adiantamento, do que são prova bem expressiva os mesmos Romanos, que conquistados e escravos, conseguirão a final civilisar seos deshumanos senhores, os ferozes Hunos, Alanos, Herulos, e mais barbaros do norte. A religião e a legislação dos vencidos poderão levar de vencida a indomita fereza daquelles selvagens conquistadores.

Por este mesmo motivo tambem pode ser (e nós o esperamos com toda a confiança) que a escravidão, e sua irmã a guerra, desappareção ambas da face da terra, quando já não poderem servir áquelle fim da Providencia: e que os nossos vindouros se admirem algum dia de ter havido lá em tempos recuados hum direito de guerra, e hum direito de escravidão, do mesmo feitio que nos admiramos hoje, e nos custa a crer, que victimas humanas fossem immoladas para se fazer propricia a Divindade, e nos espanta a narração dos horrores da inquisição, executados em nome de hum Deos de bondade, e das cruzadas, como serviço e holocausto a hum Deos de paz. E na verdade a contradicção não he mais palpavel entre a essencial bondade de Deos, e aquelles meios deshu-

manos e abominaveis de lhe dar culto, do que entre o direito e a força bruta, com quanto esta appareça sempre apoiada na astucia, na malicia, e na fraude.

Aristoteles, referido por Montesquieu, diz nos seos livros de Politica, 1.° cap.—1.°, que ha escravos por natureza. Se elle o provara, decidida contra nós estava a questão. Mas como prova elle? Com effeito erão essas as ideas recebidas na Grecia no tempo de Aristoteles: os Gregos reputavão todos os outros povos barbaros por natureza, e a si proprio o unico povo esclarecido, e dotado de razão superior, e com direito por isso mesmo a fazer daquelles seos escravos. O principe dos philosophos antigos, partilhando estas ideas, sacrificou tambem ao idolo do orgulho nacional: mas os Gregos pagarão bem caro debaixo do pesado jugo dos Romanos, e ainda mais caro sob o dominio de Mahomet 2.°, e seos successores, esse seo desmesurado orgulho; e a natureza, fazendo nascer todos os homens iguaes, dá hum perpetuo desmentido ao preceptor de Alexandre.

Verdade he que os homens não recebem todos da natureza iguaes dotes e perfeições, quer do corpo, quer do espirito; nem a capacidade physica, nem a capacidade intellectual he para todos medida pela mesma rasoura: mas dahi apenas se pode seguir, que os homens forão destinados para viverem em sociedade, onde huns governassem, outros obedecessem; onde a graduação, e respectiva importancia das ordens do estado, tudo mantivesse em mutua e successiva dependencia, coadjuvação, e harmonia. Quem quizer dessa desigualdade innegavel concluir a escravidão, vai de certo cahir no sofisma, tirando huma consequencia,

que se não contem nos principios. A escravidão por tanto, não tem a sua origem na natureza do homem, ainda mesmo considerado em sociedade.

3.ª QUESTÃO.

Será justificavel a escravidão?

Quem poderá crêr, diz Montesquieu, que fosse hum sentimento de piedade, que dera origem á escravidão? Entretanto assim nos veio transmittido da mais remota antiguidade. Suppozerão os antigos, que os vencedores tinhão o direito incontestavel de matar os vencidos; e deste direito fazião uso, como lhes parecia, sem que lhes fosse reclamado. Muitas vezes povoações inteiras, não digo já os que se achavão com as armas na mão, forão passadas ao fio da espada, em virtude desse horrivel direito; e a historia nos apresenta exemplos innumeraveis dessas matanças geraes e indistinctas, dês do incendio de Troya até a destruição de Cusco. Admittido pois este direito, era consequente reputar-se acto de humanidade conservar a vida aos vencidos, com a condição de servirem, aos que assim lh'a conservavão, ou vende-los para que prestassem aos compradores o mesmo serviço, que erão obrigados a prestar aos proprios vencedores, que com essa condição lhes poupavao a vida. A mesma denominação de—servos—denotava, que se lhes havia feito hum favor em os reduzir á escravidão, para lhes ser outorgada a conservação de vida.

Mas como provão esses antigos legisladores o figurado direito de matar os vencidos, para d'ahi deduzirem que, conservando-os na escravidão, lhes fazião

favor—*Servi quasi servati* : — d'onde derivão esse seo inconcebivel direito de carnagem? Só a força bruta poderia effeituar essa inutil crueldade: e a força nem he direito, nem justifica o acto. Sempre o mais forte abusou, e (póde ser) abusará sempre da sua superioridade contra o fraco; mas esse mesmo abuso prova o nenhum direito. E tanto assim he que, se vem por sua vez a ficar mais fraco, o que tiver abusado de sua força, desde logo chama injusto esse mesmo abuso da força, que se lhe faz sentir.

O homem dotado por Deos de razão para o guiar, deveria fazer valer esta, que he o seo proprio distinctivo, e não a força, que he o instrumento do instincto, ou da necessidade nos outros animaes; e mórmente não tendo o homem recebido da natureza quer armas para matar o seo semelhante, quer instincto para lhe beber o sangue.

O celebre Puffendorf, referido por Voltaire, pretende justificar a escravidão por outro principio, affirmando que aquella fôra estabelecida e estipulada por hum contracto entre as partes convencionadas de —*facio ut des*:—mas Puffendorf não era tabellião do genero humano, para passar certidões de tal contracto: e eu direi com o mesmo Voltaire, que jámais acreditarei essa asserção de Puffendorf, salvo quando elle mostrar o original de semelhante convenção.

Os livros do antigo Testamento, que ao mesmo tempo erão o codigo civil e criminal dos Judeos, permittião a estes a escravidão de outros Judeos, apenas por 6 annos, todavia lhes outorgavão a escravidão perpetua dos estrangeiros. Mas nem por isso se poderá dizer, que a religião justifica a escravidão; por que aquella permissão dos livros santos era, antes huma

lei civil, que não hum preceito religioso, ou huma maxima de moral. Os mesmos livros do antigo testamento, vedando aos Judeos levar usuras dos seos irmãos, não lhes prohibião leva-las, ainda as mais mordentes, dos estrangeiros (e desta permissão nunca elles se esquecerão). Já se vê pois, que a intolerancia religiosa, e o exclusivismo daquelle povo, não a razão ou a justiça, estabelecião sim a escravidão perpetua, mas não a justificavão. O que esse facto prova indubitavelmente he, que aquelle povo fanatico e supersticioso considerava a escravidão perpetua dos estrangeiros, como pena justa e merecida de sua idolatria; do mesmo modo, e pela mesma razão que em pena da idolatria, despedaçava Samuel a pequenos pedaços o gordo e infeliz Agag, como hum holocausto agradavel a hum Deos de infinita bondade!

Não ha duvida que o estabelecimento das sociedades civis, trazendo com sigo a certeza da propriedade, e a segurança desta, tambem trouxe a par deste bem inapreciavel a desigualdade das condições. Bem depressa se virão muitos dos homens reunidos em sociedade, obrigados pela necessidade, a trabalhar para utilidade de outros, que lhes dessem, o de que precisavão para viver; e alguns tiverão logo de sobejo com que pagar numerosos e multiplicados serviços para suas proprias commodidades. Mas esta origem reconhecida e não contestada da necessidade, que tem, e sempre terá huma parte da sociedade de trabalhar para a utilidade, e commodidades da outra parte, nao justifica por modo algum a escravidão perpetua e necessaria, como aqui a tomamos.

Póde sim acontecer que se verifiquem condições e circunstancias, em que a escravidão forçada se torne

desculpavel : e taes forão as circunstancias , (no nosso humilde entender) em que se acharão os Hespanhoes, logo depois da conquista do continente americano , a fim de poderem cultivar as immensas terras dos imperios destruidos de Montezuma , e de Ataliba , o explorar as ricas minas ahi descobertas; pois que tendo elles destruido os naturaes (bem , ou mal , o que agora não he do nosso assumpto discutir) e obrigado os pequenos restos desses povos infelizes , para fugir de suas violencias e crueza , a esconder-se nas medonhas cavernas e matas inaccessiveis dos Andes , ou de outras montanhas , lhes era forçoso prover-se de trabalhadores , por todos os modos. E tal foi tambem o caso dos Portuguezes , menos crueis por certo com os naturaes , conquistadores todavia do nosso Brasil , tendo de cultivar hum territorio quasi sem limites , e não tendo os braços livres para o conseguirem por salarios , quer no pequeno , e escassamente povoado reino de Portugal , quer nos mesmos indigenas , que por seo estado nómado , barbaro , e selvatico , se não prestavão a esse trabalho. Mas esta necessidade , filha só das circunstancias , apenas poderá justificar a tolerança da escravidão , em quanto taes circunstancias persistirem ; nunca a mesma escravidão.

(*Continùa*).

gina 365

AO SS. SACRAMENTO.

O' Pão celeste ,
Manjar divino ,
Effeito , e prova
Do amor mais fino.

Sejais bemdicto ,
Mysterio Santo ,
Dos homens gloria,
Dos Ceos espanto.

Jesus saudoso
Por se ausentar,
Acha este meio
De ir , e ficar.

Morreo , surgio ,
Ao Ceo vôou,
E ao Pai buscando
Não nos deixou.

Por mais excesso
A hum Deos possivel,
Em mil altares
Bem que invisivel,

No que era pão
Se occulta agora,
Qual nos Ceos vive,
Alli demora.

Em qualquer parte ,
No mundo todo,
Jesus se prende
Do mesmo modo.

Nem bastou dar-nos
Seo sangue , e vida ,
Quiz ser, e o vemos
Feito comida.

Do amor dos homens
Tem tal jactancia ,
Que formar preza
Nossa substancia;

A fim que aos peitos
Com fortes laços
Unisse o peito ,
E aos braços , braços.

Conforto ao fraco
Em si trazendo ,
Ao pobre afflicto,
Nutrir querendo,

Quando busca-lo
Ja não podemos ,
Em nosso leito
Amante o vemos.

Jesus bemdicto,
Sois nosso amparo,
Da nossa vida
O bem mais caro.

Nós vos louvamos ,
Deos estremoso ,
Em soccorrer-nos
Tão engenhoso.

Ceos , mar , e terra
Quanto em si tem,
Vos dem louvores
Sem fim, Amem.

AO CORAÇÃO DE JESUS.

Hymno.

De Jesus terno,
Coração puro,
Centro seguro
De todo bem:

Eu te saudo,
Respeito, adoro,
Soccorro imploro
Valer-me vem.

Excelsa fonte
Das nossas ditas,
Que nos excitas,
Ao Ceo buscar,

Tu dirigiste
Com santo affecto,
Todo o projecto
De nos salvar.

Mil outras provas
De amor nos dando,
Muito prezando
Por nós morrer.

Em ti traçou-se
(Alto alimento)
Deos em sustento
Se converter!

Quem narrar pode
Essas tão finas
Graças divinas,
Que fazes vir?

Parece, intentas,
Como estremoso
Por generoso
Nos confundir.

Entre os humanos
Ah! não se aponta
De tanta monta,
Prova de amor.

Só Deos immenso,
Carne tomando,
Teria amando
Tanto primor.

Quando contemplo,
Quando se apura
Vossa ternura,
Pasma a razão.

O' quem me déra
Se quer soubesse
Quanto merece
Tal Coração.

VARIEDADES.

A Companhia de Jesus foi restabelecida no mundo catholico, no mesmo tempo que vio-se banida do imperio que tinha sido o seo segundo berço pelos cuidados de Catharina e de Paulo 1.º O dia das res-

taurações havia chegado; os reis da casa de Bourbon a exemplo do soberano pontifice Pio 7.º, tentárão reparar a grande iniquidade contra a qual Catharina da Russia, e Frederico 2.º da Prussia protestárão tão energicamente. Os Jesuitas erão rehabilitados pela Santa Sé e pelos reis que tinhão proscripto o Instituto, no tempo que a Russia, sua patroa de adopção, os expulsava do seo scio, como pezarosa da hospitalidade que havia dado a estes banidos, e parecia denunciar á Europa os religiosos preservados da morte. Esta mudança de ideas podia ser fatal a Companhia: a expunha a suspeitas que inevitavelmente hião despertar os antigos odios, embaraçar os seos primeiros passos, em hum solo ainda mal firme. O Czar seria para os discipulos de Santo Ignacio, seos subditos, ou seos hospedes, hum inimigo perigoso; mas Alexandre que tinha hum fundo de justiça no seo coração, não consentio que se desnaturalisassem os motivos da expulsão dos Jesuitas; não a fez mysteriosa, nem propagou contra elles calumnias que seos inmigos terião acolhido com avidez. Esta expulsão não foi deshonrosa nem a consciencia, nem aos olhos dos homens, ella foi o producto de huma rivalidade. O imperador, e o governo russo representárão-na nesses termos; e a Europa acceitou-a assim. Vejão-se os factos e seos caracteres.

Quando os Jesuitas, ainda pouco numerosos, estavão occupados em reconstruir sua sociedade, com os restos do naufragio, o clero russo e as universidades não manifestárão alguma desconfiança contra estes proscriptos. Sem suspeitar a sua aptidão para educar a mocidade deixárão-nos levar o Evangelho, e a civilisação por todas as partes do imperio. Mas logo

que à amizade de Paulo 1.º pelo padre Gruber e os rapidos successos de huma milicia apenas reorganisada, e sempre tão prudente como sàbia, collocàrao-os em hum vasto theatro, os Popes e os Universitarios de Vilna sentirão, que hum golpe funesto hia ser dado á sua preponderancia. A comparação de todas as intelligencias davao hum producto contra elles: confessárão sua inferioridade nas letras humanas, como nas sciencias divinas. Muito humilhados e retidos em servidão não podião levantar-se deste abatimento normal; não querião entretanto perder o resto do poder que lhes asseguravão huma existencia precaria. O espectaculo das virtudes que os Jesuitas lhes davão, a consideraçao de que gozavão, o cumprimento de seos deveres, tudo isto fez huma profunda impressão sobre o clero schismatico. A admiração degenerou logo na vil paixão das almas fracas, a inveja. Não era possivel imitar os discipulos de S. Ignacio no ensino e no apostolado. Os padres grégos de acordo com os universitarios declararao-lhes huma guerra surda: espiavão suas palavras, desnaturalisavão seos pensamentos, procuravão fazer suspeitos seos actos mais indifferentes; faziao jogar o orgulho nacional, affectavão-se chimericos temores sobre a perpetuidade da religião do paiz, que pretendião ser ameaçada pelo proselytismo. Estes fermentos estavão depositados nos corações, esperava-se a hora favoravel para o seo desenvolvimento.

As casas dos Jesuitas estávão subordinadas as universidades do seo territorio, o padre Bzrozowski estudava o trabalho da Ordem de que era chefe; não temia hum conflicto com as ambições universitarias. Huma posição independente para o seo Instituto era re-

clamada; era preciso desembaraçar seos collegios desses estorvos que o espirito de monopolio não cessa de levantar, e que compromettem o futuro. Já discussões se tinhão suscitado entre a academia de Vilna e os padres de Polotosk. A universidade desejava por huma inspecção insidiosa e prescripções minuciosas, alterar na sua essencia a educação dada pelos Jesuitas. Ella os embaraçava na sua marcha e seos progressos, queria que os jovens que sahião do collegio da Companhia fossem receber o complemento da instrucção no seo seio.

A universidade de Vilna reforçada de hum grande numero de doutores estrangeiros e de agentes cosmopolitas, ostentava principios anti-catholicos. Ella tinha o direito incontestado de professar a religião do estado, e de exigir mesmo que esta religião fosse respeitada; mas este direito não se estendia até matar a consciencia dos outros subditos russos como arbitrario. Os Jesuitas invocavão a liberdade. Subjeitos a inspecção dos visitadores universitarios, os padres não se oppunhão aos rigorosos exames por que passavão seos educandos. Este estado de inferioridade legal não prejudicava em nada á Companhia; mas entretinha nos espiritos huma irritação que podia impedir os estudos serios. Esta questao de preeminencia tinha tomado vulto, e pouco a pouco se tornou huma questão de estado. O padre Bzrozowsky que procurava pôr hum termo a esta instabilidade, em 1810 escrevia ao ministro da instrucção publica: « Dous corpos em revalidade inutilisão suas forças mutuamente. He sem duvida muito importante que a mocidade do estado seja educada em principios de patriotismo, em sentimentos de submissão, de respeito, e de devotamento pela pessoa

do Soberano; mas que certeza ha que estes sentimentos sejão cuidadosamente inculcados nas universidades, cujos professores em grande parte não pertencem ao imperio se não pelas nomeaçoes que obtem, que tem interesses differentes e independentes dos interesses do estado, e que por isto mesmo parecem mais proprios a extinguir do que a inflamar o patriotismo no coração da mocidade?»

O methodo de ensino dos Jesuitas e seos resultados erao attacados por todos estes homens, chamados do Oriente e do Occidente para fecundar a Russia. Os filhos de Loyola defendião o seo *ratio studiorum*. A universidade ciosa de seos privilegios e confiando no seo monopolio para immobilisar o progresso literario ou scientifico, procurava subjeitar os padres á suas leis e á seos regulamentos. Os Jesuitas pelo contrario, pretendião que do livre concurso dos diversos methodos devia surgir huma geração mais forte. A fim de estimular a emulação sem fazer esmagar hum pelo outro, propunhao ao imperador de erigir seo collegio de Polotsk em universidade, debaixo da vigilancia immediata de governo. « A nossa ordem, escrevia o Geral ao ministro da instrucçao publica, fornece todos os professores de que temos necessidade, e cada hum desses professores desvela-se sem algum salario, sem alguma vista de recompensa temporaria, e unicamente para satisfazer ao dever de sua vocação. »

O que os Jesuitas sollicitavão era de toda a equidade. Alexandre comprehendia assim; mas em roda delle e nas regioes inferiores do poder, existiao prejuizos, ambiçoes, revalidades de seita e de culto, que se oppunhao a esta emancipação. Parecia impossivel aos filhos de Loyola de obter o que demandavão, quando se lançou na lide o conde Joséph de Maistre, embaixador de Sardenha na corte do Czar, com huma eloquencia incisiva, e huma razão sempre victoriosa. Com effeito em 1812 o collegio de Polotsk foi eregido em universidade com todos os privilegios das outras academias, e recebeo grande numero de jovens das principaes familias do imperio. Os Jesuitas, catholicos até as entranhas, formavao na honestidade e nas lettras moços pertencentes a toda a especie de culto, e por mais de quarenta annos conservarão a mesma circunspecção, sem que se podesse accusa-los de trahir a confiança que os pais nelles tinhão depositado, em proveito da fé romana. Entretanto o numero dos catholicos se augmentava cada anno. Mas o demonio da mentira vai formar huma conspiração contra elles, na qual entrão todos os interesses de seita, todas as vaidades universitarias, todos os prejuizos de nação: todos os seos actos mais indifferentes são desnaturalisados, altera-se o sentido de suas palavras, são espiados na cadeira, até ao pé dos confissionarios e do altar. Interrogao-se os educandos nos collegios do Instituto; mas estes jovens respondem, que os Jesuitas jamais os tenhão entretido com a differença de religioes, que os deixárão praticar a sua com toda a liberdade.

Esta era a situação em que se achavão os Jesuitas, sem que elles a tivessem provocado. Alexandre tinha concebido crenças individuaes, e não firmando-as em algum principio certo, aspirava impô-las como convicções, faltando-lhe porem o vigor de chegar a este fim. Lisongeiros lhe metterão na cabeça que elle podia ser o chefe visivel da christiandade rege-

nerada por elle. Alexandre sabia que os Jesuitas não se prestarião a semelhante utopia. Este foi o meio que os inimigos dos Jesuitas da Russia achárão para indispor o Czar, e alcançar o *ukase* que proscreveo-os do imperio, aonde tinhão gozado de huma generosa hospitalidade, ainda que por hum sentimento de justiça, de que hum principe schismatico deo exemplo á mais de hum soberano catholico, Alexandre não quiz fundamentar o decreto de bannimento se nao em motivos religiosos. Repugnava a sua consciencia servir-se das paixões e da calumnia; não procurou denegrir com falsas accusações os padres que, ha pouco, honrava com a sua benevolencia.

(*Extr. da Hist. da Comp.ª de J-sus por Creitineau-Joly, de* 1846.)

ACADEMIA DOS SILENCIOSOS.

Havia em Amadan, na Russia, huma academia denominada *dos silenciosos*, cujo primeiro estatuto era concebido nestes termos:

« Os academicos *pensarão muito*;—*escreverão pouco*;—*e fallarão o menos possivel.*»

No reino da Persia não havia hum verdadeiro sabio que não tivesse ambição de ser admittido como membro desta academia singular.

O doutor Zeb, auctor celebre por hum excellente livrinho intitulado *le Ballon*, vivia no canto de huma provincia; mas constando-lhe que naquella academia havia hum lugar vago, pôz-se logo a caminho, e chegando a Amadan apresentou-se á porta da sala das conferencias dos academicos, e pedio ao

porteiro que entregasse ao presidente da academia hum *bilhete*, concebido nestes termos: *O doutor Zeb pede humildemente o lugar que está vago.* O porteiro cumprio logo o seo mandado, mas o doutor e o seo bilhete haviao chegado demasiado tarde, por que o lugar já estava provido.

A academia sentio desgosto com este contratempo. Ella algum tanto a seo pezar havia admittido hum homem que por sua eloquencia viva e ligeira fazia as delicias da corte e das praças; e agora a academia achava-se na impossibilidade de admittir o doutor Zeb, que aliás era não só hum engenho distincta e solido, mas o flagello dos falladores.

O presidente da academia havendo de communicar ao doutor Zeb esta desagradavel noticia, achava-se em alguma difficuldade para desempenhar a sua commissão. Mas depois de pensar hum pouco, mandou encher hum grande copo d'agua, e de maneira que não podesse levar mais huma só gota sem trasbordar. Fez então signal para que entrasse o doutor Zeb. Este apresentou-se com o ar simples e modesto que sempre acompanha o verdadeiro merecimento.

O presidente sem proferir huma palavra, mas com ar triste, levantou-se e mostrou ao doutor aquelle cópo emblematico que se achava tão cheio.

O doutor comprehendeo logo que nao havia lugar vago; mas sem perder coragem deo a entender, que poderia ser admittido como *academico supranumerario*. Vendo então a seos pés huma folha de rosa, levantou-a e lançou-a na superfice da agua com tal delicadeza, que não trasbordou huma só gôta. Toda a assemblea deo palmas a esta engenhosa resposta; e

dispensadas as formalidades ordinarias o candidato foi admittido como supra-numerario.

Apresentárão-lhe então, como era de costume, o livro de registo da academia, onde os membros novamente admittidos devião escrever os seos nomes. Elle escreveo o seo; e devendo, segundo o estilo, recitar hum breve discurso ou phrase d'agradecimento, o doutor Zeb, como academico verdadeiramente *silencioso*, agradeceo sem dizer huma só palavra.—Escreveo pois à margem o numero 100, que era o dos seos novos collegas, e pondo huma cifra ou zero antes daquelle numero por este modo 0100, accrescentou « *Elles não valerão nem menos, nem mais.* » Então o presidente respondeo ao modesto doutor com tanta polidez como presença de espirito, pondo o algarismo 1 antes do numero 100 pela maneira seguinte 1100; e accressentou: « Elles valerão dez vezes mais.—(Abbade Blanchet)

O Instituto de França propôz ha muitos annos o programma seguinte:—Por que razão o progresso das sciencias e da cultura do espirito não era correspondido de iguaes vantagens na moral e nos costumes?—Passárão muitos tempos sem que huma só memoria se apresentasse sobre a materia, até que n'huma das sessões ultimas a que assistio o litterato Mr. Marét, duque de Bassano e ministro do imperio, ahi pelos annos de 1836 ou 1837, leo elle hum escripto offerecido ao mesmo Instituto ácerca do programma, e (honra seja ao bello sexo) foi huma dama franceza que quasi decifrou o enygma, e mereceo as honras do *accessit*. Nós queremos persuadir-nos que o phenomeno não era tão difficil de resolver, como indicava aquella demora. E deixando de parte o con-

curso de causas complexas que podem contribuir pára aquelle resultado, huma só distincção, se nos figura, póde resolver a difficuldade: as sciencias tem o seo assento no espirito, as virtudes nascem do coração.—Se a educação se dirigisse com igual esmero a cultivar hum e outro, se á proporção que as virtudes se fossem gravando no coração da mocidade pela moral religiosa, pela lição dos bons livros, e mais que tudo pelos exemplos salutares, se cultivasse ao mesmo tempo o entendimento, o espirito com todas as suas faculdades, serião os homens perfeitos quanto o soffre sua natureza finita, e o programma desconsolador desapparecia. Porem ordinaria e tristemente o negocio corre ao avêsso; he nenhuma, ou muito fraca a educação religiosa, muitos os exemplos d'ambição, de vaidade, e de corrupção; e as sciencias são cultivadas sómente como meio de satisfazer aquellas paixões: o resultado deve ser ou o ennunciado no programma, ou peor do que isso, o definhamento da moral e dos costumes ao lado de hum progresso (apparente muitas vezes) nas sciencias e nas artes.

Nós não somos inimigos destas: sabemos prezar as glorias litterarias, amar os brilhantes monumentos das artes, gosar da civilisação, doçura, e amenidade da vida social de nossos tempos: vendo porem que de dia em dia se vai definhando a virtude, perdendo o caracter vigoroso e masculino de nossos antepassados, tratados com indifferença, e quasi com despreso a sensatez sisuda, a probidade severa; quando notamos que muitas vezes a honra antiga está toda nos beiços, o desapossada do coração, lembra-nos a sorte do Baixo imperio que disputava nos cir-

cos, nas academias, e nos theatros o premio da excellencia nas sciencias e nas artes, e se deixava ir despojando e retalhando pelos barbaros. Com effeito jamais a sciencia e o brilhantismo das artes salvou as nações, quando atacadas pelo verdadeiro valor acompanhado da força; ahi está a historia antiga e moderna para o attestar. Perguntava-se a hum dos sabios da Grecia, como he que os homens poderião triumphar de seos inimigos: quando, respondeo, preferirem a morte á infamia.

Abbas, o Grande, andando á caça nos arredores Netheny, cidade pequena situada n'hum valle estreito entre duas montanhas, encontrou huma manhã, ao romper d'alva, hum homem descomedidamente feio e disforme, a cuja vista inopinada o cavallo se espantou, e sacudio o monarcha da Persia, que quebrou a cabeça. Foi logo agarrado o pobre camponio; e estando a ponto de ser alli mesmo justiçado, rogou o infeliz lhe explicassem seo crime. «Teo crime, disse o rei, he a tua sinistra, e feissima cara, o primeiro objecto, e de máo agouro, que eu vi logo pela manha, e que occasionou o meo desastre.»— Ai de mim, senhor! exclamou o camponez. Desse modo, que nome darei eu á cara de vossa magestade, que foi o primeiro objecto, que meos olhos hoje virão, e vai ser a causa da minha morte!»— Abrandárão o principe o feliz repente, e a presença d'espirito do homem; e mandou que o soltassem, e, emcima de lhe poupar a vida, o brindou com algum dinheiro.—Sketches of Persia.—

MARIANNA: 1847. NA TYP. EPISC. Rua d'Olaria n.° 54

SELECTA CATHOLICA,

Jornal Religioso.

TOMO 2.° 15 DE JUNHO DE 1847. N.° 24.

DIA DO CORPO DE DEOS.

O Rei supremo
Do ceo e terra
Vencendo o inferno
Em dura guerra;

Tendo o inimigo
Maniatado;
E da peleja
Tranquilizado:

Celebrar manda
Nesta victoria
Do seo triumpho
Alta memoria,

Querendo conste
Tanto festejo,
E o logrem todos
A seo desejo.

De finas sedas
Ornão as praças,
Brilha a riqueza
Reinao as graças.

Ricos ginetes,
Altos pendoes,
A gente armada,
Os cortezoes:

Tudo apparece
Ao ponto dado,
E o lugar busca
Determinado.

Já marcha em ordem
Grave o cortejo,
Quanto he pomposo
Tudo o que vejo!

Bordando as ruas,
Velhos, meninos,
Espalhão flores,
Elevão hymnos.

Nuvens de aromas,
Prazer do olfato,
Subindo espalhao
Cheiro mui grato.

No diamantino
Throno fulgente,
Lá vem sentado
O Omnipotente.

Da vossa gloria,
Por piedade
Contemplai nossa
Necessidade.

Do seo triumpho
Ao carro atado
Arrasta a morte,
E o vil peccado.

Lançando as vistas
Sobre mim pobre,
Curai a lepra
Que o peito encobre.

Que acatamento!
Que magestade!
O lugar cercão
Da Divindade.

Os dons mandai-me
Da vossa graça,
Quanto he ditoso
Quem os abraça!

Prostrado o povo,
Ferindo o peito,
O perdão pede
Do seo defeito.

Dai-me virtudes,
O Deos piedoso!
Se me attendeis
Sou venturoso.

Grande festejo!
Como he brilhante!
Ah! meo divino
Senhor e amante.

GEOLOGIA DO GENESIS, OU OS PRIMEIROS PRINCIPIOS DELLA CONSIGNADOS NO TEXTO SAGRADO.

Os homens são mais ferteis e felizes em creações, do que na explicação das cousas creadas. Ha muitos mil annos que habitão este globo terreno que vemos, que gozamos, que pizâmos sem que podessem até agora explicar satisfactoriamente a sua formação, seguir as diverses phazes por que devia necessariamente passar até apresentar sua actual configuração, assignar as causas da posição e desigualdade dos mâres, dos rios, das montanhas, bem como da sua direcção e da diversidade das materias componentes dellas. Mas no meio da sua ignorancia não se esquecerão de crear hum nome pomposo classico, para denominarem huma cousa que lhes era pela maior parte ignota; e chamârão às conjecturas ácerca do globo da terra sciencia, e á sciencia geologia. Este vocabulo foi desconhecido nos diccionarios até huma epoca muito remota; as primeiras edições do da academia franceza lhe não derão nome, nem assignarão lugar; e nós achamos-lhe razão. Como não ha sciencia sem principios inconcussos, evidentes ou experimentados, mais prudente e rasoavel seria com effeito negar esta qualificação a hypotheses mais ou menos plausiveis, que outra causa não ha em geologia até os nossos dias; melhor era, dizemos, deixar ficar (como fôra atéqui) esta porção do systema planetario em geral, incluida com toda a sua incerteza e obscuridade no campo vastissimo da sciencia natural.

Com effeito desmesurada presumpção parece o pertenderem os homens, na pequenez de sua intelligencia, remontar até a origem da creação, prescrutar os principios constitutivos das obras de Deos, attingir ao processo das leis do universo, e acompanhar as materias creadas nas differentes metamorphoses que aprouve dar-lhes a sabedoria infinita. Aqui se poderia applicar aquella exclamação do engenhoso La Fontaine.

Tudo isto he muito incerto. Ora a sob'rana,
Vontade de quem faz, e regra tudo,
Quem se não elle a sabe?
Quem lhe alcança o designio?
Poz rotulos nas testas das estrellas
Deos, do que em veos encerra o escuro tempo?

E a que fim? Dar tarefa á ideia a quantos
Da esphera e mais do globo compõem laudas?.
Traducção de Franc. Man. do Nasc.

Desde a mais alta antiguidade que o engenho humano se afadiga, se atormenta por descobrir o principio da constituição do globo. Thâles de Mileto o primeiro dos sete sabios da Grecia, que floresceo no 7.° seculo anterior á era christã, o fundador da seita Jónica, ensinou que *a agua era o principio de tudo*; e não duvidava que esta, apezar de sua natureza homogenea, não fosse disposta a tomar todas as sortes de formas, tornar-se arvore, pedra, metal, osso, sangue, vinho, &c. E com quanto nos pareça estranha a theoria do philosopho grego, não vai ella muito longe do systema *neptunino* de Buffon, e dos demais sequazes desta escola, que reduzirão o mundo primitivo a *vapores*, assim como os do systema *vulcanico* que o compozerão d'hum *fluido igneo*.

Nós não queremos com isto inculcar inutilidade de trabalho e investigação nas obras da natureza, nem incutir desalento nas concepções da intelligencia; mas o dar demasiado pezo a meras utopias, admittir como principios e regras de sciencia o que deve sómente circunscrever-se dentro dos limites de theorias hypothèticas, he tão pouco philosophico, quanto presumida vaidade. Parecia-nos que o sentimento primeiro que devia nascer no homem peccador, ao contemplar as maravilhas da natureza, seria hum recolhimento religioso, huma admiração humilhosa e agradecida á omnipotencia e caridosa bizarria do Creador de tudo, que collocou o homem, pequenino ser, no meio da vastidão e magestade das cousas creadas com assás de intelligencia para conhecer sua assombrosa grandeza e

utilidade. Parecia-nos tambem que nossos geologos modernos professando o christianismo (e pois que carecendo de dados, certos se perdem no vago de conjecturas), não deverião passar por alto as sublimes tradições do texto sagrado, e aquellas que naturalmente delle provierão aos philosophos pagãos, consignadas em raros escriptos. Suppriremos aqui esta lacuna; e servirão nossas hypotheses de preambulo á exposição que tentamos fazer da theoria brilhante d'hum litterato nosso contemporaneo, ácerca da geologia; arriscaremos dar huma succinta analyse das mesmas tradições, que sem duvida encerrarão os primeiros elementos escriptos da sciencia. Não he a primeira vez que a philosophia profana pede emprestado á sagrada.

Que he o que nos diz o primeiro dos historiadores, Moyses, no começo do Genesis?— Terra autem erat inanis et vacua, et tenebræ erant super faciem abyssi; et spiritus domini ferebatur super aquas:—mas a terra era vãa e vazia; quer dizer, que a feitura do mundo era sem proveito, e sem fructo, e desapostada, e as trevas erão sobre a face do abysmo, que he a terra, e a feitura do mundo, que era profunda e escura e confundida.—

Comparemos agora com esta pintura a que nos faz Ovidio, o poeta mais philosopho da antiguidade em sós dous versos de admiravel sublimidade—*Unus erat toto naturæ vultus in orbe, quam dixere chaos; rudis indigestaque moles.*—No começo dos tempos huma só face tinha a natureza quando no estado de cãhos; massa rude, e sem configuração alguma.

Vê-se que o poeta havia bebido na tradição sagrada, que outra fonte se lhe não pode assignar; as trevas collocadas sobre a superficie do *abysmo* ou an-

tes o proprio *abysmo* tenebroso do texto sagrado está copiado no *cahos* do poeta latino, nessa massa rude e informe em que estavão reduzidos e confundidos os elementos da terra. Moyses foi mais explicito, por que se não contentou com dar huma idea desse cahos primitivo *tenebræ et abyssus;* mas quiz priva-lo, como realmente o estava, de toda a serventia e occupação, *inanis et vacua.* Assim que o *abysmo* de hum corresponde ao *cahos* do outro, *o inanis et vacua* naquelle deo lugar as qualificações *rudis et indigesta moles* do outro: por que, com effeito hum abysmo tenebroso apresentando, para asssim nos explicar-mos, huma superficie vãa e sem possibilidade de posição e fixação, *vacua*, não podia deixar de compôr hum *cahos*, huma massa *rude e informe.* Os geólogos ainda não poderão dizer afoutamente mais do que isto sobre a massa do mundo primitivo; e outros querendo dizer muito, não disserão tanto.

Aqui temos o embrião do universo, apenas sahido das maõs do Creador. Vejamos o processo de sua formação, sigamos o sagrado Texto nesta grande transformação, vamos por elle como assistir ao desembrulhamento do *cáhos.* Mas aqui, antes de passar-se á separação dos elementos, confundidos naquelle immenso cáhos, traz o historiador sagrado aquella profunda e mysteriosa phrase—*et spiritus domini ferebatur super aquas.*—Hum antiquissimo explicador e para phraseador da Biblia, monge de Alcobaça a entendeo deste modo:—« E o espirito do Senhor andava sobre a materia do mundo, assim como a vontade do mestre, que tem ante si a materia de que quer fazer a casa.» Esta versão parece-nos felicissima; porem que vem aqui fazer a palavra *aquas?*

Se o Texto dissesse que o espirito de Deos andava como pairando sobre a superficie, ou sobre a atmosphera do *cahos abysso*, não haveria ahi novidade estranha; mas sobre as aguas? Que aguas serão estas, quando ainda as não havia; ou se as havia, estavão confundidas com todos os outros elementos?

Ainda aqui se nos figura devermos agradecer á tradição sagrada o apontar-nos (talvez atravez d'huma locução figurativa) *super aguas* o principio d'hum grande descobrimento.—Quando n'outro futuro artigo apresentar-mos a theoria mais plausivel da geologia, sobre a constituição primitiva do globo, se achará que este se suppõe reduzido a estado de *fusão ignea*, produzida pela atmosphera abrazadora do sol; e pois que naquelle estado se assemelha a hum lago, ou vasto contento fluido, parece-nos que ainda em sentido natural e positivo se podia, sem notavel improprieda-de, empregar o vocabulo *aguas.* E posto que (para seguirmos a engenhosa intelligencia do traductor) ao architecto, ao mestre omnipotente e creador era tão factivel levar ávante sua obra, havendo á mão os elementos, os materiaes, ou fundidos e decompostos em massa fluida, com tudo ao modo commum e ordinario d'entender se figura, que mais doceis e mais facilmente meneaveis se tornavão os materiaes da obra, sendo reduzidos a esta segunda especie, de que conservados na primeira; da mesma forma que o metal e a cera se derretem para tomarem forma.

Continuemos a anályse—*fiat firmamentum in medio aquarum, et dividat aquas ab aqui*—e mais abaixo;—*divisit aquas, quæ erant sub firmamentum ab aquis quæ erant super firmamentum.*—Neste lugar nos não serviremos da traducção do monge de Alcobaça, por que

aberrou da boa physica, levado dos fracos conhecimentos do seo tempo:—*E o Senhor ordenou que se fizesse o firmamento no meio das aguas, separando humas das outras.* No que, atravez do mesmo disfarce de huma expressão impropria ou figurada, como no versiculo acima, se póde ainda verificar outro principio ou operação geologica, abraçada por de la Place, e he: que reduzida a massa do globo aquella fluidez ignea que dissemos, por effeito dos raios do sol, quando pelo resfriamento successivo das suas moleculas se entrarão de solidificar estas e de formar o nucleo da terra, ficou ainda naturalmente na superficie huma grossa e espessa camada de fluido adherente áquelle nucleo, e acima deste outra camada de vapores exhalados da camada em fusão, vapores que formavão a atmosphera da terra. Ora, estes por sua figura podião em certo modo chamar-se tambem agua, *dividat aquas.* O que se segue completa o quadro desta transformação: e adiante veremos que esta intelligencia, dada ao texto do Genesis, e explica huma das hypotheses mais plausiveis da geologia.—*Vocavitque firmamentum Cœlum. Congregentur aquæ quæ sub cœlo sunt in lucum unum, et appareat arida. Et vocabit Deus aridam terram; congregationesque aquarum appelavit maria.*—Seguidamente fez Deos o firmamento; e ao firmamento chamou céo, isto he, misturadas no immenso turbilhão do globo, fez que apparecessem as partes *aridas.* E a estas partes *aridas* chamou *terra*, assim como aquella massa reunida das aguas chamou *mar.*—Até aqui o que diz respeito á formação primitiva do globo em grande; o mais que aponta o texto sagrado são as de mais operações

secundarias, a creação das hervas e das plantas, animaes, e por derradeiro a do homem.

Reunamos agora estes membros dispersos, e vejamos a theoria do Genesis, entendida como fica apontado, d'acordo com a mais plausivel de todas as theorias geologicas.—No começo dos tempos, no principio sem principio creou Deos o ceo e a terra, mas a terra era então hum embrião confuso, massa indigeste e sem figura, que todavia continha em si todos os elementos do globo que habitâmos n'huma mistura e confusão espantosa; era hum abysmo, hum cáhos. Como he que se operou a separação, o desenvolvimento, a ordem deste vasto embrião? Operou-se, fez-se por meios das leis que ao auctor delle aprouve dar-lhe: estas leis erão simples, e magestosas, dignas do legislador supremo; forão a *attracção e o movimento.* Mais para fazer operar essas leis era preciso suppor primeiro o estado da materia: e he aqui onde se dividirão as opiniões dos philosophos; huns supposerão-a reduzida a *fluido aquoso*, outros a *fluido igneo*; os que seguirão aquella *cristalisarão o* mundo; estes *fundirão-o.* D'aqui os dous systemas neptunino, e vulcanico; a testa do 1.° Buffon, á frente do 2.° o inglez Hutton. Entretanto *agua, e a fusão* tudo era fluido, e d'ahi a mysteriosa expressão *aquas*, tantas vezes repetida no Texto sagrado, ainda antes de haver aguas propriamente taes.

Porem esta massa fluida foi sugeita á lei assignada por Deos ao systema planetario, e por tanto esta tambem devia começar o seo giro, movimento de translação e rotação em volta do sol, e ser por este directamente influida. Aquelle *spiritus domini ferebatur*, não nos está elle como indicando na sua mes-

ma energia onomatopaica o movimento da massa terrestre? Não está elle pintando o turbilhão, a rotação do globo no seo estado primitivo? Parece-nos ver a agitação, o arrebatamento do mundo em remolinho, e com elle o projecto e o designio do Eterno, como fazendo huma pausa antes de desenvolver a sua obra; *ferebatur spiritus.* Eis a primeira operação geologica, o movimento e rotação do globo, produzido pela lei da attracção, lei geral da natureza.

A massa do globo, assim agitada e revolvida no seo duplicado movimento de translação e rotação, começado no estado de fluidez ignea pela acção da atmosphera abrazada do sol, devia com o andar dos tempos soffrer grande transformação. As moléculas da terra, no seo afastamento alternado do sol resfriarão-se, e congregando-se por virtude de sua mesma attracção se separarão do fluido, e separadas solidificarão-se e solidificadas, precipitarão-se no centro, e ahi formarão o nucleo da terra. O seo volume naturalmente diminuio, por que os corpos em estado de vapor e fluidos são mais extensos e volumosos; mas na superficie ficou ainda huma camada de fluido.

A acção simultanea e constante do sol e da lua produzirão hum grande movimento nesta camada ainda fluida d'oriente a occidente; e pouco e pouco esta massa foi tambem depondo cada huma das suas partes componentes no lugar que lhe coube, segundo a propensão e natureza de cada huma dellas. D'aqui resultou que as partes mais solidas formarão as montanhas; e as aguas occuparão os lugares baixos e inferiores do continente da terra. Arranjadas assim as primeiras, as grandes transformaçoes, tudo o mais ou forão consequencias destas, ou aberraçoes procedidas d'outras causas, não constantes, mas accidentes, como são os volcoes, ou terremotos, e allivioes—J. da C. N. C.

ESPIRITO DA IGREJA.

Pelo Papa Clemente XIV.

(Continuado do n. antecedente.)

6.° Espirito de desinteresse. He triste que a cubiça de certos ministros tenha dado lugar de crer áquelles que não vão ao principio das cousas, que a Igreja seja realmente interessada, ella que não conhece outros thesouros que as boas obras e as riquezas da graça; ella que se tem sempre contentado de receber, á titulo de esmolas, o que a caridade lhe tem querido dar; e que nao tem cessado de advertir em todos os tempos os bispos e os mais ecclesiasticos, que elles não tem direito de tomar se não o simples necessario dos bens que elles possuem, e que o superfluo pertence aos pobres.

Vê-se pelos Actos dos apostolos, que fundos se lhes vinhão a offerecer, mas nunca que dessem passo algum para procura-los. Tal he o espirito da Igreja: ella recebe quando se lhe dá, e impoe-se huma obrigação de nada demandar. Se he necessario que o sacerdote viva do altar, como diz S. Paulo, he justo que os fieis lhe forneção de que subsistir.

Não obrárão por tanto em nome da Igreja certos sacerdotes e religiosos que abusárao da boa fé dos fieis para extorquir testamentos em seo favor, ou mostrárão huma rapacidade que revolta todo o homem que conhece a Religião. Abusava-se então deste nome

para empregar-se mais efficazmente a seducção.

O verdadeiro espirito da Igreja, veja-se na conducta que tinha Santo Agostinho que offereceo mais d'huma vez a seo povo de renunciar todos os bens que possuia sua Igreja, e de viverem elle e seos clerigos das oblações e contribuições, como era costume entre os Levitas da antiga lei.

Conhece-se pelos seos sermões, que elle recusou muitas vezes legados que se lhe tinhão feito muito legitimamente, ou por que não queria empobrecer as familias, ou por que sabia que os ministros do altar devem se contentar com o pouco. Se acontecia que hum pai descontente de seos filhos os desherdasse por morte, e desse os seos bens a Igreja, elle os regeitava com huma santa indignação, como hum fructo de amargura e de cólera; persuadido que não lhe era permittido aproveitar-se de huma injustiça feita ao proximo.

He desta mesma maneira que procedia Aurelio, bispo de Cartago. Hum homem havendo dado seos bens á Igreja contra a esperança dos filhos, logo aquelle illustre e digno Prelado lh'os restituio, pensando que a lei de Deos assim o obrigava.

Se era necessario emprehender processos para conseguir successões contestadas, S. Agostinho as abandonava logo, não querendo que a communidade que elle tinha estabelecido pleiteasse por bens caducos. « Nós não temos nem sobras, nem thesouros, dizia elle; por que se nos restasse algum superfluo, seria dos pobres.»

Não ha duvida que a Igreja fallava então por sua boca: e para honra da Religião que detesta a cobiça, seria para desejar-se que todos os ministros do

Senhor sempre obrassem e pensassem do mesmo modo.

Ah! como huma sociedade fundada por hum legislador que nasceo em huma mangedoura e que por todos os dias da sua vida mortal não teve onde reposar a cabeça, poderia ter apego á bens perecedeiros? Ella nao deseja para os seos se não a vida, e o vestuario; e isto he tanto verdade que ella só pede *todos os dias a Deos o simples necessario: Panem quotidianum*, (o pão de cada dia.) He abominavel ver hum homem consagrado ao Senhor enthesourar e morrer cercado de ouro. Hum bispo he homicida, diz S. Bernardo, todas as vezes que podendo alliviar a hum pobre que padece fome, não cumpre esta importante obrigação.

Não he contrario ao espirito da Igreja que ella possua bens, pois que os apostolos mesmo os recebião; mas ella usa delles como se não usasse, segundo o exemplo que lhe deo seo augusto chefe. A Igreja em todos os tempos ensinou que as suas possessões são as esmolas dos fieis na origem. e no uso, o patrimonio dos pobres.

(*Continúa.*)

tomo 3.º

A ESCRAVIDÃO.

(Continuado do numero antecedente.)

4.ª QUESTÃO.

Poderá ser abolida entre nós a escravidão? Por que modo?

No tempo de Saturno não havia escravo, nem senhor. A religião, e a philosophia, de mãos dadas, tem ja conseguido fazer reviver essa idade de ouro

na maior parte das nações civilisadas. Ambas aquellas filhas queridas da Divindade, madrinhas, e protectoras do genero humano, hão de vir ao cabo de fazer o mesmo entre nós, e no resto dos povos, que ainda por força de circunstancias peculiares tolerão a custo, e com grande repugnancia, esse mal, de sua natureza transitorio.

E na verdade o mesmo bom senso, prescindindo mesmo da mais forte razão da humanidade, persuade a toda a intelligencia que o trabalho livre, onde elle póde ser facilmente obtido, como na Europa, he mais vantajoso, que o trabalho forçado. O trabalhador livre he guiado pelo amor da propriedade, e a sua industria, e a sua diligencia, são activadas, e continuamente instigadas pelo desejo do lucro, e mais ainda pelo instincto de prover do necessario a si, e aos seos no futuro; entretanto que todos estes estimulos morrem nos escravos, a quem só o medo do castigo (com bem poucas excepções) induz ao trabalho, e nenhum incentivo á economia.

Mas a abolição total da escravidão, feita de chofre, e forçadamente entre nós, traria inevitavelmente comsigo a destruição de todas as fortunas, a ruina inteira da agricultura, e regresso mesmo na estrada da civilisação; sendo certo que esta progride com a riqueza, e retrocede com a pobreza nacional. Só ao tempo por conseguinte será dado prover o Brasil de braços livres, que pela sua concorrencia façáo desnecessaria a escravidão, como de ha muito tempo ella se tornou desnecessaria na Europa, sobrecarregada de população. Quando pois eu ouço gritar philantropos enraivecidos contra o nosso paiz, por que não decreta já e já, a exemplo das nações europeas, a

inteira abolição da escravatura, ou por que não abrevia forçadamente, e por leis coercitivas, o tempo dessa total abolição; ou os considero cegos, para não verem a muito notavel differença, que ha entre nos e aquelles paizes, que lutão com o excesso de sua crescente população, e o nosso, que carece de centoplicada mais do que possue, ou então os considero de mà fé, e obrando antes por egoismo, do que por humanidade: tendo para mim que a humanidade verdadeira não se limita aos escravos, e comprehende tambem os livres em sua benevolencia; que não he a guerra, mas sim a conciliação dos interesses e bem estar de todos os humanos.

E na verdade como suppôr inspiração de humanidade a guerra e perseguição feita a huma parte do genero humano em favor de outra parte? As nações, que maltratão, e hostilisão outras nações a titulo de defeza e beneficencia dos escravos, não obrarão antes por motivos de interesse proprio, do que por mera philantrophia? A posteridade he que ha de julgar definitivamente. Para nós, que não estamos habilitados para penetrar nos segredos da diplomacia, he quasi sem duvida, e mui proximo da certeza, que o estado, em que actualmente nos achamos, de nos ser ainda necessaria a escravidão por algum tempo, em virtude das circunstancias peculiares já ponderadas, deveria inspirar ajuda, e favor, para sahir delle, não odio e hostilidades. A falta de braços livres he o unico motivo, por que entre nós se torna necessaria a escravidão: o meio pois directo, e unico de remediar essa falta he prover o Brasil desses braços, ajudando-o, quanto ser possa, para que o consiga: perseguí-lo, hostilisa-lo, tirar-lhe os re-

cursos , ou diminuir-lh'os , longe de remediar o mal, aggrava-o , e lhe difficulta a cura.

Todavia sendo certo (e pedindo desculpa da digressão , que acabamos de fazer) , que as leis se devem accommodar às necessidades , ás ideias recebidas , e aos costumes da nação , para que são feitas ; e não se podendo duvidar que entre nós se acha hoje em plena fermentação o pensamento da abilição da escravatura por todos os modos razoavelmente possiveis ; e bem assim que a Nação Brasileira está disposta a aceitar , e mesmo a concorrer para tudo , o que se limitar a essa abolição gradual , e sem transtorno das fortunas : por isso me parece que bem poderia o poder legislativo por meio de leis appropriadas ir aplanando o campo para essa total extincção da escravatura , hoje tão desejada , e para a qual tendem todas as inspirações generosas do coração.

Verdade he que para se obter este fim com mais alguma brevidade, nos falta o principal recurso , que seria o prospero estado de nossas finanças ; mas assim mesmo algumas medidas poderião ser desde já postas em pratica , até que o melhoramento do Thesouro offerecesse meios mais efficazes : apontarei pois algumas , não como as unicas , não como as melhores , mas sim como exemplos , e para o unico fim de fazer meditar melhor , e mais profundamente , materia para nós de interesse tão vital.

Não he justo certamente que qualquer seja privado do que he seo , ou obrigado a vender contra sua vontade o seo patrimonio , Ord. L. 4.° t. 11 , Const. do do Imperio art. 179 § 22 : mas se, isso não obstante , pode decretar-se a desapropriação por motivo de utilidade publica , citado artigo da Constituição ;

se em favor da liberdade muitas cousas forão outorgadas contra o rigor de direito , mesmo segundo a egislação antiga , citada Orden. § 4.°, entre as quaes a obrigação de vender o escravo em certos casos : que obstaculo poderia haver para que a lei decretasse ser caso de desapropriação , por utilidade publica , dar o escravo o seo preço justo , sendo este arbitrado por louvados imparciaes ?

Com effeito a utilidade publica reclama imperiosamente a abolição gradual da escravatura ; e este meio he a todos os respeitos ; o que mais directamente , e com menos perigo conduz a esse fim. Accresce que a lei de 20 de Outubro de 1823 , confiando o governo das provincias á hum Presidente e hum conselho ; decretou no art. 24 § 10 , como huma das suas attribuições ; propor os meios mais adequados para se conseguir a lenta e gradual emancipação dos escravos : e por conseguinte no espirito dessa lei está o meio , que ora lembramos. E posto os conselhos provinciaes nunca propozessem á Assembléa Geral Legislativa medida alguma nesse sentido , até que forão extinctos ; e substituidos pelas Assembleas Legislativas Provinciaes ; estabelecidas pela lei da reforma da Constituição de 12 de Agosto de 1834 ; e tanto nesta lei , como na sua interpretação de 12 de Maio de 1840 se não renovasse ; e nem menção sequer se fizesse dessa tão saudavel e utilissima attribuição : todavia não deixa de ser á todas ás luzes manifesta a importancia e a necessidade de medidas legislativas tendentes á esse fim , quer sejão propostas por alguma autoridade intermediaria , quer iniciadas mesmo no seio da Assemblea Geral Legislativa.

Dissemos que o preço do escravo deveria ser neste

caso arbitrado por louvados : e além de ser isso conforme com o estabelecido nas leis para os casos de desapropriação por utilidade publica ; accresce que , valendo o escravo mais , quanto fôr mais diligente , mais trabalhador , e de melhor moral , não he justo que toda essa melhoria, todo esse accrescimo de merecimento reverta contra o proprio escravo , que mereceo, e em utilidade unicamente do senhor delle : seria por certo contradictorio , sobre deshumano , que o escravo difficultasse tanto mais a sua liberdade, quanto melhor fosse seo comportamento , e melhores serviços tivesse prestado. Deverá por tanto a lei prover para que , tratando-se da liberdade do escravo , não tire o senhor todo o proveito dessa melhoria , e respectiva perfeiçao adquiridas á custa dos sacrificios e trabalhos do mesmo escravo , e das faculdades , com que o dotára a natureza. Esta consideração legal do merecimento pessoal seria tambem hum forte estimulo , hum incentivo poderoso , que daria forças no espirito amortecido dos escravos a todas as bellas inspirações do coração humano.

Figurai-vos , senhores , huma escrava , que criou cinco , ou mais filhos ; que por cinco ou mais vezes exercitou , e desenvolveo todas as virtudes de huma mãi carinhosa em proveito de seo senhor : não será esta escrava digna da liberdade , se esses cinco filhos estão todos vivos , tendo todos chegado á idade de sete annos ? Esta mesma disposição , se fôra adoptada pela lei , seria hum estimulo efficaz para activar o cuidado e desvelo materno na criação dos filhos , e huma barreira contra o desleixo de muitas, para as quaes com a esperança morrem tambem os sentimentos naturaes. A causa principal da grande mortandade dos criolos he (talvez) a nenhuma esperança das mãis.

Como muitas vezes acontece , criou huma escrava o filho de seo senhor , e servio-lhe de mai , não obstante a diversidade de condições : póde acaso haver cousa mais dura , mais revoltante ao coração humano , do que este filho , assim criado , deixar na escravidão essa mesma , que por tão longo tempo o pensou , amamentou , que tantas vezes o apertou ao coração , desejando soffrer em lugar delle , que estremecia ao menor perigo desse filho adoptivo , e não menos querido , que se fôra natural ? Se a lei fizesse valer neste caso o direito á gratidão , obrigando esse filho a dar a liberdade áquella , a quem tanto deve , huma vez que o possa fazer pelas forças da herança ; estou que a medida havia de encontrar as sympathias de todos os Brasileiros , e mui pouco custaria a sua execução.

A lei permitte a qualquer dispôr livremente de seos bens , logo que não tenha descendentes ou ascendentes vivos , que sejão seos herdeiros necessarios ; e por conseguinte os outros parentes não tem direito legal á herança do que se finar sem testamento : que inconveniente pois haveria, em que a lei decretasse a liberdade de huma parte (a terça por ventura) dos escravos do intestado , que melhor o tivesse servido, e mais aptos fossem para viver do seo trabalho e industria honesta ?

Seria porem sempre melhor neste caso fazer prevalecer o merito pessoal dos escravos, quer pelo bom serviço e fidelidade a seos finados senhores, quer pelo amor do trabalho e bons costumes , ao cego arbitrio ad sorte , proposto pelo sabio Bentham ; pois que as-

sim não só se daria á sociedade maior garantia do futuro proceder dos escravos libertados por semelhante favor da lei, como se evitaria qualquer tentativa da parte daquelles contra a vida de seos senhores.

A Ord. liv. 4.º tit. 92, estabelecendo que o filho de peão, e de sua propria escrava succeda a seo pai, se por morte deste ficar forro, suppõem que o pai póde deixar na escravidão juntamente com a mãi. A legislação romana, que a Orden. adoptou nesta parte, não dava direito algum ao filho para sahir da escravidão de seo pai, e nem o dava tambem á escrava, que tivesse concebido de seo senhor, para fazer deste qualquer reclamação: mas a moral e a humanidade pedem que nem o filho possa ser escravo de seo proprio pai, e nem a escrava, que teve filhos de seo senhor, continue no captiveiro deste. Se a lei pois provesse neste caso, muito ganharia a moral, por que assim se cohibiria a vida solta, e devassa de muitos senhores, com suas escravas, e não menos lucraria a humanidade, que se horrorisa de ver o filho rojando na escravidão daquelle mesmo, de quem recebeo o ser, e que deveria não só alimenta-lo, mas tambem cuidar de sua perfeição.

O espirito de associação, que nos tempos modernos tão grandemente se tem desenvolvido, veio demonstrar que a reunião quer de forças, quer de capitaes, quer de intelligencia, he o meio mais efficaz de se vencerem todas as difficuldades respectivas. Se pois sociedades philantrophicas se erigissem para a emancipação gradual dos escravos, os seos esforços systematicos e perseverantes para obter esse fim, serião por certo de grande consequencia. Sei que a legislação mal poderia influir directamente no estabelecimento de

taes sociedades: mas não poderião estas ser inculcadas e recommendadas em algumas leis ao patriotismo, ao amor do bem publico? Quando porêm isto mesmo não possa ter lugar, ainda assim esta ideia, lançada huma e outra vez pela imprensa no campo bem preparado dos melhoramentos sociaes, ha de vir a produzir com o tempo ricas e abundantes colheitas.

Outros meios, Srs., e por ventura mais bem combinados, e mais efficazes, irião pelo curso natural das cousas, e pela experiencia dos factos apparecendo, logo que a legislação por algumas medidas opportunas abrises a estrada para essa tão desejada abolição progressiva da escravatura.

(Continúa.) fragmento

tomo 3.º

Extrahimos do Jornal do Correio o seguinte—

PARIS, 5 DE ABRIL.

Estamos com effeito em epoca de novidades, porêm de novidades completamente escandalosas. Ainda bem não tinha passado o perigo em que a *doutrina* que vira na camara dos deputados por occasião da proposição de Duvergier d'Hauranne sobre a reforma eleitoral, e já na camara dos pares se estava tocando a rebate por outro motivo não menos grave nem menos escandaloso. Desta vez trata-se de nada menos que da execução do hum vasto plano, tendente a submetter o poder espiritual ao temporal, e a transformar o clero catholico em huma especie de instrumento ou alavanca politica inteiramente ao serviço e disposição da corôa.

Todos sabem que o clero em França nunca morreo de amores pela dynastia de julho. Tolera-a e obedece-lhe, por que assim o exigem os preceitos do Evangelho, que he a sua estrella do Norte; porêm de submissão a sympathia vai grande espaço; e onde não existe sympathia, tambem se não pode contar com apoio, se as circunstancias forem taes que haja delle necessidade. Por espaço de 15 annos continuos trabalhou o governo com grande assiduidade e para ver se podia transformar em benevolencia e em affecto verdadeiro tão má vontade; porem as conquistas que fez forão extremamente raras, e summamente dispendiosas, e a grande massa do corpo ecclesiastico continuou a mostrar para a nova ordem de cousas a mesma repugnancia que desde o dia em que a revolução de 1830 a consagrou.

Nesta figura estavão as cousas quando o ministerio doutrinario que hoje reina, tomou posse da administração e do poder. O máo successo de todos os que o tinhão precedido lhe fez comprehender que se queria obter melhores resultados, era preciso tomar por outro caminho. Assim o fez, e conta ser mais feliz.

He principio de direito civil francez estabelecido por huma das leis organicas, que todo e qualquer privilegio solicitado e obtido em prejuizo da autoridade ordinaria do bispo diocesano he de sua natureza illegal, e por consequencia irrito e absolutamente inexequivel. Este principio, porêm, nao he nem mais nem menos do que huma verdadeira usurpação das attribuições do poder espiritual pelo poder temporal. O unico poder regulador da disciplina he o papa, unica fonte possivel de todo o direito canonico ou das leis que regulao as relações entre os differentes ministros do que se compõem o ecclesiastico; e por isso nunca o Summo Pontifice admittio nem podia admittir semelhante disposição de direito, que o privava de huma parte da sua legitima autoridade. Fosse, porem, qual fosse a apposição da Santa Sé ao principio estabelecido pelas leis organicas, huma vez que a lei existia, a obrigação dos ministros da corôa consistia em guarda-la e faze-la guardar, a não se quererem fazer réos de arbitrariedade, ou, por outras palavras, de usurpação do poder legislativo, e por consequencia de tyrannia.

Isto supposto, de que se havia de lembrar Quisot? Sentio-se hum dia tomado de hum zelo catholico tão violento, que, sem fazer o menor caso da legislação do paiz, cujo ministro era, solicitou do Papa Gregorio XVI huma bulla para a creação de hum cabido especial na Igreja de S. Deniz, pedindo para o deão do mesmo cabido autoridade episcopal sujeita immediatamente a Sé Apostolica, e por consequencia independente da jurisdicção do arcebispo de Paris, que he o ordinario diocesano. Esta anomalia de hum ministro de estado protestante, e além disto da seita dos calvinistas, que são os mais arrenegados de todos elles, sacrificando as leis, de que deve ser escrupuloso executor, a autoridade do pontifice romano, que, para os da sua seita, não he nem mais nem menos do que a mesmissima prostituta vestida de escarlate e assentada sobre 7 collinas, de que falla o Apocalypse, he talvez o facto mais curioso de toda a historia administrativa do gabinete doutrinario que nos governa. Nunca Guizot mereceo tanto como nesta occasião, que o comparassem, como já fizerão em Hespanha, a hum

estatua da incredulidade; tendo nas mãos os emblemas da Fé.

Seja o que fôr, apenas o papa viu que o governo francez tomava tão inesperadamente pelo caminho de que se tinha desviado por meio das leis organicas, aproveitou immediatamente a occasião que se lhe offerecia de fazer uso da autoridade que o poder temporal lhe restituia; e assignou com ambas as mãos não só a bulla que se pedia, mas os estatutos do novo cabido, que a acompanharão. Ora, estes estatutos importão precisamente a mesma cousa que o transtorno completo de toda a economia da Igreja catholica em França, e huma verdadeira revolução no clero catholico do paiz. Para que cada hum se convença de que assim he, não tem mais do que reflectir por hum momento no seguinte extracto dos estatutos de que se trata, e ficará completamente edificado.

O numero dos conegos do cabido de S. Diniz *he arbitrario*; cada Conego deve ser bispo, e o deão do cabido deve ser bispo, além disto, ser capellão-mor da casa real. A autoridade do deão capellão mór he immediata á Sé Apostolica, e por consequencia independente da do arcebispo de Paris, que he o ordinario diocesano. A sua jurisdicção espiritual estende-se: 1.° a igreja de S. Deniz e suas annexas, *cujo numero he arbitrario*; 2.°, a toda a população de S. Deniz, suburbio da capital, elevado á cathegoria de cidade, que conta já para cima de 25:000 habitantes; 3.°, a todos os estabelecimentos da Legião de Honra, que são muitos e espalhados por differentes partes do reino; 4.° a todos os estabelecimentos que devem ficar pertencendo a jurisdicção espiritual da capellania mór, e que se comprehendem nas categorias

seguintes: (A) A casa real com todos os seos habitantes, empregados e suas familias, ainda que nella não vivão. (B) Todos os 13 palacios pertencentes á casa, espalhados pelas provincias, com todas as suas dependencias, como matas, coutadas, e outros estabelecimentos, e com todos os empregados internos e externos dos mesmos estabelecimentos e suas familias. (C) Todas as casas e possessões dos differentes membros da familia real, com seos habitantes, empregados e familias respectivas, em qualquer parte que se acharem. Assim a casa que o Duque d'Aumale possue em Rondon, e todos os mais que estiverem no mesmo caso, ficão pertencentes á jurisdicção especial da capellania mór. (D) Todos os collegios, e estabelecimentos de instrucção publica chamados collegios reaes, com todos os seos empregados. (E) Todos os hospitaes e estabelecimentos de caridade que gozarem do mesmo titulo de hospitaes reaes. (F) Todos os corpos do exercito de terra com os estabelecimentos correspondentes, como quarteis, depositos, trens, arsenaes, assentos e estabelecimentos de comissariado, etc. Só por este lado adquire o Capellão-mór para cima de milhão e meio de subditos espirituaes. (G) Toda a marinha de guerra, a cujos navios o Capellão-mór deve fornecer capellães, e todos os estabelecimentos maritimos de guerra, como arsenaes, estaleiros e outros de differentes categorias e denominações.

Pela enumeração que fica feita, he facil de ver que enorme colosso de autoridade ecclesiastica fica sendo em França o deão capellão-mor em consequencia da nova bulla; e o peior que toda a sua jurisdicção deve resultar de outras tantas usurpações feitas ás differentes dioceses do reino, nenhuma das quaes

deixa de ficar mais ou menos lesada naquillo que incontestavelmente lhe pertencia. Além deste inconveniente, que já he grave, accresce o outro, ainda maior, de ficar o clero francez fraccionado e dividido em dous campos essencialmente distinctos e separados, e cada hum delles com interesses não só differentes, se não ainda oppostos. De huma parte ficará o pobre clero parochial com os seos curas de 800 francos de congrua, sujeitos a authoridade ordinaria do bispo diocesano; da outra parte, surgirá o novo clero cortezão da capellania-mór, rico com a immensidade de empregos pingues que exclusivamente lhe pertencem, soberbo com a protecção e favores da corte, apaniaguado natural da casa real, e instrumento necessario da politica e intenções da corôa. Entre os dous cleros necessariamente ha de nascer, primeiro anthipatia, mais tarde opposição, e finalmente hostilidade e o peior de tudo he que os bispos, vendo que a autoridade pontificia que só devia servir para protegê-los, he transformada para elles em instrumento de oppressão, necessariamente se hão de sentir magoados e dispostos a repellir com todas as suas forças hum jugo novo e absolutamente intollerayel. Em fim, a nova instituição do cabido de S. Diniz, bem analysada, vem a importar precisamente a mesma cousa que hum verdadeiro schisma, com todas as vantagens que delle podem resultar ao poder da corôa, mas sem nenhum dos seos inconvenientes, visto que se apresenta coberto com a autoridade de Roma, que o legitima, ou que parece legitima-lo. Dizem que Deos escreve direito por linhas tortas; desta vez escreveo o diabo torto por linhas direitas.

Quando Guizot impetrou a bulla de que vou fallando, foi logo em 1843, quasi nos primeiros mezes de seo reinado; porem como a occasião lhe não parecia propria para apresenta-la, conservou-a no mais completo segredo que lhe foi possivel, até apparecer huma camara assaz condescendente, e assaz servil para votar os fundos necessarios para a dotação do novo clero da capellania-mór, sem que a corôa, que devia tirar todo o fructo da nova instituição, despendesse com ella hum só real. Esta camara, assaz servil e condescendente para o que meditava, pareceo-lhe ser a de 1847; e como em consequencia disso o segredo já não parecia tão necessario, fez a vista grossa, e fingio que da secretaria, sem seo consentimento, tinha sahido huma copia da famosa bulla, que immediatamente foi reproduzida por todas as folhas da capital.

Apenas a cousa chegou ao conhecimento do Conde de Montalembert, chefe do partido catholico na camara dos pares, immediatamente requereo que a bulla se imprimisse e que o negocio fosse tomado em consideração pela camara. Isto, e o que o governo desejava era tudo hum. Nomeou-se por tanto sem difficuldade a commissão necessaria, e em breve se ha de dar batalha, neste terreno, nas duas camaras. Veremos o resultado.

HYMNO NA CONTEMPLAÇÃO DO CEO.

Desde a terra tenho levantado meos olhos ao ceo; ao ceo, aonde está collocado o throno de Deos, que adoro. Assombrado das maravilhas, que se tem of-

ferecido a minha contemplação, não sei o que devia admirar mais, se a grandeza, o numero ou o verso de tão enormes corpos, como os que formão o àtrio do palacio que construio para si o Creador do universo. Aqui tudo me transporta, tudo me confunde, tudo me aniquilla. Se ha algum ser material, que possa offuscar-nos a vista com alguns brilhantes raios, com alguma imagem sensivel da magestade do Deos da natureza, e surprehender a homenagem dos enganados mortaes, he esse globo immenso, que rege o nosso systema planetario, situado no centro apparente do universo, em hum oceano de luz, cujo manancial he elle mesmo; alli se mostra rodeado desses astros errantes, que parece formão sua corte; por sua força attractiva os conserva debaixo de sua dependencia, elle os alumia, os aquece, e os fecunda com sua continua irradiação; em huma palavra, elle he seo bemfeitor e seo monarcha.

Porêm este mesmo sol se perde no meio d'hum numero incalculavel de outros sóes. As estrellas, em huma distancia como infinita humas das outras, nos mostrão no universo huma immensidade, onde se confunde a imaginação, e se abysma a nossa intelligencia. Estes astros apparecem semeados no espaço, com huma profusao que nos assombra, e com tudo não são mais que bosquejo da creação. Quem he pois o Senhor deste imperio? Quem ousará recusar-lhe a homenagem, que lhe he devida? Quão digno he elle de todas as nossas admiraçoes!

Todos os exercitos celestiaes glorificão a força, a magestade do meo creador; e todas as esferas que girao no immenso espaço, celebrão a sabedoria de suas obras. O mar, as montanhas, as florestas, os

abysmos, creados por hum acto de sua vontade, são os pregoeiros do seo amor, e do seo poder. Serei eu só, o que guarde silencio? Nao entoarei hum hymno em seo louvor? Ah! quero que a minha alma se eleve até o seo throno; e se a minha lingua só sabe balbuciar, ao menos as doces lagrimas, que correm de meos olhos explicarao o amor que lhe tenho.

Sim, minha lingua balbucia; mas vós bem vedes, ó Altissimo, o altar do meo coração arde com os fogos mais santos! Ah! Ainda quando eu podêra molhar meo timido pincel nas chamas do sol, ser-me-hia impossivel traçar hum debil desenho, hum só rasgo de vossa essencia. Ainda os puros espiritos nao podem offerecer se nao imperfeitos louvores.

Qual he o poder, que faz brilhar com tanto esplendor a milhoes de sóes? Quem determina o curso maravilhoso dessas girantes esferas? Que laço as une? Que força as anima? Quem se não o vosso sopro, oh Eterno! quem se não vós omnipotente!

Tudo existe por vós. Vós chamastes as esferas, e ellas se apresentârão no espaço. Entao recebeo o ser o nosso globo: as aves e os peixes, os gados e as feras selvagens, que gostao dos bosques, o homem em fim, todos vierão a habita-lo, e a gozar nelle do prazer.

Vós encheis de prazer nossos olhos com prespectivas risonhas e variadas. Ou se estendao pelo verde prado, ou contemplem os mattos, que parece tocão as nuvens, ou vejao brilhar o orvalho que derramais sobre as flores, ou sigao em seo curso ao cristalino regato, que nos representa com seos reflexos a floresta.

Para ter mão na violencia dos ventos, e para offerecer-nos ao mesmo tempo hum espectaculo encantador, se levantão as montanhas, donde brotão mananciaes saudaveis. Vós regais com chuvas e com orvalhos os valles áridos; e refrescais o ár com o sopro do zefiro.

Por vós estende a nossos pés a primavera hum verde tapête: vos dourais nossas espigas; dais côr de purpura a nossos cachos: e quando o frio vem entorpecer a natureza, a cobris com hum brilhante e branco véo.

Por vós o espirito do homem penetra até o ceo estrellado; por vós conhece o passado, sabe discernir o falso do verdadeiro, a apparencia da realidade: por vós julga, deseja, ou teme: por vós se livra do sepulcro e da morte. Senhor, minha boca fará soar eternamente vossas grandes e magnificas obras. Só vos peço que não despreseis o louvor daquelle, que diante de vós não he mais que hum fraco bicho. Vós que ledes no meo coração, satisfazei-vos dos movimentos, que sinto sem poder explicá-los.

Quando cingida minha frente com a corôa da immortalidade, me apresente diante de vosso throno, então exaltarei vossa magestade com canticos mais sublimes. Oh momento, tanto tempo, e tão ardentemente desejado, apressa-te a chegar! Accelera-te, momento affortunado, no qual innundarão meo coração delicias tão puras como perpetuas!

(*Des preaux.*)

O auxilio, ou soccorro prestado ao que necessita, tanto mais he de agradecer, quanto he mais prompto, por que no maior numero de casos a sua utilidade consiste em ser ministrado a tempo. Este pensamento quiz expôr Filinto Elysio no seguinte conto.

No que ora conto mostrarei hum tôlo
Que intempestivo maximas espalha.
Brincando á borda do ribeiro Sena,
Por descuido, hum menino cahio n'agua.
Quiz o ceo que hum salgueiro alli se achasse,
Que c'hum ramo o salvou (de Deos abaixo !):
Como digo, agarrado no salgueiro
Ao mestre, que vê vir, grita o menino:
« Acuda-me que morro.... »—
Volta o mestre a taes brados; e a deshoras
Com tom grave em argui-lo se espaneja.
« Bem vês, rapaz traquinas,
« O que a tolice rende.
« Ora tomai de taes maraôs cuidado !
Que infelizes são pais, parentes, quantos
Tem a seo cargo olhar por taes marmanjos !
Que lidas ! Que velar....! Quanto os lastimo »!
Findo o sermão, tirou o rapaz da agua.
No espelho deste conto he bem se mirem
Tagarellas, censores, e pedantes,
Tres relês, que tres grandes naçoes formão:
Relês que Deos tem muito abençoado:
Que o que elles cuidão mais, em todo o ensejo,
He em dar á trança.
Tira-me já do p'rigo, amigo honrado,
Depois solta a parlanda.

PSALMO XIV.

Domine, quis habitabit....

Quem, SENHOR, habitará
Na tua augusta morada?
Quem em paz descançará
Sobre a montanha sagrada?

Aquelle que não caminha
Do crime a lubrica estrada,
E segue a que lhe dictei
De justiça amavel lei:

Que a linguagem da verdade
Sempre observa no seo peito;
Nem volve a lingua traidor,
A vis enganos affeito;
Nem ao seo proximo offende,
Nem a voz enganadora
Ouve da calumnia vil,
Que morde com bocas mil:

Ao que teme a DEOS só preza,
Em nada tem o malvado;
Só jura com singeleza;
Cumpre o que tem pacteado;
Seos beneficios não vende
Com usuras; nem peitado
Por magnifico presente,
Persegue o pobre innocente.

Aquelle que assim obrár,
De seo DEOS eternamente
A presença ha-de gozar.

Na pagina 373 em lugar de Correio, leia-se Comercio.

MARIANNA: 1817. NA TYP. EPISC. Rua d'Olaria n.° 54

INDICE

DOS ARTIGOS DO SEGUNDO TOMO DA SELECTA CATHOLICA.

N.° 13.

A Excellencia do Mynisterio da Encarnação 1
Meditação para o 1.° dia do anno..... 9
A Caridade e a Philantropia..... 13
Resumo historico dos acontecimentos do 6.° seculo da Igreja..... 19
Esboço do Estado Religioso no Oriente..... 22
Carta do Exm.° Bonnand aos Directores das Missoes 27
Extracto de huma carta de M. Lamarre Missionario. 29
Noticias religiosas..... 31

N.° 14.

Excellencia do Mynisterio da Encarnação, continuado 33
Educação da Consciencia..... 43
O medo dos Espectros..... 50
Noticias religiosas..... 52
Associação de Orações..... 54
Vida dos sete Machabeos e sua Mãi..... 56
A compaixão tardia..... 61
O cantico Magnificat..... 64
O Relogio solar..... ib

N.° 15

A autoridade dos Evangelhos..... 65
Educação da consciencia, continuado..... 75
Resumo historico dos acontecimentos do 7.° e 8.° seculo da Igreja..... 82
Vida dos sete Machabeos e sua Mai, continuado.. 88
Poesias christas..... 93
A' Deos, Optimo Maximo em tres pessoas distinctas. 92
A' Conceição de Nossa Senhora..... 98

A Sociedade da Oceania em favor dos Missionarios Catholicos..... 93

N.° 16.

A Autoridade dos Evangelhos, continuado..... 97
A época da origem do mundo e do genero humano. 108
Falla que fez o Exm.° e Rm.° Sr. Bispo Diocesano.. 115
A instituiçao da Quaresma..... 121
Vida dos sete Machabeos e sua Mai, continuado.. 125

N.° 17.

Autoridade dos Evangelhos..... 126
Origem da vida monastica..... 136
Estado da Administração Ecclesiastica do Brasil.... 140
Religião—O que dirà o mundo?..... 152
A Natividade de Nossa Senhora—poesias..... 158
Apologo..... 160

N.° 18.

A Justiça..... 161
Estado da Administraçao Ecclesiastica do Brasil; continuado..... 171
Carta Encyclica do SS. PP. Pio IX..... 177

N.° 19.

Sacramento da Penitencia..... 197
Direito divino na Igreja..... 201
Resumo historico dos acontecimento mais notaveis do 9.° e 10.° seculos..... 206
O catholicismo na Russia..... 211
Sagrada Paixao—poesias..... 215
Variedades..... 220
A verdadeira e a falsa gloria..... 222

N.° 20.

A Resurreição de N. S. J. C.—poesias..... 225
Direito divino na Igreja, continuado..... 227
A ventura moral e o bem-estar material..... 234
Variedades..... 240
Abusar dos animaes..... 246
Ditosa conversao..... 250
Os contra-tempos..... 254
Sobre a maledicencia..... 255
O calumniador..... 256

N.° 21.

Direito divino da Igreja, continuado..... 257
A indifferença..... 264
Resumo historico dos acontecimentos mais notaveis do seculo 11.° da Igreja..... 272
A modestia..... 276
Cantico a Nossa Senhora..... 279
O Convento de Moustier, nos Alpes..... 280
A moderação..... 283
Variedades..... 287

N.° 22.

O Racionalismo..... 289
Direito divino da Igreja, continuado..... 293
O Perdao das injurias..... 304
Ascensão—poesias..... 308
Pentecostes—dito..... 310
A Escravidao..... 311
Pio PP. IX—Jubileo universal..... 314
Fletus pœnitentis..... 320

N.° 23.

O Amor de Deos..... 321

Espirito da Igreja , pelo Papa Clemente XIV.... 328
A Escravidão , continuado..... 333
Ao Santissimo Sacramento—poesias..... 341
Ao Coração de Jesus—Hymno..... 342
Variedades—sobre a Companhia de Jesus..... 342
Academia dos Silenciosos..... 348
Programma do Instituto da França..... 350
Anedocta..... 352

N.° 24.

Hymno ao dia de Corpus Christi..... 353
Geologia do Genesis..... 354
Espirito da Igreja , continuado..... 363
A Escravidão , continuado..... 365
Cabido de Mr. Guizot..... 373
Hymno na contemplação do cèo..... 379
O Soccorro tardio..... 383
Psalmo XIV..... 384

MARIANNA : TYPOGRAPHIA EPISCOPAL : 1847.